

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**A “Boca”, a “Esquina” e o “Recanto”: sociabilidade, cotidiano e memória
entre aposentados *habitués* do Centro de Santa Maria, RS.**

Rojane Brum Nunes

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Antropologia Social da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a
obtenção do título de mestre em Antropologia
Social.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cornelia Eckert

Porto Alegre, Maio de 2010

Rojane Brum Nunes

A “Boca”, a “Esquina” e o “Recanto”: sociabilidade, cotidiano e memória entre aposentados *habitués* do Centro de Santa Maria, RS.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a obtenção do título de mestre em Antropologia Social

Aprovado em: ___/___/___

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Cornelia Eckert
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Maria Catarina Zanini
Universidade Federal de Santa Maria

Prof^a. Dr^a. Ana Luiza Carvalho da Rocha
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Arlei Sander Damo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Eu dedico este trabalho para:

Meu pai, Máximo Pereira Nunes, meu maior exemplo de bondade, integridade e honestidade;

Meu querido tio, Juarez Estivalet de Oliveira, que ocupa um lugar muito especial no meu coração;

Meus queridos tios maternos (in memoriam): Egídio Brum Filho, Basílio Brum e Liberato Brum, e, para o estimado prof. José Dembinsky (in memoriam), como uma forma singela de registrar a minha imensa saudade e o meu eterno afeto.

AGRADECIMENTOS

Tão desafiadora quanto a realização desse trabalho, será a de registrar nesse espaço os meus agradecimentos. Apesar dos inúmeros esboços feitos à longa data, na intenção de realizar a mais bela e merecida homenagem às pessoas que tanto me apoiaram na sua concretização e ao longo da minha trajetória, creio que mesmo as minhas mais sinceras palavras não serão capazes de expressar a minha gratidão, o meu respeito e o meu afeto por cada uma delas. Porém, segue a minha singela tentativa, de modo que a agradeço a:

Prof^a. Dr^a. Cornelia Eckert, por aceitar orientar essa dissertação, pelo seu incentivo, pelo que sua competência me ensinou, pela sua constante disponibilidade, e, sobretudo, por empreender seus estudos em algo que é tão caro a todos nós: o tempo.

A Prof^a. Dr^a. Ceres Karan Brum, pela sua amizade, companheirismo, disponibilidade, pelo seu talento inspirador e pelo incentivo(decisivo) para que eu cursasse um mestrado em Antropologia Social. Muito obrigada Céres!

A Prof^a. Dr^a. Maria Catarina Zanini, pelo seu modo especial de fazer e ensinar Antropologia, pela acolhida de sempre e pelo aceite em compor a banca avaliadora desse trabalho. A Clóvis Shimidt Souza, pela sua ajuda em transformar meus primeiros estranhamentos sobre o Centro de Santa Maria, em questões “científicas”.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que contribuíram para a minha formação em Antropologia, e, em especial, ao Prof. Dr. Arlei Sander Damo e a Prof^a. Dr^a. Ana Luiza Carvalho da Rocha, por aceitarem participar da banca de minha dissertação de mestrado. Do mesmo modo, agradeço a Rose e Lena, pelo profissionalismo e disponibilidade.

Ao meu pai, que é o “Máximo”, pelo seu amor e dedicação constantes, pelo modo tão belo e peculiar com o qual conduz a sua vida, tratando a todos que o cercam com bondade e ternura indescritíveis. Pai, sinto-me honrada e orgulhosa por ser sua filha! Ao Roger e ao Régis, meus manos tão queridos e especiais, pelo amor, apoio e cumplicidade constantes. Amo-lhes e admiro-lhes muito e para sempre! Tenho orgulho em tê-los como meus irmãos! Também agradeço ao afeto e ao apoio de Camila Castro, Deisi Dutra e Rosângela Rosa.

As famílias Bittencourt Brum, Pereira Nunes e Pereira Rodrigues, das quais sinto-me honrada em fazer parte. A doce e encantadora tia Velma, a nossa “menina dos olhos” e as suas filhas e neta, minhas primas que se tornaram minhas irmãs: Elizete, Rozelma e Arícia (assim

como a Luciana, Luciara e Giselle). Ao tio Val, o caçula que cuida tão bem de todos nós e a Marlene Gerhardt Rodrigues, por demonstrar que fadas existem e que tornam-se nossas mães. A querida tia Mariazinha, tia Tereza, Gariba, Xinha, Dinda Docília, Dindo Amaral, tia Guiomar, tio Carlos, tia Iara, Marquinhos e tia Glorinha pelo apoio e afeto incondicionais.

Aos amigos de “outrora e de sempre”, que estão ao meu lado, para além de “dores e delícias”, mostrando-me que a “estrada vai além do que se vê” e que a amizade é capaz de tornar belo todo e qualquer caminho : Alma Parnow, Águida Ribeiro, Andréia Minussi, Bethânia Zanatta, Bianca Mayer, Carolina Appel, Cristiano Kolinsky, Bruna Klein, Daiane Amaral, Daniele Possatti, Eliana Maboni, Éverton Pereira, Greice Pedroso, Josiane Fagundes, Keila Valau, Laura Taís, Maiara Amaral, Marlise Dresler, Michele Durand, Patrícia Trombini, Rita Amaral, Salete Appel, prof. Valnês... Obrigada por darem a minha vida o tom das belas “cores de Almodóvar e de Frida Kalho”.

A Damiana Bregalda, Eduardo Martinelli Leal, Fabiela Bigossi, Fernanda Tussi, Janaína Lobo, Jéssica Greanish, Joéverson Evangelista, Mayra Bortussi e Mônica Arnt, cujo companheirismo e amizade, tornaram os “tempos de mestrado”, um “tempo de fazer amigos”. A família Marzari Possatti, pela amizade e acolhida de sempre. A equipe do NAVISUAL pelo aprendizado, e, em especial, ao carinho de Débora Gomes e disponibilidade de Luciano Vianna e Thaís Cunegatto.

A Laudelino Pazini, Maria Pilar e a Margarete, minha amiga-mãe, minha “anja” que rompe distâncias e se faz sempre presente. A Cíntia Vergas, cujo peculiar talento e rara sensibilidade emprestam cores belas e radiantes à paisagens sombrias e úmidas.

A minha mãe, Marilei Brum Nunes, a ausência mais sentida e o exemplo mais seguido, por me conceder a vida, e me amparar sempre, apesar das supostas distâncias.

A Rogério Rosa, meu antropólogo preferido, “o menino das casinhas”, franzino e doce, que numa tarde ensolarada piscou o olho pra mim e tornou-se o grande amor da minha vida.

Agradeço por fim, aos “interlocutores-personagens” desse estudo antropológico: os aposentados do *Recanto dos Velhos*, da *Esquina do Cotovelo*, os veteranos da *Boca Maldita* e do mesmo modo, a Bila e Evanir. Meu respeito pelas suas trajetórias de vida, assim como a minha gratidão pelo carinho com que me receberam em seus territórios e em suas casas, definitivamente, não cabem nesse espaço!

RESUMO

Este trabalho resulta de uma pesquisa etnográfica realizada junto a aposentados que freqüentam assiduamente o Bairro Centro da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul (RS), os quais defino enquanto *habitués* desse espaço urbano. Nesse sentido, a partir do fenômeno da memória coletiva, buscou-se realizar um estudo antropológico acerca dos usos, dos significados e das apropriações de espaços urbanos no Centro da cidade, assim como das formas de sociabilidade e das práticas cotidianas engendradas por esses atores sociais aos transformarem esses espaços em territórios de sociabilidade.

PALAVRAS-CHAVES

Cidade, Cotidiano, Sociabilidade, Envelhecimento, Memória

ABSTRACT

This work results from an ethnographic project research conducted among retirees who attend assiduously the Santa Maria`s downtown, Rio Grande do Sul, wich I define as habitué from this urban space. In this sense, from the phenomenon of collective memory, we attempted to perform an anthropological study about the uses, meanings, and the appropriation of urban space downtown, as well as the forms of sociability and daily practices engendered by these social actors to transform these spaces into areas of sociability.

KEY WORDS

City, Daily, Sociability, Aging, Memory

SUMÁRIO

Índice de Imagens.....	11
Lista de Siglas.....	14
INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I – UMA ETNOGRAFIA NO CENTRO DA CIDADE: O COLORIDO DE UM “TEXTO URBANO”	19
1.1 A cidade enquanto “objeto temporal”.....	19
1.2 A velhice e a modernidade: notas sobre uma Antropologia do Envelhecimento.....	21
1.3 “ <i>Santa Maria da Boca do Monte</i> ” na “boca” dos trilhos, dos quartéis e das universidades.....	24
1.4 Uma praça, um viaduto e um Calçadão: um Centro no “coração do Rio Grande”.....	30
1.5 “Cores de Almodóvar, cores de Frida Kahlo” e cores da velhice: o colorido de um “texto urbano”.....	37
1.6 O deslocamento Centro-periferia e a construção de um problema de pesquisa.....	43
1.7 Uma antropóloga no Centro da cidade: a etnografia, a fotografia e a oncologia.....	50
1.8 Mapeando territórios e identificando “interlocutores-personagens”.....	56
1.8.1 Gênero em(no)campo.....	66
1.8.2 Entre risadas e “piscadelas”: a inserção em uma sociabilidade masculina.....	70
CAPÍTULO II – APOSENTADOS <i>HABITUÉS</i> DO CENTRO DE SANTA MARIA E A TERRITORIALIZAÇÃO DE ESPAÇOS URBANOS.....	75
2.1 “ <i>A praça é nossa, mas aqui é o meu lugar</i> ”: etnografando o(no) <i>Recanto dos Velhos</i>	75
2.1.1 O <i>Sombra</i> , o <i>Brigadiano Músico</i> , o “esposo da ex-namorada”: novos personagens no <i>Recanto dos Velhos</i>	79

2.1.2 “Ferroviários aposentados”: algumas particularidades.....	83
2.1.3 A aposentadoria, a “invalidez”, os “cedidos” e os “celetistas”.....	88
2.1.4 “Tempos de jogar” e “tempos de envelhecer” (I): o Riograndense Futebol Clube..	90
2.1.5 “Os estabelecidos e os <i>outsiders</i> ” no <i>Recanto dos Velhos</i>	93
2.1.5.1 “ <i>O corredão no Cabeça-Pelada</i> ”.....	95
2.1.5.2 “ <i>Enfermeira não entra!</i> ”.....	96
2.1.6 A mobilidade do “ <i>Recanto</i> ”.....	97
2.2 A “ <i>Esquina do Cotovelo</i> ”.....	102
2.2.1 Entre “cutucar” e militar.....	104
2.2.2 Café sobre os trilhos.....	106
2.3 “ <i>Boca</i> ” à dentro: sociabilidades na Galeria Chami.....	112
2.3.1 Os “dons e as dádivas”: os bancos e os cafés em espaços públicos e privados.....	116
2.3.2 “E o mais importante e emocionante é uma partida de futebol...”.....	121
2.3.3 O trem e o futebol: entre o lembrar e o jogar.....	125
2.3.4 Quem adentra na “ <i>Boca</i> ”?”.....	127
2.3.5 Que idade a “ <i>Boca</i> ” tem?.....	130
2.3.6 “Tempos de jogar” e “tempos de envelhecer” (II): o esporte contando o tempo e instituindo a velhice.....	132
CAPÍTULO III – CONTANDO ESTAÇÕES E CANTANDO REFRÕES: NARRADORES URBANOS PERCORRENDO TRILHAS E TRILHOS DA MEMÓRIA.....	137
3.1 A “arte de narrar” e “consolidar o tempo”.....	137
3.2 Um “ <i>banco roubado</i> ” e o passado revisitado.....	141
3.2.1 Odon Shiling: o encontro no engraxate e narrativas de “si” no Centro da cidade.....	144
3.3 Zulmir Manfron: nas estações do tempo e nos túneis da memória.....	151
3.4. Zeir Pujol: revisitando salões da memória.....	159
3.4.1 “ <i>O chefe da Boca Maldita</i> ”.....	160

3.4.2 “O close da RBS ”.....	162
3.4.3 “E os velhos casais, dançando no salão, cantam seu refrão...”.....	164
3.4.4 As controvérsias do “primeiro encontro”, a partida para Porto Alegre e a posse de um “ <i>talismã</i> ”.....	169
3.4.5 Combatendo o barbeiro e se <i>invocando com o sistema</i> : tensões entre “cultura objetiva” <i>versus</i> “cultura subjetiva”.....	171
3.4.6 Porto Alegre, Santa Maria e a aposentadoria: (re)construções e “campos de possibilidades”.....	173
3.5 Trilhos, trilhas, salões e canções: linearidade e circularidade sobrepondo-se na “constelação de imagens” da imaginação criadora	175
CONSIDERAÇÕES FINAIS	177
REFERÊNCIAS	183

ÍNDICE DE IMAGENS

- Im. 01 (p. 25) – Mapas com a localização geográfica de Santa Maria no RS e no Brasil, extraída do site <http://pt.wikipedia.org>, consultado em 02/03/2010.
- Im. 02 (p. 28) – A Avenida do Progresso e a Igreja Matriz, em 1929. In: MARCHIORI, José Newton Cardoso; FILHO, Valter Antônio Noal. *Santa Maria – Relatos e impressões de viagem*. Santa Maria: Ed. UFSM, 1997.
- Im. 03 (p. 28) – Estação Ferroviária de Santa Maria, em 1914. Fonte: Acervo fotográfico de Alfredo Rodrigues. Autor: Venâncio Schileiniger, extraída do site [http://pt. Wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org), consultado em 20/12/2009.
- Im. 04 (p. 28) – Anúncio publicitário, publicado em meados do século XX. Fonte: MARCHIORI, José Newton Cardoso; FILHO, Valter Antônio Noal. *Santa Maria – Relatos e impressões de viagem*. Santa Maria: Ed. UFSM, 1997.
- Im. 05 (p. 32) – Fachada do prédio da Caixa Econômica Federal, esquina Rua do Acampamento com a Rua Dr. Bozano. Fotografia de Rojane Brum Nunes. Trabalho de campo, agosto de 2009.
- Im. 06 (p. 32) – Paulinho e suas “artes de fazer”. Fotografia de Rojane Brum Nunes. Trabalho de campo, agosto de 2009.
- Im. 07 (p. 32) – Fachada do prédio do Banco Nacional do Comércio, esquina da Rua do Acampamento com a Rua do Comércio, com vistas à “primeira quadra”, década de 1920. In: MORALES, Neida Cecin. *Santa Maria – Memória*. Santa Maria, Pallotti, 2008
- Im. 08 (p. 32) – Anúncio publicitário do Banco Nacional do Comércio, 1918. In: MORALES, Neida Cecin. *Santa Maria – Memória*. Santa Maria, Pallotti, 2008.
- Im. 09 (p. 33) – Praça Saldanha Marinho e esquinas da Rua do Acampamento/Av. Rio Branco com a Rua Dr. Bozano, década de 1980. Fotografia extraída do site www.prefsfm.br, consultado em 23/10/2009.
- Im. 10 (p. 33) – Avenida Rio Branco sob o viaduto Evandro Behr, transformação urbana ocorrida na década de 1990. Fotografia de Rojane Brum Nunes. Trabalho de campo, dezembro de 2009.
- Im. 11 (p. 34) – Praça Saldanha Marinho, 1905. In: MARCHIORI, José Newton Cardoso; FILHO, Valter Antônio Noal. *Santa Maria – Relatos e impressões de viagem*. Santa Maria: Ed. UFSM, 1997.
- Im. 12 (p. 35) – Remodelação da Praça Saldanha Marinho, 1934. In: MARCHIORI, José Newton Cardoso; FILHO, Valter Antônio Noal. *Santa Maria – Relatos e impressões de viagem*. Santa Maria: Ed. UFSM, 1997.
- Im. 13 (p. 35) – Ilustração da Praça Saldanha Marinho, na primeira metade do século XX, de Fernando Carlos, extraída do site www.prefsfm.br, em 20/12/2009.
- Im. 14 (p. 40) – Imagem *scaneada* da capa do livro GENRO, Adelmo Simas (et alii). *Da Boca do Monte – Crônicas*. Santa Maria: Ed. Pallotti, 2000.
- Im. 15, 16, 17 e 18 (p. 43 e 44) – Imagens *scaneadas* dos desenhos dos alunos da 4ª série do ensino fundamental do Instituto Estadual Padre Caetano, realizados no ano de 2007.
- Im. 19 (p. 62) – Representação gráfica do Centro da cidade de Santa Maria, realizada por Rojane Brum Nunes, para fins do exercício “cartografia do espaço”, proposto na disciplina de Metodologia do PPGAS/UFRGS, em agosto de 2008.

- Im. 20, 21 e 22 (p. 63, 64 e 65) – Representação gráfica do Centro da cidade de Santa Maria, realizada por Rojane Brum Nunes, apresentando alguns interlocutores–personagens em seus territórios de sociabilidade, em outubro de 2008.
- Im. 23 (p. 76) – Vista panorâmica da Praça Saldanha Marinho. Fotografia de Rojane Brum Nunes. Trabalho de campo, novembro de 2009.
- Im. 24 (p. 76) – Paulo, Luís e Zulmir: “Sociabilidade lúdica” no *Recanto dos Velhos*, Praça Saldanha Marinho. Fotografia de Rojane Brum Nunes. Trabalho de campo, julho de 2009.
- Im. 25 (p. 76) – Luís e Zulmir: “Sociabilidade lúdica” no *Recanto dos Velhos*, Praça Saldanha Marinho, Fotografia de Rojane Brum Nunes. Trabalho de campo, julho de 2009.
- Im. 26 (p. 78) – Ilustração gráfica de uma rede social. Rojane Brum Nunes, dezembro de 2009.
- Im. 27, 28 e 29 (p. 79) – Luís, Rafael, Luís Alberto e Odon: “Sociabilidade lúdica” no *Recanto dos Velhos*, Praça Saldanha Marinho. Fotografias de Rojane Brum Nunes. Trabalho de campo, dezembro de 2009.
- Im. 30 (p. 93) – Treino do Riograndense Futebol Clube. Acervo pessoal de Zulmir Manfron.
- Im. 31 (p. 93) – Zulmir Manfron nos “tempos de jogador do Riograndense”. Acervo pessoal de Zulmir Manfron.
- Im. 32 (p. 98) – Representação gráfica do deslocamento do *Recanto dos Velhos* pelo Centro da cidade. Trabalho de campo, julho de 2009.
- Im. 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39 e 40 (p. 100 e 101) – Narrativa visual dos itinerários e percursos de Zulmir Manfron e Luís Siqueira pelo Centro de Santa Maria. Trabalho de campo, julho de 2009.
- Im. 41, 42, 43, 44, 45 e 46 (p. 109) – Narrativa visual: “Uma tarde sobre os trilhos”. Fotografias de Rojane Brum Nunes. Trabalho de campo, setembro de 2009.
- Im. 47, 48, 49, 50 e 51 (p. 111) – Narrativa visual. “Entre a esquina e o cafezinho”: o deslocamento de José Machado Alves até a *Esquina do Cotovelo*. Fotografias de Rojane Brum Nunes. Trabalho de campo, novembro de 2009.
- Im. 52 (p. 112) – Logotipo usado nas camisetas dos “*atletas veteranos da Boca Maldita*”, cedido por Sérgio Roberto da Silva.
- Im. 53, 54, 55 e 56 (p. 118) – Sociabilidades na Galeria Chami. Fotografias de Rojane Brum Nunes. Trabalho de campo, novembro de 2009.
- Im. 57 (p. 120) – Imagem *scaneada* da convocação para o “Grenal da *Boca Maldita*”.
- Im. 58 (p. 121) – O time da *Boca Maldita*. Fonte: Acervo pessoal de Zeir Pujol.
- Im. 59 (p. 124) – O Futebol Amador de Veteranos e a “reconquista” do espaço urbano. Representação gráfica a partir do trabalho de campo, outubro de 2010.
- Im. 60 (p. 129) – Lista dos freqüentadores da *Boca Maldita*, *scaneada* do Informativo *Boca Maldita*, ag–set/2009, n 01.
- Im. 61, 62, 63 e 64 (p. 136) – Jogo Cristal x Avenida, Campo Dois de Novembro, Vila Lídia. Fotografias de Rojane Brum Nunes. Trabalho de Campo, setembro de 2009.
- Im. 65 (p. 141) – *Habitués* do *Recanto dos Velhos* e o “*banco roubado*”. Fotografias de Rojane Brum Nunes. Trabalho de campo, dezembro de 2009.

- Im. 66 (p. 141) – Zulmir Manfron à procura do “*banco roubado*”. Fotografia de Rojane Brum Nunes. Trabalho de campo, dezembro de 2009.
- Im. 67 (p. 143) – “*A sacada do Getúlio*”. Fotografia extraída do site: www.prefs.m.br, consultado em 23/10/2009.
- Im. 68 (p. 143) – Loja “A Predileta”, estabelecimento comercial que funcionou no Centro da cidade no início do séc. XX, no mesmo sobrado onde décadas a seguir, o presidente da República Getúlio Vargas proferiu um discurso à comunidade santamariense. In: MORALES, Neida Cecin. *Santa Maria – Memória*. Santa Maria, Pallotti, 2008.
- Im. 69 (p. 143) – Reprodução fotográfica de Rojane Brum Nunes do jornal “O Diário do Interior” (1913), acervo documental do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, RS. Trabalho de campo, março de 2010.
- Im. 70 (p. 144) – Odon Shiling na Praça Saldanha Marinho. Fotografia de Rojane Brum Nunes. Trabalho de campo, dezembro de 2009.
- Im. 71 (p. 147) – Trem Húngaro, em 1974. Reprodução fotográfica realizada por Rojane Brum Nunes do acervo fotográfico da Associação dos Aposentados e Pensionistas Ferroviários da cidade de Santa Maria. Trabalho de campo, setembro de 2009.
- Im. 72 (p. 147) – Trem Minuano, em 1961. Reprodução fotográfica de Rojane Brum Nunes do acervo fotográfico da Associação dos Aposentados e Pensionistas Ferroviários da cidade de Santa Maria. Trabalho de campo, setembro de 2009.
- Im. 73 (p. 151) – Zulmir Manfron com a imagem dos pais. Fotografia de Rojane Brum Nunes. Trabalho de campo, maio de 2009.
- Im. 74 (p.157) – Zulmir e amigos: “*Footing* no coreto da Praça Saldanha Marinho”. Acervo pessoal de Zulmir Manfron.
- Im. 75 e 76 (158) – Zulmir e Evanir no “espaço da casa”. Fotografias de Rojane Brum Nunes. Trabalho de campo, maio de 2009.
- Im. 77 (p. 159) – Zenóbio Pujol, o Zeir. Fotografia de Rojane Brum Nunes. Trabalho de campo, novembro de 2009.
- Im. 78 (p. 162) – O “*chefe da Boca Maldita*”. Fotografia de Rojane Brum Nunes. Trabalho de campo, dezembro de 2009.
- Im. 79 (p. 162) – O “*chefe da Boca Maldita*”, a antropóloga e o prefeito municipal. Fotografia de Rogério Reus Gonçalves da Rosa, dezembro de 2009.
- Im. 80, 81 e 82 (p. 165) – “A sociabilidade lúdica” na *Boca Maldita*. Fotografias de Rojane Brum Nunes. Trabalho de campo, dezembro de 2009.
- Im. 83 e 84 (p. 168) – Zeir e Bila na “casa da infância”. Acervo pessoal de Zeir Pujol e fotografia de Rojane Brum Nunes. Trabalho de campo, dezembro de 2009.
- 85 e 86 (p. 175) – “O espaço da casa”: o futebol, a música e a mulher amada. Fotografias de Rojane Brum Nunes. Trabalho de campo, dezembro de 2009.

LISTA DE SIGLAS

AA – Alcoólicos Anônimos

COOPFER – Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea

FADISMA – Faculdade de Direito de Santa Maria

FAMES – Faculdade Metodista

FASCLA – Faculdade Santa Clara

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEPC – Instituto Estadual Padre Caetano

IPÊ – Instituto de Previdência do Estado

NECON – Núcleo de Estudos Contemporâneos

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PT – Partido dos Trabalhadores

RFFSA – Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima

SUCAM – Superintendência de Campanhas de Saúde Pública

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

ULBRA – Universidade Luterana do Brasil

UNIFRA – Universidades Franciscanas

VFRGS – Viação Férrea do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

O aumento da longevidade em nível mundial, a partir da elevação dos níveis de expectativa de vida, vem mostrando-se como uma das principais características do atual contexto demográfico. No Brasil, esta realidade é igualmente apontada por estudos estatísticos e emerge como um tema prioritário no campo antropológico nos últimos anos.

Percebe-se desse modo, que o processo do envelhecimento vem sendo analisado por diferentes campos do saber, sob variados aspectos, como a sociabilidade, as relações intergeracionais, as situações de asilamento, os grupos de “terceira idade”, o processo de aposentadoria, entre outros, como aponta Alda Britto da Motta (1998).

Esta dissertação, por sua vez, resulta de uma pesquisa etnográfica realizada entre maio de 2008 e dezembro de 2009, junto a homens aposentados que freqüentam assiduamente o Centro da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul (RS), os quais eu defino como *habitués* desse espaço urbano.

A partir da pesquisa etnográfica buscou-se realizar um estudo antropológico acerca dos usos, dos significados e das apropriações de espaços urbanos no Centro da cidade, assim como das formas de sociabilidade e práticas sociais que os aposentados engendram nos mesmos, na medida em que transformam esses espaços em territórios de sociabilidade.

Nesse sentido, buscou-se realizar uma “etnografia de rua” observando a vida cotidiana no âmbito da rua, em seus fragmentos e micro eventos, assim como uma “etnografia da duração”, a fim de apreender nas narrativas dos atores sociais a configuração do tempo vivido e pensado, na medida em que dimensiona a memória coletiva e os ritmos temporais que configuram a cidade (Eckert e Rocha, 2005). Haja vista, a “etnografia de rua”, a partir do deslocamento do antropólogo pela cidade, possibilita observar e compreender os atores sociais em sua ambiência cotidiana e vincular as imagens urbanas a uma trajetória social/individual que faz parte do “trajeto antropológico” da humanidade (Durand, 1997). Diga-se de passagem, essa trajetória, revela a relação que esses atores sociais constroem com a cidade/territórios através de um movimento de suas memórias no tempo.

Por outro lado, a apreensão dos itinerários urbanos, dos deslocamentos e de determinados aspectos das trajetórias sociais dos sujeitos de pesquisa, consistem em uma tentativa de compreender de que modo essas questões se relacionam com o processo de construção da memória coletiva e com o processo de envelhecer em um contexto urbano-contemporâneo. Pode-se dizer que, as práticas cotidianas desses atores sociais e as relações

que os mesmos estabelecem com a cidade, através de suas “artes de fazer” (De Certeau, 1994), tecem sentidos a essa experiência de envelhecer.

Nesse sentido, o deslocamento cotidiano desses atores sociais de suas ambiências domésticas até o Centro da cidade, além de conformar um itinerário urbano, constitui a heterogeneidade de estilos e formas de vivenciar a cidade, atribuindo-lhe feições relacionadas às suas trajetórias sociais e às suas experiências geracionais.

A experiência de envelhecer desses aposentados mostrou-se como um processo vinculado ao tempo da aposentadoria, às relações familiares, às relações institucionais (igreja, sindicatos, clubes de futebol, etc.), configurando um tempo cotidiano fortemente ritmado pelas relações de “sociabilidade lúdicas” (Simmel, 1983), como as conversas em cafés, praças e sindicatos relacionados as suas categorias profissionais. Desse modo, buscou-se através da pesquisa etnográfica, compreendê-los no âmbito das práticas sociais de camadas médias urbanas a partir dos seus arranjos de sociabilidade e da interação com grupos de pertença de gênero e idade em espaços públicos eleitos na cidade.

Por outro lado, procurou-se compreender as motivações simbólicas envolvidas no processo de territorialização de determinados espaços públicos, as estratégias de construção e manutenção de fronteiras simbólicas que se estabelecem com os demais usuários do Centro da cidade de Santa Maria, assim como os vínculos de identidade e pertencimento que se configuram a partir desse processo.

Diga-se de passagem, a adesão a práticas de sociabilidade em um espaço público denotou a vocação da cidade estudada para disponibilizar espaços e equipamentos urbanos a serem apropriados por cidadãos em suas diferentes motivações e condições sociais. Essa perspectiva implicou vincular a pesquisa sobre grupos de idosos em espaços públicos no Centro da cidade com a própria história social do município de Santa Maria, considerando que as práticas cotidianas dos mesmos configuram uma estética urbana a partir do estabelecimento de vínculos de identificação e pertencimento com os espaços por eles territorializados.

Em se tratando de um estudo antropológico no(do) mundo urbano-contemporâneo junto a grupos de aposentados, o mesmo se insere no âmbito da Antropologia Urbana e da Antropologia do Envelhecimento, de modo que no Capítulo I, “Uma etnografia no centro da cidade: o colorido de um ‘texto urbano’”, essas duas áreas temáticas da Antropologia são brevemente revisitadas e problematizadas.

Por outro lado, o referido capítulo, através do diálogo com a historiografia local, cronistas e diários de campo produzidos por mim, entre outras fontes, apresenta algumas das feições da cidade na qual se realizou o estudo antropológico, a fim de desvelar aspectos que

constituem a memória coletiva da cidade de Santa Maria, buscando ainda, evitar o “caráter monológico” do texto etnográfico (Abelès, 2008).

O Capítulo II, “Aposentados *habitués* do Centro de Santa Maria e a territorialização de espaços urbanos”, trata do percurso percorrido por mim, enquanto pesquisadora, em direção à construção de um problema pesquisa, no que se refere aos grupos e aos atores sociais envolvidos, assim como em relação aos procedimentos metodológicos. Por outro lado, também são abordados determinados aspectos acerca da minha inserção etnográfica no Centro da cidade de Santa Maria, como a questão de gênero, por exemplo.

As territorialidades que os idosos estabelecem no Centro da cidade, identificadas através do trabalho de campo, são também apresentadas nesse capítulo, no qual são abordadas algumas das especificidades desses territórios de sociabilidade quanto aos modos de apropriação do espaço público, através dos usos e formas de sociabilidade nele engendradas. Do mesmo modo, são apresentados alguns dos *habitués* dos referidos territórios de sociabilidade, assim como alguns dos micro-eventos e cenas sociais configuradas no âmbito dos mesmos.

Considerando que os usos, as representações e os sentidos que os aposentados estabelecem com a cidade são perpassados por suas trajetórias individuais e sociais — e que as mesmas configuram noções de tempo e espaço, delineando formas de sociabilidade que acomodam uma memória tanto individual quanto coletiva — buscou-se compreender/apreender, a partir das suas narrativas, o processo de (re) invenção das “modalidades simbólicas de controle do tempo”, a partir dos “jogos de memória” acionados pelo “tempo livre” e pelo “tempo vivido” (Eckert e Rocha, 2005), que conferem um novo ritmo às práticas cotidianas desses atores instituídos socialmente como “aposentados”.

Nesse sentido, o capítulo III “Contando estações e cantando refrões: narradores urbanos percorrendo trilhas e trilhos da memória”, aborda aspectos das trajetórias sociais dos “interlocutores-personagens” desse estudo antropológico, revelados nas suas narrativas apreendidas através de observações participantes e entrevistas.

A partir das narrativas biográficas de determinados aposentados *habitués* do Centro da cidade de Santa Maria, apreende-se algumas das configurações que eles engendram ao tempo vivido e pensado, cuja análise antropológica das mesmas ocorre através de uma tessitura conceitual entre os conceitos de memória e imagem.

Por fim, esclareço ao leitor que a construção deste texto etnográfico conjuga diferentes suportes de produção de conhecimento, quais sejam, o escrito e o imagético. Essa opção elucidada minha formação de pesquisa em Antropologia Visual a partir das disciplinas cursadas

no PPPGAS/UFRGS e da minha vinculação ao Núcleo de Antropologia Visual, núcleo esse que vincula as temáticas da imagem e da memória coletiva.

Nesse sentido, os capítulos trazem diferentes suportes imagéticos, que consistem em expressões da minha prática etnográfica e em formas de configurar a experiência do trabalho de campo. Entre eles encontram-se as representações gráficas do espaço e de redes sociais, as imagens de acervos fotográficos, a produção de fotografias — visando à construção dos personagens e a restituição dos cenários e micro-ventos vivenciados em campo — assim como a utilização de trechos de diários de campo (em sua maioria, extensos), grafados de forma diferenciada, a fim de referir-se a um outro espaço-tempo, qual seja, aquele da experiência etnográfica, tendo em vista que ela consiste, sobretudo, em uma experiência temporal (Eckert e Rocha, 2005).

CAPÍTULO I

UMA ETNOGRAFIA NO CENTRO DA CIDADE: O COLORIDO DE UM “TEXTO URBANO”

“Eu ando pelo mundo prestando atenção em cores que eu não sei o nome, cores de Almodóvar, cores de Frida Kahlo, cores...”

Adriana Calcanhoto, Esquadros

1.1 A cidade enquanto “objeto temporal”

Em relação à idéia de uma Antropologia Urbana, Ruben Oliven (1980) destaca que ela encontra-se em uma situação semelhante a da Sociologia Urbana, tendo em vista que esta também é muitas vezes criticada por não ter um objeto próprio, já que o “urbano” seria tudo aquilo que ocorre no interior das cidades.

Nesse sentido, o autor sugere falar de uma “Antropologia em cidades” — tal como menciona Gilberto Velho e Luís Machado (*apud* Oliven, 1980:29) quando propõem “estudar as situações que ocorrem em cidades”, e não somente “da cidade” — referindo-se, desse modo, a uma “Antropologia das sociedades complexas”. Haja vista, as sociedades complexas, caracterizam-se pelo fato de que diferentes “estilos de vida” e “visões de mundo” coexistem em uma mesma sociedade (Velho, 1981).

A antropóloga Myriam Lins de Barros (2000), ao focalizar a questão da hierarquia social e tematizar a especificidade das cidades modernas, pontua que pesquisar em áreas urbanas implica no estudo de um meio heterogêneo. Desse modo, assinala a autora, a questão da heterogeneidade de estímulos ao “psiquismo do homem citadino” (Simmel, 1983) constitui o foco de análise da linha de pesquisa denominada “Antropologia Urbana” ou “Antropologia das Sociedades Complexas”.

O fenômeno urbano — que se acelerou com a Revolução Industrial, delineando novas formas de organização e interação social — bem como a “modernidade reflexiva” (Giddens,

1991), situa-se na gênese do individualismo moderno, no qual a cidade passa a ser concebida mais como contexto do que causa (Oliven, 1980), marcada pela heterogeneidade de práticas e trajetórias sociais, pela “polifonia de vozes” (Canevacci, 1991) e pela “coexistência de diferentes universos simbólicos” (Velho, 2003:14).

Cabe lembrar que o pioneirismo dos estudos no meio urbano deve-se aos pesquisadores da Escola de Chicago, como Louis Wirth (1979) e Richard Park (1979), que focaram as suas análises nos fenômenos decorrentes da urbanização na cidade de Chicago, (Estados Unidos), na década de 1930. Esses sociólogos, ao tematizarem a cidade, levaram o pesquisador a estudar e a analisar a sua própria sociedade.

A diversidade de estímulos aos quais o homem citadino está suscetível, assim como as variadas formas de sociabilidade na metrópole e os mecanismos pelos quais elas se mantêm, são, por sua vez, preocupações essenciais que perpassam as contribuições teóricas do sociólogo George Simmel (1983).

A partir das noções de “sociabilidade lúdica”, “tragédia da cultura”, “atitude *blasé*”, esse autor problematiza as tensões entre uma “cultura objetiva” e uma “cultura subjetiva” que acometem o indivíduo na metrópole, a qual consiste na “sede das trocas monetárias, da divisão do trabalho e da crescente racionalização do mundo social” (Simmel, 1979:67).

No que tange os estudos urbanos no Brasil, José Guilherme Magnani (1996) assinala que o interesse por essa temática foi crescente a partir da ocorrência de movimentos migratórios de populações rurais para a periferia das grandes cidades, desencadeados pelo processo de urbanização, tal como aqueles analisados por Eunice Durham (1984).

Dentre outros estudos acerca do fenômeno urbano brasileiro, convém destacar os empreendidos por Gilberto Velho (1981;1986; 2003) acerca dos “estilos de vida”, “trajetórias sociais”, “projetos” e “campos de possibilidades” no mundo urbano-contemporâneo, assim como os empreendidos por Ruben Oliven (1980) sobre urbanização, cultura e mudança social no Brasil.

Soma-se ao debate teórico acerca do fenômeno urbano e das variadas “formas de sociabilidade”, “estilos de vida”, “visões de mundo e universos simbólicos” que coexistem no mundo urbano-contemporâneo, as contribuições da linha de pesquisa sobre Memória e Duração, instaurada pelos estudos das antropólogas Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (2005), que se afiliam, sobretudo, às reflexões de Gaston Bachelard e Gilbert Durand.

Nessa perspectiva teórica, que inspirou o presente trabalho, a cidade é concebida enquanto um objeto temporal, de modo que a produção do fenômeno urbano é parte do “trajeto antropológico”¹ da humanidade que consiste no “produto das tensões e das acomodações das pulsões subjetivas humanas às intimações do seu meio cósmico e social” (Durand, 1997:41).

Sob esse enfoque, as autoras consideram que o espaço urbano consiste na expressão de uma “fantástica transcendental”, na qual se situa o fenômeno da memória que permite aos seus habitantes “remontarem o tempo e perenizarem as suas ações no mundo” (Eckert, Rocha, 2005:90). Desse modo, narrar a cidade em sua duração é apreender-se ao ritmo de suas estruturas espaciais nas sobreposições temporais vividas por seus habitantes.

1.2 A velhice e a modernidade: notas sobre uma Antropologia do Envelhecimento

Em sua sociologia processual, a fim de apreender o processo social da gênese do conceito de civilização e modernidade, Norbert Elias (1994) destaca que o campo de significados atrelado aos mesmos foi perpassado pela noção de controle das emoções, polidez e urbanidade, desencadeando um crescente “processo de individuação atrelado a um sentimento de vulnerabilidade” (Corbin, 1997:503).

Ao tematizar as diferentes “noções de pessoa” e as diferentes formas pelas quais esse conceito se revestiu na vida dos homens em sociedade, Marcel Mauss (1974) mostra-nos de que modo a categoria do “eu” conseguiu “tornar-se clara e nítida nas nossas civilizações mas não em todas” (1974:210).

Sob a influência desse autor, Louis Dumont (1993) propôs-se a buscar a gênese do individualismo moderno, concluindo a partir da sua “teoria da hierarquia”, que a construção do indivíduo se dá a partir de um processo de disposição de valores, de modo que a hierarquização destes, através das sobreposições engendradas entre o holismo e o individualismo, implica nas configurações identitárias dos grupos e dos indivíduos.

Por outro lado, somam-se aos debates acerca da noção de pessoa e de individualismo moderno, as recentes problematizações acerca da velhice enquanto uma categoria construída para designar a ‘última etapa da vida’ do indivíduo, cuja identidade torna-se indissociável da moralidade e da individualidade que constitui o “mundo moral dos modernos” (Tylor, 2005).

¹ “O trajeto antropológico corresponde à incessante troca que existe ao nível do imaginário, entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (Durand, 1997:41).

Por sua vez, Lins de Barros (2004:23) assinala que é “preciso remeter a velhice às discussões acerca da modernidade e da contemporaneidade” incluindo-a no conjunto de temas como a complexidade da sociedade contemporânea, a relação com outras sociedades, a globalização das informações e a exclusão social.

Em suas pesquisas sobre o envelhecimento, Alda Britto da Motta (1998) assinala a importância em traçar um panorama sobre algumas das formas recentes, referenciadas aos ciclos de vida como desenhados em tornos das idades/gerações.

De acordo com essa autora, os ciclos de vida vêm adquirindo outras configurações, inclusive na expressão analítica, de forma que se alongam as trajetórias pessoais, fracionando-se em novas fases, com correspondentes novos significados, na medida em que se constroem as “novas etapas” e as “novas idades”.

Por outro lado, também destaca Motta (1998:13), a “modernidade, mostra-se como pródiga nessas criações” na medida em que individualiza e faz surgir, ao longo dos últimos séculos, diferentes ciclos de vida, como a invenção do conceito de “infância” e “adolescência” — as quais são problematizadas na clássica obra de Philippe Áries (1978) sobre a história social da criança e da família.

Desse modo, percebe-se a crescente utilização de novos conceitos e de novas terminologias para se referir aos indivíduos que atingiram a idade de sessenta anos, tais como “terceira idade”, “melhor idade”, “aposentados(as)”, “idosos(as)”, entre outros, de modo que, a partir da perspectiva apontada por Áries (1978) consolida-se uma “invenção da velhice”.

Ao propor uma contribuição demográfica ao estudo do envelhecimento no Brasil, Ana Camarano (2006) aponta que a participação da população brasileira com mais de sessenta anos na população nacional mais do que dobrou nos últimos cinquenta anos. Essa camada da população passou de 4%, em 1940, para 8,6%, em 2000, de modo que projeções recentes indicam que esse segmento poderá ser o responsável por aproximadamente 15% da população brasileira no ano de 2020.

Cabe destacar, porém, que a pesquisa realizada por Myriam Lins de Barros (2000) entre idosos de classe média, na cidade do Rio de Janeiro, na década de 1970, apontou que o tema da velhice em um contexto urbano, não estava sob o enfoque das pesquisas antropológicas desse período.

De acordo com a pesquisadora, esse fato deve-se ao próprio *métier* antropológico da época, que parecia desconsiderar o seu entorno, qual seja, a sociedade do antropólogo, “relegando, desse modo, o tema da velhice ao plano secundário” (2000:115).

Para o pedagogo Johannes Doll, (2006), os estudos e as pesquisas sobre o envelhecimento aumentaram significativamente no Brasil a partir da década de 1980, principalmente através da constituição da gerontologia enquanto um campo científico.

Porém, destaca o referido autor, o caráter interdisciplinar desse campo, é um dos aspectos que dificulta a constituição de uma base teórica consistente e precisa, apesar das inúmeras contribuições trazidas pelo mesmo à temática do envelhecimento.

Nesse sentido, Lins de Barros (2000) postula que o envelhecimento, até então uma temática predominantemente abordada pela demografia e pela gerontologia, requer um enfoque antropológico, na medida em que se configura como um processo sócio-cultural, que perpassa todas as esferas da vida social.

Em contrapartida ao contexto francês, onde a velhice mereceu a atenção dos poderes públicos e das ciências sociais desse país, Clarice Peixoto (2000) aponta que, no Brasil, o interesse do Estado na questão da velhice é recente, assim como o interesse das Ciências Sociais no estudo dessa temática. Na perspectiva dessa antropóloga, a Antropologia do Envelhecimento e a Sociologia do Envelhecimento configuram-se como campos específicos de investigação, a partir do surgimento de um novo fenômeno, qual seja, o rápido aumento da população com mais de sessenta anos.

Esse limite cronológico proposto, em 1982, pela Organização das Nações Unidas (ONU) para designar a “última etapa da vida”, tomou por base a idade da aposentadoria estabelecida na maioria dos países, passando a instituir a associação entre a aposentadoria e a velhice. Diga-se de passagem, essa associação, consolidou-se, principalmente nas sociedades industriais, que, pautadas pelo valor produtivo, atribuem ao aposentado o estatuto de um indivíduo não mais produtor de bens e serviços.

A partir desse breve panorama acerca de algumas reflexões suscitadas sobre a crescente longevidade da vida dos indivíduos, percebe-se que o envelhecimento passa a consistir em foco de análise de diferentes campos do saber, o que demonstra um novo *locus* ao referido fenômeno.

Desse modo, pode-se dizer que a mesma não se encontra mais tão “relegada ao plano secundário”, como constatou Myriam Lins de Barros, na década de 1970, deixando, então, de configurar uma “conspiração do silêncio” (Beauvoir, 1990).

Porém, é pertinente ater-se à colocação de Lucas Graeff (2005: 19) de que, ao deixar de ser uma “conspiração do silêncio”, a velhice atingiu em grande medida, o *status* de um “problema social”, uma representação que atribui ao envelhecimento da população o desencadeamento de outros problemas de ordem social, como, por exemplo, o colapso dos sistemas previdenciários (Carlos *et alii* 1999).

Sob, essa perspectiva, Graeff (2005) assinala que a “terceira idade” surge como uma solução deste “problema social”, tornando-se sinônimo de “um envelhecimento ativo e independente, uma nova etapa da vida, cuja ociosidade simboliza, agora, a prática de novas atividades sob o signo do dinamismo” (Peixoto, 2000:57).

Em contrapartida à perspectiva que concebe a velhice enquanto um “problema social”, a Antropologia do Envelhecimento confere ao fenômeno do envelhecimento o estatuto de um problema de pesquisa sócio-antropológico, a partir do pressuposto fundamental de que as idades e as etapas da vida humana consistem em construtos sociais e culturais.

1.3 “Santa Maria da Boca do Monte” na “boca” dos trilhos, dos quartéis e das universidades

O município de Santa Maria, constantemente evocado como “*Santa Maria da Boca do Monte*”, está situado a 290 quilômetros de Porto Alegre, localizado na Depressão Central do estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

A referência à Boca do Monte, de acordo com alguns habitantes do município, deve-se ao fato do mesmo situar-se em uma região cercada por morros, entre eles, o vale da “Garganta do Diabo”, localizado ao norte da cidade, sobre o qual passa uma ponte da BR 158, ligando Santa Maria à metade norte do estado.

O historiador João Belém (2000) destaca, por sua vez, que a alusão à Boca do Monte, refere-se ao nome do atual sétimo distrito do município, que foi a porta de entrada do povoamento inicial de Santa Maria, cuja fundação ocorreu a partir da instalação de acampamentos de uma comissão demarcadora de limites entre terras de domínio espanhol e português que passavam pela região, em 1797.

Diga-se de passagem, a localidade “Boca do Monte”, já aparecia nos mapas do final do século XVIII, considerada, desde então, muito rica e promissora na medida que comportava o “prado da cidade”.²



Im. 1

A ênfase aos aspectos geográficos do município de Santa Maria, é recorrente em alguns dos relatos e impressões de viagem de cronistas, escritores e viajantes que estiveram no município entre o século XIX e XX , registrados na obra de José Marchiori e Walter Noal Filho (1997).

² Essa informação foi obtida em consulta ao site <http://pt.wikipedia.org>, em 20/5/2009.

De acordo com esses dois autores, os referidos textos demonstram a admiração pela “paisagem circundante”, de modo que o relevo e a posição geográfica central do município, deram origem a um dos seus cognomes mais difundidos, o de “cidade coração do Rio Grande”, somando-se desse modo, ao de “Santa Maria da Boca Monte”.

Entre esses relatos, encontra-se o do escritor João Simões Lopes Neto, que passara pelo município no ano de 1912:

“Saudei a graciosa Santa Maria, fagueira e tranquila na encosta da serra, emergindo do verde-negro da montanha copada, o casario, branco, como um fantástico algodoal em explosão de casulos” (In:Marchiori e Filho, 1997:146).

Por outro lado, o jornalista Alfredo Rodrigues da Costa, que em 1911 fundou o jornal “O Diário do Interior”, realiza a seguinte descrição da sua terra natal:

“A cidade de Santa Maria, de formoso aspecto pela sua linda situação topográfica, está colocada em posição elevada, a 140 metros sobre o nível do mar e aos 29 graus de lat. S e 8 graus de long. É cercada de um lado por uma majestosa cadeia de montes, cujos extremos são os cerros de Abraham, do lado do campo e o da Caturrita, na serra. Vista de longe é de uma beleza sugestiva, empolgante. Os montes que lhe fazem cerco do lado da serra, na estação calmosa, são de lindo efeito:ilumina-os o sol; no inverno envolve-os completamente espessa cerração” (In:Marchiori e Filho,1997:198).

No decorrer da sua história social, o município de Santa Maria, foi atravessado por elementos estruturantes da modernidade e por projetos estimuladores de um “processo civilizador” (Elias, 1994) com vistas ao desenvolvimento regional.

Entre tais projetos, destaca-se a implantação da viação férrea (Viação Férrea do Rio Grande do Sul, Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima), forças armadas (Exército, Aeronáutica), rodovias (BR 158, BR 287, BR 392), ensino superior (Universidade Federal de Santa Maria, Universidades Franciscanas, Universidade Luterana do Brasil, entre outras), assim como serviços médicos e hospitalares.

Com a consolidação da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS), no início do século XX, a cidade passou de acordo com o historiador João Rodolfo Amaral Flôres (2007), a projetar-se no cenário regional, situando-se como o principal pólo ferroviário do estado, impulsionando o desenvolvimento do município de Santa Maria, e desencadeando, inclusive, o aumento da população que em 1885 não chegava a 3.500 habitantes.

Ao destacar que a expansão ferroviária consistiu num dos elementos fundamentais na transformação da realidade interioriana sul-rio-grandense na primeira metade do século XX, o

autor assinala que a cidade de Santa Maria se transformou no decorrer dos anos, em um dos maiores e mais importantes pólos ferroviários também do Brasil.

Em grande medida, essa importância deve-se ao fato de que a mesma concentrou os escritórios da *Compagnie Auxiliaire*³ — empresa de capital belga que inicialmente gerenciava o funcionamento da estrada de ferro Porto Alegre-Uruguaiana, assim como as principais oficinas de manutenção e depósitos de locomotivas e vagões da VFRGS, justamente por ser uma “região estratégica no entroncamento de linhas” (Flôres, 2008:22).

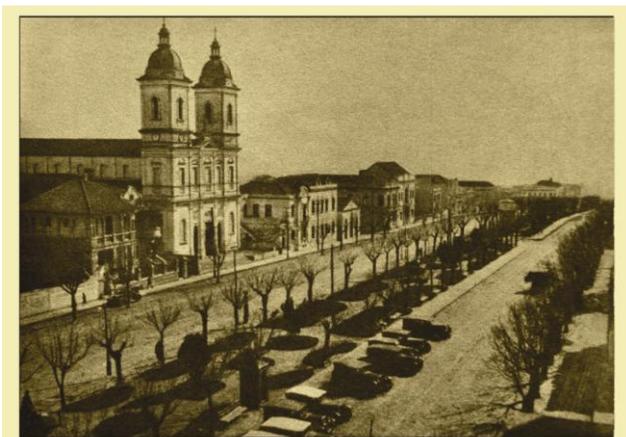
Diga-se de passagem, a cidade de Santa Maria, ao se tornar um importante entroncamento ferroviário do sul do país, passou a comportar um intenso fluxo de pessoas, implicando no desenvolvimento do comércio local, como por exemplo, a expansão da rede hoteleira nas proximidades da estação férrea — principalmente na Rua do Progresso, atual Av. Rio Branco — no início do século XX (Marchiori e Filho, 1997).

Por ocasião do centenário da Igreja Matriz, comemorado no ano de 2009, ao realizar uma pesquisa em acervo jornalístico, Luís Binato (2009) constata a reivindicação do jornalista Cândido Brinckmann, em meados do século XX, destacando a “passividade local quanto à falta de uma igreja condigna, relativa ao desenvolvimento e ao progresso que dia por dia avassala nossa cidade”.

Por outro lado, a referida pesquisa também recuperou algumas das notícias que saíram nos jornais locais da época, demonstrando a importância da viação férrea na história do município, tal como a notícia a seguir:

“Desde a chegada da ferrovia a Santa Maria, em 1885, a cidade entrou num período de extraordinário desenvolvimento. A antiga Rua Coronel Valença, foi prolongada até a Estação Ferroviária, e recebeu o nome de Avenida do Progresso, revelando o espírito progressista que dominava as ações dos santa-marienses” (Jornal A Razão, “Imagens da história”, 19/12/2009).

³ No ano de 2003, o arquiteto Eduardo Caryl Jovanovich Lopes concluiu, junto à Universidade Politécnica da Catalunha sua pesquisa de doutoramento “A *Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer au Brésil* e a cidade de Santa Maria no Rio Grande do Sul”. Seu principal objetivo foi abordar as relações entre a *Compagnie Auxiliaire* e a cidade, em seus aspectos históricos e arquitetônicos, a fim de compreender a expansão urbana que ocorreu no período de 1885, ano da chegada da ferrovia na cidade, até 1920, época em que a mesma passou a pertencer ao Governo Gaúcho (Lopes, 2003).



HOTEL dos VIAJANTES
 MAISON FONDÉE EN 1881
Veuve LEON BERTHAUD
 PROPRIÉTAIRE

SANTA MARIA — RIO GRANDE DO SUL

Un des meilleurs et plus confortables Hôtels de l'Etat, le meilleur, de la ville SANTA MARIA par son confort, et vastes aménagements.
 L'hôtel vient d'être complètement réformé, et possède bonnes chambres luxueusement meublées et bien aérées.

Dispositions spéciales pour les familles, salles disposées tout particulièrement pour les Agents de Commerce.

Installation confortable de bains chauds, froids et douches.

La plus rigoureuse propreté et hygiène est observée dans cet établissement, qui est le seul qui possède les installations hydrauliques, éclairage électrique et EGOUTS.

La nourriture est très variée et de tout premier ordre.

Très bonne et approvisionnée cave.

C'est en somme l'hôtel le plus recherché de la contrée.

Im. 02- A “Avenida do Progresso” e a Igreja Matriz, em 1929. Im. 03 - Estação Ferroviária de Santa Maria, em 1914. Im. 04- Anúncio publicitário publicado em meados do século XX.

O poder público municipal, no ano de 2007 instalou no Calçadão Salvador Isaia, no Centro da cidade, um relógio alusivo aos 150 anos da emancipação político-administrativa de Santa Maria ⁴, de modo que nesse mesmo período circularam pela *internet*, imagens com paisagens antigas do município e um vídeo editado pela prefeitura, com os principais pontos turísticos do mesmo.

Na trilha sonora desse audiovisual, na música “Santa Maria”, de autoria de Beto Pires, consta o verso “tanta vida diferente, tanta gente vem e vai / incerteza de quem entra, mas saudade de quem sai”, referindo-se ao intenso fluxo de pessoas que chegam ao município a fim de usufruir dos seus bens e serviços — desde os tempos da viação férrea — caracterizando o cenário urbano de Santa Maria e configurando-lhe uma “aura cosmopolita”.

⁴ A *cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho- 1787/1930* escrita pelo médico e historiador Romeu Beltrão (1979), destaca que foi no ano de 1857 que “a Freguesia de Santa Maria da Boca do Monte e 4º distrito de Cachoeira foi elevada a município” (Beltrão, 1979:171).

O verso “meu monumento: estradas e trilhos”, demonstra por sua vez, que a VFRGS-RFFSA, apesar da sua extinção material, consiste em uma significativa “imagem-memória” (Eckert, 1993) para os santamarienses.⁵

Por outro lado, a construção da primeira universidade federal do interior do Brasil, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na década de 1960,⁶ conferiu ao município o estatuto de pólo regional educacional. Diga-se de passagem, essa condição tem sido reforçada pela presença de várias instituições privadas de ensino superior instaladas atualmente na cidade, como a Universidades Franciscanas (UNIFRA), Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Faculdade Metodista (FAMES), Faculdade de Direito de Santa Maria (FADISMA), Faculdade Santa Clara (FASCLA), entre outras.

A posição geográfica central de Santa Maria, destaca Cirilo Costa Beber (1998), foi por sua vez, desde os tempos do Império, historicamente estratégica na questão dos conflitos com os “países do prata”, motivo pelo qual, por várias décadas, os investimentos concentrados no município foram referentes à segurança nacional, o que ainda se verifica, a partir da atual presença de uma base da Aeronáutica e das inúmeras bases militares do exército brasileiro no município.

Cabe por fim destacar que tais elementos modernizantes — a ferrovia, as universidades e as bases militares — justificam, em grande medida, o intenso fluxo de pessoas oriundas de diferentes regiões do estado e até mesmo do país e exterior, configurando uma aura cosmopolita ao município, assim como a sua efervescência política, sob a qual se lançaram vários líderes políticos de projeção estadual e nacional, como Fernando Ferrari, Nelson Jobim, Tarso Genro, César Schirmer, Paulo Pimenta, entre outros.

Diante disso, compreende-se as designações de Santa Maria como sendo a “cidade universitária” e a “cidade cultura”, cuja recorrência, revela que as mesmas constituem-se em importantes referenciais identitários para o município.

Convém aqui recordar que o escritor gaúcho Érico Veríssimo, destacou na década de 1960, os seguintes aspectos da “Santa Maria da Boca do Monte”:

⁵ De acordo com o historiador João Rodolfo Amaral Flôres (2007), o processo de implantação da ferrovia no município, começou em 1898, quando ocorreu o início dos trabalhos da empresa belga *Compaigne Auxiliare* no Rio Grande do Sul, do qual resultou em 1905 na constituição da VFRGS. Porém, após 1920, ela tornou-se autarquia que passou ao domínio da União em 1957, quando da formação da RFFSA, privatizada na década de 1990.

⁶ Informação extraída do site www.ufsm.br, em consulta realizada no dia 23/01/2010.

“Esta cidade de aspecto claro e festivo, em meio de cerros é Santa Maria, encruzilhada ferroviária e cultural. Seu progresso nestes últimos anos tem sido extraordinário. Rejuvenesceu com o sangue novo que lhe injetaram, representado pelos milhares de estudantes de suas muitas escolas e colégios, bem como de sua florescente universidade, que no futuro há de rivalizar com as mais importantes do país.” (Érico Veríssimo *apud* Marchiori e Filho, 1997:275).

Percebe-se desse modo, as implicações de determinados “elementos modernizantes” na configuração sócio-histórica do município de Santa Maria, na medida em que traçam as feições de sua memória coletiva, e, com isso aspectos relacionados às identidades e os pertencimentos dos seus habitantes, constantemente (re)atualizados pelos seus “jogos de memória” (Eckert e Rocha, 2005).

1.4 Uma praça, um viaduto e um Calçadão: um Centro no “coração do Rio Grande”

Tendo em vista a posição geográfica no centro do estado do Rio Grande do Sul, a cidade de Santa Maria, conforme já dito, é muitas vezes evocada como sendo o “coração do Rio Grande”.

A zona urbana do município está dividida em quarenta e um bairros, sendo que o Bairro Centro, que compõe o marco zero do município, possui uma área de 1,9488 km², o que equivale a 1,6% da zona urbana ⁷.

Percebe-se, através do trabalho de campo, que para a grande maioria dos santamarienses e demais cidadãos, o Centro da cidade é configurado pelo Calçadão Salvador Isaia, composto por duas quadras da Rua Dr. Bozano, que abrigam principalmente casas e prédios comerciais, e pela Praça Saldanha Marinho.

A Praça Saldanha Marinho une-se ao Calçadão através de um pequeno viaduto, construído na década de 1990 ⁸ com o intuito de evitar o tráfego de automóveis nas proximidades desses espaços. Trata-se do viaduto Evandro Behr que passa sobre a Avenida Rio Branco e a Rua do Acampamento, espaço que no século XVIII abrigou os acampamentos da comissão demarcadora de terras espanholas e portuguesas (Belém, 2000), consistindo hoje em uma das principais vias comerciais da cidade, ligando o Centro à antiga Estação Ferroviária da cidade de Santa Maria.

⁷ Informações obtidas através de consulta realizada no site www.ibge.gov.br, em 23/11/2009.

⁸ De acordo com Aristilda Réchia (1999:90), “a obra do viaduto foi um marco arquitetônico no Centro da cidade”.

A construção do Calçadão, corresponde, por sua vez, a uma intervenção urbana ocorrida na década de 1970, que bloqueou o trânsito de automóveis de duas quadras da antiga Rua do Comércio — atual Rua Dr. Bozano — estimulando o uso desse espaço para fins de comércio e lazer.

As referidas intervenções urbanas foram evocadas nas narrativas de alguns aposentados *habitués* do Centro de Santa Maria, que foram os “interlocutores-personagens” dessa pesquisa etnográfica. Entre eles, encontra-se Paulo Rodrigues, o Paulinho, como é popularmente conhecido, revendedor lotérico que possui 71 anos de idade e reside em Santa Maria desde o seu nascimento.

Em uma entrevista realizada no seu apartamento, em 25/9/2009, Paulinho, ao narrar alguns aspectos da sua trajetória social e descrever o seu itinerário pelo Centro da cidade de Santa Maria para fins do seu trabalho, realizou algumas considerações acerca desse espaço urbano:

“Quando eu nasci, os meus pais moravam no chamado Passo da Cancela, ali perto da Expresso Mercúrio. Ali, naquele tempo, era o Passo da cancela, mas hoje já falam na Vila Urlândia. Eu cresci ali, depois vinha vindo, vim pro Centro da cidade. E em 1958 eu me dediquei a venda de bilhetes e até hoje eu estou nesse ramo. Comprei o apartamento[no Centro] em 1984. Casa própria é outra coisa! Eu vim pra cá depois da “reforma do Banrisul”. Eu andava mais pelos arredores do Centro e viajava por São Sepé, Caçapava e Cachoeira. Depois as passagens foram aumentando e então eu deixei de viajar e vim pra cá, quando já era o banco reformado. Mas eu conheci o banco velho. Antes não tinha o túnel. Na avenida passavam os desfiles estudantis, em 1958, 1959, 1960...Depois que mudaram.Os desfiles estudantis, militares e carnaval passavam aqui, depois mudaram lá paras as Dores [Avenida Nossa Sra das Dores]. Hoje em dia, de manhã eu fico ali pela Caixa [Caixa Econômica Federal]. Depois, lá pelas 11 horas eu vou lá pro Banco [Banrisul]. Depois, às 16 horas, eu vou ali pro Calçadão de novo. E volto pra casa de tardezinha. Foi em 1959 que eu comecei a vender bilhetes, sempre ali pelo Centro. Mas mudou muito o Centro! O Calçadão não tinha, era rua, passava auto, ônibus. Chamavam de “primeira quadra”. Quando terminavam os cinemas no final de semana faziam ponto de encontro: as turmas de rapazes e moças. Principalmente as turmas de rapazes parados bem no meio, pra conversar e olhar para as meninas. Naquele tempo tinha muito cinema. Em 1959, 67 e 68 era a primeira quadra. Depois que começou o Calçadão. Tinha o café Cristal, o Café do seu Pascotinho, lá na Galeria Chami. Eram os que tinham. E eu já trabalhava ali”.



Im. 05-
Fachada do
prédio da
Caixa
Econômica
Federal, esq.
da Rua do
Acampamento
o com a Rua
Dr. Bozano,
2009. Im.6-
Paulinho e
suas “artes
de fazer”.
Im. 7-
Fachada do
prédio do
Banco
Nacional do
Comércio,
esq. Rua do
Acampamento
o com a Rua
do
Comércio, c/
vistas a sua
“primeira
quadra”,
década de
1920. Im. 8-
Anúncio
publicitário
do Banco
Nacional do
Comércio,
1918.



Diga-se de passagem, a chamada “primeira quadra” da Rua Dr Bozano — que até 1925 conservou o nome de Rua do Comércio — sempre exerceu “enorme fascínio entre os santamarienses”, tendo em vista que “nela se concentravam, como até hoje, as mais variadas e refinadas casas comerciais da cidade e aconteciam os famosos *footings* noturnos de inverno” (Isaia, 1998:303).⁹

⁹ O *footing* era um passeio realizado à pé, cuja intenção estava para além de exercitar-se. Essa prática, em grande medida relacionada aos novos espaços de sociabilidade e lazer configurados por determinados elementos da modernidade, como os cinemas, os cafés, as estações ferroviárias e o próprio comércio, tinha, sobretudo, o propósito de “espareicer, namorar e flertar”. Em Santa Maria, a prática do *footing*, geralmente realizada por entre os cinemas localizados nas proximidades da “primeira quadra” da Rua do Comércio (posteriormente denominada de Rua Dr. Bozano), denota estilos de vida engendrados nas décadas de 1950 e 1960, tal como nos informa a narrativa de Paulinho transcrita na página anterior.

O jornalista Sérgio de Gouvêa, ao descrever, na década de 1940, a “primeira quadra” enquanto um “elegante” espaço da cidade, compara-a com ruas e avenidas de cidades do país e exterior, destacando aspectos que constituíam estilos de vida e formas de habitar a cidade numa determinada época:

“Rua Dr. Bozano. A artéria *chic* da *urbs* santa-mariense. A *Fiveth-Avenue*, o *Boulevard des italiennes*, a Avenida Rio Branco, a Rua da Praia, enfim, desta cidade magnífica, cheia de vida, plena de movimento, enriquecida pelo progresso, enfeitada pela natureza e pelo homem (...) Porque a rua Dr Bozano é o coração mesmo de Santa Maria. Aqui não transitam apenas as meninas bonitas e elegantes, mas vêm também os homens de negócios, discutir assuntos importantes, ora sentados à mesa dos cafés, ora postados às portas. A rua Dr. Bozano é assim, ao mesmo tempo caleidoscopicamente, o Centro onde todos se divertem, nos cinemas, nos bares, nos cafés (...)”. (Sérgio de Gouvêa *apud* Marchiori e Filho, 1997:242).

Percebe-se a partir dessas considerações e através da “etnografia de rua”, que ir/estar no Centro de Santa Maria corresponde a transitar/estar no Calçadão, na Praça Saldanha Marinho e em seus entornos, os quais consistem desse modo, em “espaços praticados” (De Certeau, 1994) que configuram pertencimentos específicos a diferentes atores e grupos sociais.

O ferroviário aposentado Zulmir Manfron, residente no bairro Itararé, que nasceu e morou em Santa Maria até a década de 1970, época em que fora transferido para a estação da VFRGS de Vacaria, RS, assinala algumas das transformações urbanas com as quais se

deparou no Centro da cidade, ao voltar a residir na mesma em 1989:

“Naquele tempo não tinha camelódromo, não tinha nada ali [Centro] e agora tem de tudo! Naquele tempo a Praça ia até ali onde estão os camelôs... A gente sentava lá na beira. Antes dava para sentar ali, não tinha nem aquele viaduto. Quando eu saí daqui não tinha ainda. O viaduto eu acho que melhorou, senão, tu já pensou?!?Passando carro toda hora ali?” (Entrevista, 26/09/2009).



Im. 09 e Im. 10



A Praça Saldanha Marinho, por sua vez, está situada próxima aos principais estabelecimentos bancários da cidade (Banrisul, Caixa Econômica Federal, Santander, etc.) e de algumas edificações históricas, como a que abriga o Teatro Treze de Maio, o prédio do antigo fórum, onde atualmente funciona a Casa de Cultura do município e o prédio do antigo Cine Independência. Diga-se de passagem, esse imóvel, após sediar o templo de uma igreja pentecostal, em

meados de 2000, foi adquirido pela Prefeitura Municipal para fins da construção de um “shopping popular” para o qual serão removidos os vendedores ambulantes que ocupam espaços ao longo da Av. Rio Branco e em uma das laterais da Praça Saldanha Marinho.

O cronista e poeta santa-mariense Adelmo Simas Genro (2000), em uma narrativa onde revive os seus “tempos de menino” — um tempo em que segundo ele, ainda não tinham nos inculcido a consciência ecológica — recorda quando saía da escola primária, “armado de estilingue a fim de judiar da passarada, cujo habitat era as árvores da Praça Saldanha Marinho” (Genro, 2000:15). Porém, segundo o autor, quando hoje, ao anoitecer, ele passa pela mesma, ouvindo “a orquestra da passarada em festa, balançando os ramos das árvores”, diz “vingar-se do passado, ao constatar que se multiplicaram os pássaros que abateram por inadvertência e ignorância” (2000:16).

A Praça Saldanha Marinho, que fora chamada de Praça da Matriz até o ano 1883, passou por várias transformações, “acompanhando a evolução da cidade e continuando a ser um dos recantos mais bonitos: moderna e espaçosa, bem no Centro da cidade-coração” (Réchia, 1999:104).



Im. 11



Im. 12



Im. 13

Im. 11- Praça Saldanha Marinho, 1905.

Im. 12- Remodelação da Praça, 1934.

Im. 13- Ilustração da Praça Saldanha Marinho na 1º metade do século XX.

O antropólogo Roberto DaMatta (1985) destaca que em grande parte das cidades ibéricas e brasileiras, a praça é um território especial, uma região teoricamente do povo, configurando-se em uma espécie de sala de visitas coletiva, onde situam-se “nichos especiais” como o poder de Deus, cristalizado na igreja matriz, e o poder do Estado, manifesto no palácio do governo.

Por outro lado, os monumentos fixados nas praças, o nome das mesmas, geralmente designando o nome de algum personagem histórico, buscam constituir uma história oficial ao inscreverem-se na vida cotidiana utilizando a memória coletiva como meio de “sacralizar o passado” (Todorov, 2002).

Percebe-se, desse modo, que a memória coletiva, a partir das diferentes representações do passado, é muitas vezes enfocada em termos da produção de um discurso sobre o mesmo no espaço público, a fim de refletir a imagem que um grupo pretende conferir a si mesmo (Brum, 2006).

Nesse sentido, os referenciais simbólicos decorrentes da iniciativa estatal e militar revelam o poder público enquanto um “agente de enquadramento de memórias” (Pollak, 1989), com vistas à construção de uma memória coletiva oficial.

Mas, diferente de outras cidades, no decorrer da formação da zona urbana de Santa Maria, o “poder de Deus, cristalizado na igreja matriz” e o “poder do Estado, manifesto no palácio do governo” não se situaram, assim como na contemporaneidade, em torno da sua praça central.

De acordo com a concepção culturalista de Sérgio Buarque de Holanda (2006), a formação das cidades no “novo mundo” deve ser compreendida a partir da sua conjuntura colonial. Sob essa perspectiva, o autor destaca que as cidades que se formaram nas colônias sob domínio espanhol foram construídas a partir de um “zelo minucioso e previdente”, almejando fazer da “colônia um prolongamento orgânico do seu”. Tal zelo se expressaria no esforço empreendido no traçado retilíneo que “exprime a expressão da vontade”, de modo que a construção da cidade começaria sempre pela chamada praça maior, em forma de um quadrilátero, em torno do qual deveriam estar a igreja e a sede do governo.

A cidade colonial portuguesa expressaria por sua vez, a concepção de Portugal de que os novos domínios eram “lugares de passagem para o rei e os seus súditos”, justificando em

grande medida, a sua “ausência de rigor, de método e de previdência” face à apropriação da paisagem (Buarque de Holanda, 2006:76).

Por outro lado, a antropóloga Ana Luiza Carvalho da Rocha (1995) ao discorrer sobre as impressões que o antropólogo Claude Lévi-Strauss apresenta acerca das cidades brasileiras, em sua obra *Tristes Trópicos*, assinala que é o fenômeno da consolidação temporal que configura a tonalidade estética, as paisagens urbanas e os ritmos cotidianos das mesmas. Sob tal perspectiva, esse fenômeno confere uma “estética da desordem” às cidades nos trópicos a partir da concepção de um tempo circular, em contrapartida ao tempo linear do mito do progresso europeu.

No Brasil, prossegue a pesquisadora, “a cidade-ruína é a expressão do conjunto de intenções e de comportamentos do homem brasileiro diante do tempo” (1995:24), de modo que este constrói um “comportamento estético singular face às ondulações do tempo” os quais requerem estudos sobre a memória coletiva dos seus habitantes.

1.5 “Cores de Almodóvar, cores de Frida Kahlo” e cores da velhice: o colorido de “um texto urbano”

O conceito teórico de “cidade-panorama”, afirma-nos Michel De Certeau (1994), desconsidera as práticas cotidianas dos praticantes “ordinários” da cidade, que através de suas “artes de fazer” engendram diferentes usos e formas de apropriação do espaço urbano, (re)construindo sentidos ao mesmo, de modo que na maioria das vezes escrevem um “texto urbano” sem poder lê-lo.

Segundo o autor, a visibilidade de um olhar panorâmico sobre a cidade não alcança o “embaixo”, onde vivem “os caminantes que transformam em outra coisa cada significante espacial”, na medida em que ele tende a focar, sobretudo, os referentes materiais construídos pelo poder público, como os monumentos e os demais elementos arquitetônicos tangíveis que configuram a estética urbana (De Certeau, 1994).

Ao adentrarmos na Praça Saldanha Marinho e em suas imediações, como o viaduto Evandro Behr e o Calçadão, valendo-se de um olhar etnográfico que vise alcançar o “embaixo”, em contrapartida a uma visão panorâmica do espaço urbano, compreende-se algumas das razões pelas quais eles tornam-se espaços emblemáticos e representativos do Centro da cidade, na medida em que consistem em “espaços praticados” (De Certeau, 1994).

Os referidos espaços urbanos servem de palco para inúmeros micro-eventos e cenas cotidianas protagonizadas por diferentes atores sociais, como a Feira mensal da Economia Solidária, a Feira do Livro, assim como manifestações populares, artísticas e culturais, e, ainda, atividades de lazer e trabalho, como as dos vendedores ambulantes, engraxates, entre outros, revelando desse modo, os múltiplos usos e apropriações do espaço urbano.¹⁰

Ao reconstituir o surgimento das principais ruas da cidade de Santa Maria e assinalar algumas das suas características, a pesquisadora Aristilda Réchia (1999:93) afirma que elas assumem “formas variadas, exóticas, clássicas e ousadas que se encaixam num estranho mosaico e formam o desenho colorido da cidade”. Em se tratando da primeira quadra da antiga Rua do Comércio, onde hoje se encontra o Calçadão, a autora assinala que esse espaço é o “pequeno grande pedaço de Santa Maria” (Réchia, 1999:99).

Por outro lado, convém destacar, a partir do trabalho de campo, que as tardes e as manhãs no Centro da cidade de Santa Maria, a partir dos seus diferentes micro-eventos e personagens, não raro lembram as cores vibrantes dos figurinos dos personagens do cineasta Pedro Almodóvar, assim como as cores utilizadas nos quadros da pintora mexicana Frida Kahlo.

Desse modo, justifica-se a recorrência a um extenso trecho do diário de campo, fruto das minhas primeiras inserções etnográficas no Centro de Santa Maria, na medida em que o mesmo traz um “conjunto de impressões [coloridas] que ao serem transformadas em narrativa, ficarão por conta de uma radiografia só realizável pela análise antropológica” (Cardoso de Oliveira, 2002:82). Eis o meu diário:

∞

“Uma neblina esbranquiçada entrecobria o sol que ansiava em nascer na dita ‘Santa Maria da Boca do Monte’. O relógio marcava 7h30min. As lajes escuras que cobrem o Calçadão, ao poucos são cobertas por diferentes tonalidades: as cores sóbrias dos sapatos dos pedestres, assim como as cores vivas e fortes das suas roupas, como o “verde” dos militares e o ‘rosa’ do uniforme das funcionárias das Lojas Eny. O vendedor de jornais instala-se no seu ponto de vendas, próximo ao ‘relojão dos 150 anos’, vestindo o seu avental vermelho e lançando um sorriso largo que ilumina o seu rosto mulato. Sobre o

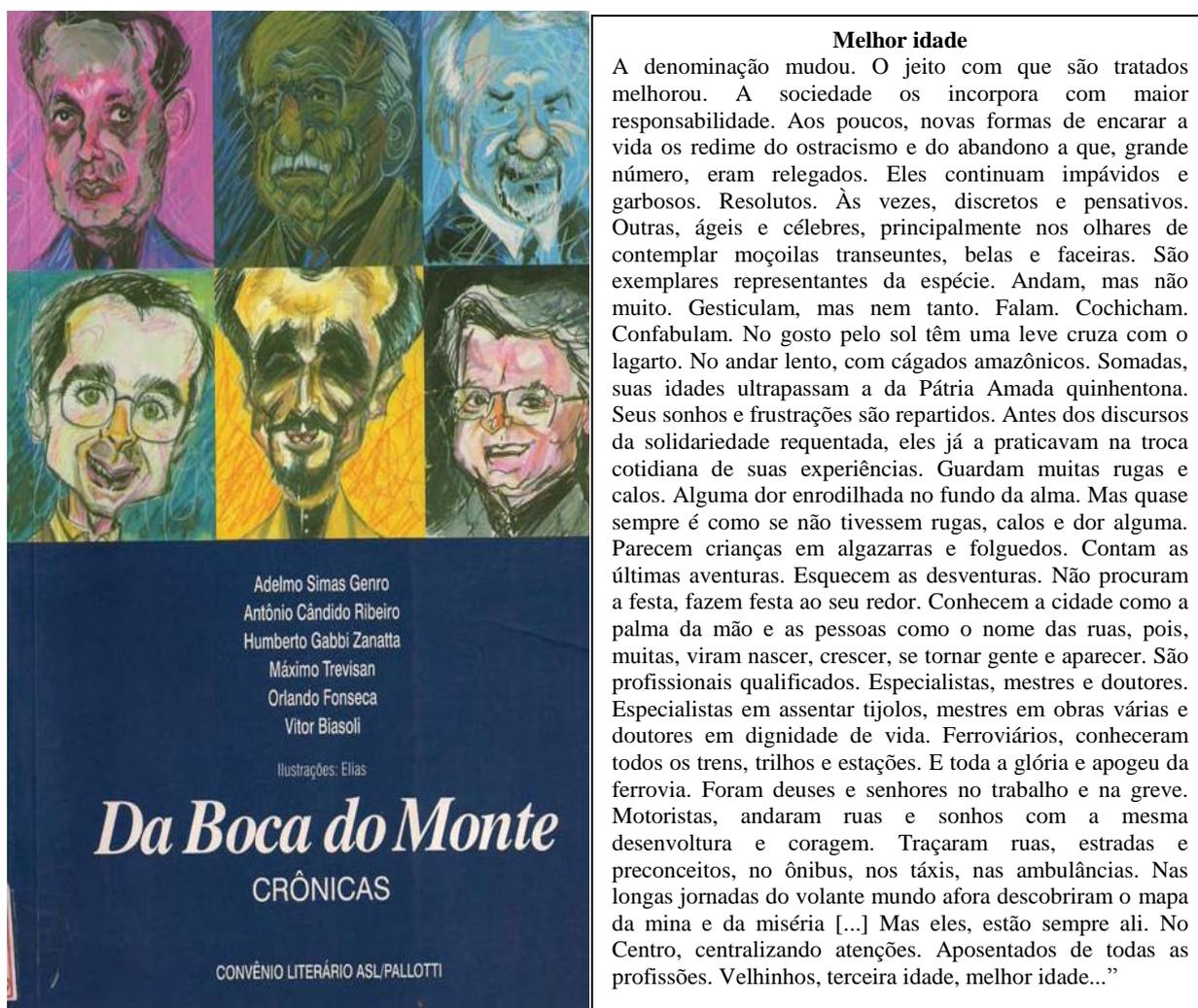
¹⁰ Em junho de 2010, após a conclusão e a defesa dessa dissertação, os vendedores ambulantes, popularmente denominados de “camelôs”, após intensa e polêmica negociação com a Prefeitura Municipal de Santa Maria, foram removidos para o “shopping popular”, construído nas antigas dependências do Cinema Independência, localizado na Praça Saldanha Marinho. Na ocasião, uma equipe composta por Marcelo Cabala e pelos cientistas sociais Carolina Colvero, Daiane Amaral, Cristiano Sobrosa, Fernando Colombo, Francine Nunes e Simone Silva realizou registros etnográficos a partir de trabalho de campo.

viaduto, os índios kaingang expõem os seus artesanatos à venda, engendrando nesse espaço urbano, formas de sociabilidade efêmeras, mediadas pela mercadoria e pelo dinheiro. Os cestos coloridos entretiam muitos dos que passavam. Há alguns metros dali, um aglomerado de pessoas cercava um grupo de índios equatorianos Yawar Huaqui, cujo nome e local de origem, soube ao dialogar com a moça que vendia os cd's do grupo, após a apresentação do mesmos. O som do espetáculo fundia-se com o burburinho dos consumidores da Feira da Economia Solidária. As lonas brancas que formavam as tendas da feira, contrastavam com as lonas pretas que cobriam as bancas dos camelôs. A neblina, que acinzentava o dia no início da manhã, se esvanecera. Por volta das 10 horas, o Centro pulsava numa ritmicidade diferente, transcendendo a condição de um espaço meramente geográfico, revelando-se uma entidade cada vez mais viva. Ao meio-dia, o Centro silenciara. O jornaleiro, não estava mais próximo ao 'relojão' e, sim, uma 'estátua viva' que recebia moedas em troca de mensagens escritas em um papelzinho. Os kaingang desvendilhavam sacolinhas plásticas, dividindo lanches escassos e espalhando farelos pelo chão. Os trabalhadores uniformizados, que se puseram 'à postos' no início da manhã ainda coberta pela neblina, talvez tenham saído para o almoço, agora com o sol à pino. As pessoas que por ali também passaram logo no começo do dia, possivelmente, já estavam em lugares bem distantes. O tempo transcorrido talvez tenha lhes possibilitado delinear longos percursos e trajetos no tempo-espaço. Findava a nona manhã do mês de abril de 2009. À tarde, o Centro não seria o mesmo. Os cenários e os personagens seriam outros. Diferentes recortes do olhar engendrariam novas facetas a um cenário em constante (re)construção. Os enfoques, as nuances, os trajetos seriam redefinidos a cada piscar de olhos, a cada passo empreendido no espaço. Há, contudo, os que retornam e permanecem, territorializando espaços públicos e configurando práticas sociais e formas específicas de sociabilidade, como os aposentados, cujos cabelos grisalhos revelam que o preto e o branco são imprescindíveis na arte de colorir. Por hora, os passos e os olhares, vistos e sentidos, tornam-se e evocam lembranças, deslocando e redefinindo o tempo, anunciando que não é possível construir um cenário, sem constituir-lo" (14/04/2009).

∞

Nesse sentido, percebe-se no Centro da cidade, a continuidade e a descontinuidade dada pelos diferentes “estilos de vida e universos simbólicos” (Velho, 2003:14) a partir das “regiões morais” (Park, 1979) configuradas por atores e grupos sociais distintos. Apesar de compartilharem um mesmo espaço geográfico, estes lhe conferem variados usos e sentidos através das suas práticas cotidianas, delimitando fronteiras urbanas e limites de pertencimento.

Desse modo, verifica-se no Centro de Santa Maria a presença de usuários eventuais e habituais desse espaço urbano, compondo o colorido de uma estética urbana peculiar a essa cidade. Entre eles estão os vendedores ambulantes, os jovens estudantes de cursos universitários e pré-vestibulares, os Mbyá-Guarani e Kaingang que vendem artesanato no viaduto, os artistas de rua, os manifestantes de movimentos sociais e partidos políticos, assim como os aposentados, cuja presença é referenciada na crônica abaixo, de autoria de Humberto Gabbi Zanatta (1985:63-64):



Im. 14

Tendo em vista as configurações sócio-históricas referidas anteriormente, as quais relacionam-se, sobretudo, a um “processo civilizador” (Elias, 1994), percebe-se alguns dos aspectos que configuraram uma estrutura e uma vocação econômica da cidade de Santa Maria voltada para a prestação de serviços. Esse aspecto é posteriormente acentuado com o estabelecimento dos serviços públicos estaduais e federais e com o desenvolvimento do comércio, sendo que atualmente as funções terciárias absorvem cerca de 80% da população ativa, salientando-se principalmente o setor ocupado em atividade educacional e militar.¹¹

A partir dessa conjuntura sócio-econômica, compreende-se em alguma medida, a presença significativa de aposentados oriundos dos serviços públicos, tais como militares, professores, bancários, ferroviários que se encontram cotidianamente no Centro da cidade, configurando “territórios de sociabilidade” nesse espaço urbano, engendrando diferentes formas de experienciar a velhice e vivenciar a cidade, compondo, de forma peculiar, o colorido de um “texto urbano”.

Os dados demográficos do censo do IBGE (2000) indicam, por sua vez, que a população total de Santa Maria é de 349.424 habitantes, cuja população urbana é de 299.143 indivíduos sendo que desse total, 8.792 são homens que possuem acima de 65 anos de idade, o que equivale a 2,93% dessa população.

O mundo ocidental moderno desenvolve, de acordo com a socióloga Alda Britto da Motta (2004), cada vez mais associações “fabricadas” em vários módulos para o consumo capitalista, como os grupos de convivência, os clubes, as escolas, os cursos etc. Entre eles destacam-se os grupos para a “terceira idade”, que podem ser concebidos como “agentes de gestão da velhice”. Esses “gestores”, sob a perspectiva da autora, organizam práticas e serviços, onde a sociabilidade é uma das mercadorias oferecidas para os(as) idosos(as), instituindo uma sociabilidade dirigida e substitutiva da espontânea, cujo contraponto seriam “os grupos auto-organizados”.

Os grupos de homens idosos, que por freqüentarem assiduamente o Centro de Santa Maria, considero enquanto *habitués* desse espaço urbano, assemelham-se aos “grupos auto-organizados” referidos por Motta (2004), na medida em que não se verifica a presença e a intermediação de “agentes gestores da velhice”.

¹¹ Dados obtidos através da consulta ao *site* da Prefeitura Municipal de Santa Maria, www.prefsma.gov.br, consultado em 18/11/2009.

Por outro lado, a noção de “grupos” remete às questões levantadas por Eric Wolf (2003) acerca da necessidade de reavaliar o “kit de ferramentas conceituais” empregadas no fazer antropológico, sobretudo, no que se refere ao modo como conceituamos as ditas “unidades” de nossa investigação, as quais tendemos a conceituar em termos explicativos e descritivos, enquanto sistemas e totalidades reificadas de análise.

Trabalhos recentes no âmbito da Antropologia do Envelhecimento vêm trazendo contribuições a essa temática de pesquisa, abordando a questão da velhice em situações de asilamento ¹², em espaços institucionais que veiculam grupos de terceira idade e em contextos onde ocorrem práticas de esporte e lazer entre idosos(as).

Diferentemente dos idosos que se reúnem para a prática de algum esporte ou para as atividades de lazer promovidas (ou não) por alguma instituição, os aposentados que se deslocam cotidianamente até o Centro da cidade de Santa Maria se reúnem para “*jogar conversa fora*”, como eles mesmos disseram durante as primeiras interlocuções etnográficas.

Desse modo, percebe-se que a “auto-organização” dos mesmos não se configura em torno da prática de jogos, como, por exemplo, os jogos de dominó, como se observa na Praça da Alfândega em Porto Alegre e na Praça Pedro Osório em Pelotas, entre outras, espaços públicos que inclusive dispõem de um aparato físico destinado para tal prática.

Os “*aposentados do Centro*”, tal como se referem alguns habitantes de Santa Maria, engendram uma outra modalidade básica de sociabilidade, a “conversação”, principalmente aquela despossuída de fins práticos, cujo conteúdo não é o propósito, mas o meio pelo qual o vínculo social se mantém enquanto forma — independente, portanto, das possíveis mudanças de assunto (Frúgoli, 2007).

Nos comentários que Heitor Frúgoli (2007) realiza sobre as formas de sociabilidade de George Simmel, esse autor assinala que a distinção significativa entre forma e conteúdo na obra desse sociólogo, clarifica-se nessa forma de sociabilidade.

Nesse sentido, apreender a dimensão simbólica da prática cotidiana dos aposentados de “*subir para o Centro*”, configurando formas de sociabilidade e modos específicos de vivenciar o Centro da cidade, consistiu em trazer o “diferente para a lógica racional e

¹² Refiro-me aqui à pesquisa de Lucas Graeff (2005) realizado junto ao Asilo Padre Cacique/Porto Alegre, da mesma forma, às pesquisas de Liliane Guterres, Maria Cristina Castilhos França e Luciano Vianna, que entre outros, foram apresentadas na Jornada Antropologia e Envelhecimento, realizada em julho de 2009, na UFRGS. Cabe ainda destacar as significativas contribuições à temática da Antropologia do Envelhecimento, dos trabalhos de Maria Leticia Mazzucchi Ferreira (1995), Flavia Motta (1998), Cornelia Eckert (2002), Guita Grin Debert (2004), Andréa Alves (2004).

ordenadora da ciência” (Caldeira, 1998: 35). Para mim, realizar esse movimento implicou em estranhar o que até então me era familiar, processo este que será tratado a seguir.

1.6 O deslocamento centro-periferia e a construção de um problema de pesquisa

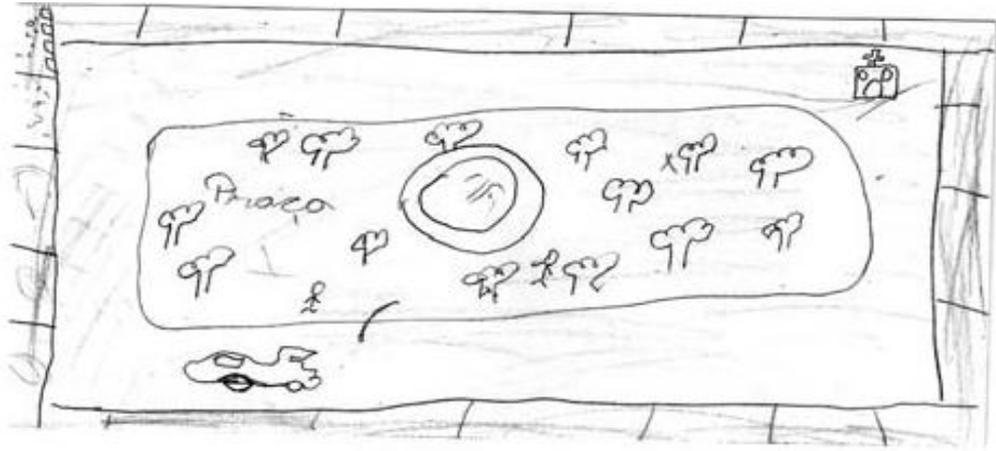
O contato com crianças e adolescentes de camadas populares, através da minha prática de ensino no nível fundamental e médio, no Instituto Estadual Padre Caetano, na periferia da cidade de Santa Maria no período de 2004 a 2006, passou a despertar o meu interesse quanto às representações, os usos e os sentidos que os atores sociais estabelecem com o Centro dessa mesma cidade, assim como os itinerários e os deslocamentos até esse espaço urbano e as formas de sociabilidade nele engendradas.

Para a grande maioria dos alunos, o fato de deslocar-se até o Centro revelava-se, através de suas narrativas, enquanto um evento extraordinário, muitas vezes justificando as suas faltas à escola. Em muitos momentos eu ouvia as várias combinações acerca da prática de “*subir para o Centro*”, ajustes que iam desde a roupa que vestiriam ao itinerário que traçariam, as vitrines que olhariam, assim como as questões mais práticas, como “ajeitar” a carrocinha e os cavalos que as puxavam, as técnicas e as estratégias que utilizariam para juntar os trocados para tentar “*subir ou descer do Centro de ônibus*”.

Motivada pelas questões acima mencionadas, em uma determinada aula que eu ministrara no IEPC, para alunos da quarta série do Ensino Fundamental — cuja média de idade era em torno dos 10 anos —, solicitei aos mesmos que desenhassem o Centro da cidade. Algumas das representações espaciais desse espaço urbano, expressadas nessa atividade dirigida por mim, os alunos assinalaram a associação do mesmo a um espaço de consumo, cujo cenário é composto por prédios, estabelecimentos comerciais, assim como pela Praça Saldanha Marinho.



Im. 15



Im. 16



Im. 17



Im. 18

Por outro lado, eu, na época professora do magistério estadual, residia no Centro da cidade, de modo que um dos meus itinerários urbanos cotidianos consistia no deslocamento no sentido contrário ao dos alunos, ou seja, no sentido centro-periferia, um percurso que segundo Foote-White (1980) cruza a fronteira entre o “familiar e o desconhecido”.

Tal deslocamento por entre os referidos espaços da cidade de Santa Maria despertou-me — tanto enquanto professora do magistério, como estudante de Ciências Sociais da UFSM, motivada teoricamente pela Antropologia — uma curiosidade acerca dos significados que as pessoas construíam em torno do Centro de uma “metrópole regional”, bem como, as apropriações simbólicas e os processos de territorialização em torno desse espaço.

Por outro lado, essa constatação me instigou a apreender alguns aspectos da experiência de envelhecer através das relações que se estabeleciam com o Centro de Santa Maria, cidade onde passara a morar desde os 17 anos após sair de São Francisco de Assis, cuja demografia não ultrapassava a margem de 20.000 habitantes. A seguir, um trecho do meu diário de campo, que ao homenagear o meu pai, tece algumas reflexões acerca do envelhecimento e desses diferentes cenários urbanos:

∞

“Darcy Ribeiro, dedicou alguns dos seus diários de campo a sua esposa, Berta. Eu, dedico, esse diário ao meu pai, que é o Máximo — Sr. Máximo Pereira Nunes, viúvo, que hoje tem 71 anos e que se faz sempre presente em meus deslocamentos e nas minhas lembranças advindas das rupturas, continuidades e descontinuidades que vêm compondo o meu próprio ‘trajeto antropológico’ (Durand, 1989). Nesse sentido, trarei aqui uma anotação que fiz há alguns anos atrás, quando encontrei na estante da sua (nossa) casa, um potinho de cerâmica, cheio de poesias recortadas dos jornais da época: ‘Ele recorta poesias! E se as recorta, é, pois, porque as lê! Ele lê, e eu, me emociono. Não pelas poesias em si (nem as conheço!), mas, pela sua terna, singela e secreta leitura.’ Ao expor este registro, guardado comigo até então, torno a pensar nas ‘velhices’: na velhice do meu pai, que lê poesias, na dos aposentados que vão ao Calçadão para reencontrar amigos, ir ao banco, à farmácia e também na daqueles que sentam-se à praça para narrar a vida, a cidade e a própria velhice” (20/09/2008).

∞

As “várias velhices”, ou seja, as “diferenças” quanto ao modo de experienciar o processo de envelhecimento, assim como as diferentes formas de vivenciar a cidade, foram as questões norteadoras dessa pesquisa que vim a realizar no PPGAS-UFRGS. Folheando uma

outra página de meu diário de campo, deparemo-me com questões que nortearam os principais direcionamentos teóricos da mesma:

∞

“Enquanto me dirigia ao Centro de Santa Maria, refletia sobre os deslocamentos geográficos, as distâncias percorridas, as paisagens contempladas e os fatos vividos no decorrer dos meus itinerários intermunicipais entre essa cidade, onde realizava o trabalho de campo, Porto Alegre, onde cursava o mestrado em Antropologia Social e São Francisco de Assis, na qual constantemente visito o meu pai e reencontro meus irmãos. O fato de estar em outros espaços, em curtos espaços de tempo, sempre me intrigou, sobretudo, pelo fato de às vezes eu estar ‘num aqui, ainda estando lá’, e, vice-versa. Penso que desde então, o que compunha essa minha ‘intrigação’ era o acionamento da memória, do ‘vivido’ em cada um desses lugares, face às expectativas de um novo devir, de uma nova paisagem, diante de novos cenários, atores e personagens, na medida que ‘o passado não é necessariamente antagônico ao presente’ (Eckert, 1993). Passei a compreender, a partir das minhas próprias vivências e apoiando-me em Gaston Bachelard (1994:15), que ‘os tempos vividos são pensados como superpostos, como um movimento dialético de continuidades e descontinuidades da duração social’. Hoje, penso essas ‘intrigações’ e as infundáveis lembranças que me ‘aproximam’ mesmo quando estou ‘distante’, assim como o ‘sair de um lá, que permanece aqui’ (‘uma ruptura necessária à duração’), sob a égide dos conceitos de memória e duração, apreendidos no primeiro semestre, na disciplina de Individualismo, Sociabilidade e Memória” (20/09/2008).

∞

Referindo-se a Marcel Mauss, a antropóloga Cornelia Eckert (1997) sugere que o encontro etnográfico, além do caráter reflexivo do texto que encaixa a escrita do diário de campo e o delineamento teórico, consiste em um “fato social total”, permeado de encontros, deslocamentos, rupturas e lembranças. Essas indagações, necessárias ao fazer antropológico, consolidavam-se a cada deslocamento que eu realizava pelas cidades de São Francisco de Assis, Santa Maria e Porto Alegre.

Em se tratando de um estudo no espaço urbano de uma sociedade complexa, Gilberto Velho (1980) assinala que estudar a sua própria sociedade requer ao antropólogo a construção de um “potencial de estranhamento” acerca das situações e dos fatos que são “naturais” para os “nativos” e para ele próprio, de modo a entender como os mesmos constroem e definem a sua realidade.

As questões problematizadas anteriormente, implicaram na construção de um “potencial de estranhamento” acerca do Centro de Santa Maria, bem como, das minhas próprias vivências, tendo em vista que residira nessa cidade por dez anos.

Desse modo, delineou-se um problema de pesquisa, no qual a Antropologia passou a fazer parte “como uma postura de conhecimento e como um questionamento teórico” (Peirano, 1991:236), configurando-se enquanto uma “antropologia do próximo” (Abelès, 2008).

Porém, a referida proximidade de acordo com esse autor não é jamais local de encontro, na medida em que a “dialética entre a identidade e a alteridade” que tende a representar o “outro” como alguém distante e exótico, é desestabilizada quando esse “outro está próximo”, ajudando a dessacralizá-lo e revelando que o “outro” é uma construção do pesquisador.

As “teias de significados” (Geertz, 1989) que eu construía acerca do Centro de Santa Maria, a partir dos estranhamentos que delineava através das primeiras caminhadas etnográficas e observações que gravitavam em torno da palavra “diversidade”, remeteram-me à abordagem teórica efetuada pelo pós-colonialista Homi Bhabha (1998) que destaca o caráter reificador do conceito de “diversidade cultural”. Este conceito, segundo o antropólogo, traz uma representação da diferença a partir de traços culturais herdados e transmissíveis que constituem um sistema estável de diferenças, de modo que a noção de “diferença” compreende “os modos de enunciação” e a constante produção de novas significações por parte dos atores sociais.

Por outro lado, as “diferenças”, quanto aos usos, sentidos e práticas de apropriação do espaço urbano, delineadas no Centro de Santa Maria, no sentido proposto por Bhabha (1998) mostravam-se enquanto “culturas em fluxo”, remetendo à noção de “cultura como processo” (Hannerz, 1997) e suscitando, desde então, uma reflexão acerca de um dos conceitos fundantes da Antropologia, qual seja, o conceito de cultura.

Desse modo, o diálogo teórico com diferentes autores, a partir das definições propostas pelos mesmos ao conceito de cultura, torna-se imprescindível, na medida em que contribuem sobremaneira para nortear a prática de pesquisa antropológica, levando-nos ao questionamento constante de nossos aportes teóricos e metodológicos.

Entre eles, destacam-se Clifford Geertz (1989) que define a cultura como uma “teia de significados” e “um mecanismo de controle”, Marshall Sahlins (1987) que infere à cultura o

estatuto de “uma estrutura de longa duração”, Eduardo Viveiros de Castro (2002) que a concebe enquanto um “conjunto de estruturações potenciais da experiência”, assim como Roy Wagner (1981) que considera o conceito de cultura como uma “invenção ocidental”.

Esse último autor também assinala que a relação comparativa, efetuada pelo antropólogo, através do “contraste experienciado” no encontro etnográfico é que permite ao mesmo criar e inventar “a sua cultura” e a do “outro”, de modo que a relação seja fundamental para que ocorra a referida “invenção”.

Por sua vez, James Clifford (1988) concebe a cultura como “contestação”, na medida que é necessário contestar as culturas, a fim de dissolver a sua suposta unidade e reificação, possibilitando que se reinventem, de modo que qualquer tentativa de demarcação é “anticontestação”.

Por outro lado, ao tomarmos essas definições conceituais — mais complementares que excludentes — enquanto instrumentos teóricos que nos auxiliam na compreensão dos constantes processos de (re)significações que os atores sociais produzem, percebemos que o conceito de cultura mostra-se, sobretudo, enquanto um conceito operacional, na medida que ele não consiste em um fim em si mesmo, mas, em um meio pelo qual se opera o fazer antropológico.

Os estudos de Eckert e Rocha (2005) sobre memória coletiva em contextos urbanos a partir de uma “etnografia de duração”, deixam-nos por sua vez, o legado de que a cultura é, sobretudo, perpassada pelas relações que os atores sociais estabelecem com o tempo vivido e pensado, remetendo-nos à centralidade dos estudos sobre memória coletiva.

Em se tratando do trabalho de campo, do qual resultou esse estudo antropológico, cabe dizer que as primeiras observações realizadas no Centro da cidade de Santa Maria consistiram em “observações totais” (Cicourel, 1987). De acordo com o antropólogo, essa técnica de coleta de dados se caracteriza pela ocorrência de interações mínimas entre o pesquisador e o grupo pesquisado, evitando-se que a “verdadeira identidade e os objetivos do pesquisador sejam revelados às pessoas que são observadas” (Cicourel, 1987:91).

Através dessa modalidade de observação, foi possível mapear alguns dos atores e grupos sociais que delimitam seus territórios de sociabilidade no Centro da cidade. Entre eles, conforme já mencionado, encontram-se os estudantes de cursos pré-vestibulares, os universitários, os vendedores ambulantes, os camelôs, os Kaingang e Mbyá-Guarani, os aposentados, entre outros.

A opção por realizar um estudo etnográfico junto aos aposentados que frequentam habitualmente esse espaço urbano em detrimento de outros grupos e atores sociais, foi um reflexo de minha trajetória pessoal. A estreita relação com o meu pai e com os meus tios maternos e paternos que se encontravam no “início da velhice”, assim como, a interação com colegas do magistério estadual que experienciavam a aposentadoria — e com ela as tensões de vivenciar o “tempo livre”, o suposto tempo de não-trabalho — influenciaram-me na escolha dos aposentados *habitués* do Centro Santa Maria enquanto interlocutores desse estudo antropológico.

Por outro lado, a referência aos “*aposentados do Centro*”, que ocorrera no decorrer do ciclo “Etnografando I”, promovido pelo Núcleo de Estudos Contemporâneos (NECON/UFSM), no qual a professora Maria Catarina Zanini relatara uma incursão etnográfica junto aos mesmos, assim como a menção em uma aula de um cursinho pré-vestibular, habitavam as minhas próprias memórias. Eis um novo trecho de meu diário de campo, no qual elas estão registradas:

∞

“Chovia há três dias. Era a chuva típica da cidade de Santa Maria, fraca e constante. Não me recordo do nome ‘científico’ da mesma, mas sei que se trata daquelas que ocorrem devido à presença de morros ou montanhas em um determinado relevo. As chuvas santamarienses eram ilustrativas desse tipo de chuva, segundo um professor de geografia nos ‘tempos do cursinho pré-vestibular’. Recordo-me agora, que também foi esse o professor que fez referência aos ‘aposentados do Centro’, assim como a professora Catarina, em um encontro do Necon. Lembro-me que na época do cursinho, eu residia há pouco meses na cidade de Santa Maria. Essa ocupação do espaço urbano e a aglomeração de homens idosos no Centro dessa cidade, evocada nessas duas ocasiões, causou-me um certo estranhamento. Em cidades menores, como a que eu morava, isso não acontecia” (13/06/2008).

∞

Desse modo, essas narrativas também influenciaram a minha escolha em efetuar uma interlocução com esses atores sociais através de pesquisa etnográfica, buscando compreender as práticas sociais, as formas de sociabilidade e apropriação do espaço urbano — esse transformado através dos diferentes usos e sentidos em territórios específicos que delimitam fronteiras e pertencimentos, constituindo-se em territórios de sociabilidade.

Por outro lado, ao comentar com alguns santamarienses acerca da pesquisa que desenvolveria na minha dissertação de mestrado, ouvia comentários como esse: “*ah, tu vai pesquisar os velhinhos lá da Esquina do Cotovelo?*” Outros ainda diziam: “*então tu vai estudar os aposentados da esquina-do-pinto-morto?!?*”

Esses comentários revelavam que esses territórios de sociabilidade, evocados nas narrativas de diferentes cidadãos, constituíam a memória coletiva da cidade, fenômeno este que possui um caráter tanto individual quanto coletivo (Halbwachs, 2006).¹³

Nesse sentido, a categoria “aposentados do Centro” que aparecia tanto nos meus jogos de memória, como nas falas de alguns cidadãos, mostrava-se como uma categoria englobante — na medida que remetia a atores sociais diversos — sob a qual passei a elaborar algumas indagações.

Desse modo, orientada por um campo conceitual antropológico, passei a lançar as seguintes perguntas: o que havia de específico e comum entre os idosos que ficavam na praça, além dos demais que se apropriavam de espaços no Calçadão, ou ainda, daqueles que ficavam na tal *Esquina do Cotovelo* ou “*Esquina-do-pinto-morto*”? Onde eles moravam? Como se deslocavam até o Centro? De onde se conheciam? Como se auto-definiam? Eram aposentados de quais ofícios? Quais as mudanças implicadas pela aposentadoria em suas práticas cotidianas? Quais as estratégias de manutenção das fronteiras simbólicas estabelecidas nos espaços públicos que territorializavam no Centro da cidade? Que formas de sociabilidade engendraram nos mesmos?

1.7 Uma antropóloga no Centro da cidade: a etnografia, a fotografia e a oncologia

A etnografia, em sua abrangência e especificidades — enquanto uma prática interminável que gera a conflitualidade de estranhar o outro e a si mesmo (Winkin, 1998) — abarca as habilidades cognitivas e interpretativas de olhar, ouvir, escrever que, segundo Roberto Cardoso de Oliveira (2000) consistem no trabalho do antropólogo.

Em concordância com esses autores e com o intuito de responder aos questionamentos acima referidos, esse estudo antropológico utilizou-se do método etnográfico, o qual consiste, por excelência, no método de pesquisa empregado pela Antropologia, desde o intenso

¹³ Tendo em vista que me aproprio dessa constatação do autor, ao me referir a “memória” no decorrer desse texto, considero o seu caráter individual e coletivo.

trabalho de campo realizado por Franz Boas entre os esquimós da América do Norte e Bronislaw Malinowski (1982) junto aos nativos das Ilhas Trobriand.

O diário de campo, que a partir das suas funções catártica, empírica, reflexiva e analítica (Winkin, 1998) torna-se um instrumento essencial para a prática etnográfica e para a efetivação de uma “descrição densa” (Geertz, 1989) dos fenômenos analisados, foi utilizado no decorrer da etnografia e da análise dos dados. Nesse sentido, a utilização de títulos para os diários de campo — alguns dos quais serão aqui trazidos — mais do que revelar as nuances de um estilo de escrita etnográfica, impulsionou a “função reflexiva e analítica” do diário campo.

As narrativas dos atores sociais, apreendidas através de técnicas de pesquisa como a observação participante, na qual o “observador é parte do contexto de observação, modificando e sendo modificado por este contexto” (Cicourel, 1987:89), tiveram preponderância nessa pesquisa.

Sob essa perspectiva, também foram realizadas entrevistas não-diretivas, que consistem em situações de interação e sociabilidade (Kandel *apud* Berger, 1976). As entrevistas foram inicialmente orientadas por um pré-roteiro temático, a fim de evitar a “imposição de problemática” aos interlocutores, verificada na aplicação de questionários (Bourdieu *apud* Thiollent, 1980), possibilitando que eles próprios organizassem a lógica de sua cadeia discursiva, “impondo as suas problemáticas”, construindo e acionando uma “identidade narrativa” no decorrer da escuta etnográfica (Ricoeur, 1996).

Nesse sentido, a escuta das entrevistas — que sob consentimento do interlocutor foram gravadas e transcritas — foi orientada por uma “atenção flutuante”, que segundo Michel Thiollent (1980), é um modo de deixar a conversa fluir apesar de ser necessário em dados momentos, estimular alguns assuntos, pedir esclarecimento sobre outros e até mesmo conduzir os temas das conversas para questões de interesse do pesquisador.

A grande maioria das situações de entrevista ocorreu na residência dos interlocutores, com o intuito de apreender o “espaço da casa” e as suas “esferas de significação social”, percebendo o interlocutor em sua ambiência e cotidiano doméstico, identificando elementos de sua trajetória pessoal, a fim de somar dados às observações participantes realizadas no “espaço da rua” (DaMatta, 1985).

Em se tratando de uma pesquisa etnográfica realizada no Centro de uma metrópole regional, a “etnografia de rua”, uma proposta metodológica de Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (2005), foi fundamental. Essa prática etnográfica, utilizada por essas

antropólogas em seus estudos acerca dos itinerários urbanos e da memória coletiva no mundo urbano-contemporâneo, consiste no deslocamento constante e sistemático do antropólogo pelas ruas da cidade, interagindo com os atores sociais e apreendendo os micro-eventos da vida cotidiana, utilizando-se de diferentes recursos audiovisuais e tecnológicos para registrá-los.

Nesse trabalho, o recurso tecnológico, usado de forma ainda incipiente, foi a câmera fotográfica digital, a fim de realizar registros visuais durante o trabalho de campo, na medida em que as imagens, além de representarem fatos visíveis, acrescentam outros meios de representação à descrição etnográfica (Winkin, 1998).

Do mesmo modo, no decorrer do trabalho de campo, solicitei aos interlocutores da pesquisa que selecionassem fotografias dos seus acervos pessoais para me mostrarem no decorrer dos encontros etnográficos, tendo em vista que elas consistem em imagens evocativas de suas memórias e trajetórias sociais.

Por outro lado, considerando que a mediação narrativa veiculada pelo trabalho de campo constitui o próprio método etnográfico e que a “etnografia é uma narrativa da experiência do antropólogo” (Bruner, 1986), busquei através da realização de observações participantes, registros imagéticos, entrevistas abertas e semi-estruturadas e do estudo de narrativas biográficas, apreender as narrativas dos atores sociais a fim de realizar uma “etnografia da duração” (Eckert e Rocha, 2005). Diga-se de passagem, essa proposta etnográfica, que considera a etnografia como uma experiência temporal, a escrita etnográfica enquanto um ato reflexivo e o “antropólogo como um narrador”, consiste no exercício interpretativo da dialética da memória, entre o tempo pensado e o tempo vivido, desvelando as relações entre tempo, imagem e memória modeladas nas narrativas e trajetórias sociais dos grupos e indivíduos.

As considerações da antropóloga Ruth Cardoso (1986) quanto à necessidade de valorizar tanto a observação quanto à participação na prática de pesquisa, afirmando que “observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e cotidianos, construindo cadeias de significação” (1986:103), reportam-me às observações participantes em que utilizei a máquina fotográfica a fim de narrar a ambiência visual da cidade.

Porém, ao valer-nos dos estudos de Maurice Halbwachs (2006) sobre memória coletiva, que apontam à importância dos artefatos materiais e visuais na construção e manutenção dessa memória, pode-se constatar que a imagem digital transcende a condição de

suporte documental, consistindo em um “quadro social de memória”, pautado na noção de tempo e espaço, definindo pertencimentos e fronteiras sócio-culturais.

A negociação da imagem do “outro”, por vezes, foi facilitada quando eu dizia às pessoas que estava realizando uma pesquisa acerca do Centro da cidade e que o registro imagético de suas presenças nesse espaço urbano, era um modo de assinalar o quanto eram elementos importantes na constituição desse cenário.

A relação da fotografia com a cidade de acordo com Guv Belavance (1996), “é o elo de uma mesma modernidade”, sendo que ambas estão associadas a um processo de objetificação, onde a cidade “é algo propriamente fotográfico”, de modo que “a própria paisagem urbana consiste em um gênero fotográfico” (Belavance, 1996:22).

Por outro lado, Alan Corbin (1997:503) assinala que “o sentimento de identidade individual passa a acentuar-se a partir do século XIX”, de modo que elementos como o espelho e a fotografia, ao permitirem uma contemplação da própria imagem e o “olhar para si”, tornam-se mediadores nesse processo de individuação.

O consentimento para a produção dos primeiros registros imagéticos dos aposentados, foi negociado com os mesmos, sob a mesma argumentação, exposta anteriormente. Porém, o desejo de registrar a sociabilidade com os amigos, facilitou o processo de produção de suas imagens, assim como a “restituição da imagem do outro” — como propõe Jean Arlaud, através da devolução das imagens produzidas.

Percebe-se, no excerto de diário de campo abaixo, alguns dos desdobramentos da prática da “etnografia de rua” com a produção de imagens fotográficas:

∞

“Enquanto manuseavam as fotos que eu acabara de entregar-lhes, emitiam comentários jocosos como esse: ‘até que saímos bem, não queimamos a máquina!’ A seguir, observaram detalhes dos quais ainda não tinham se dado por conta, como, por exemplo, o tamanho da árvore e a ‘sombra boa que ela vai fazer no verão’, referindo-se a uma planta próxima ao banco onde sentam na Praça.

Brincadeiras à parte, percebi que haviam gostado das imagens de si mesmos e, sobretudo, de terem o registro imagético do encontro com os amigos no Centro, como afirmou Odon: -Olha nós aqui Pico, agora temos uma recordação dos veinho juntos, aqui na praça! Este, responde dizendo que era uma coisa muito bacana ter foto da turma ali da praça!

Por instantes, fiquei bastante feliz com a possibilidade, talvez pretensiosa, de ter ‘restituído a imagem do outro’, como sugere Jean Arlaud no vídeo que assistimos na disciplina de Antropologia Visual” (16/06/2009).

∞

Porém, outros interlocutores não permitiram a produção de suas imagens, como seu Joaquim, que me dissera enfaticamente: “*olha, guria, comigo tu pode conversar bastante, perguntar, dar risada, será um prazer, mas, menos tirar foto! Isso eu não quero!*” (29/05/2008).

O deslocamento sistemático da antropóloga por entre os espaços do Centro de Santa Maria, um dos pressupostos da “etnografia de rua”, assim como algumas das impressões da pesquisadora por parte dos “nativos”, são demonstradas no diário de campo a seguir, revelando que o pesquisador é também investigado pelos sujeitos de pesquisa, tal como assinala a antropóloga Tereza Caldeira (1981).

∞

“Instantes após a entrega e os comentários sobre as fotografias, seu Odon, um ferroviário aposentado, que até então eu desconhecia, perguntou se eu era fotógrafa ou jornalista, acrescentando: ‘eu já vi ela aqui! Esses dias eu estava passando e vi vocês todos numa prosa cerrada e ela tirando fotos de vocês!’. Antes que eu começasse as explicações acerca do meu ‘ofício de antropóloga’, seu Zulmir, até então em silêncio, explicou: ‘não, ela é da Antropologia! Até a primeira vez que ela falou com nós, eu entendi errado! Entendi Oncologia! Ela tinha me explicado, mas daí eu me esqueci e eu fui pro dicionário. Tinha a ver com câncer. Então, procurei ondrologia, sei lá... Tinha um monte de ‘gia’, até que encontrei o que ela tinha falado: Antropologia!” (29/05/2008).

∞

Do mesmo modo, o meu deslocamento por Santa Maria, a partir do trabalho de campo, também passara a ser reconhecido por outros personagens *habitués* do Centro. Certa manhã, após conversar alguns instantes com Rita, funcionária responsável pela limpeza do Calçadão — a quem eu já conhecia por ser ter sido professora de suas filhas no IEPC— escutei o seguinte diálogo, iniciado por seu colega de trabalho, registrado em meu diário de campo:

∞

—“*Quem é essa moça? Ela respondeu, entre surpresa e curiosa:*
—“*Olha, era professora da minha filha lá no Padre Caetano. Agora eu não sei! Ela passa aqui no Centro o dia todo pra lá e pra cá!*” (14/04/2009)

∞

Nesse sentido, a interação com outros personagens no decorrer do trabalho de campo revela que o mesmo foi pensado em “termos de fluxo” (Clifford, 1991) e não apenas como um lugar espacialmente determinado. Quer dizer, os grupos e os atores sociais estudados pelo antropólogo não são totalidades estanques e isoladas, tendo em vista que se encontram em constante interação com o seu entorno, configurando e delimitando fronteiras simbólicas e limites de pertencimento.

Por outro lado, convém destacar que prática da “etnografia de rua” também enfrentou adversidades, na medida em que é pensada em termos de um fluxo urbano, sofrendo implicações do clima, da temperatura, entre outros aspectos. Eis alguns dos “imponderáveis” da “etnografia de rua” que retratam, sobretudo, as feições de um dado tempo-espço:

∞

Os “tempos da gripe”

“Agosto de 2009. Esse mês não marcava apenas o inverno mais frio dos últimos dez anos, como anunciavam os telejornais. Ele indicava, sobretudo, os ‘tempos da gripe’. Os meses de julho e agosto no Estado do Rio Grande do sul assumiram feições inéditas. A pandemia causada pelo vírus h1n1, a vulga ‘gripe suína’, atemorizava principalmente países latinos como a Argentina e o Brasil. Eventos e atividades que promovessem aglomerações humanas foram suspensos na tentativa de evitar a disseminação do vírus. Escolas e universidades suspenderam aulas e cada vez mais se via nas ruas pessoas portando máscaras ‘anti-gripe’. Os meios de comunicação veiculavam campanhas preventivas, divulgando o índice de pessoas mortas e transmitiam as imagens dos atendimentos emergenciais em contêineres nos pátios de hospitais e postos de saúde. Estatísticas quanto ao número de infectados, número de mortos e ‘prováveis’ mortos eram divulgadas diariamente.

Assim os ‘tempos da gripe’ tomavam as feições dos ‘tempos de crise’, tão carregados de sentido quanto o cotidiano, como diria Eckert (1993). Que sentidos teria a gripe? Que medos provocava? Quais representações acerca da vida e da morte ela delineava? Que lembranças entrelaçava? Que sentidos reconstruiria? Em que imagens-referência ela se tornaria? Que jogos de memória ela desvelaria no decorrer das ‘ordenações simbólicas dos tempos vividos’? Suponho que para os ‘infelizes’ das estatísticas, ela lembraria a morte, para os médicos, talvez o trabalho excessivo, para os pais que não tiveram onde deixar seus filhos no período das férias escolares, forçosamente prolongadas, a falta que a escola faz.

Essa escrita etnográfica, enquanto um ato reflexivo e um ato de reconfiguração nos termos de Paul Ricoeur (1991), já representa uma imagem dos tempos da gripe, vividos por uma antropóloga em busca dos seus ‘nativos’

nas ruas de Santa Maria, em dias frios e chuvosos de inverno. Tal imagem evoca um sentimento de frustração, tendo em vista o fato de não reencontrar seus interlocutores de pesquisa, em seus territórios de sociabilidade no Centro da cidade, no espaço de uma praça e de uma esquina. Apesar de possuir uma boa inserção em campo e algumas informações sobre a vida pessoal dos interlocutores, inclusive seus telefones e endereços, seria imprudente realizar uma visita em suas casas, sem estabelecer um contato prévio, em sua outra casa, 'a rua', a fim de realizar entrevistas gravadas, como previra no roteiro de trabalho de campo. Até então, tem sido a 'rua', o cenário das nossas interlocuções, cuja inexistência de paredes e portas materiais, não impede o estabelecimento de determinadas fronteiras simbólicas, muitas vezes tão sólidas quanto uma parede de concreto. As portas da rua estavam abertas, mas sem seus anfitriões. Me interei dos acontecimentos locais, visitei a biblioteca municipal a procura de livros que falassem da história de Santa Maria e, por fim, adiei as 'visitas', os 'reencontros etnográficos', rogando pelo final do inverno, pelo final da chuva e, sobretudo, pelo fim dos 'tempos da gripe'" (Diário de campo, 23/08/2009).

∞

Desse modo, a aplicação das técnicas de coleta de dados, algumas vezes enfrentou alguns empecilhos, implicando na reformulação dos roteiros de trabalho de campo, demonstrando alguns dos “imponderáveis” (Malinowski, 1982) com os quais o antropólogo se depara quando o seu “campo é a rua”.

1.8 Mapeando territórios e identificando “interlocutores-personagens”

As questões que circundam a construção de uma “autoridade etnográfica” revelada na construção do texto etnográfico foram problematizadas, em grande medida, pelos antropólogos pós-modernos como Stephen Tyler, Renato Rosaldo e Paul Rabinow (Clifford, Marcus, 1991).

O antropólogo pós-colonialista Talal Assad (2008), por sua vez, destaca que o conceito de “tradução cultural”, assim como o cenário de pesquisa e o próprio ofício do antropólogo, são construtos sociais historicamente situados na ciência antropológica, sendo construídos e afirmados a partir de relações desiguais de poder.

A partir dessas considerações, o campo de pesquisa no qual o antropólogo realiza o seu trabalho etnográfico tem sido apontado enquanto um espaço no qual é afirmada a sua autoridade, na medida em que o próprio antropólogo se coloca como o sujeito de enunciação, cuja representação construída se dá pela autoridade do “estive lá” (Abelès, 2008).

Sob essas perceptivas críticas, percebe-se que a antropologia contemporânea vem questionando as relações de poder implicadas no encontro etnográfico, assim como os termos utilizados para designar os seus “sujeitos de pesquisa”.

Nesse sentido, a utilização do termo “nativo” e “informante”, recorrente na antropologia colonialista, que concebia o “outro” como alguém distante e exótico, é perceptível nas obras de antropólogos pioneiros como Malinowski e Radcliffe Brown, tal como aponta-nos Glifford Geertz (2002), em seu livro *Obras e vidas – o antropólogo como autor*.

Apesar das significativas contribuições teóricas dessas obras à teoria antropológica, as mesmas não foram empreendidas sob um questionamento crítico acerca da posição dos sujeitos pesquisados (Abelés, 2008) e do próprio antropólogo, de modo que o emprego do termo “informante” — atualmente substituído pela de “interlocutor” — não fora questionada.

Por outro lado, em sua recusa de abdicar do termo “informante”, Carlos Fausto (2005) assinala que a mesma não garante que a autoridade etnográfica do antropólogo seja diluída, já que esse processo requer uma postura metodológica e epistemológica do mesmo a fim de romper com essa autoridade.

Desse modo, ao considerar que a designação “interlocutores” sinaliza a tentativa de estabelecer uma relação mais dialógica no encontro etnográfico, fiz a opção por referir-me aos “aposentados do Centro” enquanto os meus interlocutores de pesquisa.

Por outro lado, tendo em vista a constatação de que o “antropólogo consiste em um narrador” (Eckert e Rocha, 2005) que narra a sua experiência e a do “outro” a partir do encontro etnográfico, também passei a designá-los enquanto personagens, considerando-os então como “interlocutores-personagens”.

Cabe, portanto, destacar que essa designação não pretende negar-lhes a condição de sujeitos dotados de *agency* (Ortner, 2007), mas, sim, destacar que o texto etnográfico, embora consistindo em uma “narrativa da experiência” (Bruner, 1986) possui um caráter ficcional, na medida em que é “uma interpretação entre outras possíveis” (Geertz, 1989:20), na qual diferentes personagens se mostram em interação.

A seguir, a reflexividade suscitada pela escrita do diário de campo, assim como pela proposta de dar-lhe um título:

∞

O “meu objeto”, o “meu campo”, a “minha autoridade etnográfica”:
um breve diálogo com os pós-modernos

“Um sentimento de frustração começou a invadir-me, pois já era quase 11 horas da manhã e nenhum aposentado chegava ao Recanto dos Velhos. Pelo contrário, diferentes pessoas chegavam ao local e sentavam-se nos bancos da Praça Saldanha Marinho: jovens, mulheres e crianças. Embora sentassem rapidamente nos mesmos, um sentimento de propriedade passou a invadir-me, uma vontade de dizer-lhes que não podiam sentar ali, que aqueles bancos eram dos aposentados e não deles! Quando dei-me por conta do teor dos meus pensamentos comecei a divagar sobre intervenção, ativismo, profissionalismo..., e, sobretudo, acerca da consideração de Renato Rosaldo (1991), de que o uso de pronomes possessivos ao referir-se aos grupos ou local de pesquisa, é uma das formas utilizadas pelos antropólogos na construção de sua autoridade etnográfica. Esse sentimento, exercido brevemente sobre o território de sociabilidade dos ‘meus’ sujeitos de pesquisa, fez-me pensar na ocorrência deste ‘sentimento de propriedade e pertencimento’ entre eles, que territorializaram este espaço público. Que dimensões esse sentimento assumiria para os ‘meus interlocutores-personagens’? Em que implicaria um sentimento dessa ordem? Disputas, agenciamentos, estratégias de manutenção de fronteiras simbólicas? Quais? Como?”

A partir dessa experiência narrada, passei a questionar-me acerca da ‘minha’ autoridade etnográfica. Como construí-la? Como textualizar a experiência vivida em campo à luz da teoria antropológica? Como efetuar uma escrita etnográfica que não reduza o ‘outro’ a uma mera exotização? E as problematizações antropológicas acerca do ‘tornar-se nativo’ e do ‘conhecer o nativo’ e perceber do ‘ponto de vista do nativo’, como tensioná-las construtivamente?”

A propósito, qual o verbo adequado para definir a prática de pesquisa antropológica? Será ‘descrever’, tal como usam os etnógrafos clássicos, ‘interpretar’ como nos sugere Clifford Geertz (1989) ou apenas ‘sugerir’ e evocar uma pluralidade de vozes, como propõem os pós-modernos? Eis a última (e constante) tensão: como trazer o ‘outro’ para a ‘lógica ordenadora da ciência’ face a tais questionamentos que remetem ao âmbito ético, político e epistemológico?”

∞

Em *O diário e suas margens*, Roberto Cardoso de Oliveira (2002) registra algumas impressões e reflexões acerca da sua experiência de conversão de “filósofo em antropólogo”. Esse “processo de conversão” em antropólogo (a), segundo o autor, implica muitas vezes em

um “processo de vitimização do antropólogo(a)”. Desse modo, cabe aqui lembrar as contribuições que Roberto DaMatta (1981) traz a essa questão quando pensa as etapas do trabalho de campo à luz dos estágios que compõem um “ritual de passagem”.¹⁴

Por outro lado, a minha busca em identificar idosos que freqüentassem habitualmente o Centro da cidade de Santa Maria, acabou por corroborar a afirmação de Simone de Beauvoir (1990:45) de que “envelhecemos pelo olhar do outro”, na medida em que eu procurava pelas ruas pessoas de cabelos grisalhos, pele enrugada e outros sinais do corpo que anunciassem a velhice.

Essa “comunhão de destinos pela idade cronológica” (Debert, 1999) que as minhas inferências projetavam sobre os interlocutores-personagens dessa pesquisa, remeteram-me à noção de corporeidade proposta por Thomas Csordas (2008) a partir do diálogo que estabelece entre o conceito de *habitus*, de Pierre Bourdieu, e com os pressupostos fenomenológicos de Maurice Merleau-Ponty.

Ao destacar que o referido conceito de *habitus* está para além da concepção de uma “coleção de práticas”, consistindo desse modo, em um “sistema de disposições duráveis que focaliza o conteúdo psicologicamente internalizado do ambiente comportamental” (2008:109), Thomas Csordas assinala que o “corpo é também o lugar da cultura”. Desse modo, propõe o conceito de *embodiment*, que não consiste em um processo, mas, sim, em um “estado”, no qual se é um corpo a partir da relação com o “outro”, do que é perceptível, ou seja, através da “intercorporeidade” (Csordas, 2008).

Por outro lado, a noção de “corporeidade” nos aproxima dos pressupostos teóricos de Gregory Bateson (2000), entre os quais, o de que “nos constituímos na relação”, onde o que é “vivo” se constitui e se define como “um sistema de comunicação”.

A ênfase que esse antropólogo infere às relações que se estabelecem entre os seres, evita a irrupção em essencialismos identitários, levando-nos a questionar em que medida o encontro etnográfico é o encontro entre duas culturas, tendo em vista que a “cultura é relação” (Bateson, 2000).

A dúvida quanto ao uso dos termos “idoso”, “velho” ou “aposentado” para designar os interlocutores-personagens desse estudo antropológico, surgiu desde a fase da construção da

¹⁴ De acordo com esse antropólogo, a iniciação na Antropologia Social pelo trabalho de campo, assemelha-se daquela que caracteriza os denominados “rituais de passagem”. Baseando-se em Van Gennep e Victor Turner, o autor assinala que em ambos os casos, o antropólogo e o noviço são submetidos à fase da separação, da liminaridade e da agregação. (DaMatta, 1984).

proposta do mesmo, assim como no momento das primeiras incursões etnográficas, no decorrer da escrita dos diários de campo, e, por fim, no presente texto etnográfico.

Tendo em vista que esses termos classificatórios são carregados de sentido, a hesitação na escolha dos mesmos, passou a consistir em um significativo dado de pesquisa, cuja problematização suscitou o diálogo teórico com pesquisas que se inserem no âmbito da antropologia do envelhecimento.

Diga-se de passagem, Clarice Peixoto (2000), assinala que ser “velho”, no Brasil, significa pertencer às camadas sociais menos favorecidas economicamente, revelando as conotações pejorativas que caracterizariam o estigma da velhice. Em contrapartida, o termo “idoso” apresenta-se como um termo mais amplo, referindo-se tanto à população mais envelhecida em geral, quanto aos indivíduos oriundos de camadas sociais mais favorecidas.

Por outro lado, ao analisar alguns termos classificatórios como “velho” e “idoso”, essa antropóloga aponta que nas sociedades industriais, a partir da criação da aposentadoria — processo esse que licencia do trabalho indivíduos com mais de sessenta anos — o ciclo de vida passou a ser reestruturado, de modo que após a idade adulta, correspondente ao “tempo da produção”, passa a existir a velhice, a “idade do repouso” e do “tempo do não-trabalho”.

A antropóloga Guita Debert (1999), pioneira nos estudos antropológicos sobre o envelhecimento no Brasil, destaca, por sua vez, que nesse país a noção de “terceira idade” foi construída a partir da distinção entre a aposentadoria e o fim da vida.

Desse modo, segundo a autora, em um primeiro momento estabeleceu-se uma íntima associação entre a aposentadoria e a velhice, sendo que, a seguir, tendeu-se a desvincular a aposentadoria do fim da vida, identificando-a com a “terceira idade”, que passou a ser concebida como um período privilegiado para desenvolver atividades de lazer e novos aprendizados.

Tendo em vista essas considerações, os termos classificatórios utilizados para se referir aos “interlocutores-personagens” dessa pesquisa no decorrer da escrita etnográfica, entre eles “velhos”, “idosos”, “aposentados”, correspondem às categorias de auto-definição utilizadas pelos mesmos, as quais foram apreendidas através do trabalho de campo e que serão revisitadas ao longo desse texto.

Em se tratando das diferentes formas de apropriação do espaço, cabe destacar que existem, da mesma forma, diferentes categorias de análise utilizadas para explicar os processos pelos quais os espaços transformam-se em territórios, transcendendo, desse modo, o

seu caráter tangível, material e geográfico. Entre tais categorias, encontram-se os conceitos de “pedaço” e “mancha” propostos pelo antropólogo José Guilherme Magnani (1996) a fim de designar os espaços intermediários entre os espaços privados e públicos.

Desse modo, no “pedaço” desenvolve-se uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém, mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade — da ordem do “público”.

Por outro lado, a “mancha” consiste em uma categoria conceitual utilizada para se referir à apropriação de lugares, cujo uso do espaço funciona como ponto de referência para um número mais diversificado de frequentadores.

Pode-se considerar, sob a perspectiva do autor, que espaços como o Calçadão, o viaduto Evandro Behr e a Praça Saldanha Marinho, consistem sob alguns aspectos em uma “mancha”. Por outro lado, a partir do trabalho de campo e do deslocamento constante e sistemático entre esses espaços urbanos, foi possível identificar e mapear alguns territórios de sociabilidade entre idosos, que se constituem enquanto “pedaços”.

Do mesmo modo, o diálogo com elementos que constituem a memória coletiva da cidade de Santa Maria, ao considerar as evocações desses territórios nas narrativas de alguns cidadãos, contribuíram para o mapeamento de territorialidades e para a identificação dos seus *habitués*. Entre esses territórios de sociabilidade ou “pedaços” encontram-se a *Esquina do Cotovelo*, em frente à farmácia Panvel, a *Boca Maldita*, situada no Calçadão.

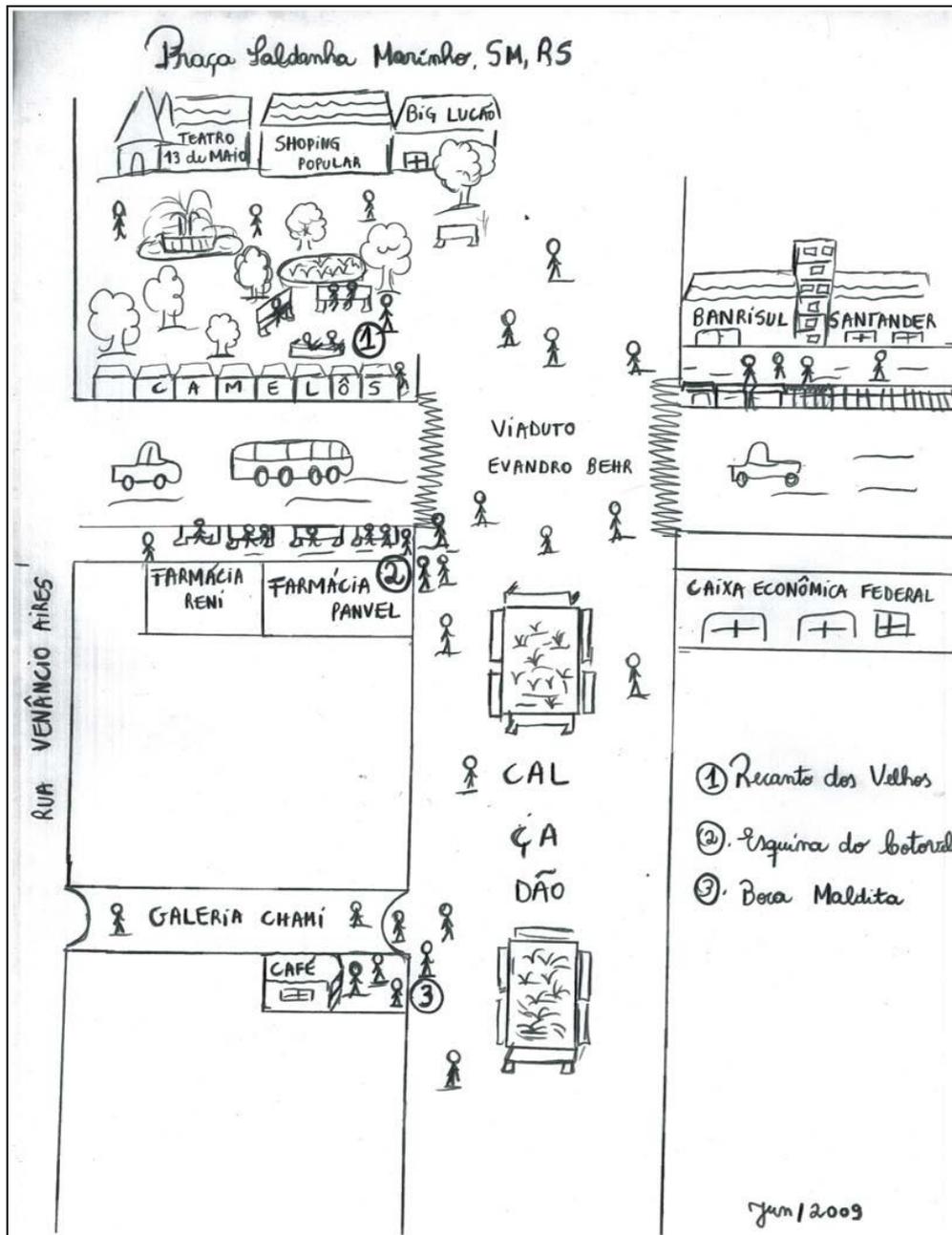
Eu já tinha ouvido falar na referida *Boca Maldita* e lembro-me de ter lido algo a respeito logo que fui morar em Santa Maria, no jornal *A Razão*, jornal local que atua na cidade desde a década de 1930. Por outro lado, esse território urbano foi mencionado em um diálogo que mantive com Paulinho, um dos primeiros interlocutores-personagens dessa pesquisa. Em resposta as minhas perguntas que buscavam identificar os seus itinerários no Centro da cidade, esse revendedor lotérico mencionou-me que no início da manhã, costumava ficar na *Boca Maldita*, na Galeria Chami do Calçadão.

Quando o indaguei por que se referia desse modo ao local, ele respondeu-me prontamente que era “*Boca maldita porque lá falam de futebol o tempo todo*”, e, que ali, segundo ele, “*só tinha varzeano!*” (18/08/2009).

Um terceiro território de sociabilidade entre homens idosos no Centro da cidade foi identificado a partir da tentativa em realizar uma “etnografia de rua”, cuja designação do mesmo ouvira apenas por parte dos seus *habitués*, através da minha inserção etnográfica. Este

terceiro território é o *Recanto dos Velhos*, situado na Praça Saldanha Marinho, mais precisamente entre quatro bancos da mesma, que configuram um *quadrilátero*.

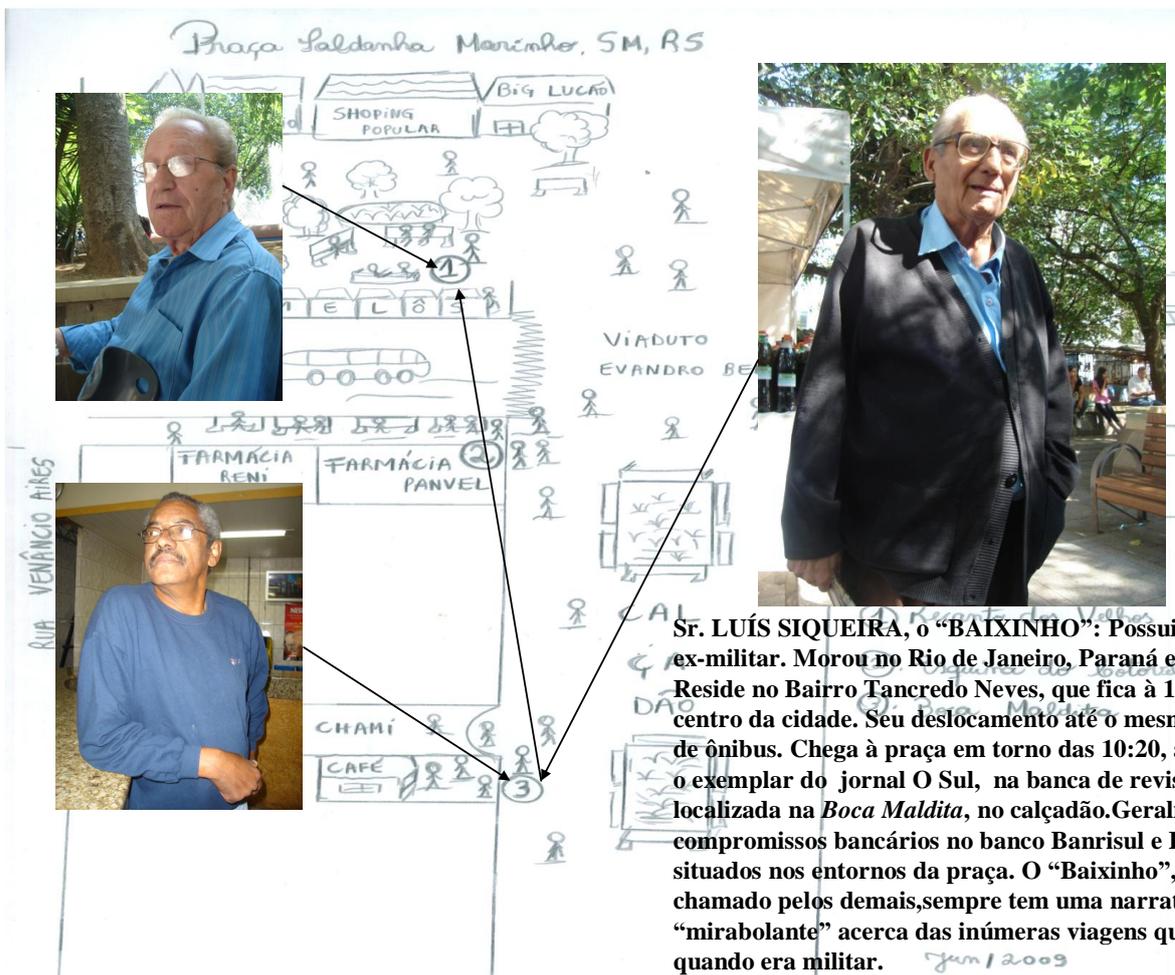
Em outubro de 2008, a minha representação espacial do Centro da cidade de Santa Maria, registrada para fins do exercício “cartografia do espaço” — proposto na disciplina de Metodologia do PPGAS/UFRGS¹⁵ — era a seguinte:



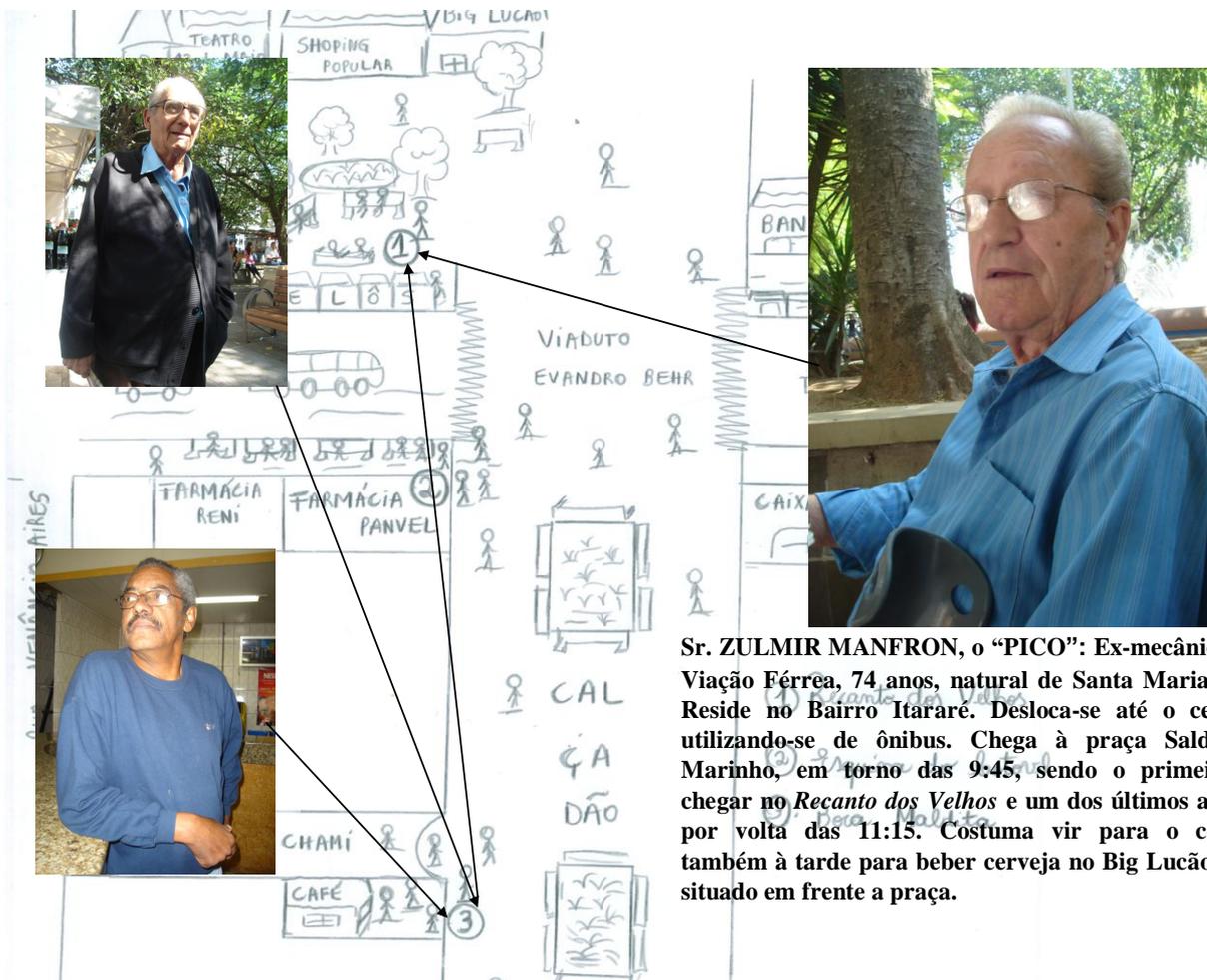
Im.19

¹⁵ Disciplina ministrada pelas professoras Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha, semestre 2008/02.

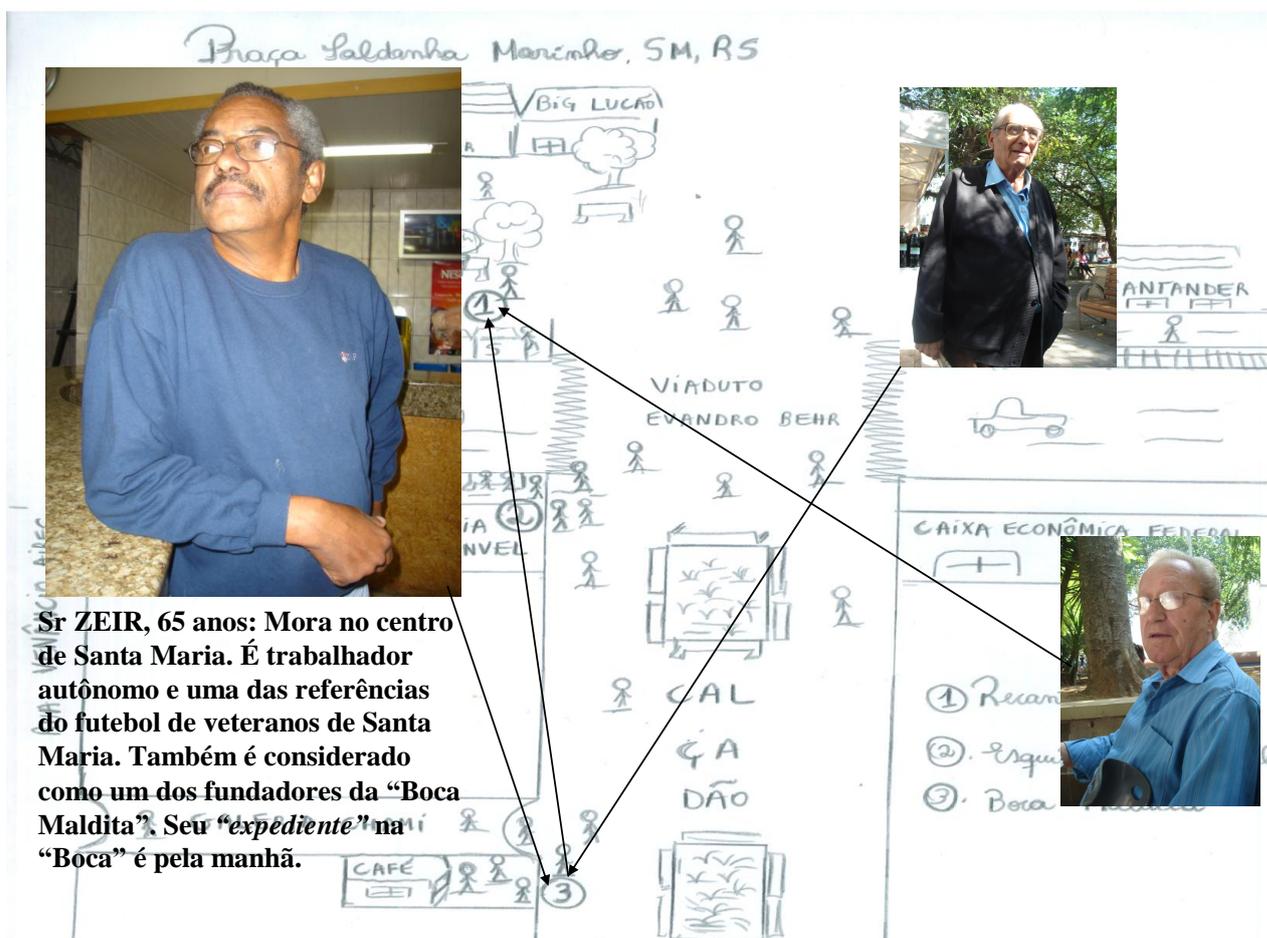
Porém, a prática da “etnografia de rua”, ao possibilitar-me a identificação de alguns *habitués* de cada um desses territórios, assim como a interlocução com os mesmos através das observações participantes e entrevistas, implicou em algumas modificações na minha representação inicial do espaço, até então vista sobre o prisma de uma “cidade-panorama”, que desconsidera as apropriações do espaço por parte dos “praticantes ordinários da cidade” (De Certeau, 1994). Vejamos agora a mesma ilustração gráfica do Centro de Santa Maria, incluindo dessa vez, alguns interlocutores-personagens em seus territórios de sociabilidade.



Im. 20



Sr. ZULMIR MANFRON, o “PICO”: Ex-mecânico da Viação Férrea, 74 anos, natural de Santa Maria, RS. Reside no Bairro Itararé. Desloca-se até o centro, utilizando-se de ônibus. Chega à praça Saldanha Marinho, em torno das 9:45, sendo o primeiro a chegar no *Recanto dos Velhos* e um dos últimos a sair, por volta das 11:15. Costuma vir para o centro também à tarde para beber cerveja no Big Lucão, bar situado em frente a praça.



Sr ZEIR, 65 anos: Mora no centro de Santa Maria. É trabalhador autônomo e uma das referências do futebol de veteranos de Santa Maria. Também é considerado como um dos fundadores da “Boca Maldita”. Seu “expediente” na “Boca” é pela manhã.

Im. 22

De acordo com Henry Fouillon (s/d), é através da mão que o homem impõe uma forma à “dureza do pensamento”. Nesse sentido, as imagens acima, no intuito de representar e dar forma aos diferentes itinerários e usos do espaço por parte dos atores sociais, buscam demonstrar que o espaço se configura a partir dos valores simbólicos dos grupos e indivíduos, conformando territórios específicos que definem fronteiras urbanas e pertencimentos atrelados aos mesmos.

Algumas abordagens teóricas acerca do espaço são revisitadas por estudos etnográficos como o de Alzilene Silva (2009), no decorrer do diálogo bibliográfico da pesquisadora com Lisabete Coradini (1995). Nesse sentido, ambos assinalam que a abordagem marxista de Lefebvre (1960), Lipietz (1988), Castells (1983), detém-se na diferenciação e composição do espaço urbano.

Por outro lado, antropólogos clássicos como Arnold Van Gennep, destacaram o significado simbólico e social do espaço e ritual, ao passo que Lévi-Strauss, enfatiza as relações entre espaço e mitologia. Uma perspectiva genealógica do espaço remeteria a Michel Foucault (1986), enquanto que Edmund Leach teria se dedicado aos estudos dos espaços como “límitrofes e perigosos” (Coradini, 1995; Silva, 2009).

Na perspectiva de Pierre Bourdieu (1997), a partir da análise dos espaços e dos campos sociais nos quais os agentes sociais se encontram inseridos a partir de seus diferentes capitais, entende-se o espaço social como uma realidade “estruturada e estruturante” que organiza as práticas e as representações dos agentes.

De acordo com autor, só é possível romper com as “falsas evidências e com os erros inscritos no pensamento substancialista dos lugares” (1997:159) se procedermos a uma análise rigorosa das relações entre as estruturas do espaço social e as estruturas do espaço físico.

Por outro lado, Michel de Certeau (1994) considera que ato de caminhar está para o sistema urbano assim como a enunciação está para a língua ou para os enunciados proferidos. Desse modo, ele tem uma tríplice função “enunciativa”: é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre; é uma realização espacial do lugar e implica relações entre posições diferenciadas, ou seja, “contratos pragmáticos” sob a forma de movimentos (De Certeau, 1994:177).

Porém, se considerarmos a cidade enquanto um “objeto temporal” e o fenômeno urbano como parte de uma “fantástica transcendental” (Eckert e Rocha, 2005), a configuração de territórios urbanos e as formas de sociabilidade engendradas nos mesmos, passam a demonstrar que “o deslocamento dos grupos/indivíduos entre as províncias e territórios de significação nas cidades é uma das questões cruciais para se compreender o fenômeno da memória coletiva e das estéticas urbanas” (Eckert e Rocha, 1998:247).

1.8.1 Gênero em(no) campo

Conforme já dito, no decorrer das minhas primeiras incursões etnográficas no Centro da cidade de Santa Maria, eu procurava por homens idosos, pelos “*aposentados do Centro*”, cuja presença nesse espaço urbano delimitou a construção do problema de pesquisa deste estudo antropológico.

Mas, por que eu não procurava por mulheres idosas? Entretanto, caso eu as procurasse, será que eu as encontraria? Ou seja, havia grupos de mulheres idosas ocupando o seu “tempo livre” no Centro da cidade, engendrando formas de sociabilidade nesse espaço urbano?

A resposta negativa a essa pergunta que se construíra enquanto eu buscava identificar os meus “interlocutores-personagens”, revelou-me o quanto à ausência de mulheres idosas, apropriando-se de espaços públicos tornara-se um processo “naturalizado”, inclusive por mim enquanto pesquisadora.

Ao assinalar que os espaços são “esferas de significação social”, Roberto DaMatta (1985) pontua que a divisão do espaço segue muitas hierarquizações, sugerindo, para analisar esse processo, as categorias sociológicas “casa” e “rua”, que consistem em “entidades morais, esferas de ação social” e, sobretudo, em domínios culturais institucionalizados.

Apesar de ocorrerem “englobamentos, onde um elemento totaliza o outro”, revelando o dinamismo dessas categorias, o antropólogo destaca que na maioria das situações, no caso da sociedade brasileira, a “casa” sugere o domínio do privado e a “rua”, o domínio do público (DaMatta, 1985).

Por sua vez, o mundo social, destaca Pierre Bourdieu (2001), é um depositário de “princípios de visão e divisão sexualizantes” de forma que a divisão dos sexos parece estar na “ordem das coisas”. Diga-se de passagem, essa divisão apresenta-se em “estado objetivado” em todo o mundo social e incorporada nos corpos e nos *habitus* dos agentes”, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação.

A noção de *habitus* cunhada por esse autor, enquanto “princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação de tais práticas” (2001:162), tem sido alvo de críticas, sobretudo, no que se refere ao seu “caráter estruturante”, na medida em que viria a determinar as práticas dos indivíduos, assumindo assim um caráter determinista.

Porém, Bourdieu aponta que o *habitus* permite uma “capacidade criadora, que figura no sistema das disposições” (2003:84), sugerindo ainda que este é um conceito mediador, que libera o agente social das cadeias do estruturalismo, e que sendo o *habitus* produto da história, é um sistema aberto de disposições, virtualidades ou potencialidades, sendo que o mesmo *habitus* pode gerar práticas diferentes.

Desse modo, pode-se dizer, que esse mundo social, pautado em “princípios de divisão sexualizantes” configura um *habitus* feminino e um *habitus* masculino, enquanto diferentes

“sistemas de disposições duráveis” que operam na vida social, tal como sugere Arakcy Rodrigues (1978).¹⁶

Ao traçar um panorama em torno das discussões acerca do espaço no âmbito da teoria antropológica, Low e Lawrence-Zúñiga (2003) reiteram a afirmação de que a noção de gênero é construída espacialmente, assinalando que os lugares e os espaços, não são apenas “onde” os gêneros se espacializam. Nesse sentido, as autoras afirmam que “os espaços onde as pessoas se movem são constitutivos das práticas sociais e das identidades de gênero dos sujeitos”, no que se refere ao que é “ser homem” e ao que é “ser mulher” (Low e Lawrence-Zúñiga, 2003:28).

A partir da análise que realiza acerca dos “jogos das bolinhas de vidro”, José Jorge Carvalho (1980) afirma por sua vez, que esta prática masculina, além de consistir em uma simbólica da masculinidade, demonstra que a segregação entre grupos masculinos e femininos extrapola as tarefas cotidianas, estendendo às atividades lúdicas.

O contexto no qual se desenvolveu essa pesquisa, ao demonstrar a ausência de grupos de mulheres idosas engendrando formas de sociabilidade em territórios urbanos no Centro da cidade, revela que, embora as relações entre o “espaço da casa” e o “espaço da rua” sejam dinâmicas, o segundo, enquanto espaço público, ainda se configura em grande medida, enquanto espaço do “masculino”.

Desse modo, infere-se que as mulheres idosas instituem os seus territórios de sociabilidade em outros espaços senão o espaço doméstico “da casa”, o ambiente privado de alguma instituição, indo ao encontro da constatação de Marcos Valério (2001) acerca da adesão significativa das mulheres aos grupos de convivência para a “terceira idade”.

Nesse sentido, esses espaços de sociabilidade, nos quais “gestores da velhice” (Debert, 1999) desenvolvem atividades para os grupos de “terceira idade”, tendem a se configurar-se como o espaço do “feminino”, do “privado”, na medida em que se mantêm distante dos “olhos públicos” — que representariam o “espaço do masculino”.

Essa constatação remete a afirmação de Michele Perrot (2005) de que a “história das mulheres” tem sido a “história dos seus papéis privados”. A “distinção do público e do privado”, segundo a autora, é uma forma de governabilidade e de racionalização da sociedade,

¹⁶ Em sua obra *Operário, operária*, Arakcy Martins Rodrigues (1978) problematiza o conceito de *habitus* feminino e *habitus* masculino.

surgindo sob a forma de uma “categoria política, expressão e meio de uma vontade de divisão sexual dos papéis, das tarefas e dos espaços” (Perrot, 2005:261).

A pesquisa qualitativa de Attias-Donfut e Segalen (1998) sobre o papel das avós e dos avôs, realizada com três gerações, por sua vez, constata que as lembranças que ambos imprimem são diferenciadas conforme as suas posições de gênero, ou seja, caso se trate de reminiscências do avô ou da avó, demonstrando uma divisão sexual entre o avô, que encarna a história social, e a avó, que representa a história familiar.¹⁷ Nesse sentido, as narrativas coletadas evocam a avó na intimidade da casa e do corpo, através dos sabores, odores e sensações, de modo que o avô é mais referido às suas “ações de glória na guerra ou na vida pública”, ou ainda como “aquele que viajava”, que “saía para trabalhar” ou que era um “capitão” (Attias-Dongut e Segalen, 1998).

Além disso, destacam as autoras, as memórias acerca dos personagens familiares da avó e do avô, geralmente é mítica, seja na esfera do íntimo ou do social, expressando na sua esquematização quase “caricatural”, a função da produção de identidades de gênero exercida no universo familiar.

Infere-se a partir das problematizações acima, que a tessitura de sentidos que permeia os usos, os sentidos e as apropriações do espaço público, além de serem perpassadas por questões associadas ao fenômeno da memória coletiva, à classe social, à etnia, entre outros, também está associada a questões de gênero.

Desse modo, indubitavelmente nos deparamos com a temática do gênero durante as nossas pesquisas etnográficas, na medida em que a mesma perpassa e constitui as relações sociais, mostrando-se em “estado objetivado na ordem das coisas”, cabendo ao pesquisador dar-lhe ou não um enfoque analítico.¹⁸

Embora a referida pesquisa não vise abordar o gênero enquanto uma categoria analítica se faz necessário pontuar que A minha inserção etnográfica, qual seja, a de uma pesquisadora mulher junto a homens idosos que configuram uma sociabilidade masculina, implicou em algumas estratégias e negociações a fim de negociar a minha presença junto ao grupo, trazendo à tona as diferenças de gênero.

¹⁷ Ao abordar as experiências transmitidas na relação entre avós e netos, França (2002) problematiza as diferenças entre as narrativas dos avôs e avós, constatando que as transmissões de receitas por parte das mulheres, é algo recorrente.

¹⁸ A esse respeito, ver a pesquisa de Gabriela Féltlen da Maia, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFSM, cujo tema trata da sexualidade e masculinidade entre homens idosos em espaços de lazer na cidade de Santa Maria, RS.

Nesse sentido, trarei alguns relatos de situações vivenciadas no trabalho de campo, a fim de demonstrar de que forma, em que momentos e quais as estratégias foram utilizadas para a negociação da minha presença junto aos interlocutores-personagens dessa pesquisa, tanto por mim, quanto por eles, assinalando as nossas diferentes posições de gênero e desvelando as feições do “gênero em(no)campo”.

1.8.2 Entre risadas e “piscadelas”: a inserção em uma sociabilidade masculina

Joaquim¹⁹ é um dos *habitués* do Centro da cidade, do qual me lembro de avistar desde as primeiras observações à distância que realizei nesse espaço urbano. Aos poucos se tornou um “interlocutor-personagem” em minha empreitada de “antropóloga-narradora”.

Ele é o que chega mais tarde à Praça Saldanha Marinho, por volta das 11 horas. Desloca-se a pé até o Centro, pois, como diz, mora perto, “*lá embaixo, na avenida*”, referindo-se à Av. Rio Branco, uma das principais que atravessam o bairro Centro.

Por volta, das 11h30min, Joaquim, despede-se dos demais amigos que estão na praça, dizendo que vai ir “*tomar o cafezinho no Banrisul*”, ao passo que estes sorriem após lançarem algumas “piscadelas”²⁰ entre si, revelando a existência de determinados códigos simbólicos masculinos.

Nas primeiras explicações acerca da minha pesquisa etnográfica e dos objetivos do mesmo, Joaquim, inclusive apropriando-se do termo que eu outrora utilizara para explicar o meu ofício enquanto uma antropóloga, disse que vinha ao Centro “*pra namorar, que sua cultura era namoro e mulher!*”.

Eu percebia que as suas saídas para o “*cafezinho no Banrisul*”, as consultas frequentes ao relógio, os olhares constantes para um determinado lado do Calçadão, os códigos simbólicos compartilhados com os demais idosos no grupo, assim como a sua declarada e justificada recusa em ser fotografado, evidenciam uma das suas práticas no Centro da cidade: ver e/ou encontrar alguém.

Na primeira vez que lhe pedi permissão pra usar a câmera fotográfica, ele disse de forma contundente: –“*De mim, não, guria! Aí vai ser a prova do crime, se a mulher vê isso aí, Deus o livre!*” (29/05/2008).

¹⁹ Em relação aos nomes dos interlocutores-personagens, informo ao leitor, que apenas esse é fictício, a fim de respeitar o anonimato que me fora solicitado. Os demais nomes, porém, correspondem aos nomes verdadeiros, cuja utilização nesse texto, fora autorizada pelos aposentados com os quais ocorreu a interlocução etnográfica.

²⁰ Em referência ao exemplo trazido por Clifford Geertz, em sua obra *A Interpretação das Culturas* (1989) quando discorre sobre a etnografia como uma “descrição densa”.

Os comentários de Joaquim, além de revelarem alguns dos aspectos que motivavam a sua prática de deslocar-se cotidianamente até o Centro, demonstram em certo sentido, quem é o “outro” no jogo social, reforçando o caráter relacional da construção das identidades sociais de gênero.

Ao estudar a auto-segregação masculina no espaço dos bares, discorrendo sobre a construção de uma cultura masculina e de uma identidade de gênero, Denise Jardim (1991) pontua que o “outro” é uma referência para a construção de sujeitos sociais, reforçando o caráter relacional do processo de construção das identidades sociais.

Desse modo, o “outro” no caso analisado, são as mulheres, de modo que o espaço dos bares é estruturado como um “espaço do masculino” e também estruturador desta segregação entre gêneros, colocando questões importantes nas elaborações simbólicas do gênero masculino (Jardim, 1991).

Por outro lado, a autora destaca que as referências jocosas são modos de expressar representações quanto à concepção de auto-imagem masculina, de modo que a atuação dos homens em espaços públicos, em contraposição aos espaços domésticos, consiste em uma “forma de atualização de um repertório masculino” (Jardim, 1991:46).

As diferenças suscitadas pela posição de gênero emergiram entre mim e os “interlocutores-personagens” dessa pesquisa, já nas primeiras observações participantes junto aos mesmos:

∞

“Era ‘veranico de maio’, como eles disseram. Ventava forte e fazia muito calor. Afoita por informações e pistas etnográficas procurava mais ouvir do que falar. Perguntei se costumavam vir sempre à Praça, em que horários, enfim. Porém, percebi que minhas perguntas não haviam sido tão esparsas como eu imaginara. Joaquim, enfaticamente anuncia: -‘Tá! Agora vamos fazer perguntas para ela, afinal o que uma moça nova e bonita como essa quer com a gente?’ Após responder às perguntas que me fizeram, veio um forte vento que anunciava chuva. Joaquim imediatamente disse-me: -“Cuidado a saia!” Olha que vai levantar!” Saia e vento. Três homens e eu, uma mulher. Nesse momento, dei-me por conta de que a situação de pesquisa implicava na minha inserção em uma sociabilidade masculina, atentando-me de que algumas estratégias para a negociação da minha presença junto ao grupo, seriam necessárias” (29/05/2008).

∞

Joaquim, nas vezes seguintes, chamava-me carinhosamente de “gurira”, a cada vez me reencontrava no trabalho de campo, perguntando pela minha família e, principalmente, pelo meu pai, “*lá de São Francisco*”.

Falar da minha família, do meu namorado e do meu pai, também aposentado, foi uma das estratégias que utilizei tanto para incitar alguma identificação geracional, como para demonstrar a rede pessoal na qual estou inserida, na tentativa assumidamente moralista de demonstrar que eu “era uma moça de família” e “comprometida”, cujo propósito era realizar uma pesquisa e estabelecer a partir disso uma relação profissional. No trecho do diário de campo a seguir, percebe-se algumas das implicações dessa “estratégia” assim como o deslocamento de uma questão geracional e de gênero para um sistema de trocas:

∞

“Repetidas vezes Joaquim e Zulmir, perguntaram afetosamente pelo meu pai, e pela ‘grande’ São Chico, situada a 140 km de Santa Maria, cidade na qual ele mora até hoje e onde eu nasci. Eles dois e Adão, um outro ferroviário aposentado, narraram-me em outras ocasiões, episódios de pescaria no rio Ibicuí, ponto turístico da cidade, assim como passagens por lá, à trabalho, nos ‘tempos da Rede’.

Nessa manhã, ao nos despedirmos, eu comentei que viajaria no dia seguinte e eles perguntaram-me se eu iria para São Chico ou Porto Alegre. Quando comentei que iria para São Chico, Zulmir puxou o seu jornal, o Diário Gaúcho, e disse-me: ‘-Toma, leva pro teu pai ler e dá um abraço nele!’ (14/04/2009).

∞

Certa vez, Zulmir Manfron, mais conhecido como Pico, contou-me em tom confidencial, que nas primeiras vezes que estive entre o grupo, um dos interlocutores-personagens olhava para as minhas pernas. Algumas vezes, eu mesma percebi isso, nos primeiros encontros etnográficos, apesar de ele jamais ter sugerido ou proposto algo relacionado à minha sexualidade.

Com o passar do tempo, as “dávivas” destinadas a mim e a minha família, expressavam uma relação de confiança que talvez tenha se construído em grande medida pelas nossas diferenças de gênero, assim como pela questão geracional.

Desse modo, a partir das experiências do trabalho de campo, pode-se dizer que o fato de eu ser uma pesquisadora jovem e mulher, em determinados momentos situava os interlocutores-personagens na “categoria de avós” (Lins de Barros, 2004), sobretudo, devido ao tamanho zelo que destinavam a mim.

Por outro lado, na medida em que o trabalho de campo se acentuava, e a minha presença junto ao grupo se “naturalizava”, em determinadas situações de entrevista, e mesmo nas observações participantes, alguns aspectos da vida afetiva dos “personagens-interlocutores” eram-me espontaneamente revelados por eles próprios: casos amorosos, separações e frustrações atuais no casamento. Certa vez, um deles, falou-me: “*eu conto pra ti porque parece que faz uns cem anos que eu te conheço, ainda mais agora que tu já foi na minha casa, conheceu a minha esposa também, parece parente da gente!*” (14/10/2009).

Por outro lado, o fato de eu ser uma mulher, e, portanto, “*compreender a cabeça das mulheres*”, instigava-os a confidenciarem-me assuntos acerca de sua vida afetiva, entre eles, os referentes aos flertes e aos encontros amorosos que ocorriam justamente por ocasião dos seus deslocamentos até o Centro.

Numa tarde ensolarada de setembro de 2009, quando eu estava junto ao grupo de aposentados que estava na praça, um senhor, que até então eu desconhecia, mas que parecia bastante entrosado ao grupo, ao perceber a minha presença, logo se apresentou dizendo com um sotaque italiano: “*sou Rafael Bortoluzzi, tenho 85 anos. Estou usado, mas não estou entregue!*”.

O aspecto descontraído do agricultor viúvo, que mora em uma pequena cidade próxima de Santa Maria, mas que vem a mesma semanalmente, “*diverte a turma*”, comentara Odon Schiling, assinalando que se conheciam dali da praça mesmo.

Alguns segundos depois, os demais presentes na roda que se formara por entre os bancos e as árvores da Praça Saldanha Marinho, incitaram-me a falar dos bailões que frequentava no “Cabelo de Prata”, salão onde realizam-se os “bailes da terceira idade” e das namoradas que arrumava por lá. O entusiasmo inicial com o qual começou a narrar um dos seus namoros, foi logo interrompido: “*mas isso é coisa de homem, depois eu conto pra vocês!*”.

Por outro lado, a mesma reserva para falar desses assuntos, surgia entre alguns dos interlocutores-personagens que eu conhecia há mais tempo. Em uma determinada situação de entrevista, após eu perguntar acerca dos espaços que preferiam ocupar no Centro da cidade, um deles falou-me durante uma entrevista gravada na Lancheria Big Lucão:

“Eu vinha de manhã. Eu gostava de ficar na esquina do Calçadão, bem na esquina, bem na “boca ali”, do lado da farmácia, da Panvel. Ali era meu chão. Eu me escorava e ficava ali. Ficava eu e um outro amigo meu, que tá morando em Porto Alegre, mas isso é outra coisa. Eu até te conto, tu tem idade pra ser minha filha mesmo.” (24/09/2009).

Desse modo, as narrativas de ‘cunho amoroso’, ora foram reveladas e ora foram transformadas em um assunto interdito, na medida em que consistiam em “*assuntos de homem*”, pertencendo à ordem do “masculino”, e, portanto, tornando-se inacessível para uma pesquisadora mulher, revelando por fim, algumas das feições e implicações da categoria gênero no “mundo social” e mais especificamente no encontro etnográfico em questão.

CAPÍTULO II

APOSENTADOS *HABITUÉS* DO CENTRO DE SANTA MARIA E A TERRITORIALIZAÇÃO DE ESPAÇOS URBANOS

“Eu sei. O tempo é o meu lugar. O tempo é minha casa.
A casa é onde quero estar.”

Vitor Ramil, *A Ilusão da Casa*

2.1 “*A praça é nossa, mas aqui é o meu lugar*”: etnografando o(n) *Recanto dos Velhos*

Em uma determinada ida à campo, no início do mês de junho de 2008, eu perguntei aos aposentados que costumam ocupar diariamente alguns dos bancos da Praça Saldanha Marinho, se durante o período de realização da Feira do Livro — evento anual que ocorre no mês de maio, nos arredores da mesma — eles eram impossibilitados de permanecer no espaço, devido à instalações dos *stands*. Luís, chamado pelo demais de *Baixinho*, respondeu-me, enfaticamente, enquanto gesticulava com as mãos apontando para os bancos onde estavam sentados, conforme anotação em meu diário de campo:

“Não! Aqui no nosso quadrilátero, no nosso Recanto dos Velhos, eles não mexem! O Prefeito precisa de nós aqui, aquela pedra que estava ali adiante atrapalhando os pedestres, foi retirada porque nós avisamos a Prefeitura!” (21/05/2008).

Zulmir, que até então ouvira em silêncio, interpelou dizendo o seguinte:

“Inclusive, o Pimenta [Paulo Pimenta, candidato à eleição municipal de 2008 pelo PT], tá prometendo estofar os nossos bancos! E de vermelho! Mas ele vai ter que estofar os bancos aqui do Recanto dos velhos de azul! Eu sou gremista! E se ele [Pimenta] não quiser, eu voto no Farret [José Farret, candidato pelo PP], ele é gremista, tenho certeza! [risos]” (21/05/2008).

A partir da referência ao território de sociabilidade que configuravam na Praça Saldanha Marinho enquanto um quadrilátero que era o *Recanto dos Velhos*, passei a me referir ao mesmo utilizando-me dessas auto-designações do grupo, reveladas nas falas acima.



Im. 23



Im. 24



Im. 25

Por outro lado, o tom jocoso empregado nas narrativas acima, além de evidenciar o pertencimento desses atores sociais a um território urbano específico, demonstra a convicção de que há um reconhecimento do grupo por parte do poder público, a partir da referência ao “prefeito” da cidade em suas falas.²¹

Desse modo, ao destacarem o fato de que colaboram com o poder público municipal, através das suas presenças assíduas na praça central da cidade, percebe-se que, de algum modo, as suas atuações o colocam na condição de cidadãos urbanos.

No caso dos aposentados que ficam na praça, as presenças cotidianas dinamizam um sistema de trocas e sociabilidades que permitem um jogo de reconhecimentos do “eu” e do “outro” em um “nós” que é a cidade. Assim não há estranhamento dos cidadãos no espaço social em que circulam, na medida em que eles também “são” a cidade.

²¹ Nas primeiras inserções etnográficas, chamou-me atenção a jocosidade presente nas falas dos interlocutores-personagens. Com o intuito de refletir sobre esse dado, à luz do campo conceitual da teoria antropológica, redigi o artigo “Piadas de Velhos”: humor e jocosidades na praça (Nunes, 2008), inspirado, sobretudo, na bibliografia da disciplina Antropologia das Emoções, ministrada pelo professor Arlei Sander Damo, no PPGAS/UFRGS, semestre 2008/01. No referido trabalho, apresentado na *V Jornada de Investigación en Antropología Social*, realizado em novembro/2008, em Buenos Aires, concebo o humor e a jocosidade presentes nas narrativas, enquanto elementos que informam valores, representações, concepções de mundo e códigos simbólicos compartilhados entre os atores sociais que as enunciam.

Nesse sentido, a instabilidade que Norbert Elias (1993) denomina de uma “balança nós-eu” mostra-se como um recurso analítico profícuo para demonstrar as relações entre o indivíduo e a coletividade, as quais configuram a construção de uma subjetividade processual, através dos processos de “sociogênese” e “psicogênese”, acomodando um “eu” a partir da condição de um “nós”, e vice-versa.

Verificam-se alguns aspectos da alternância dessa balança, que segundo o autor assinalam a estrutura social da personalidade dos indivíduos, nas narrativas dos interlocutores-personagens do *Recanto dos Velhos*. Por um lado, o “eu” aparece sob a afirmação de que “*aqui é o meu lugar*”, por outro, a “balança” tende para o “nós”, quando evocam que “*o prefeito precisa de nós aqui*”.

Do mesmo modo, a partir da afirmação de um deles, de que “eu”, a pesquisadora, posso me sentar na praça junto a eles porque “*a praça é nossa como dizem*”, a balança nós-eu” reclinava novamente para um “nós”, revelando que o pertencimento engendrado pela condição de sermos cidadãos urbanos, configura, mais uma vez um “nós” que é a cidade.

O trabalho de campo revelou que esse “nós” no qual consistia o *Recanto dos Velhos*, era composto por idosos na faixa dos 70 e 75 anos de idade, em sua maioria funcionários públicos aposentados da VFRGS-RFFSA e alguns do serviço militar²².

Em uma situação de entrevista perguntei ao Luís, militar aposentado, de onde ele conhecia o Joaquim e o Zulmir, ambos ferroviários aposentados. A resposta que ele deu a minha pergunta foi a seguinte:

“Daqui da praça! Ficamos amigos aqui na rua mesmo. Já demos muitas risadas por aqui! Mas, depois que soube que ele era colega do meu irmão lá na Rede, ficamos mais amigos ainda! Somos velhos amigos! E amigos velhos também [risos]. Mas, ele é muito mais velho do que eu, hein! [risos]” (17/09/2009).

Percebe-se, desse modo, a implicação da “Rede” na configuração das formas de sociabilidade dos *habitués* do *Recanto dos Velhos*. A referência ao parentesco de Luís, o “Baixinho” também apareceu na fala de Odon, que atuara no escritório da RFFSA, na cidade de Santa Maria:

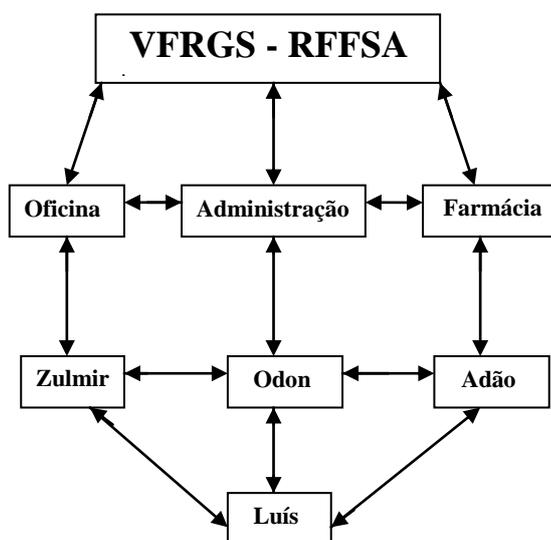
“Ah, o Baixinho nós conhecemos lá da praça mesmo. Mas nós já conhecíamos o Adão, o irmão dele, que se não me engano trabalhava lá na farmácia da Rede [farmácia da COOPFER]! E vou te dizer uma coisa, quando tu enxergar um monte de ferroviário junto, já sabe, só o que falam é de salário, da aposentadoria, do Lula e da Ieda!” (26/07/2009).

²² Ao mencionar a remodelação total da Praça Saldanha Marinho, ocorrida em 1934, Morales (2008:140) destaca que “nessa época era famosa, como integrante do cenário da praça, a denominada ‘Palmeira dos Velhos’, que era assim conhecida por abrigar diariamente em sua sombra, um grupo de aposentados”.

Nesse sentido, a “*Rede*” tal como se referem, enquanto um espaço de trabalho consiste em um “espaço-referência” e uma “imagem-memória” (Eckert, 1993), que configura pertencimentos, assim como fronteiras sócio-culturais.

Por outro lado, a VFRGS-RFFSA ²³ opera como um elemento que estabelece redes sociais entre os sujeitos de pesquisa tecendo as suas relações de reciprocidade (Lomnitz, 1994), engendrando pertencimentos de ordem profissional e institucional e configurando as suas posições sociais, os seus estilos de vida e as suas visões de mundo (Velho, 1981).

Ilustração gráfica de uma rede social



Im. 26

Haja vista, a rede de relações sociais configurada pela viação férrea assim como o jogo que ela suscita entre o individual e o coletivo, corroboram a afirmação de que a memória é um fenômeno social e coletivo, assinalado por Halbwachs (2006), a partir de determinados “quadros sociais de memória” pautados na noção de tempo e espaço. Diga-se de passagem, é este autor que nos traz a dimensão da vida coletiva no cotidiano como uma amálgama de sentidos da trajetória de um grupo que compartilha de experiências e sentimentos comuns.

Nesse sentido, o mundo do trabalho é agora vivido a partir de outras formas de sociabilidade, do “tempo livre”, do “tempo na praça”, das “sociabilidades lúdicas que exigem o esforço rotineiro de “jogar o social” (Simmel, 1983) e de reciprocidades (Mauss, 1974) que os motivam a construir a cada dia, referências de pertença.

²³ A grafia sobreposta dessas duas siglas visa contemplar os períodos em que a viação férrea passou a ser gerenciada pelo governo estadual (1920) e pelo governo federal (1957), épocas nas quais os ferroviários aposentados que foram interlocutores-personagens desse estudo antropológico, trabalharam nessa instituição.



Im. 27



Im. 28 e Im. 29

2.1.1 O “Sombra”, o “Brigadiano Músico”, o “esposo da ex-namorada”: novos personagens no *Recanto dos Velhos*

Várias pessoas passam pelo *Recanto dos Velhos* e cumprimentam os aposentados que ali estão. Algumas talvez por educação, apesar do “individualismo na metrópole” (Simmel, 1983) mas, contudo, uma grande maioria faz isso porque realmente os conhece, fazendo parte de suas redes de relações, como o Altair Corrêa, por exemplo.

Recordo-me do tom irônico com o qual Joaquim falou com Zulmir, o Pico, ao se referirem a esse senhor, após o mesmo ter passado por entre eles na praça: “*Olha ali Pico, o teu amigo passou!* [risos].” (29/05/2009).

Antes que eu perguntasse qualquer coisa acerca do comentário, puseram-se a contar que a atual esposa de Altair, também aposentado da VFRGS-RFSSA, fora no passado, namorada do Pico, durante muito tempo. Este, entre envergonhado e orgulhoso, comentou que até hoje o Corrêa tem ciúmes dele, acrescentando que foi uma sorte o namoro não ter dado certo, tendo em vista que a mulher, segundo ele, “*enfeiou bastante*”.

Por outro lado, eu tive a impressão de que conhecia o Altair Corrêa de algum outro lugar, e de fato o conhecia. Atentando-me para o diálogo teórico que Glória Diógenes (1998)

efetua com Velho (1994) — no qual a autora assinala que é “necessário se exercitar um olhar descentralizado, em movimento, para fazer também nomadizar o esforço da investigação” (1998:56) — passei a buscar por idosos que permaneciam solitários no Centro da cidade, e não apenas em grupos, como os do *Recanto dos Velhos*, da *Esquina do Cotovelo* e da *Boca Maldita*.

Desse modo, em trabalhos de campo anteriores, após já ter avistado algumas vezes o Altair solitário em um banco do Calçadão, aproximei-me dele comentando que havia conhecido Zulmir, Joaquim e Odon na Praça Saldanha Marinho, dando destaque ao fato de que também eram ferroviários aposentados, com o intuito de estimulá-lo a tecer alguma narrativa. Por fim, questionei se costumava reunir-se com eles na praça, cuja resposta em tom de desdém foi registrada em meu diário de campo:

“Eu não! Aqueles lá ficam a manhã inteira só jogando conversa fora! Eu até me dou com eles, mas não fico lá! Às vezes até passo por lá rapidinho, eu me dou com eles, tem um que até foi meu colega de trabalho. Eu fico mais é aqui, espero a minha vianda de almoço ficar pronta, olho o movimento e vou embora, sem muito papo” (25/07/2009).

Em outras observações participantes, na etapa final do trabalho de campo, deparei-me com Altair mais de uma vez, junto aos seus ex-colegas da VFRGS-RFFSA no *Recanto dos Velhos*, na Praça Saldanha Marinho.

O diálogo que mantivemos, indica, por um lado, os diferentes usos, sentidos e formas de apropriação de espaços no Centro de Santa Maria, mas, por outro lado, demonstra as diferentes instâncias de sociabilidade que se configuram nos mesmos.

Desse modo, as relações de aproximação e afastamento entre Altair e os demais aposentados do *Recanto dos velhos*, reveladas nas suas referidas narrativas e práticas, corroboram as considerações de Simmel (1983) acerca da importância sociológica do conflito, enquanto uma força integradora dos grupos.

O conflito, sob a perspectiva da “sociologia das formas” proposta pelo autor, é uma “forma de sociação”, consistindo, na maioria das vezes, em um elemento da própria relação que se estabelece a partir da interação entre os grupos e os indivíduos. Para o sociólogo, a própria sociedade refere-se à interação social, a qual surge a partir de certos impulsos ou em função de certos propósitos. Desse modo, tudo o que estiver presente nos indivíduos sob a forma de impulso, interesse ou estado psíquico, engendrando ou mediando influências sobre os outros, são designadas por esse autor enquanto “conteúdo da sociação” (Simmel, 1983).

Em si mesmas, considera Simmel (1983), essas “matérias” com as quais a vida é preenchida, não são sociais, de modo que, o amor, a fome, o trabalho, a religiosidade, por

exemplo, não são sociais, mas, sim, fatores de socialização, na medida em que agregam os indivíduos a formas específicas de interação.

Nas palavras do autor, a “socialização é a forma — realizada de incontáveis maneiras diferentes — através da qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem os seus interesses” (Simmel, 1983:166).

Considerando a sociabilidade enquanto uma forma autônoma ou lúdica de socialização, o autor assinala que:

“Sociedade é estar com um outro, para um outro, com um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno que chamamos de sociabilidade” (Simmel, 1983:168).

Nesse sentido, a conexão entre jogo e sociabilidade explica porque essa última abrange todos os fenômenos que por si mesmos podem ser denominados “formas sociológicas lúdicas”, sendo que a expressão “jogar o social” é significativa no seu sentido mais profundo, indicando, sobretudo, a ocorrência de conteúdos intencionais como disputas, desejos, solidariedades, inimizade e cooperação, que ocorrem tanto no “jogo” quanto na “seriedade do real”.

Por volta das 11 horas da manhã, verifica-se uma intensa sociabilidade entre os aposentados no *Recanto dos Velhos*. Nesse horário encontram-se os que estão lá desde às 9h30min, como o Pico; os que chegam um pouco mais tarde, os que passam com cumprimentos afetuosos, e ainda aqueles que ficam por alguns instantes, tal como o “*Brigadiano Músico*” e o “*Sombra*”.

Em uma manhã ensolarada, o *Brigadiano Músico*, cujo nome não me recorde mais, chegara acompanhado da sua esposa no *Recanto dos Velhos*, ambos vestidos com roupas esportivas. Sua esposa cumprimentou a todos sorridente e extrovertida, dizendo: “*bom dia! Mas vocês estão bem, hein!?! Só falta um serviço de cafezinho pra vocês aqui!*” (18/07/2009).

Suponho que seu comentário tenha sido inspirado pela percepção do quanto àquelas pessoas se sentiam à vontade naquele espaço, onde ao reencontrarem os amigos, teciam diferentes narrativas, configurando desse modo, uma “conversação”, que consiste em uma das formas de “sociabilidade lúdica”, como assinala Heitor Frúgoli (2007) a partir do seu diálogo teórico com George Simmel.

O *Recanto dos Velhos*, por vezes, parecia uma alegre e movimentada sala de visitas, com pessoas chegando e saindo, sendo Zulmir, o Pico, juntamente com Luís e Joaquim, os anfitriões. Tratava-se de um processo de territorialização de um espaço público que em alguns

instantes do dia transformava o “espaço da rua” em um espaço de “morada” (Bachelard, 1998).

Ao destacar que “incessantemente a imaginação imagina e se enriquece com novas imagens”, Gaston Bachelard (1998:19-21) assinala que encolher-se pertence à fenomenologia do verbo habitar, sendo que é através das “casas”, dos “apostos” e das “moradas” que aprendemos a “morar” em nós mesmos, cujas imagens caminham em dois sentidos, na medida em que estão em nós tanto quanto estamos nelas.

Foi nessa mesma ocasião, que o *Recanto dos Velhos* recebeu uma outra visita: “o *Sombra*”. Ele, Pico e Joaquim, haviam sido colegas de trabalho na VFRGS-RFFSA.

O “*Sombra*” é um homem idoso, afro-descendente e com aparência física bastante debilitada, que segundo alguns dos interlocutores-personagens do *Recanto dos Velhos*, era em decorrência do alcoolismo. De imediato, quando vi que o *Sombra*, com aproximadamente 70 anos de idade, era um afro-descendente, passei a emitir silenciosamente, juízos morais por pensar que o seu apelido fazia alguma referência a etnia que aparentava pertencer.²⁴

Porém, meus pretensos julgamentos mostraram-se infundados, quando, mesmo antes de perguntar o porquê do apelido, Pico, talvez imaginando a minha curiosidade, perguntou-me se eu sabia as causas do pseudônimo atribuído ao colega ferroviário. Ao responder que não, ele explicou-me, que a origem do apelido do antigo colega — cujo nome provavelmente não se recordasse mais — dera-se por ocasião de uma suposta tentativa de assalto na Estação Férrea, onde o *Sombra* trabalhava como vigilante noturno.

De acordo com a sua narrativa, o vigilante que estava alcoolizado, ao enxergar um vulto, que imaginara ser o de um ladrão, disparou um tiro. O vulto, porém, era a sua própria sombra. Daí em diante, herdou o apelido, que pelo visto substitui o seu próprio nome.

Após o entusiasmo com a *performance* da narrativa que me suscitou risos, Pico, mencionou que o referido colega teve “*problemas sérios*” com a bebida, motivo pelo qual a “*Rede*” o transferiu para o posto de vigilante, tendo em vista a impossibilidade de ele continuar sendo motorista. O tom mudara, mas minha atenção explícita me colocara na situação de confidente.

²⁴ Tendo como objetivo analisar, numa perspectiva histórica e antropológica, aspectos do universo do trabalho ferroviário presentes na cidade de Santa Maria-RS, Zanini (2010) pretende analisar relações interétnicas e raciais vivenciadas no interior deste “mundo do trabalho”.

2.1.2 “*Ferrovários aposentados*”: algumas particularidades

Entre os *habitués* do *Recanto dos Velhos* está Cirilo Portela, também ferroviário aposentado, que mora há algumas quadras do Centro, deslocando-se a pé até o mesmo. Geralmente, o seu percurso até o *Recanto dos Velhos* é conciliado com outros itinerários como ir ao banco, à farmácia e ao supermercado — diferente dos de Joaquim e Zulmir, cujos deslocamentos até esse bairro são quase que exclusivamente a fim de estar na praça.

O “tempo livre” do Cirilo também é ocupado com as atividades de síndico do prédio onde mora — cargo que passou a ocupar desde que se aposentou — assim como Luís, que desde a sua aposentadoria é tesoureiro da Igreja Adventista do seu bairro.

Desse modo as suas “*idas ao banco*”, alternadas com a “*chegadinha*” que dão na praça a fim de “*encontrar os guris*”, geralmente são demandas de suas novas atividades profissionais, assumidas após a aposentadoria.

Porém, embora ambos contribuam financeiramente com os filhos e os netos, não chegam a ser idosos provedores, um fenômeno que tem sido crescente no Brasil. Esse fenômeno, em grande medida, está relacionado ao “processo de re-coabitação entre as gerações” (Peixoto e Luz, 2007), o qual decorre de questões como o desemprego, o divórcio, a viuvez, os filhos que não deixam a casa dos pais, que leva as gerações mais velhas a coabitarem com as mais novas.²⁵

Em se tratando das atividades profissionais que passam a ser exercidas após a aposentadoria, cabe destacar a constatação de Guita Debert (1994), de que aparentemente velhice é um momento do ciclo de vida humana familiar e social mais facilmente enfrentado pelas mulheres na nossa sociedade, na medida em que elas parecem ter assegurado a continuação de seu “papel doméstico”, mesmo quando perdem o de trabalhadoras “produtivas”. Por outro lado, de acordo com essa pesquisadora, os homens tendem a romper nesse ciclo de suas vidas, com o papel social de provedor, fortemente associado ao espaço produtivo do trabalho, que traz implicações na construção da masculinidade.

Diga-se de passagem, a ocupação do “tempo-livre” dos idosos com as atividades dos netos, além de revelar as solidariedades geracionais tecidas entre pais e filhos, remete-lhes à “categoria avô” (Lins de Barros, 1989) consistindo em um dos referenciais identitários nos seus processos de (re)construção da identidade social na velhice.

²⁵ O rendimento do idoso é cada vez mais importante na renda familiar, sendo que já em 1996, quando começa a aumentar o nível da expectativa de vida no Brasil, sua renda total contribuía com 44% da renda familiar (Camarano, 2006).

Nesse sentido, o “papel social” de “avô”, assim como outros, demonstra o fato de estarmos constantemente representando na vida social (Goffman, 1973), cujo processo de interação implica uma linguagem teatral, como foi evocado por Cirilo em uma das suas “*passadinhas*” na praça, quando ao se despedir de Zulmir afirmou, conforme transcrevi para o meu diário:

“Essa semana eu apareço mais para papear, passei envolvido com os netos, levando e buscando do colégio, do ballet... Uma função! A gente que é velho tem que dar uma mão para os filhos, né?” (24/09/2009).

O fenômeno da longevidade, de acordo com Ana Maria Goldani (1994) vem ocasionando uma superposição de papéis sociais, assim como a convivência de diferentes gerações, implicando desse modo em “redefinições das relações e responsabilidades no interior da família” (Goldani, 1994:320), tais como a “solidariedade intergeracional” (Britto da Motta, 2004), que através dos cuidados com os netos, “*dá uma mão para os filhos*”.

Por outro lado, a “superposição de papéis”, como a de ferroviário aposentado que se torna síndico e avô, ou ainda do militar aposentado que se torna o tesoureiro da igreja — desencadeada pelo fenômeno da longevidade — configura novos arranjos familiares como as “famílias geriátricas”, uma categoria analítica que pode ser aplicada à atual configuração familiar de Odon, também ferroviário aposentado, atualmente com 72 anos:

“Eu gosto de ir no centro espírita. Eu vou num que dão receita. Então, eu tiro receita para a minha mulher que anda doente, e para minha sogra que tem 92 anos. Agora eu ando envolvido, cuidando das duas. A mãe da minha mulher não mora com nós, mas a gente cuida tanto dela que dá quase no mesmo!” (15/11/2009).

No que tange a estes novos arranjos familiares, para o sociólogo francês Godard (*apud* Britto da Motta, 2004), a “família geriátrica” é uma das particularidades comuns da longevidade. Em seus estudos sobre as famílias francesas, o autor constata a ocorrência de uma configuração intergeracional de duas famílias geriátricas, quando, por exemplo, filhos na faixa dos 65 anos encontram-se mobilizados pelos seus “pais-crianças” de 85 anos ou mais.

Uma outra caracterização foi adotada por Lizete Prata (1993) para analisar as configurações familiares no Brasil, a fim de classificar as famílias pela idade do “chefe familiar”, a partir da presença ou ausência de idosos, inclusive como “chefes”. Nesse sentido, os autores identificam nas famílias paulistas brasileiras, as “famílias jovens”, nas quais não há a presença de idosos, as “famílias maduras”, que têm pessoas idosas, porém não “chefes familiares”, e, por fim, as “famílias idosas” que são chefiadas por idosos.

Em se tratando dos aposentados do *Recanto dos Velhos*, constata-se que a aposentadoria obtida por uma pertença profissional, assegurada pela estrutura de Estado

Providência, além de proporcionar-lhes autonomia nesse ciclo de vida, possibilita-lhes desenvolver o papel de provedores.

Por outro lado, as referências de Cirilo aos imóveis que possui, os seus relatos sobre viagens com a família, assim como outras práticas de consumo e lazer, revelam alguns aspectos do seu “estilo de vida e um *ethos* de classe” (Bourdieu, 2008) que se aproxima das camadas médias urbanas.

Desse modo, verifica-se, através do trabalho de campo, que estas se diferem das práticas Joaquim e Pico, por exemplo, também ferroviários aposentados, cujos alguns aspectos de seus “estilos de vida”, revelados em suas narrativas, indicam o pertencimento às camadas populares:

“Eu entrei na Escola com 14 anos e contava tempo sabe? A Escola Ferroviária. Eu fui pro ginásio, saí do colégio das freiras e fui pro ginásio. Eu tinha que entrar na admissão para depois ir pro ginásio, depois tinha o científico e depois a faculdade. O pai me tirou das freiras, onde eu fazia o ginásio. Lá era pago e o pai era pobre, né? Daí ele me colocou lá pra aprender ofício, pra entrar na ferroviária. Ali não pagava nada. Era a EPRF, a Escola da Ferrovia. O cara saía dali profissional, o cara aprendia ofício: de soldador, mecânico, marceneiro, torneiro mecânico. Tinha de tudo. Depois foi extinta. E os professores eram todos ferroviários. Eu saí dali e fui, entrei para a Viação, mas continuo pobre!” (24/09/2009).

A discussão sobre classes sociais e os critérios de definição das mesmas são infundáveis, sobretudo, ao considerar que esses princípios extrapolam o caráter meramente econômico, na medida em que estão relacionados à detenção de “capitais simbólicos” implicando um caráter relacional e contrastivo (Bourdieu, 2008).

Ao assinalar que “classe média” é um termo genérico encontrado tanto em versões oficiais quanto entre os seus “informantes”, Peixoto (2000) assinala que o conceito “camadas médias” traz por sua vez, uma ambigüidade face à grande heterogeneidade social das camadas médias brasileiras que, ao apresentarem uma hierarquização interna, classificam os indivíduos, sobretudo, a partir da renda econômica.

Nesse sentido, destaca a antropóloga, numa sociedade onde “a pobreza é enorme e o leque das categorias profissionais é bastante amplo, estas tendem, muitas vezes, a gravitar em torno de uma mesma camada social” (Peixoto, 2000:17). Sob essa perspectiva, ela considera a camada média brasileira como um “grande *fourre-tout* de categorias profissionais” onde um professor universitário, um professor de ensino primário, um funcionário público, um funcionário liberal, um oficial militar, um ator, entre outros, pertencem todos à mesma classe social, porém a frações diferentes.

Por outro lado, essas categorias são definidas em função de uma identidade de classe, de um modo de vida, no qual os valores têm um peso mais importante do que apenas a

situação de classe, de modo que “a especificidade desse conjunto de categorias sociais é fundada, principalmente, em sua visão de mundo” (Peixoto, 2000:17).

A variedade de ofícios, sob a égide da categoria profissional “ferroviário”, que se verifica desde os ofícios mais tradicionais — como o de marceneiro, pintor, torneiro mecânico até os mais “qualificados” como o de engenheiro — além de revelar hierarquias profissionais demonstra diferenças quanto ao estilo de vida dos ferroviários no espaço do trabalho:

“O carro do diretor ficava em Porto Alegre. Daí quando o carro do diretor saía na linha todo mundo ficava sabendo: vem vindo o diretor! E aquele carro dele era coisa mais linda! Ele vinha na frente do trem, muito lindo, tudo brilhando, não era cromado, naquele tempo era latão polido. E tinha um só pra cuidar daquele vagão, vagão não, carro. Ali dentro tinha tudo: escritório, banheiro, cama pra dormir, fogão... banho quente! Naquele tempo não tinha chuveiro elétrico. A água era esquentada passava dentro do fogão à lenha, a serpentina passava por dentro do fogão a lenha e esquentava a água. Era só carro de chefe que tinha isso! Em carro de arigó, como se diz, não tinha... Ah, o engenheiro era ferroviário que nem nós, mas todo o mundo puxava o saco dele, o cara era mais estudado!” (24/09/2009).

Por outro lado, a afirmação de Luís Alberto, ex-pintor de vagões, de que “a gente ganhava bem, dava pra andar perfumado, perfume nós podíamos comprar dos bons, éramos respeitados na cidade” (15/11/2009), indica o seu pertencimento a um coletivo profissional, apesar das hierarquias internas entre os seus funcionários, e por outro lado, o reconhecimento público da classe ferroviária no município de Santa Maria.

A tendência para um “nós” na balança nós-eu, referida por Elias (1993), revelada quando Odon diz que “temos orgulho de ser ferroviários” ou quando Zulmir afirma que “o engenheiro era que nem nós”, demonstra que a atuação profissional em qualquer um dos diversos setores da VFRGS-RFFSA, reafirma a condição de ser um “ferroviário”.

Ao discorrer sobre algumas particularidades da classe ferroviária, que se consolidava com a implantação do sistema de ferrovias no Brasil no decorrer da segunda metade do século XX, Flôres (2008) indica que “fazer parte do mundo do trabalho ferroviário”, em qualquer setor de trabalho significava pertencer a um grupo profissional em ascensão, na medida em que as atividades relacionadas ao transporte ferroviário eram tidas como essenciais ao projeto desenvolvimentista que norteava o país. A partir disso, configurava-se “o intento da categoria desejar diferenciar-se do restante do proletariado como uma classe profissional distinta” (Flôres, 2008:37).

Por outro lado, ao contabilizar a quantidade de ferroviários no presente, Odon assinala: “olha, hoje não chegamos a mil, é por isso que a gente vem se encontrar aqui no Centro... Cada um mora num canto, num bairro, então aqui nos vemos, conversamos, sabemos como cada um está.” (15/11/2009).

As motivações apontadas por ele próprio ao fato de encontrar-se com os ex-colegas da VFRGS-RFFSA em territórios urbanos eleitos no Centro da cidade, não consistiu em uma resposta a uma pergunta objetiva da minha parte, como aquelas iniciadas pelo “por que”, tendo em vista que compartilho com considerações de Glória Diógenes (1998) acerca de se perguntar “por que” nas situações de entrevista.

A pesquisadora assinala que a pergunta iniciada pelo “por que” coloca o entrevistado na situação de intérprete das situações que estão sob o foco de interesse do observador, transferindo ao mesmo o trabalho analítico que lhe cabe. Nesse sentido, destaca que somente quando perguntou aos membros das *ganges* que pesquisou “como” ocorriam as suas experiências, tornou-se possível “adentrar em uma cadeia de narrações, certamente improváveis de acontecer a partir de uma indagação construída em torno do ‘por que’” (Diógenes, 1998:65).

A evocação dos “porquês” de estar no Centro assim como a condição de “ser ferroviário”, diante da ausência de perguntas diretas que caracterizam as entrevistas fechadas e os questionários, revelam, por sua vez, a reflexividade que é desencadeada pela cadeia narrativa tecida pelos interlocutores-personagens mediada pela “atenção flutuante” (Thiollent, 1980) do antropólogo, possibilitando a construção de uma “identidade narrativa” (Ricoeur, 1991, 1996).

Ao considerar o conhecimento de si próprio enquanto uma interpretação desencadeada pelo ato narrativo — estrutura da linguagem que tem a temporalidade como referência — Paul Ricoeur sugere pensarmos a identidade em termos de uma “identidade narrativa”, a qual não consiste em uma estrutura fixa, mas sim em algo que é constantemente (re)interpretado a partir da circularidade entre o tempo e a narrativa.

Compreende-se desse modo, algumas das motivações simbólicas em torno do encontro com ex-colegas de trabalho no Centro de Santa Maria, uma prática que além de possibilitar a “redenção do passado” (Benjamin, 1989) consiste em uma estratégia de “manutenção do eu na vida cotidiana” (Goffman, 1973), a fim de “reestabelecer a continuidade no tempo social apesar das rupturas e descontinuidades” (Eckert, 1993), advindas do processo de aposentadoria, assim como da extinção da VFRGS-RFFSA.

Muitas vezes me perguntara se caso a ferrovia ainda existisse, esses encontros com os ex-colegas ocorreriam, de modo que a resposta a essa inquietação remeteu-me aos estudos de Eckert e Rocha (2005) acerca de Gaston Bachelard, nos quais considera-se que as rupturas e as descontinuidades são condições necessárias à duração social.

Nesse sentido, a memória é concebida por essas antropólogas como um “espaço fantástico”, um lócus de extroversão/introversão de uma linguagem convencional de símbolos, coordenada no plano de uma imaginação, tendo como essência as localizações espaciais e temporais. Sob essa perspectiva, a memória, enquanto o espaço onde ocorre uma “fantástica transcendental” e o reservatório dinâmico de símbolos e imagens, é o fenômeno que permite através dos “jogos de memória” dos atores sociais em seus itinerários urbanos e na trama de suas relações cotidianas, a (re)construção de suas identidades sociais, dos seus pertencimentos e da duração no tempo social.

Todavia, a compreensão do fenômeno da memória coletiva e dos processos de construção da identidade social, segundo Eckert e Rocha (2005), recai sobre o estudo do cotidiano e das formas de sociabilidade nele engendradas, o que em grande medida justifica a importância do presente estudo antropológico.

Desse modo, cabe destacar a ênfase dada por Michel Mafessoli (1988) a uma “epistemologia do cotidiano”, que a partir da sua proposta de uma “sociologia figurativa”, sugere que as relações sociais sejam apreendidas pelas figuras e formas sociais que são desenhadas, tecidas e experimentadas no cotidiano, de modo que a produção do conhecimento acontece justamente através da apreensão dessas formas sociais.

Por sua vez, Berger e Luckmann (1983), assinalam que o cotidiano corresponde ao lugar da experiência que permite ao sujeito deslocar-se no tempo, (re)construindo sentidos, configurando “províncias de significado” e atualizando o seu “estoque social de conhecimentos” (Schutz, 1979).

A afirmação de Bozon (1984) de que a sociabilidade cotidiana consiste em um fenômeno social, torna-se fundamental para a compreensão de que as práticas sociais formam um sistema no qual se inscrevem os estilos de vida dos atores sociais, enquanto um “sistema de disposições simbólicas” (Bourdieu *apud* Bozon, 1984).

Esse sistema, por sua vez, coloca em jogo todo um conjunto de códigos e leis sociais, na medida em que estas são constantemente (re)avaliadas na ação, ou ainda, nos termos de Sahlins (1987), “colocadas em risco na ação”.

2.1.3 A aposentadoria, a “invalidez”, os “cedidos” e os “celetistas”

Os frequentadores do *Recanto dos Velhos* não costumavam vir até os bancos da praça que configuravam o “*quadrilátero do recanto*” no período da tarde. Quando eu passava por ali nesse horário, rumo a *Esquina do Cotovelo* ou à *Boca Maldita*, no Calçadão, para fazer trabalho de campo, os usuários daquele espaço público geralmente eram frequentadores

ocasionais: pedestres que aguardavam alguém que estava nos estabelecimentos comerciais e bancários, vendedores ambulantes, engraxates, mães amamentando seus filhos, assim como aqueles que, solitários, descansavam à sombra das árvores.

Numa tarde quente do mês de novembro, enquanto passava por ali, deparei-me com Odon, com quem conversara pela manhã e acompanhara em seu itinerário até um centro espírita Kardecista, onde ia *tirar uma receita* de remédios homeopáticos para a sua esposa. Quando me dirigi até o *Recanto dos Velhos*, lá estava junto aos demais um senhor que aparentava ter menos de 60 anos. Ao seu lado, apoiadas no banco da praça, estavam duas muletas. Foi então que Odon apresentou-me Luís Alberto, um ex-ferroviário que tinha o ofício de pintar os vagões dos trens, cujo ingresso na então RFFSA, ocorreu no ano de 1976.

Aos 34 anos, após um acidente automobilístico que implicou na realização de várias cirurgias para reparar as duas pernas que sofreram graves fraturas, ele fora aposentado por invalidez, sendo que hoje, com 56 anos, continua solteiro. Em uma situação de entrevista, ele relatou-me sua “*má sorte*” no amor:

“Na época do acidente, eu fiquei com tanta conta que ela se apavorou. Era mesmo um horror de dinheiro que eu estava devendo, não parava de ter despesas com hospitais e cirurgias. A rede [RFFSA] me aposentou por invalidez, me dispensou e ela, a minha noiva também” (15/11/2009).

No decorrer da nossa conversa, repetidas vezes Luís Alberto mencionou a sua condição de “inválido”, atribuída a ele tanto pela noiva quanto pela “*Rede*”, que o aposentou por “invalidez”, no auge dos seus 34 anos.

Percebe-se desse modo que o Estado, representado na instituição da RFFSA, inscreve-se na vida dos indivíduos a partir de categorias classificatórias, construindo subjetividades e mecanismos de controle, modelando e conformando identidades (Foucault, 1990).

Nesse caso em particular, percebe-se que a associação da aposentadoria como uma fase na qual o indivíduo deixa de ser produtivo, é legitimada pelo poder público através da utilização da categoria “inválido”.

Por outro lado, as narrativas de Luís Alberto, além de desvelarem alguns dos aspectos da sua trajetória social, revelaram, no decorrer da entrevista, a heterogeneidade da categoria “aposentado”, assim como da categoria “ferroviário”. Ao indicar que em 1976 ingressou na ferrovia, destacou que nessa época a mesma já pertencia ao Governo Federal, sob o nome de RFFSA, fazendo alusão aos “cedidos”, como Odon:

“Quando eu entrei, já era Federal, a RFFSA. Não era mais do estado. O Odon, não! Ele era cedido ao governo, porque quando ele entrou a ferrovia era do estado, era a VFRGS. Mas quando passou do Governo do Estado para o Governo Federal os funcionários passaram também, foram cedidos. Acho que isso foi lá por 1958... É por isso que eles, os cedidos têm

IPÊ e nós que entramos depois, não. Somos todos ferroviários, mas temos mais de um sindicato, eu, por exemplo, sou celetista. As causas que nós estamos lutando na justiça não são as mesmas dos cedidos” (15/11/2009).

Percebe-se, através das narrativas de alguns *habitués* do *Recanto dos Velhos*, na Praça Saldanha Marinho, as diferenças que foram se configurando entre eles a partir de suas trajetórias sociais, apesar de tecerem as suas trajetórias profissionais em torno de um “quadro social de memória” (Halbwachs, 2006), em comum, a VFRGS-RFFSA.

Do mesmo modo, esse referencial simbólico, ao ocupar o eixo central da maioria das suas narrativas, revela a importância ocupada pelo mundo do trabalho em suas trajetórias biográficas, evidenciando, mais uma vez, que a memória é um fenômeno individual e coletivo (Halbwachs, 2006), definindo aproximações e afastamentos que se traduzem nas formas de sociabilidade engendradas no Centro da cidade.

Por outro lado, verifica-se a heterogeneidade da categoria “*ferroviário aposentado*” através das especificidades de seus estilos de vida e nas diferentes formas de apropriar-se do espaço urbano, a partir da configuração de um outro território de sociabilidade no Centro de Santa Maria, a *Esquina do Cotovelo*, que será abordada mais a frente.

2.1.4 “Tempos de jogar” e “tempos de envelhecer” (I): o Riograndense Futebol Clube

Diante dos demais, Cirilo, apesar de ter os cabelos bastante esbranquiçados, em seus 66 anos, aparenta uma maior jovialidade, sobretudo, pela sua agilidade em movimentar-se, e, em grande medida, pelo respeito que dedica aos demais *habitués* do *Recanto dos Velhos*.

Ele foi, assim como Zulmir (hoje com 74 anos), jogador do Riograndense Futebol Clube, associação esportiva mantida pela VFRGS-RFFSA, cujos atletas eram, na sua maioria, ferroviários.

Nesse sentido, o agenciamento do lazer operacionalizado por essa instituição, remete ao filme *Tecido Memória* (2007) ²⁶ que retrata as memórias de velhos operários de uma indústria têxtil em seu cotidiano de trabalho.

No decorrer das suas narrativas, os interlocutores apresentados no filme, evocam o apoio logístico e mesmo financeiro da fábrica ao bloco de carnaval composto por eles, os “funcionários da fábrica”, demonstrando, assim como no Riograndense Futebol Clube, que as respectivas empresas, uma pública e a outra privada, agenciavam tanto o “tempo do trabalho”, quanto o “tempo livre” dos seus operários.

Zulmir não jogou na mesma época que Cirilo, porque segundo ele, este “*era(é) um gurizão e bonito!*”. Numa dada ocasião, Cirilo, após narrar entusiasticamente alguns

²⁶ Direção: Sérgio Leite Lopes, Celso Brandão e Rosilene Alvin.

episódios futebolísticos, dissera-me, após passar a euforia com que narrara os “tempos do riograndense: *“pois é, tudo passa...os anos se vão... só ficam as recordações! É, estou velho!”* (16/07/2009).

A nostalgia expressada em suas palavras, além de traduzir a saudade de um “tempo passado”, por outro lado, mostrava-se como uma constatação, uma re(significação) do “tempo presente”, o qual se anunciava como o “tempo da velhice”.

A reflexividade decorrente da ação narrativa, além de demonstrar que o “ato de narrar possui um valor simbólico de construção de sentido de uma vida, de uma história vivida entre tantas outras” (Eckert e Rocha, 2005:105), vai ao encontro da difundida frase de Paul Ricouer de que “o tempo torna-se tempo humano na medida em que ele é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal” (1991:85).

Joaquim, que apesar de não ter jogado no clube, ouvira atentamente a conversa dos ex-jogadores do Riograndense, como que para confortar e “recepcionar” o colega aposentado nesse “novo tempo”, ou seja, o ‘tempo da velhice’, disse-lhe: *“Cirilo, ser velho é bem bom, tu te acostuma”*.

Nesse instante, pareceu-me acomodado nessa temporalidade, olhou o entorno da praça e despediu-se em direção ao Banrisul, dizendo que estava na hora de ir *“tomar o seu cafezinho”*.

Na continuidade da interação com os demais interlocutores-personagens, perguntei aos ex-jogadores se eles possuíam acervos fotográficos do “tempo do Riograndense” e se eu podia vê-los. Entusiasmados, e com certa hesitação, após comentarem que *“fazia muito tempo”*, responderam-me que *“achavam que tinham”*, e que se acaso as tivessem, seria *“uma boa idéia”* olharem, já que fazia anos que não viam as fotos dos *“tempos que jogavam”*.

Desse modo, o Riograndense Futebol Clube, ao constituir-se enquanto um referencial simbólico-identitário para os interlocutores-personagens, implicou-lhes jogos de memória nos quais as sobreposições temporais dos tempos vividos, sobretudo para Cirilo, reafirmaram o caráter interpretativo da memória coletiva, na medida em que esse interpretou o tempo presente como sendo o “tempo da velhice”.

Nesse sentido, recorre-se a afirmação de Walter Benjamin (1993:197) de “que a arte de narrar é fundamental para evitar a atrofia da experiência”, cujo caráter interpretativo e restaurativo da memória toma como objeto de redenção não unicamente o presente e o futuro, mas também o passado.

A partir dos referidos diálogos, instiguei-me a obter mais informações acerca do time de futebol no qual Cirilo e Zulmir haviam jogado. Desse modo, após a leitura de jornais locais e de conversas com alguns santamarienses, tomei conhecimento de que o time estava disputando na segunda divisão, a Série B do Gauchão 2009.

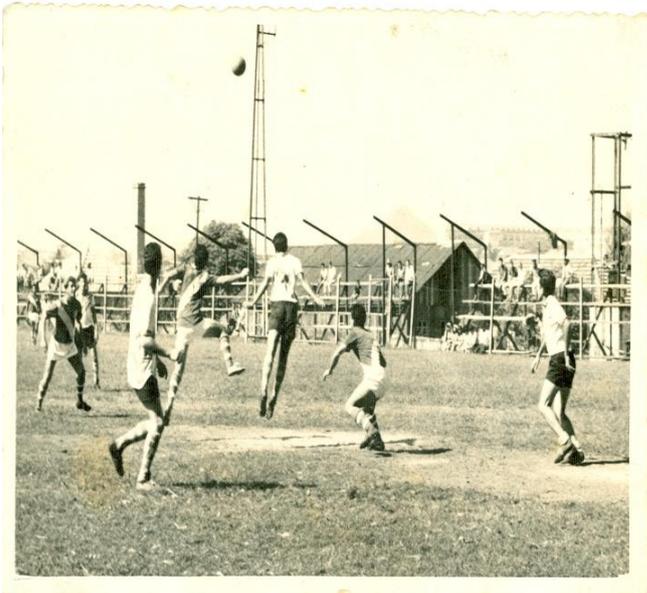
Ao realizar uma pesquisa na *internet*, consultei o *site* do Riograndense Futebol Clube - RFC, que trazia na página inicial o texto a seguir:



“Nos trilhos da história”. Este era mais um ícone do progresso e do desenvolvimento sócio-cultural e econômico gerado pela força ferroviária de nossa cidade. Em conjunto com a Casa de Saúde, o Colégio de Artes e Ofícios, a Vila Belga, a Cooperativa, a Associação e muitas outras instituições, o RFC é mais um orgulho do apogeu da Viação Férrea em Santa Maria.

O clube da Rua Pedro Gauer, como assim era chamado, era o destino de amigos e famílias ávidas de um lazer de fim de semana, assim como era fonte extra de sobrevivência para alguns ferroviários que entravam em campo com as cores esmeraldinas. A melhor campanha do clube no certame gaúcho no distante 1921, quando o Riograndense chegou perto do título de campeão estadual daquele ano. A partir da década de 80, com a ‘consolidação do dismantelamento’ do transporte ferroviário no Brasil e o reflexo direto deste setor em nossa cidade, o RFC perdia a força de sua principal estrutura social, gerando, com isso, graves conseqüências aos destinos do Periquito. No entanto, após alguns anos de convalescença, o RFC toma novamente fôlego e volta aos ‘trilhos da história’”.

(fonte: *site* www.riograndensesm.net, consultado em 20/07/09).



Im. 30- Treino do Riograndense Futebol Clube no estádio Guarani. Im. 31- Zulmir Manfron nos “tempos de jogador do Riograndense”.

2.1.5 “Os estabelecidos e os *outsiders*” no *Recanto dos Velhos*

Em sua obra *Individualismo e Cultura*, Velho (1981) detém-se em problemas relativos à delimitação de grupos sociais através dos seus projetos de vida e “campos de possibilidades”, a partir dos quais criam-se fronteiras simbólicas entre os grupos e indivíduos.

Por outro lado, destaca Denise Jardim (1991), é na delimitação dessas fronteiras entre os grupos que se torna inteligível como as diferenças se relacionam ou se conflituam, oferecendo uma descrição sobre diferentes repertórios que dão sentido ao mundo social e acerca das várias versões construídas sobre o espaço urbano, a partir das formas como ele é vivido e apropriado pelos diferentes grupos.

Conforme já disse, quando pedi licença para sentar junto a alguns aposentados que ocupavam três dos bancos da Praça Saldanha Marinho, a fim de dar início ao trabalho de campo dessa pesquisa etnográfica, um deles respondeu-me: “*pois não! Sente-se! A praça é nossa, como dizem, mas aqui é o meu lugar!*” (09/02/2008).

As fronteiras entre o público e o privado foram evidenciadas nessa fala como tênues e justapostas, revelando que o investimento simbólico dos atores sociais em espaços eleitos da cidade transforma os mesmos em territórios urbanos que lhes “pertencem”.

Diga-se de passagem, esse pertencimento assume um caráter contrastivo, na medida em que o “outro”, ao ocupar um território diferente, passa a ser fundamental nesse processo que recai na construção das identidades sociais dos indivíduos.

Nesse sentido, vai-se ao encontro das constatações do antropólogo Fredrik Barth (2000) que em suas teorizações acerca das fronteiras criadas entre os grupos étnicos, assinala que as identidades se mantêm nas situações de contato, na medida em que estas implicam aos atores e grupos sociais o acionamento de critérios que configuram pertencimento e exclusão. De acordo com o autor, as fronteiras simbólicas canalizam a vida social, (re)organizando o comportamento e as relações sociais, cuja identidade e continuidade dos grupos dependem da manutenção dessas fronteiras.

Pierre Bourdieu (2008) destaca por sua vez, que a construção da identidade social ocorre a partir de um jogo social entre os agentes sociais, que posicionados em diferentes campos disputam “signos de distinção”, instaurando determinadas hierarquias simbólicas e posições sociais.

Em uma outra ocasião do trabalho de campo, após dialogar com Zulmir, ele comentou que estava aguardando alguns amigos. Alguns instantes depois, outros idosos iam chegando e dirigindo-se aos bancos do outro lado do canteiro da praça.

Perguntei-lhe se estes eram os amigos que ele aguardava, então ele respondeu-me, enfaticamente, apontando para os referidos bancos: “*não! Aqueles são de lá! Lá da turma do engraxate!*” (29/05/2009).

As territorialidades construídas pelos grupos e atores sociais, através de suas representações e práticas sociais implicam no estabelecimento e na manutenção de fronteiras simbólicas, de modo que o espaço é demarcado quando alguém estabelece fronteiras, onde um “pedaço de chão passa a ser separado do outro” um processo que não é simples”, sendo necessário “explicar de que modo as separações são feitas e como elas são legitimadas e aceitas pelas pessoas” (DaMatta, 1985:30).

A partir de um estudo realizado em uma comunidade industrial urbana, Elias e Scotson (2000) sugerem as categorias analíticas, “estabelecidos e *outsiders*” como instrumentos teóricos para analisar o jogo de poder que permeia as relações cotidianas entre os grupos sociais e indivíduos. No referido caso, os autores assinalam que a questão da temporalidade é central para definir quem são os que “pertencessem à comunidade” e os que estão fora da mesma, ou seja, os *outsiders*.

Desse modo, os autores destacam que mesmo diante da ausência de tensões raciais, étnicas ou de classe, as figurações de “estabelecidos e *outsiders*” ilustram os “esquemas

estruturais que traçam desigualdades entre os grupos” (Elias e Scotson, 2000:43), implicando nos modos pelos quais os grupos processam as suas trajetórias, identidades, hierarquias internas e, ao mesmo tempo, medem forças e configuram um sistema de poder.

2.1.5.1 “O corridão no Cabeça Pelada”

Presenciei algumas vezes, no decorrer da pesquisa etnográfica, a tentativa sem êxito de homens idosos “estrangeiros”²⁷ se inserirem no *Recanto dos Velhos*. Apesar da suposta identificação engendrada pela faixa etária e a posição de gênero, em poucos instantes, através de olhares, silêncios, certos gestos, configurava-se uma cena social protagonizada entre aqueles que contextualmente passavam a ser os “estabelecidos ou os outsiders.

Verifica-se desse modo, que os aposentados *habitués* do *Recanto dos Velhos* estabelecem fronteiras simbólicas, na medida em que delimitam seus territórios de pertencimento, cujas estratégias de manutenção das mesmas vão desde “uma cara feia” lançada ao “estrangeiro-outsider” até uma sincera recusa expressa verbalmente.

Em certa ocasião, presenciei a recusa de um senhor bastante falante e performático em seus discursos, cuja presença passou a não ser consentida por alguns *habitués* desse território de sociabilidade, principalmente por Zulmir:

“Aquele ali é o Cabeça Pelada. Até nem me lembro o nome dele, tem aparecido aqui pela praça agora. Mas é muito xarope, exibido. Grita, fala alto, é bobalhão. E não é para isso que a ‘turma’ vem pra cá [Centro] há anos, não é pra se exhibir. O Altair também! Demos um corridão daqui. Só ficava em função de mulher. Cada um faz o que quer, eu muito fiz isso aqui, mas sempre na minha, não perdia de ficar aqui de conversa com os guris sobre outras coisas. E esse aí eu tô por falar, logo, logo” (29/05/2009).

Após esse comentário, ainda presenciei o *Cabeça Pelada* algumas vezes, junto ao grupo. Porém, logo nas seguintes idas à campo não o vi mais, sendo informada de que haviam dado um “corridão nele”, dizendo “que ele não era bem-vindo ali”.

A inquietude, a performatividade e o alto tom de voz do *Cabeça Pelada*, de aparentemente 65 anos, cujo nome não cheguei a saber, destoava com o ritmo das narrativas lentas e pausadas dos demais aposentados do *Recanto dos Velhos*, assim como com a postura mais contemplativa que assumiam. Diga-se de passagem, as suas conversas não eram ininterruptas como na *Boca Maldita*, por exemplo.

No *Recanto dos Velhos*, todos que falavam eram ouvidos: os diálogos começavam e terminavam, sendo intervalados pelo silêncio enquanto olhavam e observavam à sua volta,

²⁷ O estrangeiro, de acordo com Simmel (1983:183), “é um elemento do próprio grupo que possui uma forma específica de interação”.

averiguando quem estava passando e o que acontecia no entorno da Praça Saldanha Marinho, talvez a procura dos seus “estabelecidos”.

Esse olhar e essa escuta, assim como a contemplação dos espaços que cercavam o *Recanto dos Velhos*, conformavam um ritmo temporal e uma forma de “sociabilidade lúdica” específica configurada pelos seus *habitués*.

2.1.5.2 “Enfermeira não entra!”

Certa vez, enquanto eu estava na Praça Saldanha Marinho, reparei que um pouco mais adiante, em bancos próximos aqueles onde estávamos sentados, estavam outros dois idosos, que embora sentados no mesmo banco, não conversavam entre si.

Eles pareciam atentos às conversas que se passavam no *Recanto dos Velhos*, observando os gestos e os movimentos que ali transcorriam. Perguntei para Zulmir se ele os conhecia. Após direcionar um olhar desconfiado em direção aos mesmos, ele me respondeu, com certa inquietação: “*não, não conheço! E tem velho estranho por aqui! Sabe, tem muita gente querendo se infiltrar aqui na turma!*” (29/05/2008).

Por outro lado, acredito que a minha pergunta tenha incitado-o a me relatar a “*briga com as enfermeiras*”, um evento que além de revelar o pertencimento dele e dos “*guris*” àquele espaço da praça, consiste em uma estratégia de manutenção das fronteiras simbólicas estabelecidas pelo processo de apropriação simbólica desse espaço público.

A referida briga, onde inexistiu violência física, ocorreu numa certa manhã em que duas enfermeiras se aproximaram da Praça Saldanha Marinho com o intuito de montar um atendimento móvel para medir a pressão dos pedestres, justamente nos bancos em que os idosos costumam sentar.

Zulmir falou-me que havia chegado antes que os demais amigos na praça e que começou a olhar para as enfermeiras com uma “*cara feia e séria*”, dizendo-lhes quando se aproximaram dele e dos bancos do *Recanto dos Velhos*, que “*ali era muito frio porque encanava um vento, e, portanto, era melhor que elas fossem para um outro lugar!*” (29/05/2008).

Acreditando que a “*sua cara feia*” tenha afastado as enfermeiras, e com isso mantido o espaço para si e os amigos, seu Zulmir acrescentou satisfeito: “*e elas saíram dali ligeirinho! Foram lá pro outro lado!*”.

2.1.6 A mobilidade do *Recanto dos Velhos*

Em mais uma fria manhã de inverno, do mês de julho de 2009, ao chegar ao Centro, eu realizara o que denominava ser a minha “volta olímpica” no decorrer do trabalho de campo, qual seja: o deslocamento que eu costumava realizar nesse espaço urbano a partir de determinados itinerários que me possibilitavam adentrar no “mundo do Centro” (Coradini, 1995).

Através desses itinerários, que compreendiam as duas quadras do Calçadão, a Galeria Chami e a Praça Saldanha Marinho, além de localizar os meus interlocutores-personagens, eu buscava acessar informações acerca dos últimos acontecimentos da(na) cidade, bem como possíveis transformações urbanas, com o intuito de (re)ler “o texto urbano” (De Certeau, 1994) que é constantemente (re)escrito pelo atores sociais.

Desse modo, ao me aproximar da esquina da Farmácia Panvel, passei os olhos na capa do Diário de Santa Maria, cuja manchete principal era sobre a “gripe suína”, sendo que o jornalista, ao reconhecer-me emitiu um cordial “*bom dia*”.

Já passava das 9h30min quando fui em direção à praça. Entretanto, não avistava nenhum dos meus interlocutores-personagens no *Recanto dos Velhos*. Foi nesse instante que encontrei os funcionários da *Sul Clean*, empresa responsável pela limpeza urbana do bairro Centro, que se preparavam para iniciar a sua jornada de trabalho. Nós nos cumprimentamos e conversamos sobre as imagens que eu havia produzido deles em uma outra saída a campo, ao passo que me solicitaram a produção de novas imagens, tendo em vista que agora haviam mudado de uniforme: “*estamos de uniforme novo agora! É mais gelado que o outro, mas é novo! Tira mais foto da gente!*” (18/07/2009).

Quando marcou 10 horas, nenhum aposentado tinha chegado ao local, de modo que comecei a ficar preocupada. Em um primeiro instante, cogitei que a baixa temperatura e o tempo nublado tivessem sido os motivos da ausência deles no Centro, sobretudo, para Luís e Zulmir, que residem em bairros distantes do mesmo.

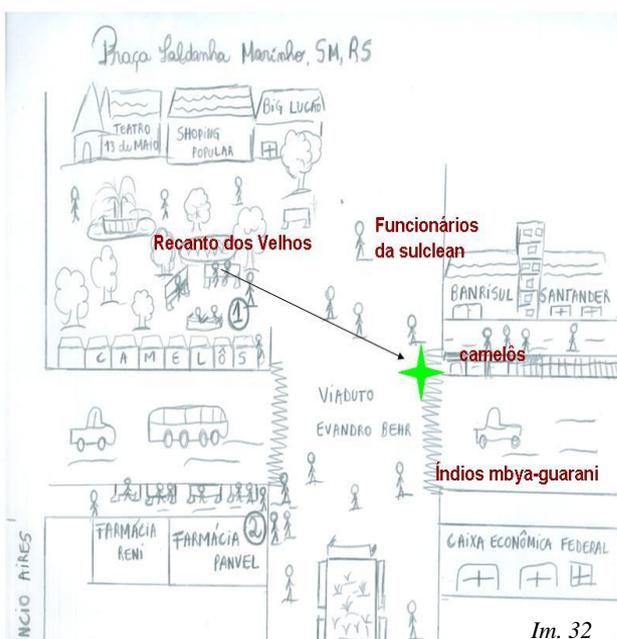
Por outro lado, a possibilidade do falecimento de algum deles e em decorrência disso, a suspensão dos seus encontros matinais nesse espaço urbano, habitaram os meus pensamentos nessa ocasião, reforçando o fato de que os interlocutores-personagens da pesquisa que eu realizava, vivenciavam, apesar das diferentes terminologias, a “última etapa” das suas vidas.

Porém, ao observar o entorno da Praça Saldanha Marinho, finalmente os enxerguei ao longe, sobre o viaduto Evandro Behr. Fui até eles imediatamente, segurando um envelope

onde estavam algumas das fotos deles no *Recanto dos Velhos*, com as quais eu iria presentearlos. Ao chegar ao viaduto, comentei que estava lá na praça, imaginando que hoje não viriam para o Centro.

Quando comentei acerca do meu estranhamento inicial em não vê-los na praça, Luís explicou a razão: “*viemos pra cá, porque lá é muito frio! Tem muita sombra! Aqui no sol tá quentinho e lá quebraram um banco também!*” (18/07/2009).

O fato de estarem em pé e não sentados já implicava uma nova configuração à roda que o grupo formava. Desse modo, a “sociabilidade lúdica” que se engendrava em um outro espaço também colocava-os em proximidade com outros grupos, que não os mesmos lá da praça Saldanha Marinho, configurando novas apropriações do espaço.



Diga-se de passagem, não era mais o engraxate e seus clientes que estavam ao lado, mas sim, os índios Kaingang e Mbyá-Guarani que expunham os seus artesanatos para a venda no chão do viaduto. Um pouco mais a frente, estava uma banca de camelô (vendedor ambulante) a vender objetos diversos, a primeira de uma série de bancas similares que se dispunham na lateral do Barrisul.

A itinerância do grupo para um outro espaço “*mais quentinho*”, em decorrência de uma disposição

climática, evidencia a influência das variações ambientais nas práticas cotidianas e nos deslocamentos dos grupos urbanos, uma questão por vezes relegada por nós antropólogos, tendo em vista o risco de recairmos em um determinismo geográfico.

Nesse sentido, a mobilidade do *Recanto dos Velhos* atentou-me para a importância de pensar sobre as implicações climáticas, e, portanto, ecológicas, na dinâmica de apropriação e uso do espaço, tal como destaca Evans-Pritchard (1978), em sua descrição acerca do sistema ecológico Nuer.²⁸

Por outro lado, a itinerância do grupo por entre outros espaços no Centro da cidade, remete à ênfase dada pelo biólogo e antropólogo Tim Ingold (2000) à “percepção do

²⁸ Destaca-se também a perspectiva ecológica enfatizada por Fredrik Barth (2000), ao apontar a mobilidade e itinerância dos grupos étnicos.

ambiente” por parte dos seres, a partir do seu conceito de *skills*, que refere-se às habilidades apreendidas pela relação com um dado ambiente. Desse modo, pensei, todos somos um pouco Nuer, sujeitos a incorporar *skills*.

Eu continuei esse introspectivo diálogo teórico ao observar, quando me aproximei do grupo e observei que Luís e Zulmir estavam com a barba por fazer, provavelmente por causa do frio intenso dos últimos dias, visto que geralmente os vejo com a barba feita.

Depois disso, retirei as fotos do envelope e brinquei perguntando-lhes se eles eram aqueles senhores que estavam aparecendo nas imagens. Enquanto manuseavam as fotografias, emitiram comentários jocosos e observando detalhes dos quais ainda não tinham se dado por conta, como por exemplo, o “*tamanho da árvore e a sombra boa que ela vai fazer no verão*”, referindo-se a uma árvore próxima ao banco onde sentam-se na Praça Saldanha Marinho.

Alguns minutos depois, o grupo se desfez e eu acompanhei Luís e Zulmir em seus deslocamentos pelo Calçadão. Aproximava-se do meio-dia, quando passamos em frente a um grupo de crianças mbyá-guarani, que estavam cantando e dançando ao som de um violão.

Zulmir parou um instante, contemplou-os e pediu que eu tirasse uma foto deles, dizendo-me: “*acho coisa mais linda essa música deles! Tira uma foto minha com eles para eu ficar de recordação dos “indiozinhos! E depois me dá uma cópia! Quero fazer um pôster bem grande e dar pra eles de presente.*” (18/07/2009).

A atitude desse aposentado *habitué* do Centro de Santa Maria, além de demonstrar que ele engendra deslocamentos e itinerários próprios e específicos nesse espaço da cidade, demonstra que o mesmo tece algumas interações com outros personagens que compõem esse cenário urbano.

Diga-se de passagem, essa prática difere-se daquelas de alguns *habitués* da *Boca Maldita*, por exemplo, cuja interação com outros usuários do Centro tende a ser menos freqüente, conforme será demonstrado mais a frente.

Desse modo, a itinerância dos aposentados do *Recanto* entre outros espaços no Centro da cidade a fim de (re)configurar as suas formas de sociabilidade, pode ser traçada da seguinte forma: no verão, ficam na praça, que por ser arborizada, torna-se um espaço “*mais fresquinho*”; no inverno, entretanto, deslocam-se até o calçadão ou viaduto, cuja presença do sol torna esses locais mais “*quentinhos*”.



Im. 33



Im. 34



Im. 35



Im. 36



Im.37



Im. 38



Im. 39



Im.40

2.2 A “*Esquina do Cotovelo*”

O primeiro território de sociabilidade entre aposentados, identificado a partir do trabalho de campo realizado no Centro de Santa Maria, foi o auto-denominado *Recanto dos Velhos*, que se configura a partir de formas específicas de apropriação de um espaço urbano, localizado na Praça Saldanha Marinho.

Desse modo, constatou-se a partir da inserção etnográfica, que o uso desse espaço público por parte dos seus *habitués* ocorre principalmente pela manhã, entre 9h30min e 11 horas, de segunda a sexta-feira e excepcionalmente aos sábados. No período da tarde, os usuários desse espaço são outros pedestres, que julgo serem mais “ocasionais”, variando em faixa etária, gênero etc.

Porém, a partir dos deslocamentos que eu realizara pelo Centro, foi possível identificar outros territórios ao longo das duas quadras que compõem o Calçadão da cidade. Entre eles, está a *Esquina do Cotovelo*, que se configura na esquina da farmácia Panvel, na extremidade do Calçadão próxima ao viaduto que o une à Praça Saldanha Marinho.

Trata-se de um outro território de sociabilidade entre idosos, que, conforme já dito, fora evocado por algumas pessoas que moram na cidade, o que demonstra de algum modo, o seu reconhecimento enquanto um território que constitui a memória coletiva dos habitantes da cidade de Santa Maria.

No decorrer da minha inserção etnográfica nesse território, enquanto hesitava em como me inserir junto aos seus *habitués*, ao observá-los à distância, parecia-me que eles formavam um grupo bastante coeso.

Na primeira observação participante que eu realizara, em setembro de 2009, contei-os mentalmente: estavam entre onze, sete deles estavam sentados e os outros quatro, em pé, em frente aos bancos, conversando e gesticulando com as mãos. A quantidade de idosos que ocupavam cerca de três bancos fixos, dispostos um ao lado do outro, como que formando uma linha horizontal, já indicava algumas peculiaridades quanto às formas de ocupação do espaço, assim como nas formas de sociabilidade tecidas no mesmo.

Desse modo, essa configuração espacial diferenciava-se bastante daquela do *Recanto dos Velhos*, na Praça Saldanha Marinho, na qual os bancos fixos próximos a um canteiro tendem a formar um quadrilátero, configurando uma espécie de recanto, possibilitando que as pessoas se enxerguem melhor. Perguntava-me: quem eram aqueles idosos? Em que turnos e horários do dia ali permaneciam? Que atividades profissionais exerciam ou ainda exercem? Onde moravam? Como se deslocavam até o Centro? De onde se conheciam? Por que ficavam naquele local?

Atentava-me para o fato de que o encontro etnográfico seria mais uma vez perpassado não apenas por questões geracionais, mas também por questões de gênero. Como seria a negociação da minha presença junto a um novo grupo, tendo em vista que a noção de “negociação” implica no “reconhecimento da diferença como elemento constitutivo da sociedade”, conforme destaca Velho (1981:21)?

Até então, a possibilidade de uma “rejeição nativa” me atemorizava, foi então que avistei Cirilo que estava em pé junto ao grupo, próximo aos bancos, conversando com outros três senhores. Ele é um dos *habitués* do *Recanto*, que se tornou nessa ocasião, um inesperado e muito “bem-vindo” mediador entre mim e o novo grupo.

Quando me viu, cumprimentou-me com o seu largo sorriso habitual, comentando que achou que eu só *apareceria* em Santa Maria mais para o final do mês Apresentou-me aos demais dizendo: “*essa é uma amiga nossa que mora lá na capital! Ela vai lá na praça de manhã para conversar com nós porque ela está fazendo uma pesquisa!*” (06/09/2009).

Por alguns instantes, Cirilo e os outros idosos que ali estavam continuaram a dialogar sobre assuntos diversos, de modo que a minha presença ia passando despercebida. Porém, percebi que ele estava mais falante do que costuma ser lá no *Recanto dos Velhos*, mantendo uma *performance* diferenciada, mantendo diálogos jocosos com os demais *habitués* na *Esquina do Cotovelo*.

Esse comportamento social diferenciado devia-se em grande medida ao fato de tratar-se de uma outra “cena social”, cujos “cenários, atores e papéis sociais” também eram outros, tal como nos indicam os pressupostos teóricos do interacionismo simbólico (Goffman, 1973).

Sob a perspectiva desse sociólogo, quando um ator social está na presença de um público, a sua representação tende a incorporar e a ilustrar o “repertório simbólico apropriado”, utilizado para “dar brilho às representações cotidianas, lhes conferindo um estilo socialmente valorizado” (Goffman, 1973:41).

Por outro lado, a presença de Cirilo assim como a de Joaquim, no *Recanto dos Velhos*, pela manhã, e na *Esquina do Cotovelo* à tarde, demonstra o “potencial de metamorfose” (Velho, 2003) presente nos indivíduos.

Desse modo, mesmo nas passagens e no trânsito entre domínios e experiências mais diferenciadas, ocorre a manutenção de uma identidade vinculada a grupos de referência, implementada através de “mecanismos socializadores básicos contrastivos” (Velho, 2003), como família, etnia, região, vizinhança, religião, e, no caso em questão, o trabalho na VFRGS/RFFSA.

O trânsito entre os diferentes mundos, planos e “províncias de significado” torna-se possível, de acordo com Gilberto Velho (2003), devido ao caráter simbólico da construção social da realidade.

Diga-se de passagem, as jocosidades expressas nas falas de Cirilo nessa “cena social”, revelavam, do mesmo modo, o humor com o qual os demais idosos da *Esquina do Cotovelo*, falavam de si mesmos e das práticas sociais que engendravam nesse território. Enquanto eu falava acerca da minha pesquisa para dois idosos que estavam juntos ao Cirilo, um terceiro interpelou:

“Aqui é a esquina do cutuco... do cotovelo! Só tem ferroviários aposentados que ficam sentados aqui para olhar as mulheres bonitas que passam. É por isso que chamam de Esquina do Cotovelo!” (06/05/2009).

Ao ouvir isso, um outro senhor portando uma expressão facial mais séria, aproximou-se, apresentando-se como membro da associação dos “*ex-ferroviários*” de Santa Maria, dizendo que “*não vinham ali pra esquina só pra isso*”.

Comentei com ele que não os via naquele espaço urbano no turno da manhã, então, ele me respondeu que preferem ir à tarde, depois da “*sesta*”. Relatou-me ainda que nesse período do dia, alguns deles encontram-se primeiro na sede da Associação dos Aposentados da Viação Férrea, tomam um cafezinho e depois “*sobem para o Centro*”.

Essa prática, ao soar-me como um ritual cotidiano protagonizado por esses aposentados, remeteu-me por outro lado, a afirmação de Mariza Peirano (2003:09) de que “a compreensão do que é um ritual não pode ser antecipada, ela precisa ser etnográfica, isto é, apreendida pelo pesquisador em campo junto ao grupo que ele observa”.

Quando manifestei meu interesse pelas atividades da Associação, sua localização e horários de funcionamento, ele me convidou para visitá-la da próxima vez que eu fosse a Santa Maria.

2.2.1 Entre “cutucar” e militar

A maioria dos idosos *habitués* do *Recanto dos Velhos* eram ferroviários aposentados, assim como aqueles da *Esquina do Cotovelo*. Porém, o trabalho de campo apontou que as suas “províncias de significados” (Velho, 2003) são outras, assinalando mais uma vez, a heterogeneidade da categoria “*ferroviário*”, assim como da categoria “*aposentados do Centro*”.

Observa-se nesse sentido, que na *Esquina do Cotovelo*, o pertencimento a essa categoria profissional era mais recorrente, sendo que em certas situações de trabalho de campo, eu ouvira referirem-se à “*esquina da Panela*”, enquanto a “*esquina dos ferroviários*”.

Do mesmo modo, a referência às mulheres enquanto um dos motivos para estarem no Centro da cidade ocorria em ambos, embora fosse assumida de modo mais espontâneo na *Esquina do Cotovelo*, tal como ocorreu já nas primeiras interlocuções etnográficas mencionadas acima.

Porém, uma outra peculiaridade delineia algumas das feições a esse território de sociabilidade: a militância. A partir de uma investigação junto a aposentados de classes trabalhadoras, ao assinalar a peculiaridade do envelhecimento masculino, Júlio Simões (2004) destaca que “os ‘aposentados-militantes’ se esforçam para ter uma vida pública porque encontram na luta política um meio de se conservar ativos a de elaborar projetos para o futuro” (2004:53).

Por outro lado, as práticas advindas da militância demonstram que a forma de sociabilidade tecida em uma determinada esquina da cidade, está para além da contemplação das “*mulheres bonitas que passam*”, como eles mesmos admitiram.

Nesse sentido, verificam-se as implicações a essa forma de sociabilidade, do processo de manutenção de vínculos com a extinta VFRGS-RFFSA, através de causas jurídicas contra o poder público estadual, que consistem, sobretudo, numa “estratégia de duração no tempo social” e reafirmação do pertencimento a uma categoria profissional. Entre essas implicações está o fato de que os assuntos relacionados aos trâmites burocráticos dessas causas consistem no principal “conteúdo dessa forma de sociabilidade” (Simmel, 1983).

Ali na esquina é o “*segundo estágio*”, como me dissera Odon, *habitué* do Centro de Santa Maria, que de manhã costuma “*subir*” até o *Recanto*, e à tarde, “*dá uma passadinha na Esquina do cutuco*” a fim de saber as “*novidades da categoria*”.

A referência à *Esquina do Cotovelo* como um lugar onde os ferroviários atualizam as notícias acerca dos processos jurídicos que envolvem a sua classe profissional, também apareceu no decorrer da entrevista que eu realizara com Zulmir, que raramente vai até a esse território, mas, porém, “*sobe*” quase todas as manhãs até à Praça Saldanha Marinho, no *Recanto dos Velhos*:

“*Eu ‘subo’ para bater papo com a turma! Fazer o quê aqui no Centro? Comprar, não, porque eu não gosto da gastar! Venho pra bater papo com a turma, ficar ali no nosso recantinho... E também pra ficar por dentro, saber de alguma novidade, alguma coisa. Mas eu não sou muito curioso, tem cara que só vem aí pro Centro para saber negócio de dinheiro! Tem uma turma aí que só vem pra isso: ‘não tem nada novo? Não sabe se vai vir alguma coisa aí da justiça e tal?’. Ainda hoje tinha um comentário lá na esquina, que ia vir não sei o quê, estavam lá perguntando pro Zé do Bar...*” (24/09/2009).

A partir da proposta de uma “sociologia das formas”, George Simmel (1983) afirma que os “materiais”, ou seja, os “conteúdos que preenchem a vida social” tornam-se autônomos dos objetos que criaram e através dos quais eram utilizáveis para os nossos propósitos.

Nesse sentido, Simmel (1983) traz a arte e o direito como exemplos de conteúdos que se autonomizaram, demonstrando que a “reviravolta completa” da determinação das formas pelo conteúdo da vida social é um processo que consiste numa espécie de “jogo social”, que separa as “formas” e os “conteúdos” na vida societária.

O propósito dos ferroviários aposentados em atualizarem-se acerca de processos jurídicos da categoria, através de “*um bate-papo na Esquina do Cotovelo*”, além de corroborar a autonomização do direito referida pelo autor, demonstra que o mesmo consiste em um dos conteúdos que tecem uma forma específica de “sociabilidade lúdica” em uma das esquinas da cidade.

Por outro lado, verifica-se que os “limiares de sociabilidade” são transpostos na medida em que os aposentados *habitués* do *Recanto dos Velhos*, interagem com aqueles da *Esquina do Cotovelo*, “motivados por propósitos e conteúdos objetivos, e, quando seus aspectos subjetivos e pessoais se fazem sentir” (Simmel, 1983:171).

Haja vista, através do trabalho de campo foi possível apreender parte do percurso percorrido pelas referidas “*novidades, negócios de dinheiro e das coisas da justiça*”. Essas informações chegavam até a “*esquina*”, principalmente através dos “aposentados-militantes” (Simões, 2004), que por volta das 15 horas deslocavam-se do sindicato até a *Esquina do Cotovelo*.

2.2.2 Café sobre os trilhos

A “Associação dos Aposentados e Pensionistas Ferroviários do Rio Grande do Sul”, o “*sindicato*”, como se referem os ferroviários aposentados, localiza-se na Rua Silva Jardim, nº 1580, aproximadamente há umas seis quadras do Calçadão.

Na tarde do dia 26 de setembro de 2009, eu cheguei até a associação, por volta das 13h30min. Conforme me dissera Frederico Norberto Müller, no dia anterior, o expediente da mesma era das 11 horas às 15 horas. Por volta das 14h45min costumavam “*subir para o Centro*” em direção à *Esquina do Cotovelo*.

A fluidez dos diálogos travados com Müller, como era chamado, um ferroviário aposentado, presidente da associação por dois mandatos consecutivos — revelaram a sua experiência em falar com públicos diversos, fossem antropólogos, jornalistas, líderes

sindicais, advogados, de modo que sempre estaria “*discursando em defesa dos direitos dos aposentados da Rede*”.

A sede da associação fica no subsolo de um pequeno prédio em uma sala ampla que comporta um escritório, uma sala de estar, uma cozinha, um salão de eventos e um banheiro.

Quando cheguei à sala de estar encontravam-se reunidos oito senhores de aproximadamente 70 anos de idade. Alguns estavam em pé e os demais sentados distribuindo-se por entre três sofás. Ao centro da sala, havia uma pequena mesa, sobre a qual estava uma garrafa térmica e várias xícaras de cafezinho.

A ambiência acolhedora era por fim envolta por uma parede, cuja tintura branca entrevia-se vagamente, devido aos inúmeros quadros de diversos tamanhos nela pendurados: pôsteres, fotografias, placas de homenagens.

Na maioria desses quadros havia imagens que contavam a história do homem com as suas máquinas, ou melhor, da história desses homens com o trem, os quais estavam a minha frente numa ensolarada tarde de primavera, na “*Santa Maria da Boca do Monte*”. Eram imagens de trilhos, personagens e máquinas que evocavam o “tempo da ferrovia” e uma trajetória profissional engendrada em torno de uma instituição já extinta materialmente.

Logo após os cumprimentos, o presidente da associação, Müller e José Machado Alves, o vice, com quem eu já conversara algumas vezes no Centro da cidade, começaram a me mostrar as dependências do local.

Ao sairmos do salão de eventos — uma sala ampla com várias mesas e cadeiras onde realizam os almoços e as jantas para os associados do sindicato — nos deparamos com um altar onde estava a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Quando olho para o mesmo, imediatamente eles advertiram com veemência: “*antes de ser a padroeira do Brasil, ela foi a padroeira dos ferroviários!*”.

Apesar da ausência dos trilhos e do trem, o passeio pelas dependências da associação, pareceu uma viagem de locomotiva. O deslocamento que efetuamos no interior das suas dependências, deslocou-nos no tempo e no espaço a partir das narrativas desses dois ferroviários aposentados.

As imagens que suas memórias evocavam soavam tão profundas quanto o apito do trem, mesmo em mim que nunca andara sobre os trilhos. As paisagens vislumbradas no passeio foram muitas: Müller nos tempos de fiscal de carga, a construção da estrada de ferro que liga Santa Maria a Uruguaiana, o trem húngaro, o trem minuano e até mesmo os tais jipões e as TRM’s nas quais Zulmir, trabalhara quando “*mecânico da Rede*”.

Ao término do passeio, foi dado início ao “*ritual do cafezinho*”. Estava prestes a presenciar o que a Prof^a. Maria Catarina Zanini havia relatado em um encontro realizado no NECON, na UFSM. Nesta ocasião ela comentara que havia tomado conhecimento de que antes de subirem para o Centro, os ferroviários aposentados tomavam um cafezinho na associação.

No decorrer do ritual, conversavam sobre vários assuntos, mas principalmente sobre ações judiciais dos ferroviários contra o Governo do Estado e o Governo Federal. Tratavam-se de “aposentados-militantes”, pensei.

Perguntei-lhes se algum deles morava ou havia morado na Vila Belga, conjunto habitacional que fora construído na época em que a *Companie Auxiliare*, empresa de capital belga que inicialmente gerenciava o funcionamento da estrada de ferro Porto Alegre-Uruguaína, entre 1898-1920 (Flôres, 2008).

Eles responderam-me que não chegaram a morar nas casas da Vila Belga, atualmente tombada como patrimônio público, principalmente, porque a cedência das mesmas por parte da Rede Ferroviária, retardaria na época, o seu processo de aposentadoria.

“*Todos queriam se aposentar logo!*”, alguém comentou, fato este que desmotivava grande parte dos ferroviários a residirem nessa vila operária. A maioria dos que estavam presentes tomou café. Porém, logo após, alguns foram embora.



Im. 41, 42, 43, 44, 45 e 46 -
"Uma tarde sobre os trilhos"

No dia seguinte, o “*ritual do cafezinho*” se repetira, porém, ao se deslocaram para o Centro, tiveram uma antropóloga lhes acompanhando. Estávamos entre cinco e o nosso destino era mais precisamente a *Esquina do Cotovelo*.

No decorrer do percurso três senhores caminharam um pouco mais à frente. Num primeiro momento, fui mais atrás conversando com Müller acerca do espaço da antiga estação ferroviária e o seu estado de conservação, o que remeteu-nos mais uma vez, aos trilhos e ao trem.

Ele informou-me que no referido local, está atualmente funcionando a Secretaria Municipal da Cultura e que esta assinou um contrato de revitalização da gare da estação férrea, cujo arquiteto, dissera-me Müller entusiasmado, “*é gente de nome!*”.

Após falar-me sobre a sua participação nas reuniões que foram realizadas para tratar do referido assunto, tanto na Prefeitura Municipal como nas Universidades Franciscanas (UNIFRA), junto aos coordenadores do curso de Turismo, dessa instituição, ele acrescenta: “*Já veio até a verba! E é o neto do Niemayer que vai fazer!*”²⁹

A seguir, pus-me a conversar com José, o Zé, passando a acompanhá-lo em seu deslocamento até o Centro. Quando chegamos à *Esquina do Cotovelo*, alguns outros ferroviários aposentados já estavam por lá.

Trocaram-se saudações e aqueles que subiram do sindicato traziam novidades acerca do andamento dos últimos processos judiciais acionados pela categoria, mais especificamente acerca de uma *complementação salarial*.

Nesta tarde, acompanhei parte do processo pelo qual a esquina da farmácia Panvel, ao ser apropriada pelos *ferroviários aposentados*, passa a ser a *Esquina do Cotovelo*.

²⁹ Alguns meses depois deste “café sobre os trilhos”, quando retornei à Santa Maria para dar continuidade ao trabalho de campo, enquanto folheava alguns jornais a fim de interar-me sobre os acontecimentos locais transcorridos, deparei-me com uma notícia fazendo alusão a “visita do neto de Oscar Niemayer ao município”, referida por Müller. Ao lado da notícia, uma foto em grandes proporções, destacando o jovem arquiteto ao lado do prefeito municipal, na *gare* da antiga estação férrea.



Im. 47, 48, 49, 50 e 51 - “Entre a esquina e o cafezinho”

Na fase da escrita do presente texto etnográfico, ao revisitar a *Esquina do Cotovelo* e o “*sindicato*”, informo-lhes que no capítulo em que discorro sobre o referido território urbano, refiro-me ao mesmo enquanto a *Esquina do Cotovelo*, cujos freqüentadores assíduos são ferroviários aposentados. Porém, após esse comentário, o silêncio que pairou no ar, imediatamente levou-me a pensar não que haviam gostado de tal referência. Enquanto eu pensava em como contornar a situação, Lucindo Minato, 74 anos, corrige o nome dizendo-me em tom jocoso e veemente: “*opa! Esquina, não! É a quadra do cotovelo! Olha o monte de bancos que tem aqui, é quase uma quadra! E cheia de ferroviários!* [risos]”.

A jocosa “correção”, além de denunciar que o silêncio fora proposital, demonstrou, mais uma vez, que os *habitués* da *Esquina do Cotovelo* sentem orgulho em freqüentá-la, inscrevendo no Centro da cidade uma forma particular de “enunciação pedestre” (De Certeau, 1994), fortemente associada ao pertencimento a uma categoria profissional.

2.3 “Boca” à dentro: sociabilidades na Galeria Chami



Im. 52

Até um determinado período da pesquisa etnográfica, eu costumava alternar o meu trabalho de campo realizando observações participantes pela manhã, junto ao *Recanto dos Velhos*, na Praça Saldanha Marinho, e, pela tarde, na *Esquina do Cotovelo*, no Calçadão, em frente à farmácia Panvel.

Essa ordenação temporal das atividades do trabalho de campo pautava-se na dinâmica temporal engendrada pelas práticas cotidianas dos aposentados em suas “regiões morais” (Park, 1979), tendo em vista que as formas de sociabilidade engendradas no *Recanto dos Velhos* configuravam-se pela manhã, e na *Esquina do Cotovelo*, à tarde. Desse modo, algumas pessoas como Joaquim, Cirilo e Odon, por exemplo, freqüentavam a Praça Saldanha Marinho em um turno, e a *Esquina do Cotovelo* em outro.

Porém, na fase final da pesquisa etnográfica, me inseri em um outro território no Centro da cidade, a denominada *Boca Maldita*. Trata-se de mais um, entre os tantos territórios de sociabilidade, engendrados por diferentes atores sociais nesse espaço urbano da cidade de Santa Maria.

Esse território, localizado na Galeria Chami, tradicional ponto de comércio no Calçadão, concentra, entre outros atores sociais, um grande número de homens idosos, cuja presença se dá pela manhã e pela tarde.

Eu tinha um pouco de resistência em me inserir na *Boca Maldita*. Várias vezes — após sair do trabalho de campo no *Recanto dos Velhos* e na *Esquina do Cotovelo* — sentava-me em um banco no Calçadão e fitava esse território de sociabilidade à distância, com receio de me inserir no mesmo e não ser aceita.

Ao observar a coesão dos grupos que ali se formavam, supunha que a mesma implicasse em relações hostis para com os “estrangeiros ou estrangeiras” que tentassem adentrar em alguma das várias rodas de conversa que se configuravam no espaço da Galeria Chami.

Por outro lado, inferia que seus freqüentadores pertencessem às camadas médias urbanas, uma camada social com a qual eu não tinha muita experiência de trabalho de campo, o que em parte deixava-me um pouco apreensiva.

Apesar dessas constatações e reflexões iniciais, “adentrei na *Boca*”. Inicialmente me dirigi ao caixa do Café Expresso e perguntei ao proprietário Roberto, se ali era a *Boca Maldita* e se ele poderia me conseguir um exemplar do Informativo Boca Maldita, cuja existência soubera ao conversar com Paulinho, no Calçadão.

O dono do estabelecimento, após responder com um visível orgulho, “*que sim, que ali era a Boca*”, apontou o dedo em direção a uma roda de senhores próxima ao balcão, dizendo: “*lá estão os cabeça! Pode ir lá, que são todos gente boa! Eles te conseguem o jornal*” (08/10/2009).

Enquanto me deslocava até o balcão, percebi que “*os cabeça*” viram que eu e Roberto tínhamos feito menção a eles no decorrer de nossa breve conversa, de modo que já estavam a postos para me recepcionar. Claiton, Alcemar, Roberto, Cláudio, Sérgio e Élvio (ou, para quem preferir, Quero-Quero, Mandioca, Água, Claudião, Serjão e Goleiro Mão) foram os meus primeiros interlocutores neste território de sociabilidade masculina que se configura em um espaço da Galeria Chami, em torno do balcão de uma cafeteria.

Na *Boca Maldita*, tal como se referem os seus *habitués* e demais cidadãos, ocorrem conversas cotidianas sobre futebol e acontecimentos relacionados à vida política santamariense. Haja vista, esse território constitui a memória coletiva da cidade de Santa Maria, inclusive tendo sido notícia em jornais locais e de grande circulação no estado, como o jornal Zero Hora.

Ao ser entrevistado, para fins de uma dessas matérias, o professor e poeta santamariense Humberto Gabbi Zanatta (2008), diz acreditar que:

“O apelido do espaço da Chami, onde se formam rodas de amigos em torno do cafezinho, inspirou-se na Boca curitibana. Boca Maldita também era um dos apelidos de Gregório de Matos, poeta baiano do século XVII, que dizia o que pensava com mordacidade, sem censura” (Zero Hora, 27/09/2008).

Percebe-se, desse modo que “a ‘boca’ é famosa”, como me dissera um dos seus freqüentadores, logo nas primeiras inserções etnográficas nesse “espaço da Chami”, conforme se referiu Zanatta (2008).

Na capa da primeira edição do Informativo Boca Maldita, Enelson Oliveira, um dos colonistas do mesmo e *habitué* do referido território explica, por sua vez, que “a Boca Maldita surgiu dos encontros diários que ocorrem nos recintos da Galeria Chami, principalmente entre os santamarienses veteranos praticantes de futebol de campo da nossa cidade” (Informativo Boca Maldita, agosto-setembro/2009, n 01).

Tendo em vista que a *Boca Maldita* é um território de sociabilidade que se configura no espaço privado de uma galeria, mais especificamente, em uma cafeteria, convém tecer um diálogo teórico com autores que analisaram os espaços dos “cafés”.

O século XVIII, de acordo com Àries e Duby (1989) é marcado pelos clubes, cafés e sociedades recreativas fora do âmbito doméstico, como um fenômeno próprio da urbanização, implicando em novas significações às categorias “público” e “privado”.

Por outro lado, Richard Sennet (1988) assinala que no decorrer do século XIX, os cafés são o “lugar do discurso”, de modo que, assim como os bares, passam a ser espaços nos quais se articula uma transição complexa entre o “público” e o “privado”.

A partir dessas considerações, percebe-se que a distinção entre o “público” e o “privado” foi um processo sob certo aspecto, construído historicamente nas cidades, de modo que os cafés passam a ser os lugares privilegiados de encontros e reuniões constituindo parte significativa da socialização dos indivíduos.

Porém, a “vida pública” torna-se característica da população masculina, sendo que “no século XIX a fala masculina prefere os cafés” (Sennet, 1988:119). Entretanto, destaca o autor, esses “cafés” são ainda percebidos pelas autoridades públicas e segmentos de elite, como

“focos de perdição”, o que talvez em parte ajude a compreender a associação do apelido de um “espaço na Chami”, um “café”, enquanto um espaço “maldito”.³⁰

Por fim, destaca-se a afirmação de Michel Bozon (1984:75) de que “a frequência nos cafés deve de ser analisada em termos de sociabilidade mais do que em termos de consumo”.

Sob essa perspectiva, ao discorrer sobre o significado social dos cafés, na cidade de Porto Alegre, ao longo do século XX, Bernardo Lewgoy (2009) assinala que até meados de 1940, os cafés consistiram em espaços de distinção masculinos, e, sobretudo, como “emblemas da distinção no estilo de vida e identidade social de segmentos abastados” (Lewgoy, 2009:11), sendo que a partir da implantação do Estado Novo e da consolidação de uma sociedade de massas, eles emergem como um espaço de igualdade.

Por fim, esse antropólogo assinala a conexão dos cafés com as formas de sociabilidade que se desenrolam no presente, reafirmando-se desse modo, “o enraizamento de certos lugares na memória coletiva” (Lewgoy, 2009:13).

O variado universo masculino que freqüenta assiduamente a *Boca Maldita* é composto por homens na faixa etária dos 40 a 65 anos de idade, que ao contrário das minhas prévias impressões, são oriundos de diferentes camadas sociais.

Na primeira manhã que estive junto aos *habitués* da *Boca Maldita*, as conversas giravam em torno das partidas de futebol previstas para o final de semana. Quando perguntei para quais times torciam ou jogavam, imediatamente encheram-me de informações: endereços de *sites* dos times, nome dos treinadores, cartões de visita profissionais, etc.

Desse modo, logo percebi que estava entre profissionais de diferentes camadas sociais e atividades profissionais: um falava das aulas que ministrava na UFSM, outro falava ser treinador de futebol amador e alguém fez alusão à contribuição ao INSS.

O gosto pelo cigarro e o cafezinho é praticamente uma unanimidade, de modo que tais elementos operam enquanto “signos de distinção” (Bourdieu, 2008), que denotam um “estilo de vida” (Velho, 1981) diferenciando-se das práticas engendradas pelos aposentados do *Recanto dos Velhos*, na Praça Saldanha Marinho, assim como pelos aposentados *habitués* da *Esquina do Cotovelo* em frente à farmácia Panvel, cuja forma de sociabilidade é a “conversação” (Simmel, 1983), onde inexistem tais signos distintivos.

³⁰ Ao pontuar que no decorrer do século XX, a apropriação do espaço público através dos cafés toma outra conotação, Jardim (1991) assinala que os cafés dos anos 20 e 40, na cidade de Porto Alegre trazem como repertório básico um estilo de vida europeu de segmentos de elite local.

2.3.1 Os “dons e as dádivas”: os bancos e os cafés em espaços públicos e privados

Na *Boca Maldita* as pequenas gentilezas destinadas a mim enquanto pesquisadora, as quais eu considereei como formas de expressar a aceitação da minha presença junto aos grupos que compõem o cenário dos referidos territórios de sociabilidade, foram outras.

No “*Recanto*”, assim como na “*Esquina*”, essas gentilezas demonstradas pelos seus *habitués* consistiam, sobretudo, em cederem-me um espaço no banco para que eu sentasse, levantando-se dos mesmos para assim fazê-lo.

Ao adentrar na “*Boca*”, os “dons e os contra-dons” que configuram os sistemas de trocas e as relações de reciprocidade (Mauss, 1974), expressaram-se em cafezinhos: certa vez, eu ganhara quatro cafés expressos em menos de uma hora!

Diga-se de passagem, na *Boca Maldita*, as várias rodas de conversa, não se formavam em torno de bancos de concreto como no “*Recanto*” e na “*Esquina*”, cuja fixidez dos mesmos permite aos que neles sentam, uma maior contemplação da rua, do bairro Centro e do fluxo urbano.

Algumas das peculiaridades e das diferenças nas configurações espaciais e simbólicas desse espaço da Galeria Chami, assim como das formas de sociabilidade nele engendradas, são destacadas na fala de Zeir, que possui 65 anos, um dos habituais frequentadores do mesmo:

“Guria, seja bem-vinda aqui! Tu acabou de chegar ao mundo do paraíso! Aqui é tudo de bom! Meus filhos até reclamam de eu vir tanto pra cá, isso que o meu ‘expediente é só de manhã’! Nós temos um mundo aqui! Sabe, às vezes eu penso e até falo pro pessoal, que a gente tinha que se esparramar um pouco. Sair daqui da Galeria, do balcão, porque nós nem sabemos o que acontece aqui no Centro, aí pela volta!” [finaliza apontando em direção ao Calçadão] (06/10/2009).

Por outro lado, os usos e as apropriações de uma galeria, uma esquina, uma praça, espaços urbanos territorializados a partir dos investimentos simbólicos dos seus *habitués*, implicam em processos distintos de apropriação, sobretudo, pelo fato de que os dois primeiros consistem em espaços públicos no Centro da cidade e o último, em um espaço privado.

As fronteiras entre o espaço público, da “rua” e o espaço privado da “casa” segundo Roberto DaMatta (1985) são móveis e instáveis de modo que esses espaços são plenos de significações na medida que permitem a “atualização da vida social”.

Por sua vez, Michel De Certeau (1994) assinala que o “lugar” consiste em uma “configuração instantânea de posições”, e o “espaço”, por sua vez, corresponde a um “lugar praticado” que acomoda diferentes ritmos sociais e delineando fronteiras em torno de tais espaços.

A diluição e a fusão das fronteiras entre o “público” e o “privado”, nos territórios de sociabilidade etnografados no Centro de Santa Maria, foram perceptíveis em vários momentos.

Desse modo, alguns bancos de concreto de uma praça pública, assim como aqueles de uma determinada esquina da cidade, enquanto “rua” e, portanto, da ordem do “público”, na medida em que seus *habitués* chegavam e sentavam-se, logo se transformavam em uma sala de visitas. Os seus freqüentadores, porém, eram minuciosamente escolhidos através de diferentes práticas que visavam à manutenção desse espaço público enquanto um “território de sociabilidade”.

As estratégias de manutenção das fronteiras simbólicas que estabeleciam entre seus territórios variavam desde uma *cara feia* até uma sincera recusa verbalmente expressa destinada aos “estrangeiros” que tentassem a inserção nos seus territórios, definindo e (re)atualizando, desse modo, os seus “estabelecidos” e os seus “outsiders” (Elias e Scotson, 2000).

Entretanto, na *Boca Maldita*, o entrevir até o balcão em busca do cafezinho e do cigarro, assim como o recostar-se no mesmo e logo retornar à Galeria ou até o Calçadão, além de conferirem um outro ritmo a esse território de sociabilidade, revelavam que o espaço “privado” de um estabelecimento comercial tornava-se coextensivo ao espaço da “rua”, do “público”.

Por outro lado, as conversas entrecruzavam-se, interrompiam-se, sendo que raras vezes eram retomadas em uma cadeia narrativa a fim de dar seqüência ao assunto uma vez iniciado.

Desse modo, o ritmo narrativo dos “*veteranos do futebol*” contrastava com as narrativas cadenciadas dos aposentados ferroviários da “*Esquina*” e do “*Recanto*”. Ao contrário destes, os *habitués* da “*Boca*” não pareciam contemplativos, envoltos num tempo reflexivo que se desdobra no ato narrativo. Não narravam o “tempo e a cidade”, com olhares efusivos e distantes, tendo em vista que as conversas eram interrompidas a cada chegada ou saída de um novo interlocutor.

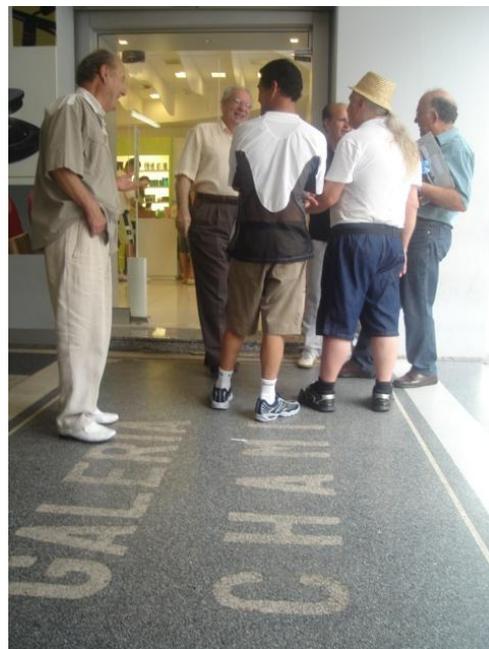
As rodas de conversa compunham-se e desfaziam-se rapidamente e as narrativas eram realizadas em movimento, a partir dos seus vários deslocamentos em direção a outra roda ou ao balcão, a fim de conversar com uma outra pessoa ou buscar o próximo cafezinho.

Por outro lado, as conversas acerca do futebol e as previsões sobre a partida de futebol no dia seguinte, pareciam acelerar o tempo, desdobrando-o no devir. Os deslocamentos constantes e imprecisos no espaço combinavam com a incerteza do tempo futuro, de modo

que a expectativa era que o tempo passasse logo para que as inúmeras previsões se confirmassem ou não.



Im. 53



Im. 54



Im. 55



Im. 56

Milton Machado, o Machadinho, como é chamado, entre um palpite e outro, dissera-me: “*aqui na Boca estamos sempre falando do próximo jogo! Só na segunda-feira que voltamos pra trás um pouco, pra comentar o jogo de sábado. Mas no resto da semana, é só falando do que pode acontecer no próximo jogo*” (06/10/2009).

Desse modo, a partir da pesquisa etnográfica, constatou-se que o jogo temporal que se configurava na “Boca” revelava uma sobreposição temporal que se estabelecia entre o devir e o passado recente, marcado, sobretudo, pelas últimas partidas de futebol.

Quando expliquei no que consistia a minha pesquisa etnográfica, mencionei os demais territórios de sociabilidade entre aposentados no Centro da cidade em que eu realizava

observações participantes. Logo após, um deles assinalou: “*ah, lá na Esquina do Cotovelo é só passado, é só a ferrovia! Só tem ferroviário aposentado lá!*” (22/10/2009).

Nesta mesma ocasião, alguns instantes após, chegara por entre as diversas rodas que se configuravam na Galeria Chami, um senhor afro-descendente, alto e simpático. Parecia ser bastante respeitado pelos demais, uma impressão que aumentava, na medida em que eu via o quanto o seu nome e a sua presença eram evocados.

Tratava-se de Zenóbio Pujol, o Zeir. Após trocarem cumprimentos e algumas jocosidades alusivas ao futebol, Milton Machado, o “*Machadinho*,” destacou em tom respeitoso: “*esse é um dos fundadores aqui da Boca*”.

Esse *habitué* e “*fundador*”, conforme ouvira, virou-se para mim, apertou a minha mão e apresentou-se formalmente: “*sou Zeir Pujol, 65 anos, residente na Av. Itaimbé, número 75, a sua disposição*”. Os demais *habitués* que estavam na roda, entre eles, Roberto, Machadinho e Alcemar, disseram a Zeir que eu era uma pesquisadora que estava realizando “*uma pesquisa no Centro*”. Alguns complementaram, entusiasmados: “*ela está pesquisando a Boca!*”.

A maioria dos freqüentadores com quem eu conversara até então, mostravam-se lisonjeados pela presença de uma pesquisadora junto a eles, na medida em que esta queria pesquisar a *Boca Maldita*. Desse modo, apresentavam-me uns aos outros, dizendo com euforia em qual time de futebol de “*veteranos*” jogavam, onde seria o próximo jogo, etc.

Por outro lado, somava-se ao jogo temporal entre o devir e o passado recente, a busca por uma visibilidade e por um reconhecimento público por parte dos freqüentadores da *Boca Maldita*.

Os seus esforços em dar um caráter institucional à *Boca Maldita* através do informativo bimestral, da camiseta com um logotipo criado especialmente para o uso dos freqüentadores do território, assim como as práticas de assistência social, mostravam-se como estratégias nesse sentido, delineando identidades e pertencimentos.

Nesse sentido, a aceitação de uma pesquisadora na *Boca Maldita* era mais uma possibilidade de divulgar o espaço mostrando como a “*Boca era por dentro*”, como disseram. Haja vista, já nos primeiros encontros etnográficos, os *habitués* da *Boca Maldita* elencaram algumas das práticas de cunho assistencial que realizavam, como a participação na Campanha do Agasalho e na Campanha do Brinquedo promovidas pela prefeitura municipal: “*a Boca não é tão maldita assim! Nós fizemos o bem também!*”, dissera-me Zeir, certa manhã.



CONVOCAÇÃO

Convocamos a todos os integrantes da “Boca Maldita” para o GRENAL comemorativo aos sete anos de atividades da nossa entidade, conforme programação abaixo:

DATA: 12/10/2009

HORÁRIO: 10:00 horas

LOCAL : CAMPO DO IMEMBUY

EVENTO: GRENAL DA BOCA MALDITA

TREINADOR DO GRÊMIO : “PROF. MANDIOCA”

TREINADOR DO INTER : “PROF CLAUDIÃO”

OBS.: Todos os atletas deverão levar camisas de seus times.

IMPORTANTE:

LEVAR BRINQUEDOS QUE SERÃO POSTERIORMENTE DOADOS.

COORDENADORES:

CLAUDIÃO , ZEIR, SERJÃO

Im. 57



Im. 58

2.3.2 “E o mais importante e emocionante é uma partida de futebol...”³¹

A maioria das observações participantes realizadas na *Boca Maldita* transcorreu no período em que estava sendo realizado o Campeonato de Veteranos de Futebol de Campo de Santa Maria, que segundo várias pessoas, tratava-se de um dos maiores do Brasil nessa modalidade esportiva.

Esse campeonato anual, que ocorre na cidade de Santa Maria desde 1987, congregando uma média de 71 equipes de “*atletas veteranos santamarienses*” divididos em categorias que vão dos 35 anos aos 65 anos, estrutura-se em três eventos anuais: a Copa prefeito, a Copa Amizade e a Copa Verão. Os jogos que estavam acontecendo no decorrer do trabalho de campo eram em decorrência da Copa da Amizade.

Nesse sentido, convém destacar a constatação de Cristian Bromberger de que as competições em torno do futebol seguem um “calendário regular e cíclico que dá ritmo às estações e à vida social, reorganizando o cotidiano, o tempo e o espaço, orientando as diversas facetas da identidade” (Bromberger *apud* Segalen 2002:81). Percebe-se, na fala abaixo, um tempo social ritmado pela prática do futebol e pelo pertencimento clubístico:

“Tu viu que depois do jogo, é tudo normal, uma beleza. E assim ocorre nos campeonatos: dentro de campo, dá expulsão, gritalhada, é coice pra lá, tentativa de agressão pra cá. Terminou o jogo, acabou tudo. A gente leva assim o futebol! Na segunda-feira tem reunião pra debater as ocorrências, aí dá uma discussão... A Boca fica cheia o pessoal já viciou. É toda a semana assim! O foco é toda a semana, até sábado fica se falando desse jogo. Daí na

³¹ Trecho da música *Partida de Futebol*, do grupo musical Skank.

semana seguinte é do resultado dos outros jogos, um vem, fala do seu time, o outro também”. (Zeir, trecho de entrevista, 20/11/2009).

Devido a realização da Copa da Amizade, vários jogos concomitantes estavam ocorrendo em campos de futebol de diferentes bairros e vilas da cidade de Santa Maria, configurando uma nova dinâmica aos usos e apropriações do espaço urbano, assim como nas inter-relações entre os mesmos, como, por exemplo, entre o bairro Centro, onde está a *Boca Maldita* e a periferia, onde localiza-se a maioria desses campos de futebol. Alguns aspectos desses deslocamentos, relações e (re)apropriações são abordados no diário de campo a seguir:

∞

Nos “bastidores” de uma “vitrine”

“Tratava-se de bastidores devido aos arranjos, comentários e articulações que antecediam o ‘espetáculo do futebol’ que ocorreria algumas horas mais tarde. Por outro lado, também se tratava de uma vitrine, visto que os referidos bastidores ocorriam na visível Boca Maldita, no Centro da cidade, numa manhã quente e ensolarada. Alguém expressou verbalmente a impressão que eu sentia, não apenas pelo calor, mas principalmente pela quantidade de pessoas que ali estavam: ‘a boca está bombando!’. Eram várias rodas, várias conversas e vários palpites acerca dos jogos de futebol que ocorreriam naquele final de semana. Compareci a ‘Boca’ principalmente com o intuito de interar-me dos locais em que ocorreriam os jogos e averiguar a possibilidade de acompanhar alguma equipe em seu deslocamento até os mesmos. Porém, descobrira que ‘cada um ia por si’, como me disse o carismático ‘Claudião’, técnico do Cristal. Após me explicar onde seria o jogo do seu time e convidar-me para assisti-lo, me falou: ‘aparece lá guriazinha, nos encontramos lá, e depois tu fica pro nosso churrasquinho!’”.

Entrando em campo

“Optei por assistir ao jogo Cristal x Avenida que iniciaria às 14:00, na categoria 55 anos. Cheguei ao campo de futebol, situado na Vila Lúdia por volta das 13:30. Diga-se de passagem, essa vila é denominada por alguns habitantes de Santa Maria, como o ‘inferninho’, lugar onde, segundo eles, residem os supostos ‘traficantes’ e demais ‘perturbadores da ordem’. Nesse ambiente predominantemente masculino, configurado no campo de futebol da Associação 2 de novembro, haviam algumas mulheres com os seus filhos cuidando o portão de entrada e cobrando o valor da taxa do estacionamento. Entre os gandulas estavam ‘crianças da periferia’. Talvez, fossem os filhos dos tais ‘traficantes’. Nas arquibancadas, estavam os torcedores, em sua maioria, moradores da Vila Lúdia, cuja informação obtivera após conversar brevemente com alguns deles. Em campo, o time do Cristal contra o seu adversário, o time do Avenida. No banco de reservas, junto a alguns atletas ‘veteranos’, uma

antropóloga, que por entre os chutes a gol e as xingadas do técnico, constatava que as diferenças de classe, etnia, geração, assim como fronteiras urbanas entre o Centro e periferia entrecruzam-se e até diluem-se nos instantes em que bola está em campo. Estavam elas sendo situacionalmente, englobadas pela 'lógica do clubismo' (Damo, 2005)? Zeir, Claudião e Castelhana foram os anfitriões que me receberam um tanto surpresos dizendo: 'Tu veio mesmo?! Fica à vontade, a casa é tua e o campo também!' [risos]. Iniciada a partida, vendo o pessoal lá da Boca Maldita, congregar-se sob um time de futebol, recordei-me de Roberto DaMatta (1985:35) quando afirma que 'os momentos extraordinários nos transforma em seres exemplarmente coletivos: somos dupla, torcida, público, multidão'".

Saindo de campo

"Termina a partida: Avenida 5 x cristal 0. Em direção aos vestiários os jogadores enunciam jocosidades depreciativas entre si acerca do desempenho do time. Embora o objetivo fosse 'se distrair' como alguns disseram no início do jogo, percebiam-se algumas frustrações e diálogos tensos. O preparador e 'assador oficial' do Cristal, José Luís Castelhana, de 43 anos de idade comenta comigo: 'Eles estão no limite deles, fazer o quê?!? Ter 55, 60 anos é assim mesmo'. Após esse comentário, ele dirige-se em silêncio até a churrasqueira. O técnico Claudião, após desabafar através de 'xingamentos' direcionados a sua equipe, despede-se do grupo, recusando-se a ficar no churrasco. Os jogadores derrotados, pouco comentam acerca da partida que terminara há alguns instantes e começam a falar de outros assuntos, entre eles o churrasco que estava prestes a ser servido. Conversavam comigo e entre si sobre assuntos diversos, compartilhando os primeiros pedaços de carne que surgiam em duas tigelas brancas. O céu escuro por volta das 18:00 e o forte vento anunciavam a chuva que estava prestes a iniciar, de modo que vários 'veteranos' se preparavam para deixar as dependências do Clube 2 de Novembro, na Vila Lídia."

Voltando para casa

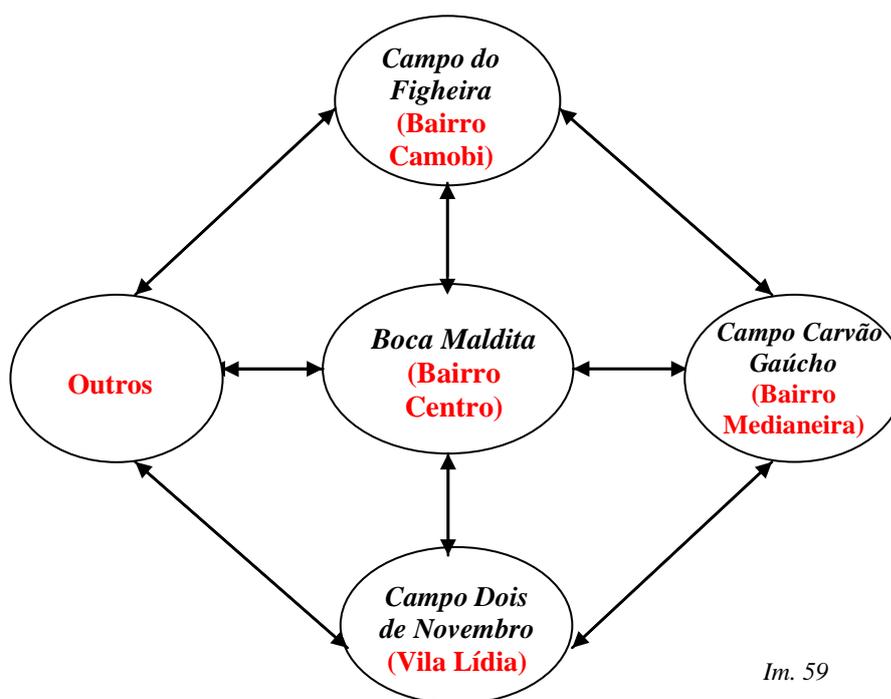
"Passado o 'ritual de inversão(?)' configurado em torno da partida de futebol e a efervescência coletiva suscitada pelo mesmo, as fronteiras reerguiam-se, assim como as posições sociais e as múltiplas identidades e pertencimentos daqueles que participaram do espetáculo. Desse modo, os jogadores rumavam, em sua maioria para o Centro da cidade e a platéia diminuta, os meninos gandula e suas mães que tiveram uma tarde de trabalho por controlarem o portão de entrada, voltavam para as suas casas na periferia, possivelmente contando os trocados ganhos e seus filhos, sonhando em serem jogadores ('veteranos?') de futebol. A antropóloga por sua vez, termina o trabalho de campo cantarolando: 'e cada qual no seu canto, em cada canto uma dor, depois que a banda [a bola] passou cantando coisas de amor'" (12/10/2009).

A antropóloga Martine Segalen (2002) assinala que se decodificarmos as dimensões rituais a partir das definições de autores clássicos como Émile Durkheim, Marcel Mauss, Van Gennep ou Victor Turner, as “práticas extralaborais”, como o futebol, por exemplo, mostram-se muito ricas em sua dimensão simbólica e ritual.

Sob essa perspectiva, ao considerar a dimensão ritual da prática de futebol amador de *veteranos* da cidade de Santa Maria, corrobora-se a constatação da autora de que “os rituais enquanto ocasiões de efervescência emocional e ‘desordem temporária’ operam uma subversão do espaço urbano, transformando-o em um espaço reconquistado” (Segalen, 2002:84).

Conforme já dito, o “*campeonato dos veteranos*”, evento sob o qual é tecida toda uma rede de relações sociais, identidades e pertencimentos, configura uma espécie de “reconquista do espaço”, ao configurar uma nova dinâmica de apropriação do espaço urbano, assim como nas inter-relações entre o Bairro Centro e a periferia.

O Futebol Amador de Veteranos e a “reconquista” do espaço urbano



Im. 59

Por outro lado, a disjunção verificada a partir da composição de duas equipes, que se confrontam em campo, embora diluam-se em rodas de conversa que se configuram na Galeria Chamí, antes e após as partidas de futebol, colocam, o “totemismo clubístico em movimento”, tal como destaca Arlei Damo (2005:405), cuja disjunção em relação ao “outro” implica na conjunção de um “nós”.

Pode-se dizer, ainda sob a perspectiva desse autor, que embora os “*veteranos*” da *Boca Maldita*, não pertençam a clubes, mas sim a times específicos, que em alguma medida, as suas identidades e alteridades recompõem-se a partir da “lógica do clubismo”.

2.3.3 O trem e o futebol: entre o lembrar e o jogar

Considero que a rápida aceitação da minha presença junto aos *habitués* da *Boca Maldita*, desde as primeiras interlocuções etnográficas com os mesmos, em grande medida explica-se pelo fato de que a minha pesquisa contribuiria de algum modo, para o reconhecimento público que buscavam obter enquanto um grupo social.

Conforme já dito, os esforços em dar um caráter institucional à *Boca Maldita* através da edição de um informativo bimestral, da confecção de uma camiseta com um logotipo criado especialmente para o uso dos freqüentadores do território, assim como as práticas de assistência social, além de demonstrarem a busca pelo reconhecimento público lembram, em uma perspectiva relacional, a presença da ordem totêmica nesse coletivo e nos indivíduos que se vinculam ao mesmo (Lévi-Strauss, 1986).

Sob a perspectiva de Eduardo Viveiros de Castro (2002), podemos considerar a imagem de uma “boca aberta”, criada pelos *habitués* da *Boca Maldita*, como sendo da ordem totêmica, onde as diferenças nas séries naturais — a boca — são usadas para a organização da ordem interna da sociedade, ou seja, do coletivo.

Por outro lado, a busca pelo reconhecimento público, através de práticas realizadas no presente, além de demonstrar o esforço de um grupo em institucionalizar-se enquanto tal, evidencia o desejo de que a “*Boca*” seja lembrada no tempo futuro a partir de referenciais simbólicos e materiais construídos no presente.

Nesse sentido, a busca pela “duração no tempo social” (Eckert e Rocha, 2005) é traçada a partir de ações coletivas no presente, valendo-se de estratégias que vão desde a aceitação de uma pesquisadora junto ao grupo, até a confecção de uma camiseta com um logotipo da *Boca Maldita* ou ainda a doação de um agasalho, por exemplo.

Desse modo, as relações tecidas com o tempo vivido e pensado, centrais para a compreensão da “dinâmica da cultura” (Durham, 1984) entre os grupos e indivíduos, apresentavam diferentes nuances e feições nos diferentes territórios de sociabilidade, no Centro de Santa Maria, algumas das quais foram apreendidas através da pesquisa etnográfica junto aos mesmos.

Nesse sentido, percebe-se que no *Recanto dos Velhos*, a relação que se estabelecia era, sobretudo, com o tempo passado. A busca pela continuidade na “duração social”, inscrevendo práticas no tempo presente, traduzia-se na prática cotidiana de “*subir para o Centro, papear com os guris na praça*”, tomar “*o cafezinho no Banrisul*” e contemplar o fluxo urbano, do qual fazem parte os “*indiozinhos*”, as “*ciganas andarilhas*” e até mesmo o “*esposo da ex-namorada*”.

Por outro lado, na *Esquina do Cotovelo*, a relação que os seus *habitués* estabeleciam com o passado traçava-se, sobretudo, a partir de suas ações trabalhistas contra uma instituição estatal já extinta, assim como através do bate-papo com os amigos do “*tempo da Rede*”, nos quais algumas vezes “*cutucavam com o cotovelo*” a fim de anunciar a passagem de uma mulher bonita.

Desse modo, entre os *habitués* desses referidos territórios, os vínculos e os pertencimentos sócio-culturais não eram (re)construídos através de universo do futebol, ou mesmo do uso de uma camiseta que indicasse a pertença ao grupo, como na *Boca Maldita*, mas, através de outros referenciais simbólicos e materiais como o “*carro pomposo do diretor*”, os trilhos, o maquinário ferroviário e até mesmo o apito do trem que algumas vezes ainda se escuta, ao alvorecer do dia, como declarou Zulmir: “*até hoje eu escuto o apito do trem, e quando clareia o dia parece que eu tenho que ir trabalhar!*” (24/09/2009).

Percebe-se, portanto, que a prática cotidiana de “*subir para o Centro*” e encontrar os ex-colegas de trabalho, além de desvelar a “*inteligibilidade narrativa da cidade*” demonstra a capacidade de redenção possibilitada pela memória (Benjamin, 1993), de modo que se compreende a relevância da tessitura conceitual entre sociabilidade, cotidiano e memória.

Diga-se de passagem, o cotidiano, de acordo com Berger e Luckmann (1983) corresponde ao lugar da experiência que permite ao sujeito deslocar-se no tempo, (re)construindo sentidos, configurando “*províncias de significado*” e atualizando o seu “*estoque social de conhecimentos*” (Schutz, 1979) acerca de si e do mundo, sobretudo, a partir de uma identidade narrativa (Ricoeur, 1996).

Por outro lado, a capacidade de “*restauro*” dos tempos vividos, dada pelo caráter interpretativo dos “*jogos de memória*” (Eckert e Rocha, 2005), possibilita aos *habitués* da

Esquina do Cotovelo e do *Recanto dos Velhos*, reatualizarem a condição de “ser ferroviário”, através do pertencimento a uma “comunidade de trabalho” (Eckert, 1993), apesar da extinção material da instituição que a mantinha.

Estes trabalhadores fizeram parte no passado, de uma “classe proletária distinta” (Flôres, 2008) e no tempo presente, de uma classe profissional em “extinção”. “*Agora, só tem trem de carga! Não transporta gente e nem precisa mais de gente pra trabalhar, é tudo no computador!*”- dissera-me Müller em uma das observações participantes realizadas na *Esquina do Cotovelo*.

Porém, conforme já dito, a ruptura é uma condição necessária à própria continuidade, o que implica questionar em que medida pode-se falar em “extinção”, tendo em vista que os “jogos de memória” acionados pela “sociabilidade lúdica” engendrada nas práticas cotidianas, permite a esses aposentados o “devaneio do tempo vivido como contínuo” (Eckert, 1993:13).

Por outro lado, as narrativas cadenciadas dos aposentados ferroviários, evocando imagens de tempos e espaços vividos, contrastavam com o fluxo intenso e frenético das imagens acionadas nas ininterruptas narrativas, engendradas nas rodas efêmeras e multiformes da *Boca Maldita*, cujo ritmo impede a contemplação do entorno, constatada na fala Zeir, um dos seus “*habitués-fundadores*”: “*a gente tinha que se esparramar um pouco! Sair daqui, porque nós nem sabemos o que acontece aqui no Centro e aí pela volta!*” (06/10/2009).

Entretanto, no *Recanto dos Velhos*, um território de sociabilidade configurado em uma praça pública, verifica-se não apenas a contemplação do seu entorno, mas também a interação com os outros personagens que compõem o “colorido do texto urbano” constantemente (re)escrito no Centro da cidade.

Desse modo, os *habitués* do *Recanto dos Velhos*, sabem em alguma medida, o que “*acontece por aí, no Centro*”, como por exemplo, o deslocamento das ciganas por entre determinados espaços urbanos — conforme narrou-me Zulmir — o que lhes coloca, sobretudo, na condição de narradores urbanos.

2.3.4 Quem adentra na “*Boca*”?

“A boca é um estado de espírito”.

Milton Teixeira Machado, 48 anos,
fiscal tributário da Prefeitura
Municipal e *habitué* da *Boca Maldita*.

A acolhida festiva junto aos *habitués* da *Boca Maldita*, assim como a heterogeneidade de camadas sociais e atividades profissionais dos seus frequentadores, demonstraram, a partir da etnografia realizada nesse território, que as minhas primeiras impressões acerca do mesmo, quanto as relações estabelecidas com os estranhos ao grupo, como eu, e quanto a sua composição social, eram equivocadas.

Um dos idealizadores do Informativo Boca Maldita, Sérgio Roberto da Silva, conhecido por Serjão, funcionário aposentado da polícia federal, escrevera na segunda edição do mesmo a seguinte declaração: “*os que pensam que os frequentadores da Boca Maldita são pessoas escolhidas, mordam a língua! Aqui se reúnem pessoas de todas as classes sociais e todos têm direito a voz. Duvida?*” (Informativo Boca Maldita, out-nov/2009, n. 02).

Logo nos primeiros trabalhos de campo realizados nesse território, Paulo Fernandes dissera-me: “*aqui tem de tudo: juiz, doutor, advogado e até biscateiro e desempregado que nem eu!*”.

Alcemar Bianchini, o “*Mandioca*”, corretor imobiliário, reiterou o comentário, acrescentando: “*é verdade, aqui tem de tudo: biscate, professor universitário, advogado, ex-presidiário e até o [César] Schirmer vem aqui! Pra estar na Boca só tem que gostar de falar de futebol, tagarelar, falar um pouco de politicagem e de vez em quando, de mulher também, né?*” [risos] (06/10/2009).

Porém, apesar da “*Boca*” ser um espaço aberto a todos, as primeiras páginas do informativo revelam algumas hierarquizações, como por exemplo, uma lista com os nomes dos “*frequentadores assíduos da Boca Maldita*”. A lista inclui, por exemplo, o nome de frequentadores “*ilustres*” como o Deputado Federal Paulo Pimenta e o Prefeito Municipal de Santa Maria, César Schirmer, ao qual se referira Alcemar.

As buscas pela legitimação dos “mitos de origem” acerca do nome dado ao local, também é evocada no informativo, coincidindo com aqueles que prevaleciam nas narrativas dos personagens-interlocutores com os quais eu dialogava:

“*Há uns 10 anos atrás, alguns dos mais assíduos frequentadores, trocando idéias sobre variedades, ouviram uma curiosa tirada do Tesis: - Pessoal, vocês viram como a Boca Maldita cresceu? Ao passo que alguém perguntou: - Como assim Boca Maldita? Então o Tesis respondeu: - É aqui, aqui á Boca Maldita (no bom sentido) porque aqui deságuam todos os assuntos de nós todos frequentadores desse local!*” (Informativo Boca Maldita, ag-set/2009, n 01).

Pode-se dizer, a partir da pesquisa etnográfica, que a ruptura das fronteiras sócio-culturais delineadas pela posse de diferentes capitais simbólicos, por parte dos agentes sociais (Bourdieu, 2008), no âmbito desse território urbano, é, sobretudo, decorrente do gosto pelo futebol, um “gosto de classe” (Bourdieu, 2008) que toma as feições de um “gosto dominante”,

na medida em que configura “estilos de vida” (Velho, 1981; Bourdieu, 2008) e formas específicas de sociabilidade lúdica (Simmel, 1983).

Conforme já dito, esse gosto em comum, além de distinguir-se do gosto pela ferrovia e seus trens entre os ferroviários aposentados, remete a uma associação entre o totemismo e o clubismo a partir dos pertencimentos que são construídos e (re)atualizados, a partir do universo futebolístico.

Nesse sentido, a evocação dos vínculos com a *Boca Maldita*, através de referências materiais e simbólicas, assim como pelas declarações de Zeir de que “*aqui é a nossa Esquina Democrática, a nossa Estátua da Liberdade, o nosso Central Park*”³², ou, ainda, de que “*nós temos um mundo aqui*”, revelam que esse território de sociabilidade configura-se enquanto uma “comunidade imaginada” (Andersen, 2002) e um “território-mito” (Maffesoli, 1984) para os seus *habitués*, que conforme enfatiza Serjão, “*são de todas as classes sociais*”.



Im.60

³² A Esquina Democrática é uma esquina localizada entre a Av. Borges de Medeiros e a Av. dos Andradas, antiga Rua da Praia, no centro de Porto Alegre, RS. Essa esquina é bastante conhecida em decorrência de ser um espaço urbano apropriado pelos pedestres e cidadãos, para fins de manifestações públicas, apresentação de números artísticos, etc.

2.3.5 Que idade a “Boca” tem?

“Aqui na Boca Maldita, não é nem a primeira, nem a segunda, nem a terceira idade, aqui é a idade que nós inventamos”.

Ari Vilmar Barroso, *habitué* da Boca Maldita

No decorrer do trabalho de campo, a idade da “Boca” foi se revelando, o que levou à constatação de que a faixa etária dos aposentados *habitués* desse território de sociabilidade, era inferior a daqueles da “*Esquina*” e do “*Recanto*”.

Ao destacarem que o panorama do envelhecimento é bastante diversificado, tendo em vista as diferentes situações econômicas, sociais e familiares dos indivíduos, alguns autores, propõem novas categorias analíticas a fim de dar conta dessa diversidade.

Encontram-se entre essas categorias analíticas, a de “aposentados-militantes” proposta por Simões (2004), a de “aposentados-trabalhadores” (Peixoto, 2004), assim como a de “jovens-aposentados” e “velhos-jovens” (Britto da Motta, 2004).

Nesse sentido, a definição de “jovens-aposentados” refere-se aqueles indivíduos que se aposentaram por volta dos 50 anos, em decorrência da aposentadoria por tempo de serviço, o que foi possível no Brasil até a década 1980, uma modalidade ainda possível em um reduzido número de países como o Egito, Equador, Iraque e Líbano, entre outros, nos quais ainda existe a aposentadoria por tempo de serviço sem limite de idade (Peixoto, 2004).

Por outro lado, Britto da Motta (2004), define analiticamente os “velhos-jovens” como aqueles que ainda possuem algum ascendente vivo pertencendo desse modo, a uma geração diferente da sua, o que vem a configurar as denominadas “famílias geriátricas” caracterizadas pela presença de dois “idosos” em gerações diferentes (Goldani, 1994).

Haja vista, algumas das definições propostas pelos referidos autores, ao destacarem o quão heterogênea é a categoria velhice, podem ser aplicadas aos “interlocutores-personagens” desse estudo antropológico, na tentativa de atribuir-lhes um lugar social, tendo em vista que “construímos o nosso ‘objeto’ na medida em que o observamos” (Peixoto, 2000:21).

Desse modo, verifica-se a partir da pesquisa etnográfica, que os idosos *habitués* do “*Recanto*” e da “*Esquina*”, têm entre 70 e 75 de idade, de modo que alguns ainda possuem ascendentes vivos, na faixa dos 90 anos.

A grande maioria deles, devido a terem iniciado a trabalhar por volta dos 14 anos de idade, como no caso de Zulmir e Odon, se aposentaram por tempo de serviço, na década de 1980, possuindo idade inferior aos 50 anos. Logo, se considerarmos esses aspectos, os

habitués desses territórios podem ser considerados “velhos-jovens” ou até mesmo “jovens-aposentados” (Britto da Motta, 2004).

Nesse sentido, verifica-se que o “rito de instituição” (Bourdieu, 1997) da aposentadoria que implica numa ruptura nas trajetórias profissionais dos indivíduos, não é algo recente em suas vidas, ao contrário, por exemplo dos meus ex-colegas do magistério estadual, que ao temerem esse rito, influenciaram a minha inserção acadêmica na seara da antropologia do envelhecimento, questionando sobretudo, em que medida, é a aposentadoria que determina velhice (Peixoto, 2004).

Os ferroviários aposentados da *Esquina do Cotovelo*, por sua vez, além de poderem ser analisados à luz dessa mesma categoria analítica, em decorrência da suas práticas em torno da militância, podem ser considerados enquanto “aposentados-militantes”, como sugere Simões (2004), a partir de suas considerações acerca da “politização da aposentadoria”.

Por outro lado, no decorrer do trabalho de campo, a “idade da *Boca*” foi se revelando, na medida em que eu me deparava com homens em torno dos 60 anos ou menos, constatando desse modo, que a faixa etária dos freqüentadores desse território de sociabilidade, era inferior a dos aposentados da *Esquina do Cotovelo* e do *Recanto dos Velhos*.

Diga-se de passagem, quando me dava por conta de que estava dialogando com homens na faixa dos 45 anos de idade através das interlocuções etnográficas junto às instáveis e multiformes rodas de conversa que se formavam “na *Boca Maldita*”, questionava-me se não estava fugindo do meu tema de pesquisa, tendo em vista que o mesmo se propunha a investigar as formas de sociabilidade que eram tecidas entre “idosos” no Centro de Santa Maria.

Porém, a interação cotidiana entre homens na faixa etária de 60 anos com homens em torno de 45 anos de idade, constituía-se enquanto um dado de pesquisa, na medida que revelava mais uma das peculiaridades desse território de sociabilidade masculina, qual seja a transposição de pertencas geracionais e mesmo de classe, sobretudo, em decorrência do gosto pelo futebol.

Desse modo, as várias “idades da *Boca*” refletiam, sobretudo, a composição etária heterogênea do campeonato de veteranos, qual seja, homens entre os 35 anos aos 55 anos ou mais, de modo o universo do futebol mostrava-se como um dos “conteúdos que preenchiam a vida social” traçando uma forma específica de sociabilidade lúdica (Simmel, 1983) no âmbito desse território urbano. Em uma situação de entrevista, Zeir assinala: “*veterano é terceira idade como falam por aí. É quem alcança os 40 anos. Nós até temos a categoria de 35 anos,*

mas pra nós, não é considerado veterano, eles estão ali de xereta [risos]. Agora, 40, já entra, já é veterano”.

Por outro lado, as formas de sociabilidades e as práticas sociais em torno do futebol, levaram-me a tecer algumas reflexões a cerca do “tempo de jogar”, a partir das categorias classificatórias de idade utilizadas pelo universo do futebol, passando a considerar o esporte enquanto um dos agentes envolvidos na construção social da idade, na medida em que prenuncia a chegada da velhice, a partir da utilização da categoria “*veterano*”.

Cabe dizer que essa reflexão foi suscitada, sobretudo, pelo estranhamento que tive enquanto uma pesquisadora pouco familiarizada com o universo desportista, diante do fato de que possuir 35 anos de idade significa pertencer à categoria “*veterano*”.

Desse modo, os supostos “idosos” *habitués* que eu procurava no Centro da cidade de Santa Maria, tratavam-se, no âmbito da *Boca Maldita*, dos “*atletas veteranos do futebol amador santamariense*”.

2.3.6 “Tempos de jogar” e “tempos de envelhecer” (II): o esporte contando o tempo e instituindo a velhice

Conforme já dito, de acordo com Britto da Motta (1998), os ciclos de vida vêm adquirindo outras configurações, inclusive na expressão analítica, demonstrando o quanto a “modernidade mostra-se pródiga nessas criações” (Britto da Motta, 1998: 13).

Diga-se de passagem, a constatação da variedade de termos que vêm sendo utilizados para se referir às últimas etapas da vida, assim como as demais discursividades em seu entorno — entre elas, as que (re)orientam as práticas e as condutas dos “idosos” — além de demonstrarem a efervescência criadora de uma “modernidade pródiga”, assinalam as implicações do discurso científico nas classificações e nas tipificações destinadas aos ciclos finais da vida.

Nesse sentido, faz-se pertinente a consideração de Gauchet (*apud* Allebrandt e Macedo, 2007) acerca da substituição da religião pela ciência em decorrência da “racionalização do mundo” (Weber, 1981), na medida em que a ciência passou cada vez mais a assumir o papel da religião para explicar e dar sentido à vida e à morte, tornando-se uma instituição “produtora de verdades”.

Desse modo, os conceitos e as “verdades produzidas” vão ainda ao encontro da profecia bourdieuniana de que atribuir um conjunto de características e valores a um termo consiste em um “ato de nomeação” que possui o propósito de classificar e, sobretudo, atribuir autoridade, poder, controle a quem o instaura (Bourdieu, 1997).

Por sua vez, Rabinow e Rose (2006) ao problematizarem o conceito de biopoder, a partir das considerações feitas por Michel Foucault, recordam que, em 1976, esse filósofo nomeara um capítulo da sua obra *La volonté du savoir* de “Direito de morte e poder sobre a vida”, no qual o autor afirma que um dos privilégios do poder soberano consistia no direito de decidir sobre a vida e a morte, confiscando as coisas, os corpos, o próprio tempo e em última instância, a vida dos sujeitos.

Nesse sentido, Michel Foucault (1976) propõe um diagrama bipolar do poder sobre a vida, de forma que um dos pólos centra-se em uma “anatomo-política do corpo humano”, objetivando “maximizar as suas forças e integrá-lo em sistemas eficientes”.

O outro pólo do diagrama consiste, por sua vez, em “controles reguladores, uma biopolítica da população, enfocando nas espécies do corpo, o corpo imbuído com os mecanismos da vida: nascimento, morbidade, mortalidade, longevidade, etc.” (Foucault *apud* Rabinow e Rose, 2006:280).

Ao recuperarem as considerações foucaultianas acerca do biopoder, problematizando-as no contexto contemporâneo, Rabinow e Rose (2006) assinalam ser necessário utilizar ainda o conceito de “biopolítica”. Segundo eles, esse conceito abarca todas as estratégias e as contestações específicas sobre as problematizações da vitalidade humana coletiva, morbidade, mortalidade e, também, formas de conhecimento, regimes de autoridade e práticas de intervenção desejáveis, legítimas e eficazes.

Com o propósito de possibilitar uma clarificação conceitual, pautando-se nas considerações proferidas por Foucault à problemática, os dois autores propõem ainda alguns elementos centrais ao conceito de biopoder, designando-lhe um plano de atualidade:

“Sugerimos que o conceito de biopoder procura individualizar estratégias e configurações que combinam três dimensões ou planos: uma forma de discurso de verdade sobre os seres vivos; um conjunto de autoridades consideradas competentes para falar a verdade; estratégias de intervenção sobre a existência coletiva em nome da vida e da morte; modos de subjetivação, nos quais os indivíduos podem ser levados a atuar sobre si próprios, sob certas formas de autoridade, em relação a estes discursos de verdade, por meio de práticas do self em nome da vida ou da saúde individual ou coletiva” (Rabinow e Rose, 2006:37).

Ao apontar que nos debates sobre bioética, faz-se necessário conferir um lugar mais central às vozes que falam das questões sociais, econômicas e morais mais amplas, não apenas para “completar o saber científico”, mas, sobretudo, para lembrar que esse é crivado de considerações morais e políticas, Cláudia Fonseca (2007) realiza um profícuo diálogo com a pesquisadora norte-americana Sheila Jasanoff (2005).

Para essa pesquisadora, a “política científica” relaciona-se, num dado lugar e momento, com questões de uma “cultura política”, configurando “estilos nacionais de regulamentação” — parte integrante do projeto particular de cada país (Fonseca, 2007).

De acordo com essa antropóloga, a partir da segunda metade do século XX assistiu-se à criação de políticas de controle de natalidade em vários países “desenvolvidos” e “subdesenvolvidos”, com vistas a combater as altas taxas de natalidade que ocorriam nesses países. Esse fato demonstra que a natalidade foi tomada como um “problema social” a ser resolvido, aspecto que tem ocorrido de modo similar com o fenômeno do envelhecimento da população mundial.

Pode-se dizer, por outro lado, que as políticas de controle de natalidade estabelecidas a partir da problemática do aumento da expectativa de vida da população mundial — em grande medida devido ao avanço das tecnologias biomédicas — configuram “estilos nacionais de regulamentação”.

Desse modo, a partir dessas considerações, percebe-se que o biopoder, a partir das biopolíticas que desencadeia, elabora “estratégias de intervenção sobre a existência coletiva em nome da vida e da morte”, demonstrando a propensão do mesmo em “fazer morrer”, “deixar morrer” e “fazer viver” (Rabinow e Rose, 2006:37).

Nesse sentido, defini-se e demarca-se não somente o início da vida ³³, mas também passa-se a definir, nomear e classificar o “fim da vida”, através da elaboração de “discursos de verdade”, “estratégias de intervenção” e “modos de subjetivação”, conferindo cada vez mais legitimidade ao campo técnico-científico para tratar da temática do envelhecimento.

Diga-se de passagem, a própria variedade de termos utilizados para designar a “etapa final da vida humana”, referida anteriormente, pode ser vista sob o prisma desses três elementos centrais que constituem o biopoder.

Porém, a fim de evitar um uso totalizante desse conceito, é necessário procurarmos as “montagens locais dessas formas globais” (Fonseca, 2007: 175), apreendendo as implicações conceituais e nominativas nas práticas cotidianas, nas redes de micro-relações dos atores sociais.

Essas implicações conceituais, como a da categoria “*veterano*”, empregada no universo do futebol amador com a qual me deparei no trabalho de campo realizado junto aos *habitués* da *Boca Maldita*, revelam-se em certa medida, nas micro-relações tecidas através da prática esportiva, como se verifica no diário de campo do dia 28 de novembro de 2009:

³³ Ler a esse respeito “Definindo o indefinível - considerações sobre o início da vida”. In: ALLEBRANDT, Débora, MACEDO, Juliana Lopes (Org.). *Fabricando a vida – implicações éticas, culturais e sociais do uso de novas tecnologias reprodutivas*. Porto Alegre: Metrópole, 2007.

∞

“Veterano” é isso aí!

“Assisti na tarde de terça-feira, dia 15 de novembro de 2009, ao jogo entre o Montese e os ‘Amigos do Zeir’, no campo de futebol Carvão Gaúcho, localizado no bairro Medianeira.

Logo ao início do jogo, presenciei algumas tensões no momento de escalar a equipe. O doce e carismático, Zeir, um dos ‘habitués-fundadores’ da ‘Boca’ e também técnico do time que carregava o seu nome, ao ser questionado acerca dos jogadores escalados, logo transformara-se em um técnico autoritário dizendo: ‘Mas eu já decidi. Assim não dá, brincadeira desorganizada não tem graça! Veterano é isso, não obedece!’

Após transcorrer os primeiros trinta minutos do jogo, cujo placar era 0x0, Zeir grita decepcionado: ‘Vamos jogar, pombas! Olha lá! São de botão, Rojane! São de botão! A gente coloca eles no lugar e lá eles ficam! Não se mexem’. Reagindo ao xingamento do técnico, um dos jogadores, ao tentar ‘correr mais do que podia’, cai, prestes a fazer o primeiro gol, o que desperta um outro comentário do técnico: ‘E ainda por cima, pensam que são guri!’ O goleiro do time, por sua vez, também decepcionado desabafa: ‘Mas que coisa séria essa velharada’. Enquanto isso, no banco de reservas, um atleta ‘veterano’ que se preparava para entrar em campo comenta: ‘Até aquecer, dói todas as juntas: o joelho, o cotovelo, o tornozelo... Veterano é isso aí!’ Ao término do jogo, durante a ansiosa busca pelo copo d’água, os atletas ‘veteranos’, enunciam verbalmente brincadeiras acerca de si mesmos e do também, ‘corpo veterano’: ‘tira uma foto, Rojane, antes que dê cãibra ou o infarto!’ [risos].

O técnico Zeir, mostrando-se mais calmo e satisfeito com a equipe que ganhara a partida, ‘apesar dos pesares’, como dissera, tece por fim, alguns comentários com Serjão acerca da possibilidade da Boca Maldita promover uma palestra sobre a ‘saúde do atleta veterano’”.

∞

Percebe-se, desse modo, que por um lado, o esporte opera enquanto um agente de mediação do biopoder, na medida em que o veicula através da elaboração de “discursos de verdade”, “estratégias de intervenção” e “modos de subjetivação” (Rabinow e Rose, 2006: 37), contando o tempo e instituindo a velhice a partir da atribuição da categoria “veterano” para um homem de 35 anos, ou ainda, através da demanda criada pelo próprio grupo, qual seja, a de ter acesso ao discurso biomédico.

Por outro lado, a iniciativa do grupo em promover uma palestra voltada para os cuidados com a “saúde do atleta veterano”, revela algumas das implicações do processo de “reprivatização da velhice decorrente dos ideários do individualismo moderno” (Lins de

Barros, 2004:19), envolvendo uma crescente responsabilização do idoso pelo seu próprio bem-estar nessa fase da vida, como cuidados com a saúde física e psíquica, através de atividades de lazer, cuidados corporais, contatos sociais frequentes, entre outros.



Im. 61, 62, 63 e 64 – Jogo Cristal x Avenida, Campo Dois de Novembro, Vila Lúcia.

CAPÍTULO III

CONTANDO ESTAÇÕES E CANTANDO REFRÕES: NARRADORES URBANOS PERCORRENDO TRILHOS E TRILHAS DA MEMÓRIA

“Você não entende, não vê, meu amigo, que o que hoje é novo e moderno, amanhã vai ser muito antigo?”

Antônio Carlos Belchior, *Velha Roupas Coloridas*

3.1 A “arte de narrar” e “consolidar” o tempo

Em suas críticas sobre a nova estética das produções culturais, que surgia em meio às condições sociais trazidas pelo capitalismo e pela sociedade industrial, marcando a passagem do século XIX para o XX, Walter Benjamin (1993) profetizou que o advento do romance implicaria na “atrofia da experiência”, tendo em vista que a “a arte de narrar estaria em vias de extinção” (1993:197), tornando a figura do narrador cada vez mais distante e rara.

A preocupação do autor com a crescente incapacidade de contar e narrar, e com o subsequente esgotamento das histórias, torna explícita a sua ênfase na relação entre a narratividade e a possibilidade de empobrecimento da experiência.

Ao prefaciar o primeiro volume das *Obras Escolhidas no Brasil*, Jeanne-Marie Gagnebin (1993) assinala que um dos aspectos essenciais, porém pouco estudado, no pensamento de Walter Benjamin é a sua “teoria da narração”, a qual leva-nos a falar sobre o tema da experiência e, portanto, à ordem do vivido.

Na medida em que a teoria da narração benjaminiana assinala a relação dialética que se estabelece entre a experiência e a narrativa, a partir do pressuposto fundamental de que a fonte da narrativa é a experiência, Paul Ricoeur (1991) assinala, por sua vez, a circularidade entre o tempo e a narrativa.

A “arte de narrar”, que de acordo com Walter Benjamin (1993:205), está “associada às mais antigas formas de trabalho manual ou artesanal” — possibilitando aos atores sociais o “intercâmbio das suas experiências” — mostrou-se, nesse estudo, como um meio pelo qual os interlocutores estabelecem a “consolidação temporal” dos tempos vividos, da qual nos fala

Gaston Bachelard (1994). Diga-se de passagem, esse filósofo destaca que a “idéia da continuidade do tempo não é um dado em si mesmo, mas uma obra humana” (1994:51), a qual, pode-se dizer, apóia-se no ato narrativo.

Ao afirmar que “o mundo revelado por qualquer obra narrativa é sempre um mundo temporal” (1991:15), cuja narrativa delinea traços da experiência temporal, Ricoeur (1991) destaca a reciprocidade entre a narratividade e a temporalidade, de modo que o “desafio último da identidade estrutural da função de toda obra narrativa é o caráter temporal da experiência humana” (1991:15).

Por sua vez, Eckert e Rocha (2009) assinalam que “etnografar a duração” implica para o etnógrafo no “desafio da recondução do ser-no-tempo dos indivíduos e/ou grupos por ele pesquisados”, considerando “as questões ordinárias dos habitantes das grandes cidades, na ordem do vivido, para atingir a capacidade de ‘contar’ suas estórias com a ajuda desse tempo” (2009:116).

A partir das considerações acima, esse capítulo, pautando-se na importância da narrativa enquanto uma “obra humana” (Bachelard, 1994) capaz de “intercambiar experiências” (Benjamin, 1993) e de “humanizar o tempo” (Ricoeur, 1991) apresentará algumas narrativas dos interlocutores-personagens desse estudo antropológico, obtidas pelo método etnográfico, através da realização de entrevistas.

Os roteiros de entrevista foram semi-estruturados, cujos eixos norteadores referiam-se às trajetórias de vida dos interlocutores-personagens — em seus aspectos pessoais, sociais e profissionais — e às formas de sociabilidade tecidas antes e depois da aposentadoria e formas de habitar o espaço urbano, sobretudo, a partir das relações estabelecidas com o Centro da cidade.

O intuito inicial era o de realizar as entrevistas nas residências dos interlocutores-personagens, a fim de conhecer aspectos da ambiência doméstica, assim como das sociabilidades desencadeadas no espaço da “casa” (DaMatta, 1985), esse outro “espaço praticado” (De Certeau, 1994), e, portanto, carregado de sentidos e “pleno de significação social”.

Por outro lado, eu supunha que a “casa” fosse um lugar mais silencioso que os territórios urbanos apropriados no âmbito da “rua”, favorecendo desse modo, o diálogo intersubjetivo da pesquisadora e o interlocutor-personagem, proporcionado pelo encontro etnográfico.

Inicialmente, o meu intuito fora acompanhar o interlocutor-personagem até a sua casa, para desse modo, além de realizar a entrevista no espaço doméstico, conhecer o itinerário

urbano que ele configura a partir do seu deslocamento do Centro até a sua residência, na medida em que esse percurso, ao evocar aspectos de sua trajetória social, revela a presença do social no domínio da memória (Halbwachs, 2006).

Porém, alguns interlocutores não permitiram que as entrevistas fossem realizadas em suas residências, o que em parte indicou algumas das dificuldades/especificidades da prática da etnografia de rua realizada no Centro de Santa Maria. Entre elas, está o fato de que essa prática metodológica é fortemente condicionada pelas intempéries climáticas e os seus desdobramentos nas práticas cotidianas (por exemplo, a chuva intensa e o frio rigoroso do inverno de 2009 e a disseminação do vírus H1N1).

Isto é, essas adversidades que impossibilitaram muitas vezes o deslocamento dos aposentados até o Centro, dificultaram a regularidade do trabalho de campo, a construção de vínculos com os interlocutores, e conseqüentemente, o estabelecimento de relações de confiança com os mesmos. Devido a isso, algumas vezes eu não obtive o consentimento para a realização de entrevistas e observações participantes em suas casas.

Por outro lado, a categoria gênero mostrou-se como limitadora em determinadas situações, na medida em que alguns dos aposentados assinalaram que o fato de eu ser uma jovem mulher, que eles conheceram na “rua”, dificultaria a minha visita as suas casas, porque isso lhes “*causaria problemas*” com as suas respectivas esposas. Por fim, concluíam que eu compreenderia tal dificuldade, tendo em vista que eu “*também tinha cabeça de mulher*”.

Nesse sentido, algumas entrevistas foram realizadas no âmbito da “rua”, de modo que os ruídos que compõem a estética sonora do Centro da cidade, enquanto “formas sensíveis da vida social”³⁴ (Sansôt, 1986), que constituem a “cidade polifônica” (Canevacci, 1991), interromperam algumas vezes, a continuidade das narrativas dos interlocutores-personagens.

Por outro lado, o consentimento em ser entrevistado no Centro, por um longo período de tempo, demonstrou que a etnografia de rua traz à tona, devido as suas especificidades, a “inteligibilidade narrativa da cidade” (Benjamin, 1993).

Desse modo, alguns dos interlocutores-personagens dessa pesquisa — sentados nos bancos da Praça Saldanha Marinho — mostraram-se satisfeitos em concederem-me entrevistas em seus territórios de sociabilidade no Centro de Santa Maria, na medida em que em que não se isolaram espacialmente do cenário do qual fazem parte enquanto *habitués*. Por

³⁴ Ver a esse respeito o trabalho de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Viviane Vedana, “A representação imaginal, os dados sensíveis e os jogos da memória: os desafios do campo de uma etnografia sonora”. In: Anais do VII Congresso de Antropologia do Mercosul (VII-RAM), Porto Alegre, 2007.

outro lado, o “*flâneur* antropólogo, delicia-se, surpreende-se, mas também, perturba-se com o caos das possibilidades simultâneas” (Clifford *apud* Canevacci, 1991:89).

Durante a realização das entrevistas, foi pesquisado um acervo fotográfico com imagens antigas do Centro que fora utilizado em alguns encontros etnográficos com o intuito de evocar as memórias dos interlocutores-personagens, enquanto habitantes de Santa Maria.

Diga-se de passagem, esse recurso metodológico mostrou-se bastante profícuo nas entrevistas realizadas no “espaço da rua”, sobretudo, por possibilitar a comparação simultânea das antigas paisagens das fotografias com as paisagens atuais que visualizavam no entorno, suscitando narrativas acerca das transformações urbanas, acionando com isso os seus “jogos de memória” (Eckert e Rocha, 2005).

Por outro lado, a experiência de apreender narrativas no espaço da “rua”, através do trabalho de campo também apontou que o Centro da cidade, enquanto um espaço-tempo acelerado, não é apenas um espaço narrado pelos seus habitantes, mas também um território que configura as narrativas desses, de modo que, o movimento que se desenrola no mesmo é que o anima e que o torna um “espaço praticado” (De Certeau, 1994:202).

A partir das considerações acima, apresentarei a seguir, narrativas que foram extraídas das entrevistas realizadas tanto no espaço da “casa”, quanto no “espaço da rua”, tentando restituir o cenário e os micro-eventos que circundaram essas interlocuções etnográficas.

3.2 Um “*banco roubado*” e o passado revisitado



Im. 65



Im. 66

Certa manhã, no mês de setembro, quando eu cheguei à Praça Saldanha Marinho, no *Recanto dos Velhos*, lá estavam os três: Zulmir, Joaquim e Luís. Os comentários realizados por Zulmir, logo demonstraram que ele estava atento a minha presença e aos meus deslocamentos no Centro da cidade: “*eu te vi ontem tirando fotografias dos caras ali na Esquina [do Cotovelo], de uns outros velhos ali, mas eu não quis te atrapalhar, eu imaginei que tu ia vim aqui também*” (Diário de campo, 02/10/2009).

Luís, por sua vez, apesar de se esquivar das entrevistas que eu propunha, sempre se fazia presente no trabalho de campo, através de alguma informação dos últimos acontecimentos cotidianos da ordem social, sobrepondo-o com alguma informação de ordem mais particular decorrente de suas viagens enquanto militar.

Por outro lado, o seu consentimento em ser fotografado e a prontidão com a qual deixava que eu captasse imagens suas com os amigos, revelavam o seu interesse em participar de algum modo da pesquisa.

Diga-se de passagem, nessa manhã do dia 28 de setembro de 2009, quando eu questionei acerca da cirurgia de Zulmir, na medida em que este narrava os detalhes dos seus itinerários médicos-hospitalares, ele interpelou, portando o jornal *O Sul* debaixo do braço: “*a*

partir de hoje, aumento dos preços das tarifas de ônibus em Porto Alegre: R\$ 2,45". A seguir narrou-me alguns dos seus itinerários médicos, assim como uma cirurgia realizada há alguns anos.

Joaquim, que no decorrer das observações participantes, tanto no espaço do *Recanto dos Velhos*, quanto da *Esquina do Cotovelo*, permanecia à espreita, mantendo diálogos mais comedidos e recusando-se em ser fotografado, mostrou-se bastante falante nessa manhã.

Logo que mostrei para esses aposentados *habitués* do "Recanto", algumas imagens fotográficas com paisagens antigas do Centro de Santa Maria, ele foi um dos primeiros a se manifestar.

Ao revisitar o passado através dessas "imagens do tempo", ele falou entusiasmado:

"Ah, olha só! Isso aqui é 1940, 1950! A sacada do Getúlio! Aqui nessa sacada foi onde o Getúlio Vargas fez um discurso quando veio em Santa Maria. Não tinha o viaduto ainda. Encheu de gente na praça, que se emendou com a rua. Era onde hoje é a Farmácia Panvel, era perto de um posto de gasolina. Bem na ponta ali, era o café Guarani, mas antes foi uma loja, uma tabacaria, depois foi mercado e depois foi farmácia de novo" (Diário de Campo, 02/10/2009).

Na imagem seguinte, que retratava mais o Calçadão, é Luís quem assinala a data da paisagem, remetendo-se, a partir dos seus "jogos de memória" ao tempo em que funcionava uma conhecida rede de lojas no RS:

"Essa é do tempo das lojas Pernambucanas! É década de 1980! Antes era a primeira quadra, no tempo dos cinemas! Lá atrás está o edifício Taperinha. Do lado, naquele casarão, onde hoje é um museu, era a casa de um dos maiores milionários aqui de Santa Maria, tinha uma enorme piscina... Eu passava ali na frente, quando eu era vendedor, antes de ir para o quartel. Depois ele teve que entregar a casa pro banco, por causa de dívidas e hoje é o museu". (Diário de Campo, 02/10/2009).



Im. 67 e 68- Sobrado onde funcionou, no Centro da cidade, em meados do séc. XX, a loja "A Predileta", e, onde décadas a seguir, o presidente da República Getúlio Vargas, proferiu um discurso à comunidade santamariense. Im. 69- Anúncio postado no jornal "O Diário do Interior", no ano de 1913.

Foi possível perceber, enquanto olhavam as imagens, a escolha de determinados aspectos da vida social para interpretar as mudanças físicas e culturais na cidade, construindo, desse modo, a "representação de um processo de transformações a partir da proeminência da visão como o sentido mais eficaz para exprimi-las" (Lins de Barros, 2002:45). Essa antropóloga destaca que para autores como Simmel e Benjamin, preocupados com a relação entre o indivíduo e a metrópole, o olhar é visto como uma característica da sociedade moderna, que tem na metrópole a sua expressão e a sua realização, de modo que é o olhar que ressalta a relação entre os seus habitantes e destes com as paisagens urbanas.

3.2.1 Odon: o “encontro no engraxate” e narrativas de “si” no Centro da cidade



Odon Shiling é ferroviário aposentado da VFRGS-RFFSA. Morou grande parte da sua juventude no bairro Itararé. Atualmente, reside há poucas quadras do Centro, deslocando-se à pé até o mesmo. Pela manhã, costuma freqüentar o *Recanto dos Velhos*, na Praça Saldanha Marinho e à tarde, a *Esquina do Cotovelo*. Sua permanência nesses territórios de sociabilidade é alternada com idas aos estabelecimentos bancários, farmácias e supermercados.

Im. 70

Instantes após o manuseio das imagens com paisagens antigas do Centro de Santa Maria, Odon chegou junto ao grupo. Ao olhar as imagens ele também fez referência ao *Café Guarani*, o qual, mostrou-se como um importante código de referência espacial em comum, situando recordações e configurando pertencimentos a uma geração específica, cujas trajetórias sociais foram traçadas na cidade de Santa Maria.

Diga-se de passagem, a partir da utilização do acervo fotográfico, enquanto um recurso teórico-metodológico corrobora-se a afirmação de Fayga Ostrower (2000) de que o espaço se torna “o mediador entre a experiência e a expressão”, tendo em vista que só “podemos pensar e imaginar mediante imagens do espaço”, o que o torna “ulterior a todas as linguagens” (2000:173).

Como geralmente ocorre, em torno das 10h30min e 11 horas, horário que coincide com a abertura das casas bancárias de Santa Maria, o “*Recanto fica movimentado*”, como já ouvira alguém dizer.

Odon, que fora o último a chegar entre nós nessa manhã, permanecia em pé. Foi então que, após olharem o entorno, deram-se conta que o outro banco que compõe o *Recanto dos Velhos* não estava ali. Zulmir, que até então estava sentado, levantou-se proferindo em voz alta: “*mas cadê o outro banco?!?! Tiraram o banco daqui!*”

Os “acusados” dos *habitués* do “*Recanto*” foram os pequenos produtores da Feira da Economia Solidária: “*foram eles que puxaram o banco pra lá! Deixa terminar essa feira aí, que nós vamos arrastar o banco de novo pra cá!!!*”.

Logo após, o grupo se dissipou. Porém, Odon e Luís, dirigiram-se até o engraxate, cujo local de trabalho, situa-se um pouco mais adiante, nos bancos que estão no outro lado do canteiro da Praça. Permanecemos os três: Odon, o engraxate e eu, pois Luís saíra para ir até o Calçadão fazer uma “*fezinha na mega sena.*”

Luciano da Silva, hoje com 32 anos, dissera-me que “*engraxa na praça*” há mais de 20 anos, sendo que os seus fregueses são em sua maioria, os aposentados, pois “*a gurizada usa mais tênis*”. Comentara-me ainda que a sua profissão requer paciência: “*no verão é uma briga pra fazer 10 reais... se não tiver paciência não adianta*”. Entre o breve diálogo que mantivemos, gritava para os pedestres que passavam: “*olha a graxa, tio! Graxa! O melhor preço do RS é o meu!*”.

O alto tom da conversa de um freguês de Luciano com Odon, fundia-se com o som da propaganda que Luciano costuma fazer em alto e bom tom, na tentativa de atrair os clientes. Foi, então, que confessou-me à espreita: “*às vezes eu faço isso com eles, começo a gritar ‘olha a graxa’ para ver se eles saem daqui, porque daí não conseguem conversar. É que eu preciso desses bancos para os clientes sentarem*” (02/10/2009).

Comento com ele acerca do “roubo do banco” e ele, mostrando-se cordial e solidário, diz: “*vou esperar passar essa feira e trazer o banco de volta pra eles*”. Enquanto isso, Odon começou a conversar com o freguês de Luciano sobre assuntos que iam desde o futebol à política salarial. Percebi que estavam se conhecendo naquele momento, embora não tenham perguntado o nome um do outro, algo que não fiz para não interromper o diálogo.

Diga-se de passagem, acerca da política salarial, concluíram que “*só quem ganha bem são os jogadores e os políticos, pois dos aposentados fazem gato e sapato*”. Um outro assunto sobre o qual eles conversaram foi a eleição presidencial, sobre o qual o interlocutor de Odon teceu o seguinte comentário: “*agora o Lula quer nos empurrar a feinha, a Dilma [Roussef]! Se fosse bonita que nem a Roseana Sarney! Era o marido dela que roubava, não ela. São os homens que não honram mais as calças que usam, agora tá virando tudo Big Brother Brasil, Pedro Bial, Big Brother e não sei mais o quê!*”(02/10/2009).

Esses comentários foram realizados pelo então *cliente* do engraxate, o qual Odon nos informara ser um *“médico aposentado de posto de saúde, enquadrado como funcionário público, que morou anos em Porto Alegre”*.

Porém, ele logo adverte: *“bah, conversei tanto com ele, falei um pouco da história da minha vida e nem perguntei o nome”!*

Foi em meio a esses micro-eventos que ocorreram no Centro, no dia 28 de setembro de 2009 — o “passado revisitado através de fotografias”, o “roubo do banco” e o “encontro no engraxate” — que Odon começou a tecer “narrativas de si”, sentado em um banco da praça Saldanha Marinho, cuja atenta ouvinte era uma antropóloga, que sob o seu consentimento utiliza o gravador para registrá-las.

Diga-se de passagem, o diálogo com o *“médico”*, tendo a aposentadoria como um referencial identitário em comum, motivara-lhe a falar de sua trajetória social, assim como o fato de ambos terem morado em Porto Alegre. Quando lhe pergunto sobre esse período da sua vida, ele começou a narrar-me:

“Pois é, eu estava comentando com aquele senhor... Eu morei 15 anos em Porto Alegre. Eu sou daqui de Santa Maria, mas fui transferido pra oficina de Porto Alegre. Fui nomeado na Rede e logo fui pra lá, mas meus pais eram de lá, depois que vieram pra cá. Mas até estão enterrados lá... Quando deu o tempo da revolução, houve muita perseguição à nossa classe, por causa das greves, nos chamavam de “greveiro”. Então o que aconteceu, nós jogávamos bola, e nos dávamos muito com um engenheiro que tinha aqui... Ele nos ajudou a ir pra Porto Alegre, não tinha emprego aqui, nós éramos 13 filhos! Meus irmãos todos foram pra lá e hoje estão bem. Então eu fui pra lá e fiquei 15 anos nas oficinas diesel: tinha o trem Minuano, depois veio o Húngaro... Então as oficinas modernas, ‘chiques’ eram lá. Nós trabalhávamos na preparação delas, as máquinas... Quando os meus filhos estavam estudando, mais adiantados, eu pedi remoção pra cá [Santa Maria], porque eu tinha direito depois de 10 anos de serviço, e também porque aqui eu tinha a minha casa, não pagava aluguel como lá... E graças a Deus, eu tive condições de colocar os meus filhos na faculdade... É que eu fui alguém que aproveitou as oportunidades quando o finado Jango, o Getúlio davam nossos direitos... Consegui construir a minha casa, onde o meu filho mora agora e tenho um apartamento”.



Im. 71- Trem Húngaro, 1974. Im. 72- Trem Minuano, 1961.

Apropriando-se do legado de Paul Ricoeur, ao analisar entrevistas biográficas, Raul Diaz (1999) propõe uma mediação com a elaboração de descrições denominadas “si mesmos”, destacando que “mediante elas provocamos a identidade narrativa que se expõe ao enunciar-se no ato discursivo, na medida em que a trama do ‘si narrado’ é retomado pelo nosso programa narrativo enquanto interpretantes daquele” (1999:37).

Esse autor justifica ainda que a recorrência à idéia de “sujeitos centrais” da problemática do “si mesmo” e da “identidade narrativa” tem por objetivo resgatar a maior singularidade com a qual os entrevistados interpretam a sua posição no mundo, a partir da

introdução do tema-objeto por parte do pesquisador na atenção do antropólogo, em sua escuta e interlocução.³⁵

Desse modo, os entrevistados, ao assumirem-se como sujeitos centrais do seu próprio discurso, constituem-se em “personagens” nessa situação dialógica, cujo enfoque destes *si mesmos*, engendram uma forma particular de narrativa, configurando uma “significação ética e política” construída pelo interlocutor-personagem “acerca de sua própria figura em alguns dos espaços sociais mencionados nessa comunicação” (Diaz, 1999:38).

Nesse sentido, a percepção de Odon, enquanto “*alguém que aproveitou as oportunidades, uma pessoa equilibrada e consciente*”, revela a configuração de uma identidade narrativa, que passa a ser delineada pela percepção do “si mesmo como um outro” (Ricoeur, 1998), resultado de uma interpretação que se consegue a partir da construção de um personagem.

Por outro lado, a menção ao cuidado de si na busca de um envelhecimento “saudável”, enfatizado pelos discursos gerontológicos e pelo processo de “reprivatização da velhice” (Lins de Barros, 2004:19), orienta as práticas cotidianas de Odon, conformando para ele um “estilo de vida e visões de mundo” (Velho, 1989). Conforme suas palavras:

“Eu entrei com 15 anos na Rede: em 1953, como aprendiz. Casei com vinte e poucos anos, já tinha estabilidade na Rede, comecei a economizar, comprar cimento... Depois veio uma bolada e eu comprei o terreno. Tudo que eu fiz foi com sacrifício! Quando chegou 1983, eu já tinha fechado o meu tempo de serviço. Tenho 72 anos hoje e saí com 45 anos. Faz 28 anos que estou aposentado. Estou bem de saúde e tudo... Acontece que eu jogava bola, caminho... Eu me cuido, não uso o carro, o médico me disse o seguinte ‘se ele, o carro enferrujar tem recurso, mas o senhor vai, hoje ainda se troca umas peças do coração, mas antigamente, não’. Então é isso aí: vai-se os anéis, ficam-se os dedos! É a razão da vida! E eu sempre fui assim, tentei ser uma pessoa consciente, equilibrada, sabendo aproveitar as oportunidades, e sabendo lidar com as dificuldades”.

Porém, a percepção de si enquanto um indivíduo que vence dificuldades e aproveita oportunidades, atrela-se a noção de sociedade, tendendo a um “nós” na “balança-nós-eu” (Elias, 1993) na medida em que evoca o seu pertencimento à classe ferroviária, e o seu interesse em manter os vínculos com os ex-colegas:

“Pois é, eu trabalhava na reparação de vagões. Olha, eu me orgulho de ser ferroviário! Escuta, quando tu fizeres o livro [referindo-se à dissertação], tu me guarda um, porque eu vou comprar! Ele é uma boa propaganda para a nossa classe, porque agora a gente fica nesses bancos aqui da praça e da esquina, porque um mora lá na Tancredo Neves, outro na 2 de Novembro, outro no Km 3, então nós nos encontramos aqui: os que foram bons colegas, aqueles que a gente gosta. A gente se comunica aqui, é um meio de se comunicar, porque

³⁵ Cabe aqui recordar mais uma vez, o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (2000) quando o mesmo assinala que olhar, ouvir e escrever consistem no trabalho do antropólogo.

como é que vamos nos encontrar, se eu não sei mais onde ele mora... e mora um em cada canto... Então de manhã é aqui, e de tarde é ali na esquina perto da farmácia. Logo que me aposentei eu venho aqui pro Centro, mas quando eu morava no bairro eu quase não vinha, porque eu tinha uma coisa ou outra pra fazer: arrumar uma janela, podar uma árvore... Eu tinha também um orquidário, uma plantação grande que eu cuidava, mas depois eu me mudei para o apartamento e eu deixei.

A alusão à família que constituía no decorrer da sua vida era constante, cuja centralidade que ela ocupa em seus projetos de vida, ilustra o quanto o “valor-família” assume um lugar importante na construção da identidade social dos indivíduos (Lins de Barros, 2002:37). Nesse sentido, percebe-se em seu relato, a centralidade desse valor na sua trajetória de vida:

“Olha, graças a Deus eu não me queixo, tenho saúde, a minha família, me dou bem com a minha esposa. Esses dias, no aniversário dela, estava eu, a filha e o neto. E eu disse: ‘meus parabéns, que Deus te ajude e que ele nos dê muita saúde juntos, que essa velinha do bolo seja o nosso amor que está aceso!’ A gente tem que levar a vida assim! Eu quero que Deus dê saúde pra mim ver meus dois filhos e os meus netos bem. Os meus netos estão estudando e tudo. Se eu alcançar isso aí, pra mim está bom, porque essa é a riqueza que eu tenho: a minha família! Eu não vou levar nada daqui!”.

Foi após um comentário acerca do relacionamento do filho, que começou a narrar como conhecera a sua esposa, com quem está casado há quase 50 anos. Essa lembrança remeteu-o ao “Itararé” — bairro que até hoje concentra uma expressiva quantidade de ex-ferroviários — de modo que a sua narrativa desvelava algumas representações em torno do mesmo, apontando algumas das transformações urbanas pelas quais passara:

“Eu conheci a minha mulher lá na igreja do Itararé. Ela tinha 12 anos e eu tinha uns 15... Ela era bem nova! Quando encontrei ela na igreja, eu disse: ‘que coincidência ou mera coincidência nós nos conhecer numa igreja!’ Ela riu, nunca se esqueceu... Então nós começamos a namorar e eu disse pra ela, me lembro até hoje, eu não sei da onde que eu tirei: ‘entre duas pedras nasceu uma flor, eu espero que da nossa amizade nasça um grande amor’. Ela morava ali no bairro, o pai dela era ferroviário e eu também morei no bairro, só que eu sempre dizia para os meus pais e as minhas irmãs, que eram 11 (13 com o pai e a mãe), que eu não queria namorar ou casar com guria do bairro, porque eram muito pretensiosas, e eram mesmo! Naquela época passava no nosso bairro o trânsito para ir para a Serra, era por lá. E o trem também passava, tinha oficina, tinha depósito, tinha a oficina grande de trem... Era um movimento grande ali, que deu grande valor ao bairro, hoje já é meio, meio. É por isso que agora eu quero vender a minha casa lá, porque naquela época tinha mais valor do que hoje. Era chique, os rapazes andavam arrumados, de terno de linho e tudo, era de sociedade! Tinham as festas da igreja também. Queria que tu visse! Então, um dia, a minha mulher mandou me ‘prender’ lá numa festa dessas e eu fiquei sentado rindo. Era aquela brincadeira que tu tem que pagar para te tirar. Era lá na igreja Santa Catarina. Aliás, no tempo que eu freqüentava era de madeira, depois desmancharam o armazém que tinha ali e fizeram a nova, que é o cartão postal lá do bairro. O dinheiro da festa era para ajudar a construir a obra dessa nova que está lá agora. Foi assim eu conheci a minha esposa ali e também me casei com ela ali. Daí eu disse pra ela ‘não me faz mais isso’, o dia que tu quiser me prender, me prende nos teus braços! Ah, e naquele tempo a gente pra freqüentar uma casa já tinha que ter uma estabilidade... e outra, tinha as pêras junto, que eram as companheiras da tua namorada, os irmãos ou irmãs. Então, quando a gente queria dar um

*beijo, a sogra sentava e daí eu pedia pra sogra: ‘a senhora pode ir buscar um copo d’água?’
Coisa bem boa aquele tempo! Barbaridade!’*

Percebe-se a partir das “narrativas de si”, configuradas pelo ferroviário aposentado Odon, assim como naquelas configuradas por Zulmir (que serão analisadas a seguir), que o trabalho foi um eixo temático dominante na condução das mesmas, consistindo em um dos “vetores que atravessam o ‘eu individual’ e o ‘eu coletivo’” (Ferreira, 1995:67), configurando “uma memória-trabalho e uma memória política que os (re)situa numa sociedade de classes” (Bosi, 1994:39).

Porém, apesar do pertencimento à categoria “trabalhador” não ser suficiente para a definição de uma identidade social (Magnani, 1996), percebe-se o quanto o mundo do trabalho, e os tempos vividos enquanto um ferroviário, assumem um papel central na “estruturação simbólica da memória coletiva” (Eckert e Rocha, 2005) desses atores sociais, assim como no processo de “consolidação temporal” (Bachelard, 1994), engendrado pelos mesmos a partir da (re)significação dos tempos da “*Rede*”.

Por outro lado, as memórias em torno do trabalho, narradas por esses dois interlocutores-personagens — embora demonstrem que o tempo é “vibração e hesitação” (Bachelard, 1994), assumindo uma feição lacunar — revelam nas suas “configurações discursivas” (Diaz, 1999:39), sobretudo, a representação de um tempo histórico, linear e diacrônico.

Nesse sentido, constata-se que o “espaço-tempo do trabalho”, seja em uma fábrica ou em uma autarquia do Estado, como no caso em questão, ao “simbolizar o encontro com a modernidade” (Chitra Joshi, 2009:07), reforça a centralidade do caráter instrumental e regulador do tempo, tendendo a inscrever no indivíduo uma construção linear da temporalidade, a partir de “modelos sociais de autodisciplina engendrados pelo processo civilizador” (Elias, 1991).

3.3 Zulmir Manfron: nas estações do tempo e nos túneis da memória



Zulmir, o “Pico” possui 74 anos de idade. É ferroviário aposentado, natural de Santa Maria, RS. Os seus pais são Helena Elvira Manfron e o ex-ferroviário Antônio Manfron. Reside no Bairro Itararé, onde nasceu e morou até a sua juventude. Desloca-se até o Centro através da linha de ônibus Brigada Itararé, da empresa Sta Catarina. Pico costuma chegar à Praça Saldanha Marinho às 9h45min, sendo o primeiro a chegar ao “*Recanto dos Velhos*” e um dos últimos a sair, por volta das 11h15min. À tarde, costuma ir ao Centro para “*tomar uma gelada*” no Big Lucão, bar situado em frente à Praça.

Im. 73

Foi no “*veranico de maio*” de 2008 que me inseri em campo, mais precisamente no Centro de Santa Maria, estabelecendo os meus primeiros diálogos entre os idosos *habitués* desse espaço urbano, que vieram a se tornar os interlocutores-personagens desse estudo antropológico.

A minha primeira inserção etnográfica ocorreu na Praça Saldanha Marinho, cujo diálogo inicial fora com Zulmir Manfron. Após eu enunciar um bom dia e pedir licença para sentar ao seu lado em um dos bancos da Praça ele consentiu dizendo que “*sim, pois a praça é nossa, mas aqui é o meu lugar*”.

Zulmir trabalhou somente na “*Rede [Ferroviária]*” e “*lá se aposentou, por tempo de serviço*”, aos 47 anos. Completou desse modo, 33 anos de trabalho nessa instituição, ingressando na mesma quando ela ainda era VFRGS, desligando-se quando ela já havia se tornado RFFSA, ou seja, quando já estava sendo administrada pelo Governo Federal:

“A Rede ainda era do estado quando eu entrei. Mas quando eu fui pra Vacaria, em 1972, lá todo mundo já era CLT. Tudo era Federal, porque a CLT é Federal. Só tinha dois que ainda eram do estado: eu e um mestre de linha, que tinha o escritório perto da minha oficina, que era de Passo Fundo e removeram ele pra lá. Porque lá fundaram aquela linha e então fundaram uma residência. A residência, vamos dizer: tinha uma residência que pertencia a Vacaria. Ali era a sede, depois tinha outra estação ali pra cima, a Estação Sargento Queiroz, que tinha outra turma. A turma que eu digo, tinha um mestre de linha, um feitor e uns vinte ou trinta trabalhadores para conservarem a linha”. (Entrevista, 26/09/2009).

O início de sua trajetória profissional fora evocado em uma narrativa delineada no *Big Lucão*, uma lancheria localizada no entorno da Praça Saldanha Marinho, que esse

interlocutor-personagem costuma freqüentar há mais de cinco anos, no período da tarde, quando “*sobe para o Centro*”. Em uma tarde do mês de agosto de 2009, ele relatou-me o seguinte:

“Eu entrei na Escola Ferroviária, ainda guri, com 14 anos. O cara saía de lá um adulto, um profissional, porque aprendia ofício de soldador, mecânico, marceneiro, torneiro mecânico, etc. Entrei na escola em 1949 e saí formado em 1952. Em 1953 já entrei na oficina. Então, em 1954, eu saí e fui servir. Voltei em 1955 e fiquei. Então eu contei tempo de 49 a 82. Só que aquele tempo de escola, 4 anos só contou de tarde, porque de manhã era aula e de tarde era o ofício. Então, de manhã nós estudávamos ali onde é o mercado Carrefour. Era a Escola de Artes e Ofício, que depois passou a Hugo Taylor. Então de manhã era ali, e de tarde era na escola lá embaixo, na frente da estação [fêrrea], pro lado de lá da estação. Depois fizeram outro colégio na frente da estação que tem até hoje ali, o EMAI. Mas, antes, até ali era tudo ferroviário, tudo pertencia à Rede”. (Entrevista, 10/08/2009).

O tom linear de sua narrativa, predominante na maioria das entrevistas realizadas tanto no âmbito da “casa” quanto da “rua”, ao basear-se em uma coerência cronológica, revelou a implicação da concepção dominante do tempo social, qual seja a que se pauta em ciclos de vida socialmente construídos, como a infância, a juventude e a velhice. Essa concepção dominante do tempo social, de acordo com Norbert Elias (1994), demonstra o caráter instrumental no processo civilizador, consistindo em uma das maneiras pela qual esse processo contribui para formar “*habitus sociais*, que são parte integrante de qualquer estrutura da personalidade” (Elias, 1994:15).

Desse modo, ao atestar o caráter simbólico do tempo, o sociólogo destaca que a “regulação social do tempo” e a contagem que fizemos desse, revela que o mesmo é uma “instituição”, uma representação que engendra modos particulares de coerção, configurando “modelos sociais de autodisciplina” (Elias, 1990), que regulam as relações entre o indivíduo, a natureza e a sociedade. Percebe-se, através do relato de Zulmir, essa “regulação” do tempo:

“Eu pegava das 7h00min às 11h30min e depois pegava às 13h00min e largava às 17h30min. Agora a turma, não. A turma ia pro trecho. Eles almoçavam onde estavam, paravam às 11h30min, pegavam a uma e pouco e depois recolhiam às 15h30min. Às vezes chegavam de volta lá pelas oito da noite... Eu sonho até hoje que estou trabalhando! De noite me deito cedo no sentido de que tenho que ir trabalhar cedo no outro dia... Amanheço pensando que tenho que ir pra Rede [RFFSA]. E tu vê!?! Quantos anos faz! Faz 27 anos que estou fora, que me aposentei. Fez agora dia 21 de setembro, semana passada”. (Entrevista, 26/09/2009).

Ou seja, através dessa narrativa de Zulmir, percebe-se que “os tempos da Rede” sobrepõem-se ao tempo presente, qual seja o “tempo da aposentadoria”, configurando desse modo, uma ondulação temporal que traz implicações aos ritmos temporais cotidianos, ilustrando a “regulação social do tempo” a partir da sua trajetória profissional enquanto um ferroviário.

Por outro lado, o “devaneio do tempo vivido como contínuo”, a partir da representação de um “tempo social ritmado pelo trabalho” (Eckert, 1993:13), ancora-se no pertencimento suscitado pela lembrança do seu ofício na ferrovia, assim como nas imagens das estações e dos túneis construídos pela VFRGS narrados por esse interlocutor-personagem:

“Eu era mecânico de auto, eu cuidava dos autos, que naquele tempo eram os jipes. Então era o seguinte: o jipe tinha três vagonetas e tinha o jipão de andar na ferrovia. Eles tiravam da rua, estreitavam, colocavam nele as ferramentas todas. Tinha uma turma de gente que ia nele. Saíam às 7 da manhã, levavam o almoço e almoçavam no trecho como diziam. Largavam às 15h30min e vinham pra sede de novo. Em cada turma dessas tinha um, tinha uma aqui em Vacaria; Sargento Queiroz, outra; dava uns 42 km. Depois tinha a ponte do rio Pelotas, a Estação Escurinha e aqui tinha outra turma e dava mais uns 40 km. Pra cá tinha o rio Pelotinhas e o Santana. E pra cá [mostra-me com as mãos sobre a mesa] tudo é morro. Morro e túnel”. (Entrevista, 10/08/2009).

A antropóloga Myriam Lins de Barros (1989) assinala a partir do legado teórico de Halbwachs (2006), que as noções de tempo e espaço, enquanto estruturantes dos quadros sociais da memória, são fundamentais para a rememoração do passado, na medida que “as localizações espaciais e temporais da lembrança são a essência da memória” (1989:30).

Percebe-se a seguir, que a narrativa da trajetória de vida de Zulmir, agora realizada no “espaço da casa”, no mês de setembro de 2009, configura uma consolidação temporal que assume uma forma linear e diacrônica, colando-se aos trechos das linhas de trem, cujas estações espalhadas pelas estradas de ferro ao longo do estado são lembradas a partir da seqüência das mesmas em um espaço geográfico e em um tempo cronológico:

“Eu fui lá pra Vacaria em 1972. Em 1969 foi inaugurado aquele trecho novo de linha que sai daqui de perto de Porto Alegre. É aquele entrocamento pra cá de Vasconcelos Jardim. Canoas de lá pra cá, que passa em Canoas, Montenegro, Roca Salles, a ‘Estação Principal’ e depois passa Santa Teresa, que quando eu fui pra lá era vila, agora é cidade. Santa Teresa fica 18 km longe de Bento Gonçalves, nas costas daquele rio... não me lembro o nome. Sobe ali e passa nos túneis... ali tem um túnel com 2.904 metros por baixo da terra. Eu viajava de trem dentro daquelas locomotivas... três locomotivas puxando o trem e aquele barulhão que faz dentro! Tu vê: eram três locomotivas puxando o trem e aquele barulhão... Eram exatamente 2.904 metros, tu já pensou? É distância, né? Tudo por baixo da terra e aquele barulhão. Ah, e nessa estação pra cima de Vacaria, tinha outra pequena no meio onde tinha a Fazenda do finado Coelho Borges. Porque essa linha era pra passar dentro da fazenda do homem, uma reta. Era a maior linha reta de ferrovia que ia existir na América Latina. Então como ia passar dentro da fazenda do homem?! Deu uma encrenca e foram pra justiça, andou até em Brasília, por lá. O homem não queria, o fazendeiro não queria. Mas se meteu com o Exército, né?! Quem fez aquilo lá foi o batalhão ferroviário, fez toda essa linha. Então cortaram, passaram a linha dentro da Fazenda, era perto da BR 116. Era a estação, a linha e a fazenda. Era uma baita de uma fazenda, tinha até igreja e colégio, tinha tudo! E depois logo em seguidinha tinha o rio Pelotinhas, que eu às vezes ia destacar. O cara entrava de férias e eu ia de motorista, ganhava diária e hora e ia pescar no Pelotinhas”. (Entrevista, 26/09/2009).

Zulmir continua a narrar os percursos do trem, as estações, os rios e os túneis, por onde ele passava, evocando, desse modo, as constelações de imagens que figuram o imaginário humano (Durand, 1997), desencadeando desse modo, o fenômeno da memória coletiva:

“Ah, agora me lembrei! Tinha também a Estação Coronel Salgado, Jaboticaba e depois Santa Teresa; depois Roca Salles, Paverana, Turvo, Montenegro, umas estaçõezinhas, e depois do entrocamento é que dobrava.... E de Jaboticaba pra lá tinha um túnel que saía da estação e ia para Caxias, saía por dentro do túnel, ia por dentro, era coisa mais linda lá! Saía uma linha que ia pra Vacaria e outra para Caxias, dentro do túnel e tinha um bico dentro da rocha pura, era coisa mais linda e logo que saía tinha uma ponte de 500, 600 metros... Saía da ponte, entrava num túnel e saía em outra ponte... Olha, era coisa mais linda! Tu tinha que conhecer”! (Entrevista, 26/09/2009).

Porém, o tom linear que caracterizou grande parte da narrativa desse interlocutor-personagem, delineada pela “imagem-memória”³⁶ dos trilhos, passa a ser substituído por um tom épico, quando começa a narrar o tempo em que residiu na cidade de Vacaria, no norte do RS, cidade na qual passou a morar devido a uma transferência que a Rede lhe concedeu.

Desse modo, os “*tempos de Vacaria*”, foram evocados como um marco temporal específico, como “*tempos em que passou trabalho*”, demonstrando que “a memória é uma faculdade épica” (Bosi, 1994:11), que classifica os tempos vividos a partir do seu caráter interpretativo.

Diga-se de passagem, essa interpretação e conseguinte classificação, é desvelada, sobretudo, pelo distanciamento provocado pelo ato narrativo, que de acordo com Paul Ricoeur (1988) consiste no “paradigma do distanciamento na comunicação”, revelando um aspecto central da própria historicidade da experiência humana, na medida que ela é uma “comunicação na e pela distância” (Ricoeur, 1988:44).

Percebe-se na fala abaixo, que o distanciamento desencadeado pelo ato narrativo atribui aos tempos vividos na estranha cidade de Vacaria, a feição de tempos difíceis:

“Foi em 1972 que me transferiram pra Vacaria. Quando eu fui pra lá, eu não conhecia ninguém, ninguém! Aí eles deram uma casa para eu morar. E eu, ao invés de ir sozinho, convidei a mulher pra ir junto e ela foi. Eu cheguei lá e não tinha cama, não tinha nada. Nós levamos bastante roupa e dormíamos no chão. Eu peguei duas pedras, arrumei um machado que eu cortava lenha, e fazia fogo ali... Tinha uma arezinha na casa, um puxadinho com cimento. Eu fazia fogo ali encima. Era muito frio! Só escuta, e era a pura verdade. Não tinha fogão. Eu levei um fogãozinho a gás de quatro bocas, daqueles de pezinho, que nós chamávamos de pé seco, aqueles quatro pezinhos compridos e altos e o fogão encima. E eu não tinha dinheiro para comprar gás. Não tinha nem água ali, eu tinha que ir buscar uns 200 metros longe, pra cozinhar e pra tudo... Banho, eu tinha que ir tomar lá na oficina da Rede [RFFSA]. Até tinha um banheiro, mas a água do chuveiro era fria, no inverno... Olha, eu

³⁶ Eckert, 1993.

agüentei! Mas, olha, vou te contar, passei trabalho, que tempo difícil! Enquanto eu estava no hotel tudo bem! Mas eu estava contando com a promessa de quando eu chegasse lá... Porque a Rede dava ajuda e recursos quando removiam a gente e davam um mês de vencimento... Mas até isso acontecer passei trabalho. Eu conto pros caras que eu colocava guarda-chuva assim pra água não bater de noite, pra nós poder dormir... Nem eu acredito, agora que estou te contando, eu vejo, e me pergunto: como foi que eu consegui?” (Entrevista, 26/09/2009).

Porém, os tempos difíceis experienciados em uma cidade estranha, assumem a feição de um tempo em que foi se “endireitando aos poucos”, lhe possibilitando a descoberta de amigos, assim como o estabelecimento de uma nova pertença religiosa:

“Passamos um ano ali naquela casa que eu te contei. Fazia um ano que eu estava lá e o cara que estava morando lá também, passava viajando. Ele trabalhava todo o dia à serviço. Mas quando fez um ano, eu fui falar com o engenheiro, o Dr. Scalco, Elias Scalco. Daí eu cheguei e disse: – ‘olha doutor, eu quero remoção, eu quero ir embora daqui de Vacaria’. Mas ele queria saber por que. Ele era muito bom, ele era noivo até. Ele era de Guaporé e a mulher dele era de Porto Alegre, ela era engenheira, arquiteta. E ele era engenheiro mecânico. Ele queria saber o porquê, tinha muita coisa que ele não sabia, né?! Ele achava que eu estava numa boa lá. Daí eu explique pra ele tudo: – ‘Dr, é assim e assim. Eu vim pra morar em Vacaria quando fui removido com promessa de casa, água, luz e com tudo. E o senhor vê, não tem luz, nem água, não tem nem nada lá. E o senhor vê, eu agüentei um ano lá! Agora eu quero que o senhor me remova.’ – ‘Mas para onde é que tu quer ir?’ – ‘Pra qualquer lugar que tenha luz e água e uma casa para mim morar, porque não tem mais condições’. – ‘E é isso aí só?’ – diz ele. – ‘Tá! Vai trabalhar!’ Então eu fui e começou o movimento lá: tinha eu de mecânico, tinha um outro rapazinho que me ajudava lá, era o meu ajudante; tinha o marceneiro, tinha pedreiro, tinha encanador... Trabalhavam todos ali junto comigo, só tinha uma parede que separava. Daí eu via aquele movimento pra cá e para lá. Depois do engenheiro, tinha o condutor de linha, era um velho do tamanho dessa porta aí mais ou menos... Aí fizeram uma casa pra mim, lá na frente da estação. Dali uns dias... aquilo foi vapt e vupt, acho que em uma semana e meia fizeram a casa. Uma casa de madeira, mas boa a casa! Colocaram banheiro, luz elétrica, botaram tudo lá. A coisa foi se endireitando, eu comprei coberta, comprei outras coisas, senão não agüentávamos o inverno porque tinha goteira na casa e tal. E tinha o motorista da Rede, ficamos amigos, porque ele ficava ali dentro na oficina, com a caminhonete. Quando ele viajava com o engenheiro, ele saía, senão ele ficava ali. Então nós ficamos amigos. Ele me convidava para almoçar na casa dele e ele me apresentou num Centro. Um Centro de Saravá lá, de caboclo. E a dona lá, a mulher, era muito boa, a Dona Teresa. Aí todo domingo eu tinha que almoçar lá, todo domingo. Eu ajudava e participava. Então fui me entrosando, arrumando amizade aqui e ali e tal. E aí veio o meu dinheiro, levou um mês. Era pra mim chegar lá e receber. Por isso que eu fiquei nessa braba, sabe? Quando veio eu me endireitei: fui numa marcenaria e mandei fazer uma cama. Tenho até hoje aquela cama! Aquela cama tá lá em casa! Aquela cama eu vou morrer e ela vai ficar!” (Entrevista, 26/09/2009).

Por outro lado, colam-se aos tempos vividos na cidade de Vacaria, os tempos da aposentadoria, cujo “tempo livre” implicou na reordenação do ritmo de suas práticas cotidianas, assim como na configuração de novas formas de sociabilidade e de apropriação do espaço urbano:

“Como eu disse, em 1972 me transferiram aqui de Santa Maria, onde eu nasci e me criei. Eu parei de trabalhar em 1982 e fiquei em Vacaria até 1999. Morei lá 17 anos. Trabalhei só dez anos lá. Me aposentei e fiquei morando lá mais 17 anos por gosto assim. Eu gostava de lá! Só era frio, frio!! Lá eu gostava de ir pro Centro (antes não dava, eu trabalhava). Mas lá eu

ia sozinho. Não tinha uma turma que nem aqui. Eu pegava a minha caminhonete encostava na praça, pegava um jornal e ficava ali. Lia o jornal e quando chegava na hora do almoço, eu ia para casa. Depois de um tempo, eu comecei a ficar amigo de uns caras que tinham uma borracharia e um rapaz que tinha um barzinho lá perto de casa, que abriu um supermercado. Então, eu comecei a ajudar ele lá no supermercado. Vinha o pessoal de fora que morava lá na costa do Pelotas, pros lados de Esmeralda e de Capões. Então, esse pessoal alugava ônibus e vinha, era o pessoal que colhia maçãs e vinha fazer rancho em Vacaria no armazém dele. Então quando apertava a coisa (era só a mulher dele e ele, e era grandinho o mercado!), eu ajudava. Eu pegava a nota do rancho, pegava um carrinho daqueles e ia colocando tudo ali. Empacotava e entregava no ônibus pro pessoal, ajudava a carregar. Então eu estava entrosado ali. Mas era tudo de graça, eu não ganhava nada.” (Entrevista, 26/09/2009).

Desse modo, o “tempo livre” da aposentadoria configurou-se como um “campo de possibilidades”, proporcionando-lhe o desempenho de novas atividades profissionais, assim como a retomada de suas antigas “artes de fazer” (De Certeau, 1994) no ramo da mecânica, em um novo tempo-espaço, que não o da VFRGS/RFFSA:

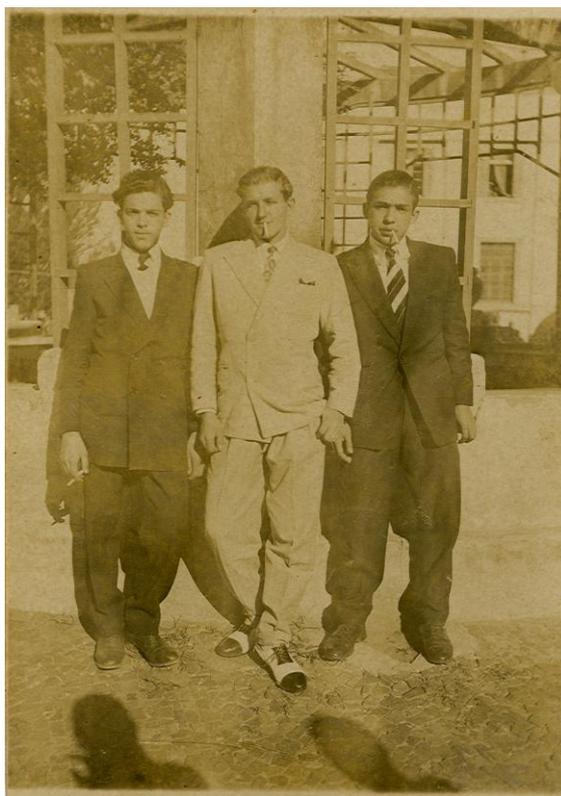
“Mas começou a enfraquecer o movimento do mercadinho que eu ajudava, porque o pessoal que trabalhava lá fora nas macieiras começou a ir embora. Daí eu comecei a ir pra borracharia. Era num casarão grande de madeira. Tinha uma oficina de moto-serra, do lado era uma loja de peças de auto, na frente tinha o ginásio serrano, que tinha futebol de salão e depois tinha baile, virou em bailão! Passava a rua principal que vai desembocar lá na BR 116, é a que vai pra Lages. Eu vivia lá na borracharia! Eu ia pra lá e o cara era muito meu amigo. Lá tinha o filho dele que não chamava o pai dele de pai, chamava de “borracheiro” [risos]. E o dono me chamava de “o ferroviário”. E então eu ajudava, tirava pneu dos carros, desmanchava, colava os furos, ajeitava, tudo de graça, eu não cobrava nada. E aí quando chegava lá pelas 11 horas e quando estava bom o movimento, chegava aqueles caminhões... Olha para colocar os macacos hidráulicos era um trabalhão!” (Entrevista, 26/09/2009).

Os vínculos com a cidade onde nascera, Santa Maria, eram mantidos, apesar das viagens hoje vistas como demoradas:

“Eu voltei pra Santa Maria 27 anos depois. Mas quase todos os meses eu vinha à Santa Maria. Eu vinha a serviço, vinha ganhando diária, ganhando hora e tudo. Eu dava um dente quando eu vinha pra cá! Eu trazia a minha mulher. Ela vinha de ônibus e eu vinha pelo trem, eu tinha passe livre. Ainda tenho os passes lá em casa. Chegava a levar quatro dias para vir de Vacaria aqui! O trem saía devagarinho, porque lá é serra, ia em Porto Alegre, ficava em Pestana, chegava de tarde lá e saía no outro dia. Mas naquele tempo eu não achava demorado, hoje sim, a gente se apavora de como demorava...” (Entrevista, 26/09/2009).

As relações que estabelece com o Centro de Santa Maria são vistas hoje em dia como uma nova forma de ocupar o “tempo livre” da aposentadoria e reencontrar os amigos. Ao retornar para a cidade natal, deixara de ocupá-lo com o trabalho voluntário no mercado e na borracharia dos amigos que fizera na cidade que um dia lhe fora estranha, mas, que hoje é depositária da maioria das suas memórias, na medida em que conformou grande parte da sua trajetória social:

“Como eu te disse, eu me aposentei e fiquei morando lá em Vacaria mais 17 anos por gosto assim. Eu gostava de lá! Eu vim pra Santa Maria 27 anos depois de ter ido embora... Isso de vir pro Centro foi porque eu era daqui. Eu conhecia todo mundo aqui, dessa turma aí eu conhecia quase todos. Eu não tinha nada pra fazer em casa, comecei a vir... Comecei a me encontrar com os caras. Tudo conhecido, um velho pra cá, um velho pra lá. Então ficamos toda a turma aqui e eu comecei a vir pro Centro. Eu vinha de manhã, eu gostava de ficar na esquina do Calçadão, bem na esquina, bem do lado da farmácia, da Panvel. Ali era meu chão. Eu me escorava e ficava ali, naquele tempo eu não tinha problema na perna, nem nada. Eu ficava por ali com a turma. Agora gosto de ficar aqui na praça, tem mais sombra. É que aqui em Santa Maria, onde é que o cara aposentado vai se meter? Vem aqui pro Centro... vem aqui toma uma cerveja, conversar com a turma ali, se tu vai ir na casa de cada um, fica ruim, né? Chega lá, o cara não tá em casa, o cara também gosta de ‘subir’, vir pro Centro, porque ali quase todo mundo vem, né? O que está restando dos ferroviários é aquela turma que vem ali e mais um pouquinho só, porque o resto já foi tudo! Eu ‘subo’ para bater papo com a turma. Fazer o que aqui no Centro? Comprar não, porque eu não gosto da gastar. Venho pra bater papo com a turma, é claro! Pra ficar por dentro, saber de alguma novidade, alguma coisa. Mas eu não sou muito curioso, tem cara que só vem aí pro Centro para saber negócio de dinheiro.... Tem um turma aí que só vem pra isso [referindo-se a Esquina do Cotovelo]: –‘Não tem nada novo? Não sabe se vai vir alguma coisa aí?’” (Entrevista, 26/09/2009).



Im. 74

A “*turma*”, a qual se refere, é composta, entre outros, por Luís (militar aposentado), Adão, Cirilo, Joaquim (ferroviários aposentados). Embora esse grupo de aposentados não busque se institucionalizar enquanto um grupo social, tal como os *habitués* da *Boca Maldita*, ele empreende alguns esforços a fim de manter os vínculos de amizade e o pertencimento a esse território no Centro da cidade. Nesse sentido, essas pessoas configuram no mesmo uma forma específica de “sociabilidade lúdica” (Simmel, 1983).

Verifica-se na fala de Zulmir, o esforço dele e de sua “*turma*”, em manter a forma de sociabilidade que configuram no referido espaço urbano:

*“Aqui no Centro eu conheci muita gente! Um apresenta pro outro. Seguido o telefone toca lá em casa quando eu não subo: —‘E aí, o que houve?’ —‘Ah, estava doendo muito a minha perna!’, dou alguma desculpa. O Adão liga, o Alonso ligava, o Dario... Às vezes eu não venho porque está doendo a minha perna mesmo. Essa semana eu vim terça, quarta e quinta-feira. No Final de semana, às vezes no sábado, eu venho. Mas sábado é diferente. De manhã até vêm uns: o Luís nunca vem. Mas vem eu, vem o Adão... Tem só uma meia dúzia ali. O Zé vem todos os dias. Até domingo ele vem! Eu, domingo, não venho nunca. Final de semana aqui em Santa Maria é bem diferente, o pessoal fica mais em casa. Eu, por exemplo, fico em casa, eu faço o meu churrasquinho”*³⁷ (Entrevista, 10/08/2009).

A regularidade com que Zulmir, o Pico, frequenta o Centro de Santa Maria corrobora a constatação de Roberto DaMatta (1985:30) de que, no caso brasileiro, “os dias da semana são marcados por concepções diferenciadas e complementares de tempo”. Desse modo, sábados e domingos são tempos muito mais internos, da casa e da família e os demais dias da semana são vividos como tempos externos, marcados pelo trabalho e por outras atividades lúdicas.



Im. 75



Im. 76

³⁷ Em sua pesquisa sobre campesinato e gênero, a partir da antropologia da alimentação, Josiane Wedig (2009) discorre sobre o “churrasco de domingo” enquanto uma prática masculina.

3.4 Zeir Pujol: revisitando os salões da memória



Zenóbio Pujol, o Zeir, 65 anos: é um dos *habitués-fundadores* da *Boca Maldita* e também um dos fundadores do Cristal, time de futebol amador de veteranos, da cidade de Santa Maria. Reside no Centro da cidade. Seu *expediente* na Galeria Chami é pela manhã. Suas paixões são o futebol e a música, sendo que ambas já lhe proporcionaram inúmeros troféus e homenagens da comunidade santamariense. Costuma viajar com frequência a Porto Alegre para visitar os seus filhos e netos.

Im. 77

Foi em meio a troféus, imagens de futebol e de carnaval, fotografias dos filhos e dos netos, e, principalmente, por entre refrões musicais que Zenóbio Pujol, 65 anos, o Zeir, teceu a maioria das suas narrativas biográficas. Ele fez questão de realizá-las em sua casa, situada na avenida Itaimbé, no Centro da cidade, a qual pertencera outrora aos seus pais Álvaro Pujol e Atanair Tomás Pujol.

As “narrativas biográficas” apresentadas a seguir, gravadas sob o consentimento do interlocutor, foram realizadas em uma tórrida noite do mês de dezembro, após um belo jantar oferecido por Zeir e sua esposa Vilma Almeida Pujol. Nessa oportunidade, o cardápio fora uma suculenta costela assada, galeto, arroz e uma grande variedade de saladas. Para beber, um litrão de *Pepsi Cola* bem gelada.

Os “deslocamentos narrativos” (Graeff, 2005:111) realizados por Zeir, em suas “narrativas de si”, a partir de imagens videográficas e fotográficas, e, sobretudo, a partir de refrões de canções populares, demonstraram que a memória ultrapassa instantes aparentemente pontuais, na medida em que produz “intervalos de duração, que ao serem organizados formalmente e afetivamente pelo pensamento, produzem o sentido da experiência” (Graeff, 2005:112).

Desse modo, os “intervalos de duração” produzidos pelo ato narrativo desse interlocutor-personagem serão apresentados nesse texto etnográfico através de historietas como as que serão contadas a seguir.

3.4.1 “*O chefe da Boca Maldita*”

O prefeito municipal de Santa Maria, César Schirmer,³⁸ compõe a lista de freqüentadores da *Boca Maldita*, conforme destaca o informativo de mesmo nome. Entretanto, no decorrer do trabalho de campo eu ainda não havia me deparado com o mesmo no Café Expresso, localizado na Galeria Chami, espaço no qual se configura o referido território de sociabilidade.

Na manhã que antecedeu a janta na casa de Zeir e Bila, eu e Rogério³⁹ havíamos nos encontrado com Zeir na *Boca Maldita*, de modo que eu realizei mais uma observação participante. A seguir, nos deslocamos com ele pelo Calçadão. No decorrer do percurso, encontramos Enelson, um dos colunistas do informativo, com quem Zeir trocou algumas idéias acerca da próxima edição do “*jornalzinho*”.

Porém, instantes depois, nos encontramos também com o prefeito municipal. Ao ver Zeir, Schirmer, como é popularmente chamado, parou e cumprimentou-o. Quando apertou a mão de Zeir, olhou para mim e falou-me com veemência, apontando para ele: “*esse aqui é o chefe da Boca Maldita!*”.

O prefeito e o então “*chefe da Boca Maldita*” dialogaram, apesar do intenso fluxo de pessoas no Calçadão e dos vários ruídos que compunham a sonoridade urbana do Centro da cidade naquela quente manhã. Enquanto eu e Rogério captávamos imagens fotográficas dos dois conversando, Zeir gesticulava, apontando para a extremidade do Calçadão onde se encontra o relógio alusivo aos 150 anos de Santa Maria.

Diga-se de passagem, a “*chefia*” atribuída a Zeir pelo prefeito municipal vai ao encontro das considerações feitas por Camilo, corretor imobiliário, após mais uma partida de futebol entre Cristal x Montese, no Clube 2 de Novembro, na preparação do churrasco dos atletas: “*Zeir é o líder, nós gravitamos em torno dele!*”. Na ocasião, Zeir reagiu do seguinte modo: “*capaz! Então, eu sou um mal necessário!* [risos]” (06/10/2009).

O prestigiado jogador e músico, sob o qual “gravitam” os demais, tanto no campo de futebol quanto na *Boca Maldita*, parece deter uma gama de capitais simbólicos, excetuando-se

³⁸ Prefeito Municipal, gestão 2008-2012, eleito pelo PMDB.

³⁹ Trata-se do meu namorado, que nesta manhã acompanhou o deslocamento meu e de Zeir pelo Calçadão.

o capital financeiro, considerando a sua jocosa declaração: “*ah! Eu sou pobre, moro em barraco, mas é no Centro!*” [risos].

Diga-se de passagem, Zeir pertence à categoria dos “autônomos”, evocada no decorrer dos primeiros diálogos que tive com os *habitués* da *Boca Maldita*. Ele próprio destacou que desde que abandonara o seu emprego público na Superintendência de Campanha de Saúde Pública (SUCAM), não obteve mais trabalho fixo, tornando-se “autônomo”, motivo pelo qual contribuía até hoje com o INSS, a fim de pleitear a sua aposentadoria (a qual obteve no final da escrita desse trabalho).

O reconhecimento do prefeito de Santa Maria, assim como a posição de liderança que Zeir ocupa na *Boca Maldita*, revela que ele assume as feições de um “líder carismático”, que de acordo com Max Weber (1981) é um líder cuja legitimidade não está pautada em um reconhecimento institucional, mas sim num reconhecimento pessoal e legítimo dos seus seguidores, que estabelecem com ele uma relação de lealdade.

Na referida manhã, após o encontro entre o Zeir e o prefeito, este segue em direção a Galeria Chami, permanecendo alguns minutos na *Boca Maldita*. Zeir, por sua vez, depois de explicar-me que o jogo de futebol desse sábado seria no “*campo do Imembuí, ao lado do lar das vozinhas*”, às 18h30min, começa a se dirigir para a sua residência. O jogo referia-se a uma partida de futebol amador de veteranos, entre os *Amigos do Zeir x Amigos do Claudião*, correspondente a Copa Verão/2010.

Eu lhe perguntara, depois, na entrevista realizada na sua casa, acerca de sua conversa com o prefeito, ao passo que ele destacou o seguinte:

“Bah, ele é invocado comigo uma barbaridade! Ele sabe que eu sou do Pimenta⁴⁰ [Paulo Pimenta, deputado do PT]! Ele até disse pro Pimenta! Teve um sábado que nós estávamos todos reunidos ali na Boca Maldita: nós, o Pimenta e ele. O Schirmer chegou e disse: – ‘Pô, Pimenta, esse aí, é fiel a ti [risos]! Aí, ele me colocou lá encima, sem querer, né? Eu cobro muito a administração dele como prefeito! Eu falei para ele aquilo que eu comentei contigo sobre as fotos antigas de Santa Maria. Eu já dei a idéia de ele colocar as fotos de Santa Maria antiga naquele painel ali do relógio, de ele colocar as imagens passando ali. É uma boa idéia, e hoje eu cutuquei ele de novo, pra ele colocar, eu disse pra ele: – ‘Era linda Santa Maria!’ Hoje cobrei dele de novo e ele disse: – ‘não, não, eu não esqueci!’ Pois é, é como o Schirmer me disse: – ‘isso aqui não é Calçadão, isso aqui é a primeira quadra!’ E ele está certo nesse ponto. Calçadão é Copacabana!”

⁴⁰ Os políticos Paulo Pimenta, Deputado Federal pelo PT e César Schirmer, atual Prefeito Municipal pelo PMDB, são oponentes “históricos” no contexto político do município, tendo em vista que já disputaram no passado vagas na Assembléia legislativa, na Câmara Federal, assim como na última eleição municipal, em 2008, na qual Schirmer foi eleito. Nesse mesmo ano saiu uma reportagem no jornal Zero Hora (28/9/2008), de Moisés Mendes, intitulada “Duelo no cafezinho”, onde aparecem imagens dos dois adversários políticos tomando cafezinho no *Café Expresso*, na Galeria Chami, local em que está localizada a *Boca Maldita*.



Im. 78



Im. 79

3.4.2 “O close da RBS”

Logo ao “sairmos de campo”, ao anoitecer do dia 6 de dezembro de 2009, mais precisamente das imediações do “*Maracanã dos Velhos*”, como é jocosamente chamado o “*campo do Imembuê*” pelos “*atletas veteranos*”, fomos para a casa de Zeir. Na calçada de sua casa, em frente ao parque Itaimbé, a esposa Vilma, chamada de Bila pelos amigos, que há pouco chegara do trabalho, em meio a conversas com algumas vizinhas, ofereceu-nos um chimarrão.

Quando elogiei a paisagem composta pelas árvores do parque, Zeir assinalou: “*a infância, eu passei metade lá em Porto Alegre e metade aqui, eu me lembro aqui da sanga, aí na frente, do tempo que tinha lambari e tudo*”.

A “*sanga*” da qual fala Zeir, trata-se do arroio Itaimbé⁴¹ que atravessa a zona urbana de Santa Maria, a qual após a sua canalização, passou a ser uma das principais áreas de lazer da cidade.

Após evocar imagens do “*tempo que tinha lambari na sanga*”, Zeir constatou que “*da vizinhança daquele tempo só tem a sua tia e o seu Ari ali, na Henrique*”. Em seguida menciona a mãe de uma amiga que morava onde hoje é um edifício e reitera: “*é, os moradores antigos daqui, agora, são só nós!*”.

Desde a chegada de Zeir em sua casa, o seu telefone celular tocara ininterruptamente: o filho mais novo que reside em Porto Alegre, o colega da *Boca Maldita* que esquecera o capacete no carro de um outro, e, por fim, Machadinho para tratar da lavagem do fardamento da *Boca*. Bila, por sua vez, observa: “*o telefone do Zeir não pára, é assim o dia todo!*”

Diga-se de passagem, esse *habitué* da *Boca Maldita*, *chefe* da mesma, de acordo com o prefeito, e, *fundador*, segundo ele próprio e alguns dos demais frequentadores desse território urbano, possui bastante familiaridade com as novas tecnologias, como a telefonia celular e a *internet*. Inclusive, com essa última, despende grande parte do seu tempo, conforme dissera-me em uma outra entrevista realizada, à tarde, em sua casa: “*olha, eu fico a tarde envolvido no computador, hoje só não fiquei porque tu estava aqui... É e-mail, orkut, etc.*”.

Na referida noite, após a janta, assistimos a um DVD que continha o conteúdo gravado de uma antiga fita VHS. Tratava-se da gravação de sua viagem a Porto Alegre, em 1998, para participar da final do concurso de samba-enredo da Escola de Samba Imperadores do Samba.

No evento que aparecia na tela da televisão, em que conquistou, junto com um amigo, o segundo lugar com a música *Lenda do Arco-Íris*, apontava, na quadra da referida escola de samba da capital gaúcha, a presença dos filhos: “*eles foram me prestigiar! Olha lá a minha filha*”. Após a imagem de um beijo na testa da primogênita da família, declara: “*ela é o meu amor! Nós não brigamos... Mas de vez em quando sim, senão, não tem graça, né?!?* [risos]. Disse também: “*viu eu era magrão, oh, eu fumava!*”

Instantes depois ele emite um pedido de atenção, anunciando entusiasmado que na seqüência das imagens viria o “*close da RBS*”. Tratava-se de um *close* que a emissora havia-lhe dado, no ano em que desfilara na ala de convidados da Imperadores do Samba, também na década de 1990. Ao rever a imagem de si, orgulha-se da mesma, desabafando: “*bah, que emoção! Isso aí me desmonta, eu sou sensível! A emoção bate!*”.

⁴¹ Diga-se de passagem, o Arroio Itaimbé é um elemento importante na explicação mitológica do surgimento do município de Santa Maria, tal como destaca João Belém (2000).

Porém, às memórias suscitadas pelas imagens do carnaval que passam na tela da televisão sobrepõem-se as memórias recentes da viagem que realizou com a esposa e o filho caçula à cidade do Rio de Janeiro. A viagem a capital carioca oportunizou-lhes assistir ao ensaio de uma das escolas de samba do grupo especial do RJ, fato que narrou-me do seguinte modo: *“agora quando nós fomos no Rio...Olha, um ‘ensainho’, que ainda não era o desfile com as fantasias bonitas, já era lindo! Era o ensaio técnico, lá na Sapucaí! Quatro escolas por noite! É que tu incorpora o samba! É incrível!”*

Reportando-se novamente a Imperadores do Samba e a um espaço-tempo específico, ele assume: *“bah, eu gosto de carnaval! Aquele samba de 1998, nós puxando na frente da bateria, que emoção!”*

3.4.3 “E os velhos casais, dançando no salão, cantam seu refrão...”⁴²

Por outro lado, as imagens e os sons revisitados suscitam em Zeir o desejo de demonstrar uma outra “arte de fazer” (De Certeau, 1994), além da “arte do futebol”, qual seja a “arte de cantar”.

Pode-se dizer desse modo, apoiando-se em Bromberger (1998) que a música e o futebol consistem para Zeir, em “paixões ordinárias”. Essa categoria é sugerida pelo autor para se referir às atividades não laborais, na tentativa de compreender o sentido dessas práticas, dessas “paixões que se exercem na solidão ou na efervescência e participam de perfis sociais e psicológicos muito contrastantes, implicando num momento ou em outro, trocas, partilhas, convivência e confrontações” (Bromberger: 1998:31). Haja vista, “a música”, destacara Zeir: *“é de nascimento, a minha mãe cantava, o meu pai tocava violão. Os dois cantavam, ele acompanhava ela. O meu violão, que era do pai está lá em Porto Alegre na minha filha, e eu quero que ela arrume ele e dê pro meu neto.”*

Após essas considerações, ele retirou um violão que estava dependurado na parede da sala, entregou-me um papel e disse-me:

“Eu vou te mostrar uma letra que eu recebi aqui! Nós temos que fazer uma paródia. Uma letra com a Boca Maldita! Dá uma olhada! É do Ramirez, ele é um ótimo compositor! Dá uma lida Rojane, então tu vai ver se está claro. Eu não peguei ainda para endireitar, musicar, porque depois tem a correção. Quer ver uma coisa? Dá pra fazer bem rapidinho...”

Atendo ao seu pedido e leio a letra da música em voz alta. O “chefe da Boca”, que eu já vira em outros contextos ser um técnico enérgico e um empenhado jogador, arranha algumas notas no violão, ensaiando uma melodia para o provável “hino da Boca Maldita”:

⁴² Esse verso compõe a música *Roquenrol Bim-Bom*, do cantor e compositor Tom Zé.

Bendita Boca Maldita

Ramires Monteiro

Eu saio lá de casa todo dia
para viver com alegria
no meio do Calçadão
fofoca, futebol e amizade
café, solidariedade
e olhar de gavião

Quem quiser pode chegar
para falar de alguém
quem quiser pode chegar
para falar de alguém
Bendita Boca Maldita
fala mal, querendo bem

Às vezes vou de manhã e de
tarde,
à procura, com saudade
de um grande amigo meu
quem sabe no eco da galeria
eu ouça a “Santa Maria”
dizer que ele está com Deus



Após comentou, em tom reflexivo, prevendo algumas correções: “*é, é mais ou menos assim que nós vamos fazer. A letra está bonita, mas acho que tem que botar mais letra*”. Então, cantou novamente a última estrofe, com a melodia que acabara de inventar:

*“Às vezes vou de manhã e de tarde,
à procura, com saudade
e um grande amigo meu
Quem sabe no eco da galeria
eu ouça a “Santa Maria” dizer
que ele está com Deus”*

Ao terminar, enfatiza: “*essa parte ficou muito bonita. É para os que morreram! Aqui ele (o compositor) lembra dos que morreram, porque tem muitos... Ficou lindo, né?!*”.

Quando digo que a letra e a melodia recém criadas estão muito bonitas, pergunto-lhe se a música é uma síntese da *Boca Maldita*: “*é sim, esse aqui está bom!*” [referindo-se ao verso que fala dos amigos que já morreram]. Continua Zeir, “*mas esse aqui, ‘eu saio de casa todo dia para viver com alegria’ tem que mudar, né?*”.

Bila, sentada ao seu lado, imediatamente argumenta: “*Mas aí está certo, Zeir! Vocês todos saem todos os dias para ir para lá*”. Zeir, por sua vez, embora elogiando mais uma vez a composição do amigo, justifica:

“Mas é que a gente não ‘sai de casa todo o dia para viver com alegria’... Que alegria o quê?! Se está todo mundo ali no pepino! [risos]. Eles estão ali é disfarçando que estão felizes, tu acha que um desempregado que tem família, hoje, é feliz?!?E quantos desempregados tem ali!?”

Após a “breve discordância”, o casal que possui “*divergências de opiniões e não de vida*”, se entreolha e Zeir começa a cantar e tocar no violão a música “Mulheres”, interpretada pelo cantor Martinho da Vila. Desde então, o olhar de Zeir, alterna-se entre as cordas do violão e a esposa, que emocionada, lhe escuta cantar: “*já tive mulheres, do tipo acanhada e do tipo atrevida, casada, carente, solteira, feliz. Já tive donzela e até meretriz. Já tive mulheres....como é mesmo?*”. Ele retoma a letra e continua:

*“Mulheres cabeças, desequilibradas
mulheres confusas, de guerra e de paz
mas nenhuma delas, me fez tão feliz
como você me faz!
Procurei em todas as mulheres a felicidade
Mas eu não encontrei e fiquei na saudade
foi começando bem, mas tudo teve um fim
Você é o sol da minha vida, a minha vontade,
você não é mentira, você é a verdade
é tudo que um dia eu sonhei para mim.”*

Logo após a terna interpretação da música que cantara para a esposa, Zeir começa imediatamente a cantar outra canção. Bila, ao reconhecê-la, espontaneamente reage sorrindo alto e provocando o “esposo-cantor”: *“ah! Mas garanto que tu não vai lembrar de toda a música!”*.

Tratava-se da música “*Moça*”, uma das músicas preferidas de sua esposa na sua juventude, interpretada pelo cantor Wando [Nascimento]:

*“Moça, te espero amanhã
mas o meu coração,
pronto para te entregar
Moça, moça eu te prometo
eu me viro do avesso
só para te abraçar
Eu quero me enrolar nos teus cabelos
me abraçar no teu corpo inteiro,
morrer de amor e de amor me perder.”*

Logo a seguir, uma outra canção compunha o repertório musical que eu assistia ao vivo na sala da casa de Zeir, de onde ele “cantava refrões”, adentrando nos mais diversos “salões da sua memória”. Este show ao qual inusitadamente eu assistia de camarote, logo após um saboroso jantar, consistiu em muitos momentos em uma declaração de amor à esposa. Após declarar que *“eu sou o que sou, graças a minha mulher”*, Zeir reporta-se ao “*tempo das cartas*”, através da seguinte canção:

*“Tanto tempo longe de você
Quero ao menos lhe falar
A distância não vai impedir
Meu amor, de lhe encontrar
Cartas já não adiantam mais
Quero ouvir a tua voz
Vou telefonar dizendo
Meu amor, estou sofrendo
Com saudades de você
Eu te amo, eu te amo.”*

Ao término da canção, ele recorda: *“no final das cartas eu colocava ‘cartas já não adiantam mais’. Antigamente era na carta! Não tinha telefone! O tempo das cartas durou meses”*.

As cartas que se escreviam foram nos “*tempos do início do namoro*” entre Zeir, que na época morava em Santa Maria e Bila, que embora tenha nascido e morado nessa cidade até os seus 15 anos, fora morar com parentes em Porto Alegre, em decorrência da morte de sua mãe. Eles se conheceram em Santa Maria, mais especificamente numa certa vez em que Bila viera visitar a tia e fora junto com as suas primas até um baile “*no Treze*”, o Clube Treze de Maio,

sociedade recreativa fundada e freqüentada por afro-descendentes, no município de Santa Maria.⁴³

Diga-se de passagem, os “salões do Treze” são espaços, assim como outros evocados em sua narrativa, que consistem em “quadro sociais de memória” (Halbwachs, 2006) a partir dos quais Zeir consolida uma temporalidade e um pertencimento específicos, configurando a construção uma identidade social no presente:

“Na minha infância eu trabalhei no Correios um ano, no telegráfo. Trabalhei um ano aqui nas casas Eny, nos colchões, ali do Isaia⁴⁴. Trabalhei numa padaria. Mas era bico, não era assim um trabalho. Eu estudava também e tinha o futebol, né?!? Ah, e a sociedade [Treze de Maio], os bailes nos salões do Treze... Lá era um outro segmento da nossa vida! Era um implemento da nossa educação! Hoje eu digo, nós somos hoje o que nós somos graças a essa sociedade que nós tínhamos, que nos educava. Deus o livre, no Treze tinha que ter respeito!”

Enquanto Bila contava-me detalhes de como se conheceram e mantiveram o relacionamento à distância, Zeir, alheio a nossa conversa, porém atento ao violão, dedilhava os seguintes versos: “*eu sei que vou te amar, por toda a minha vida, eu vou te amar*”. Volta o olhar para a mulher com a qual está casado há quarenta anos e diz: “*essa mulher é uma heroína!*”



Im. 83



Im. 84

⁴³ Ver a esse respeito o trabalho de: ESCOBAR, Giane Vargas. “Museu Treze de Maio: lugar de memória, resistência negra, patrimônio e potencial”. IN: QUEVEDO, Júlio e DUTRA, Maria Rita Py. *Nas trilhas da negritude*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2007.

⁴⁴ O comerciante Salvador Isaia, foi o primeiro proprietário das *Casas Eny*, atuais *Lojas Eny*, cuja loja matriz está localizada no Calçadão. Diga-se de passagem, o nome desse espaço urbano “Calçadão Salvador Isaia” é uma homenagem prestada a esse antigo comerciante do município de Santa Maria (Beber, 1998).

3.4.4 As controvérsias do primeiro encontro, a partida para Porto Alegre e a posse de um “*talismã*”

O “deslocamento narrativo” (Graeff, 2005) que levava Zeir a revisitar os salões da Sociedade Treze de Maio e os primeiros espaços de trabalho, incitou-lhe a retomar a narrativa do seu primeiro encontro com a esposa:

“Vou te contar como foi que ela se apaixonou por mim: elas me d-i-s-p-u-t-a-r-a-m quando eu cheguei na festa. [Ao ouvir, Bila grita da cozinha: ‘mas que homem mentiroso e convencido!’] Ela não quer admitir! Estava ela e uma colega dela de Porto Alegre, elas fizeram até uma aposta! Nós éra bonitinhos, de gravatinha e tudo... Isso foi em 1968, 1969, eu já tinha perdido o pai. Era eu assim: eu não era eu cara um vaidoso. Se eu entrasse num baile, eu fazia um rodízio com as gurias, eu não escolhia a parceria para dançar, eu gostava de dançar. Então eu tirava para dançar aquelas humildes lá num cantinho, jururus. Elas que eu tirava pra dançar! Eu sempre fui, assim, parceiro. Quando eu cheguei eu disse: ‘opa, tem guria nova aqui no pedaço!’ Então eu cheguei, não era no Treze, era num aniversário de 15 anos. Eu sempre quis ‘eu’ conquistar a mulher e não ser conquistado. Então eu cheguei e eu vi, ela estava com umas amigas dela, e eu vi que elas estavam atirando a flecha, né? E se cutucaram lá. E eu fiquei dançando com outras amigas por lá. Mas, depois, eu fui, me dirigi pra lá pro canto delas e tirei uma amiga dela pra dançar. Naquele tempo, quando a gente tirava para dançar tinha o costume: tu ía lá tirava para dançar e depois terminava a música e ia lá levar a moça. Era bonito, né? Resumindo: depois eu tirei ela pra dançar e nós ficamos ali meio e meio conversando. Aí nós viemos juntos. Ela foi lá pras gurias, eu fui pra casa. Resumo: casei na festa como se diz!”

O casamento com Bila se constitui em um marco temporal específico na vida de Zeir, tendo em vista que implicou na sua mudança, no ano de 1969, para a cidade de Porto Alegre. Desse modo, após revisitar o salão do “*Treze*” e o salão onde conhecera a sua esposa, revisita a estação do trem.

Diga-se de passagem, a data e o ano de sua partida para Porto Alegre, foram assinalados pela sua esposa. Para Zeir, a sua partida não fora lembrada sob uma perspectiva cronológica, mas sim através de uma imagem musical, qual seja a serenata que os amigos lhe oferecem na estação:

“Pois é, nos peichamos e não nos largamos mais, e aí não teve! Ela voltou para Porto Alegre, eu me atucanei aqui, fui no cartório, tirei a minha certidão. E fui num baile do Treze, que eu nunca vou esquecer a emoção que eu tive. Me preparei todo, arrumei umas coisas. Nós estávamos nos escrevendo e eu disse pra ela ‘eu vou pra aí’ e ela disse ‘vem que a gente dá um jeito aqui’. Então, eu saí de madrugada do baile, cheguei em casa e preparei as minhas coisas. Estava só eu e a mãe e eu disse ‘mãe, eu vou embora’. Eu tinha um troquinho guardado. E ela me disse ‘tu está louco meu filho!’ Então eu peguei o trem de manhã e os meus amigos foram todos lá na estação se despedir. Eles cantaram aquela música que era sucesso na época....[ele pega o violão emocionado e canta uma estrofe da música]: ‘...Adeus irmão, já vou partir, para longe deste lar, saudades mil irei sentir...’. Bah, foi lindo, meus amigos todos ali na estação do trem, de manhã... uns bêbados, outros são! O trem para Porto Alegre saía às 7 horas da manhã. São coisas que marcam! Sabe que eu nunca contei isso aí (esse início da minha vida) pra ninguém? A despedida que me fizeram: o

Caixa, o João Macaco, o Sérgio...qual era outro?Ah, o Lima! Era uma turma ali do treze! São meus amigos até hoje, mas tem uns que já foram, já morreram, como o Dourival. Eu nunca vou esquecer, eu dentro do ônibus, aliás, do trem e eles ali cantando. Eu saí chorando por deixar eles.”

A data do nascimento da filha primogênita, por sua vez, também é lembrada através de uma canção. Quando pergunto-lhe quando foi o seu nascimento, ele evoca esse tempo-espço vivido, a partir de uma música que fizera sucesso nesse período. Desse modo, conta-me o seguinte: *“quando nasceu a gurira, eu cantava a música “Andréia, lálálálá, vem chegando o fim do dia!” Mas o nome dela é Andréa. Mas em que ano foi que ela nasceu!? Bah, espera aí, foi no ano em que essa música fez sucesso...”*

O poder que Zeir possui, de atrair as pessoas, sejam amigos ou mulheres, fazendo com que elas *“gravitem em torno dele”*, como dissera seu amigo Camilo, cujo título de chefe da *Boca Maldita*, concedido pelo prefeito, é uma forma de reconhecimento e legitimação de tal poder, consiste, conforme já dito, em uma *“dominação carismática”* (Weber, 1981), ou, ainda em um *“capital simbólico”* (Bourdieu, 2008). Diga-se de passagem, a posse desse *“capital simbólico”* é evocada por Zeir quando me apresenta em sua página do *orkut* um álbum de fotos que contém imagens antigas do Centro de Santa Maria, na medida em que evoca *“os tempos do café turfista e do café Cristal”*, tempos nos quais desfilavam de *“gravatinha”*:

“Como era lindo o Centro! Aqui era o jornal A Razão, aqui o cinema, aqui tinha os táxis! Olha a praça como era linda! Era o largo aqui. Fizeram o túnel do Behr [Viaduto Evandro Behr], porque senão fosse isso aí estaria um caos o trânsito aqui! E questionaram o túnel! O nosso ponto de concentração era num café da esquina, o Turfista... E tinha o Cristal, que era na entrada da Bozano, antiga segunda quadra. Era o nosso ponto de encontro da infância, da gurizada, da adolescência. Nós vínhamos de gravata aqui, de segunda a segunda, nós desfilava de gravatinha! Era a minha turma da Vila Brasil, da minha sociedade Treze de Maio. Olha, Rojane, não é querer falar, tu me desculpe até! Eu não quero exagerar, eu não estou exagerando, mas eu era uma figura aqui. Na sociedade eu entrava, eu era notado, eu era um... Onde eu estava tinha um formigueiro, principalmente de mulher. Mas é! Elas disputavam! É verdade, eu não sou gavola... É que eu era e até hoje eu vejo que as pessoas me querem bem, me admiram, estão aí os troféus e as homenagens que eu recebo, dos amigos, do setor esportivo aqui de Santa Maria”.

Porém, esse *“poder”* ou *“capital”* que, em uma situação jocosa, fora apontado pela esposa como um *“convencimento”*, para Zeir assume o significado de um *“talismã”*, o qual constata na medida em que a sua *“narrativa de si”*, permite-lhe mais um deslocamento no tempo-espço: *“ah, eu não sei! Desde pequeno eu noto isso! Não sei até hoje porque que eu nasci com esse talismã que atrai as pessoas!”.*

Desse modo, verifica-se que a constatação de Zeir corrobora a afirmação de Ricoeur (1988:40) de que o “distanciamento operado pelo texto narrativo é condição para a interpretação do ser-no-mundo”.

Por outro lado, o “*talismã*” de Zeir, enquanto um “capital simbólico”, desvela o seu “potencial de metamorfose”, que de acordo com Gilberto Velho (2003) corresponde à capacidade que os indivíduos apresentam de manter, apesar de transitarem entre “domínios e experiências mais diferenciais”, uma “identidade vinculada a grupos de referência e implementada através de mecanismos socializadores básicos contrastivos, como família, etnia, vizinhança, religião, entre outros” (Velho, 2003:29).

Diga-se de passagem, esse trânsito entre diferentes “províncias de significados”, destaca ainda o autor, só é possível devido ao caráter simbólico da realidade, a qual é socialmente construída pelos indivíduos.

3.4.5 Combatendo o barbeiro e se “*invocando com o sistema*”: tensões entre “cultura objetiva” versus “cultura subjetiva”

“*Com Porto Alegre não veio apenas o lado amoroso*”, constatou-me Zeir. Foi nessa cidade que esse jovem dançarino do “*Treze*”, cantor de serenatas e jogador do *Riograndense* que “*andava de gravatinha*” pelo Centro de Santa Maria, traçou grande parte de sua trajetória profissional, como trabalhador de “*carteira assinada, autônomo e concursado*”, em um “*tempo onde o profissional tinha valor*”:

“Eu comecei a minha vida em Porto Alegre como pintor predial. Depois, para a pintura industrial e para a pintura automotiva, onde eu me firmei, ali eu comecei a trabalhar: trabalhei na Gaúcha Car, na Unidos, eu fiz serviço para a Panambra. Então eu comecei a trabalhar como autônomo, que foi onde eu ganhei dinheiro, pois em duas semanas de trabalho eu comprei uma casinha lá em Porto Alegre, lá na vila Safira. O último salário, na minha carteira, até está registrado ali, foi em 1991. Eu coloquei até na Justiça, porque não descontaram o meu INPS, quando eu me operei, que me acidentei da coluna. Eu fui obrigado a parar, então vim pra cá [Santa Maria], a firma me mandou dinheiro um mês, dois, e depois parou. Coloquei eles na Justiça porque disseram que não tinham mais obrigação comigo. Então me indenizou um ano, me pagou o INPS, cujo salário era 680 por mês e o salário mínimo, em 1991, era mais ou menos 72 pila. É pra ver como eu ganhava bem: eu dividia entre o meu vício e a minha família. Era meio a meio: eu colocava meio salário fora com bebida e com o outro meio eu sustentei eles. Mas, graças a Deus, era primeiro as contas. Eu descia do ônibus e pagava as contas: o gás, a farmácia, o armazém. Depois sim, eu queimava tudo!”

Por sua vez, a década de 1980, anterior ao período em que trabalhara como pintor, evoca imagens de sua experiência como funcionário público da SUCAM, órgão no qual ingressou devido a sua aprovação em concurso público:

“Eu fiquei em sétimo de 500 candidatas. Eu não completei o ginásio, fui até o segundo, terceiro ano. Mas tem um detalhe: tudo que eu aprendi, até hoje eu sei. O nosso estudo era muito diferente do de hoje. Nosso primário era o ginásio de hoje.”

Embora tenha contribuído através do ofício que desempenhara na mesma, com o combate ao “barbeiro”, mosquito transmissor do mal de chagas, que atemorizou o RS nessa época, os “*tempos do barbeiro*”, significam, para Zeir, tempos turbulentos, em que “*não se adaptou ao sistema*”, marcados pela perda de um filho e pelo alcoolismo:

“A sede da SUCAM era em Porto Alegre, mas eu ficava só viajando, pois nós fazíamos essa região aqui de Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires, era a nossa área de serviço. Era o combate ao barbeiro. Foi nos anos 80, o combate à doença de chagas. Na verdade, eu não me adaptei ao sistema. Não gostei nada, nada. Olha, eu até fui um funcionário muito elogiado por eles, devido ao capricho que eu tinha no meu boletim, a minha caligrafia era limpa, bonita. O mal da SUCAM era a bebida, era o álcool. A gente passava meses no mato! Era difícil sobreviver. Nós ganhávamos diárias, mas às vezes atrasavam! Eu perdi um filho. A Bila estava grávida e eu não pude acompanhar a gravidez dela, e aquilo foi minando. Eu fiquei indignado de não poder acompanhar. Eu fiquei três anos na Sucam. O meu setor era a campanha, a guarda de endemias, nós visitávamos as áreas com incidência de barbeiro. Uma das coisas que me aborreceu muito foi o sistema. Uma vez eu discuti com o diretor que chegou no barraco que eu estava acampado. Eu disse: ‘vem cá, qual é o procedimento do órgão quando a gente pega uma casa que tenha um barbeiro e esse barbeiro seja positivo? O que se faz pelos moradores dessa casa? Tem algum acompanhamento?’. Ele disse que não, que o nosso trabalho era apenas erradicar o barbeiro. Mas como?!? Era assim: eu entrava numa casa, via o vestígio do barbeiro, capturava e embalava ele e levava para laboratório e lá eles examinavam para ver se era positivo ou negativo. Mas, se era positivo, automaticamente ele picou alguém da casa! Ali eu já comecei a me invocar com o sistema”.

A “*inadaptação ao sistema*”, constatada por esse *habitué* da *Boca Maldita*, cuja trajetória apresenta alguns elementos em comum à de seu pai, como o emprego público e o alcoolismo, pode ser vista à luz da teoria sócio-antropológica como um reflexo das tensões entre uma cultura objetiva e uma cultura subjetiva — que, segundo George Simmel (1983), caracterizam a sociedade moderna e as condições de vida na metrópole.⁴⁵

Ao enfatizar que esses conceitos não são análogos, mas, sim, duas dimensões da cultura humana, o autor define a cultura objetiva como sendo complexa, diferenciada e heterogênea, da ordem do “cultivado” e do “instrumentalizado”, externa ao indivíduo, embora sempre em interação com ele. Por outro lado, a “cultura subjetiva” é a “extensão em que o processo de vida psíquica utiliza esses bens e realizações objetivas” (Simmel *apud* Velho, 1986:15).

⁴⁵ “A dissonância da vida moderna – em particular como se manifesta no domínio da técnica em todas as áreas e a concomitante e profunda insatisfação com o progresso técnico – é causada, em grande parte pelo fato de que as coisas estão ficando cada vez mais cultivadas, enquanto os homens estão cada vez menos aptos a transpor a perfeição dos objetos para o aperfeiçoamento da vida subjetiva” (Simmel, 1971:234 *apud* Velho, 1986:16).

Percebe-se no caso em questão, que a lógica estatal da SUCAM e as implicações dos seus mecanismos de controle na construção de subjetividades, ilustra a dimensão da “cultura objetiva”, desvelando as tensões que estabelece com a “cultura subjetiva”, na medida em que ela tensiona uma visão de mundo, assim como a configuração de projetos e estilos de vida, delineados a partir de uma dada trajetória de vida.

Valendo-se dos pressupostos simmelianos, Velho (1986) propõe-se a problematizar as relações entre subjetividade e sociedade, assinalando que o “desenvolvimento de ‘culturas subjetivas’ pode estar associado ao desenvolvimento de ‘atividade associativa’, a qual pode ser vista como um caminho privilegiado para tal desenvolvimento” (Velho, 1986:16).

O gosto pelo futebol, os pertencimentos que ele suscita a partir do seu caráter associativo, além de assumir um papel central na forma de sociabilidade configurada na Galeria Chami, no Centro da cidade, consiste, para o interlocutor-personagem Zeir, em um dos elementos que operaram na sua cura do alcoolismo, sobretudo, a partir da fundação do Cristal, time de futebol amador de *veteranos*:

“A Boca Maldita entrou com a invenção nossa, eu e o Claudião, porque nós nos reuníamos ali pra marcar jogo. Ali na galeria eles colocavam umas mesas ali, há uns anos atrás, então nós sentávamos. Tinha a turma do futebol e a turma dos alcoólatras ao lado, daqueles que freqüentavam o AA, a associação [Alcoólicos Anônimos]. Uma vez eu disse para um deles ali que eu não freqüentei nada pra deixar! Aliás, vou te contar do Cristal. O Cristal surgiu de um barzinho aqui na rua Silva Jardim. Eu tive a idéia, eu e o Claudião, de tirar os gambás do bar, da bebida. Até então eu já tinha deixado de beber, mas isso de criar o time continuou me ajudando. Foi em 1990 que eu parei e foi em meados de 1991 que nós criamos. Como o senhor ali do bar nos dava o apoio, a nossa sede ficou ali. E para homenagear o bar, nós colocamos o nome de Cristal. No primeiro jogo nós pedimos um fardamento emprestado. No segundo jogo eu já tinha conseguido um patrocinador e com a ajuda do dono ali do bar nós compramos o fardamento e foi indo, já tivemos seis fardamentos! Agora vai começar a copa prefeito e possivelmente nós vamos entrar!”

3.4.6 Porto Alegre, Santa Maria e aposentadoria: (re)construções e um “campo de possibilidades”

No decorrer das “narrativas de si” realizadas por Zeir, a capital gaúcha evocou a imagem de um tempo-espço no qual traçou, em grande medida, uma trajetória profissional bem-sucedida, tendo em vista que isso ocorrera, conforme ele constatou em um “*tempo em que o profissional tinha valor*”.

Por outro lado, esses tempos vividos na cidade de Porto Alegre assumem, em alguns momentos, a feição de um tempo de auto-destruição, representado pelo alcoolismo. Em contrapartida, a cidade de Santa Maria, evoca, sobretudo, imagens de um tempo de reconstrução, assim como de pertença a redes sociais diversas, sobretudo, aquela tecida pelo universo do futebol:

“Eu construí muita coisa aqui em Santa Maria! Aliás, eu reconstruí a minha vida. A minha vida estava sendo perdida pelo vício, pelo álcool e pelo cigarro. Perdi o emprego, eu era funcionário público concursado lá em Porto Alegre. Eu estava perdendo a minha família, meus filhos, meus amigos. Mas graças a Deus eu tive a luz divina que me encaminhou. Faz vinte anos que eu não bebo mais, e isso que eu convivo no meio da bebida, os meus colegas ali do futebol bebem a cervejinha. Eu tive muito apoio! E todo o apoio eu agradeço a minha mulher: ela segurou toda a barra, ela sofreu do meu lado, foi uma mulher que foi maltratada pelo meu vício, é uma heroína! Claro que intenções eu nunca tive de magoar ela e os meus filhos. Mas, graças a Deus, eu consegui sobreviver, larguei esse vício e reconstruí a minha vida aqui com os meus amigos, com a minha família, com os meus filhos. Hoje, a cidade preferida é Santa Maria, pelo segmento que a gente tem aqui: a Boca, o futebol, porque senão fosse isso eu estava com os meus filhos e netos. Perder o que a gente construiu e conquistou aqui é muito difícil!”

Em suas problematizações acerca do significado social e cultural do jogo, Johan Huizinga (2004:05) destaca que “a grande maioria das teorias, contudo, preocupam-se apenas superficialmente em saber o que o jogo é em si mesmo e o que ele significa para os jogadores”.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o jogo, representado pela prática do futebol, corresponde para Zeir, em um dos principais motivos pelos quais ainda reside na cidade de Santa Maria.

Porto outro lado, os seus deslocamentos entre as cidades de Santa Maria e Porto Alegre, iniciada na infância e retomada na juventude, continuam até os dias de hoje, pois é nessa cidade que seus três filhos e os dois netos residem:

“Quando eu fui para Porto Alegre eu tinha 25 anos, mas na minha infância eu morei lá alguns anos, o meu pai foi internado lá, nós morávamos lá! Eu me lembro da minha infância ali na Santana. Então, eu fui pra lá, os filhos são todos de lá, casamos lá. Em 1982, nós voltamos para Santa Maria. Agora eles ficarão lá e nós estamos aqui. Mas eu amo Porto Alegre! Mas é difícil nós voltar! Futuramente, eu acho que nós vamos fazer isso, mas vai custar um tempo ainda, uns cinco anos mais. Eles, os filhos, graças a Deus estão instalados lá em Porto Alegre. Mas o dia que eu for embora, vai ser uma tristeza! Eu nem sei se eu vou suportar porque deixar uma vida pra trás, tudo que tu construiu, fazer parte de uma história e sair de uma história é ruim, é a mesma coisa que morrer. Claro que tem retorno! Mas como?! Se nós levantar vôo e comprar ou alugar uma casinha lá, a gente não volta mais aqui, e se voltar, volta num dia e vai no outro... Ma graças a Deus a gente está levando a vida, logo eu vou conseguir me aposentar, e dar um descanso pra ela, se deus quiser está bem próximo, daqui um mês eu resolvo a situação e então vamos partir para outro lado da vida, o lazer”.

A possibilidade de retornar à cidade onde morou, assim como o processo de aposentadoria, consistem em “projetos que, no nível individual lidam com a *performance*, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade”

(Velho, 2003:19), revelando a configuração de um “campo de possibilidades” próprio às sociedades complexas.

Esse conceito é utilizado por Velho (2003:40) para referir-se às alternativas que são construídas a partir do “processo sócio-histórico e do potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura, enquanto um espaço para formulação e implementação de *projetos*”.

De acordo com o autor, as noções de “projeto e campo de possibilidades” podem contribuir na análise de trajetórias e biografias, enquanto “expressão de um quadro sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades” (Velho, 2003:40).

Diga-se de passagem, a percepção da aposentadoria enquanto um projeto no qual será vivido o *tempo do lazer*, corrobora ainda a afirmação de Sherry Ortner (2005) de que “os projetos são culturalmente definidos” tendo em vista, a associação da aposentadoria com a velhice e a inatividade (Peixoto, 2000), e, sobretudo, as recentes representações acerca da “terceira idade”, como sendo a “melhor idade” na qual o indivíduo deve se dedicar mais ao lazer e ao cuidado de si (Britto da Motta, 1998).



Im. 85



Im. 86

3.5 Trilhos, trilhas, salões e canções: linearidade e circularidade sobrepondo-se nas “constelações de imagens” da “imaginação criadora”

Zeir finalizou a entrevista — da qual eu extraí a maioria das suas narrativas biográficas apresentadas neste capítulo — do mesmo modo que a iniciara: cantarolando a melodia que inventara para a *Boca Maldita*, remetendo-nos mais uma vez à idéia de circularidade e fluidez desvelada pela música.

Diga-se de passagem, os “jogos de memória” (Eckert e Rocha, 2005) suscitados pelas imagens que via e pelos refrões que cantava a partir das suas narrativas biográficas, conduziram-no a diferentes tempos-espacos, delineando, na maioria das vezes, uma imagem fluida, melódica e circular aos tempos vividos.

Em contrapartida, as imagens retilíneas dos trens, dos trilhos e das estações, recorrentes nas falas de Zulmir e Odon, tenderam a configurar uma imagem mais linear e diacrônica aos tempos vividos, os quais em sua maioria foram datados a partir de uma seqüência cronológica, cujo quadro social de memória fora, sobretudo, a VFRGS-RFFSA.

Porém, ao assinalar que os “jogos de memória” de Zulmir e Odon, ambos ferroviários aposentados, é perpassada pelas imagens de trilhos e estações de trem, e que as de Zeir, profissional autônomo, músico e atleta, são, por sua vez, atravessados por refrões e imagens do samba e do futebol, não pretende-se indicar que eles conformam imagens fixas ou dinâmicas aos tempos vividos.

Pelo contrário, busca-se, sobretudo, assinalar a diversidade de imagens que os atores sociais atribuem aos tempos vividos, a partir das configurações discursivas que estabelecem em suas narrativas de “si”, de modo que essas imagens-memórias do tempo não se opõem e tampouco se excluem, tendo em vista que configuram uma “constelação de imagens que opera na ordem do imaginário” (Durand, 1997:63).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo antropológico realizado entre os diferentes grupos de aposentados *habitués* em interações e sociabilidades no Centro de Santa Maria, demonstrou que as relações com o tempo vivido ou pensado, seja, através da sua duração/permanência ou da sua finitude, é algo que perpassa as suas práticas cotidianas, configurando as suas relações com a cidade na qual habitam e teceram grande parte das suas trajetórias sociais. Nesse sentido, a própria cidade se traduz a partir das suas relações com o tempo e com o espaço, tecidas pelos jogos de memória acionados em seus deslocamentos e em suas redes de pertença.

A cidade, sob essa perspectiva, transcende a condição de algo externo, enquanto um conceito meramente teórico ou panorâmico (De Certeau, 1994), consistindo em um “objeto temporal” que se (re)compõe a partir das diferentes memórias e trajetórias dos seus habitantes, traduzindo-se como um contexto constantemente (re)configurado pelo fenômeno da memória coletiva. No estudo em questão, infere-se a partir dessas considerações, que a cidade de Santa Maria, se traduz na memória dos aposentados, de modo que eles também são a cidade no espaço e no tempo, tendo em vista que ela consiste em um território expressivo de suas experiências temporais (Eckert e Rocha, 2005).

Constatou-se, a partir da linha teórica que norteou esse estudo, que a “consolidação temporal” (Bachelard, 1994) é uma obra humana que se inscreve na ordem da cultura assumindo diferentes feições, implicando diferentes estratégias de estabelecer a continuidade no tempo social apesar das descontinuidades que marcam as trajetórias sociais dos grupos e indivíduos.

Tal processo mostrou-se como fundamental na compreensão das práticas sociais dos interlocutores-personagens desse estudo antropológico, sobretudo, das suas formas de sociabilidade lúdica, dos seus processos de territorialização de espaços urbanos, assim como dos seus processos de envelhecer em um contexto urbano-contemporâneo.

Nesse sentido, as formas de “sociabilidade lúdica” configuradas pelos aposentados a partir da prática cotidiana de deslocar-se até o Centro da cidade, além de engendram um estilo de vida e uma forma de habitar a cidade pautada nos jogos interpretativos da memória, consistem em arranjos temporais específicos que engendram sentidos à experiência de envelhecer, seja no âmbito de uma praça, de uma esquina ou de uma galeria.

Por outro lado, a compreensão desses aspectos remeteu ao campo conceitual que inter-relaciona a sociabilidade, o cotidiano e o fenômeno da memória coletiva, sendo que o cotidiano, enquanto o lugar da experiência (Berger e Luckmann, 1983), permite aos atores sociais, a partir das formas de sociabilidade nele configuradas, o deslocar-se no tempo, processo necessário a (re)construção de sentidos e de “províncias de significados” (Schutz, 1979).

Sob essa perspectiva, o estudo antropológico apoiado na análise das narrativas biográficas dos interlocutores-personagens, mostrou-se como um importante aporte teórico-metodológico, tendo em vista que essas narrativas vinculam-se a imagens que revelam o movimento das memórias no fluxo do tempo.

Convém destacar desse modo, que a diversidade cultural ou a “diferença” (Bhabha, 1998), questões fundantes da ciência antropológica, não foram apreendidas nessa pesquisa, através do estudo de sistemas culturais isolados enquanto unidades reificadas de análise, mas sim através dos diferentes modos de contar, (re)ordenar, significar e imaginar o tempo, enquanto modos de constituir alteridade, seja através de imagens lineares dos trilhos do trem ou imagens circulares de canções e salões.

A heterogeneidade e a diversidade de universos simbólicos, eixos norteadores dos pressupostos teóricos da ciência antropológica, se traduziu em formas de sociabilidade específicas e diferentes imagens temporais delineadas pelo fenômeno da memória coletiva através do ato narrativo, configurador de uma identidade narrativa em constante (re)construção.

Desse modo, a diversidade se manifestou na heterogeneidade de formas de sociabilidade lúdica e formas de apropriação e uso do espaço urbano, pautadas pelos diferentes arranjos temporais dos atores sociais que configuram territórios de sociabilidade no Centro da cidade, colocando-as na condição de “modos de enunciação da diferença” (Bhabha, 1998). Haja vista, “essas formas de sociabilidade lúdica”, além de pautarem-se em diferentes imagens temporais, pautam-se em pertencimentos específicos.

Em se tratando de uma pesquisa realizada em um contexto urbano-contemporâneo, o “desafio da proximidade”, ou seja, de estranhar o que me parecia familiar, foi uma constante no decorrer do trabalho de campo. Diga-se de passagem, esse processo de distanciamento e de construção de um “potencial de estranhamento” (Velho, 2003) foram implicados por uma dupla alteridade, qual seja, a de eu ser uma mulher jovem, que estabelecia um encontro etnográfico com homens que eram “idosos”.

Porém, essas alteridades engendradas pelas nossas diferentes posições de gênero e geração, mais do que consistirem em limitações e restrições ao trabalho de campo e à análise antropológica, permitiram-me apreender outras “províncias de significado”, tal como se verifica, por exemplo, quando disseram-me que eu *entendia as suas esposas porque eu tinha cabeça de mulher*, ou então, quando assinalaram que iam me contar seus flertes amorosos *porque eu tinha idade para ser uma filha*.

Por outro lado, a partir da perspectiva dialógica do encontro etnográfico, constatei através do trabalho de campo, que a categoria “idosos ou aposentados do Centro”, utilizada tanto por mim, quanto pelos demais habitantes da cidade de Santa Maria, não condiz com as categorias de auto-definição utilizadas pelos *habitués* do mesmo, para se referirem a uma temporalidade específica de suas vidas, embora esta seja fortemente marcada pela questão da aposentadoria.

Nesse sentido, os interlocutores-personagens desse estudo antropológico, homens aposentados com mais de 65 anos de idade utilizam-se de outras categorias e terminologias para classificar essa temporalidade específica de suas vidas, demonstrando que os ciclos de vida desenhados em tornos das idades/gerações adquirem outras configurações, inclusive na expressão analítica (Britto da Motta, 1998). No caso dos aposentados que considero *habitués* do Centro de Santa Maria, foi possível apreender, através do trabalho de campo, categorias heterogêneas de pertença, de modo que, a velhice não é o único elemento que define a (re)construção de suas identidades, embora ocorra perceba-se a configuração de uma identidade geracional.

A partir dessas considerações, constata-se que os aposentados *habitués* do *Recanto dos Velhos* na Praça Saldanha Marinho e da *Esquina do Cotovelo*, no Calçadão, percebem-se, sobretudo, enquanto “*ferroviários aposentados*”, e não enquanto “*ex-ferroviários*”, reiterando, desse modo, o pertencimento a uma categoria profissional e o fato de que eles não deixam de ser ferroviários apesar de estarem aposentados.

Para esses aposentados, o mundo do trabalho é agora vivido a partir de outras formas de sociabilidade, do “tempo livre” destinado ao estar no Centro a fim de “jogar o social” engendrando uma sociabilidade lúdica nesse espaço urbano (Simmel, 1983), estabelecendo reciprocidades (Mauss, 1974) que os motivam a construir no cotidiano, referências de pertença ao valor trabalho. Diga-se de passagem, essas referências vinculam-se a um jogo de memória no envelhecimento, assim como a um processo de (re) estabelecer uma continuidade social, apesar da ruptura advinda do processo de aposentadoria.

Os aposentados *habitués* da *Boca Maldita*, por sua vez, percebem-se enquanto “*atletas veteranos*”, engendrando uma continuidade no tempo social, fortemente associada à prática do futebol e à pertença clubística, de modo que os seus jogos de memória configuram-se, em grande medida, por uma temporalidade cíclica, marcada pela dimensão ritual do futebol. Por outro lado, verifica-se a incidência que a lógica do esporte opera na (re) construção de suas identidades geracionais e de um *ethos* masculino.

Diga-se de passagem, algumas problematizações acerca da velhice, entre os *atletas veteranos* da *Boca Maldita*, aparecera na maioria das vezes, de forma jocosa, como por exemplo, nas brincadeiras acerca do corpo do atleta veterano, revelando a presença do humor na reconstrução social da identidade masculina na “velhice”.

Haja vista, constatou-se a partir da pesquisa etnográfica, que o futebol amador de veteranos, configura-se como um importante referencial identitário na constituição da memória coletiva da(na) cidade de Santa Maria, sobrepondo-se desse modo, a sua condição sócio-histórica de cidade ferroviária e cidade universitária, evocando as vocações da cidade em acumular capital cultural a partir dos valores trabalho, educação e lazer.

Conforme mencionado nos capítulos iniciais desse trabalho, pautada em um campo conceitual antropológico, passei a lançar algumas questões acerca do que havia de específico e de comum entre os aposentados *habitués* do Centro, assim como entre os territórios de sociabilidade nos quais realizei a pesquisa etnográfica.

Nesse sentido, verifica-se que o primeiro elemento em comum, contemplado no título desse trabalho, é o fato de que os aposentados que tornaram-se interlocutores-personagens deste estudo são aposentados *habitués* do Centro da cidade, embora ocorram outras categorias de pertença e auto-definição conforme assinalado anteriormente.

Por outro lado, verifica-se que o consumo do café, que requer uma análise para além da questão do consumo, mas sim da sociabilidade (Bozon, 1984), perpassa todos os territórios etnografados, embora assuma diferentes dimensões e particularidades.

Desse modo, no *Recanto dos Velhos*, essa prática está na ordem do individual, e, portanto, do íntimo e privado, na medida que alguns dos seus *habitués* bebem o seu café sozinhos, ao se deslocarem para os estabelecimentos bancários, como faz Joaquim e Odon. Na *Esquina do Cotovelo*, por sua vez, o consumo do café encontra-se na ordem do público, mas de um público interno e selecionado que frequenta o sindicato de uma categoria, cuja prática é ritualizada a partir da coesão interna de um grupo de ferroviários aposentados. Na *Boca Maldita*, por fim, tal evento ocorre a partir da mediação do grupo com a sociedade

envolvente, ou seja, com a “ordem do público”, em uma dada galeria que comporta um estabelecimento comercial.

Por outro lado, foi possível através do trabalho de campo, identificar em alguma medida, como se estabelecem as redes simbólicas de pertencimento, que instituem os “estabelecidos e os *outsiders*”, de modo que fora possível, apreender quem se configura como sendo o “outro” em cada um dos territórios de sociabilidade. No *Recanto*, o “outro” consiste, sobretudo, naqueles que não pertencem à mesma categoria profissional dos seus *habitués*, tal como a enfermeira e o engraxate, ou ainda àqueles que têm uma *performance* diferenciada como o *Cabeça Pelada*; na *Esquina*, esse “outro” consiste, em grande medida no Governo estadual e federal (VFRGS-RFFSA), cuja relação com ambos é fundamental para a manutenção de sua identidade social. Por outro lado, o “outro”, assim como no *Recanto*, é o pedestre que passa pela rua, seja o “esposo da ex-namorada”, “*as ciganas andarilhas*” ou a mulher bonita que os incita a cutucar o amigo; na *Boca*, por fim, o “outro” são os outros times, contra os quais se joga no final de semana e alia-se na segunda-feira, a partir de uma temporalidade cíclica marcada por uma disjunção situacional.

Do mesmo modo, a relação com o prefeito municipal perpassa os três territórios de sociabilidade, seja através do reconhecimento assinalado verbalmente pelos *habitués* do *Recanto* e da *Esquina*, sobretudo, nas reuniões acerca da manutenção do patrimônio da ferrovia, ou, por outro lado, a partir da visita do mesmo à *Boca Maldita*, instituindo uma chefia a um dos seus *habitués*.

Diga-se de passagem, os interlocutores-personagens desse estudo antropológico - que em sua maioria teceram as suas trajetórias sociais no contexto urbano — mostraram através das suas práticas cotidianas, assim como das referidas relações com o poder público, que assumem a condição de cidadãos urbanos em uma cidade que lhes cria dispositivos materiais e simbólicos necessários para tal condição.

Esse estatuto, por sua vez, é atualizado através de relações face-à-face com o prefeito municipal ou através da instalação/manutenção dos bancos da praça Saldanha Marinho, do Calçadão e de uma determinada esquina do Centro de Santa Maria, apesar das depredações e remodelações de tais espaços urbanos.

Cabe por fim assinalar, que a aposentadoria, além de mostrar-se como um rito de instituição que instaura a diferença (Bourdieu, 1997) mostrou-se, em grande medida, como um “campo de possibilidades” (Velho, 1991), que permite novos ritmos às práticas cotidianas e aos arranjos temporais dos atores sociais.

Ao contrário do que eu supunha no início desse estudo, a morte não foi uma temática preponderante nas narrativas dos interlocutores-personagens, de modo que quando aparecera, fora de forma jocosa ou mesmo através de homenagens sutis como, por exemplo, no “hino da Boca Maldita”.

Destaco por fim, que, em se tratando da Antropologia do envelhecimento esse trabalho busca trazer contribuições, sobretudo, por realizar uma etnografia com grupos de aposentados “auto-organizados” (Brito da Motta, 1998), em contrapartida aqueles que freqüentam grupos institucionalizados de “terceira idade”. Diga-se de passagem, essa organização é pautada pelos seus jogos de memória que apontam referenciais em comum, como a ferrovia e o futebol, enraizando-lhes no tempo-espaço e (re)configurando as suas identidades sociais e pertencimentos.

REFERÊNCIAS

- ABELÈS, Marc. *Anthropologie de la Globalisation*. Paris: Payot, 2008.
- ALLEBRANDT, Débora, MACEDO, Juliana Lopes (Orgs.). *Fabricando a vida – implicações éticas, culturais e sociais do uso de novas tecnologias reprodutivas*. Porto Alegre: Metrópole, 2007.
- ALVES, Andrea. *A dama e o cavalheiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ANDERSEN, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Portugal: Edições 70, 2005.
- ÀRIES, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ÀRIES, Philippe e DUBY, Georges (Orgs.). *Historia de la vida privada*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- ASSAD, Talal. “O conceito de tradução cultural na antropologia britânica”. In: DUARTE, João Ferreira. *A cultura entre tradução e etnografia*. Lisboa: Vega, 2008, p. 13-41.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine; SEGALIN, Martine. *Grands-parents: la famille à travers les générations*. Paris: Odile Jacob: 1998.
- BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1994.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BARTH, Fredrik. *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- BATESON, Gregory. “Form, substance and difference”. In: *Steps to an ecology of mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 2000, p. 454-471.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BEBER, Cirilo Costa. *Santa Maria 200 anos: história da economia do município*. Santa Maria: Editora Pallotti, 1998.
- BELAVANCE, Guv. “Mentalidade urbana, mentalidade fotográfica”. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Vol. 2. Rio de Janeiro: UERJ, NAI, 1996, p.17-29.
- BELÉM, João. *História do Município de Santa Maria (1797-1933)*. Santa Maria: Editora UFSM, 2000.
- BELTRÃO, Romeu. *Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho- 1787/1930*. Santa Maria: Editora Palotti, 1979.
- BENJAMIN, Walter. “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas, Vol. 1, Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p 197-221.
- BENJAMIN, Walter. “Sobre alguns temas em Baudelaire”. In: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989, p.103-149.
- BERGER, Peter, LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1983.

- BERGER, Peter. *Perspectivas Sociológicas*. São Paulo: Vozes, 1976.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOTH, Elizabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- BOZON, Michel. *Vie quotidienne et rapports sociaux dans une petite ville de province. La mise en scène des différences*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Campinas: Papyrus, 2001.
- BOURDIEU, Pierre (Coord). “Efeitos de lugar”. In: *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997, p.160-166.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. “Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional”. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 23-36.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. “Gênero, família e ciclos de vida”. In: *Caderno CRH*. Bahia, n.º 29 –jul-dez. 1998, p. 13-20.
- BROMBERGER, Cristian. “Les Practiques et les spectacles sportif au miroir de l’ethnologie”. *Intervention au congrès de la 3S*, Toulouse, 28, 29 et 30 octobre (conférence inaugurale), mimeo, 2002.
- BROMBERGER, Cristian. “Introduction”. In: *Passions ordinaires. Football, jardinage, généalogie, concours de dictée*. Paris: Hachette Literatures, 1998. p. 5-38.
- BRUM, Ceres Karan. *Esta terra tem dono: representações do passado missioneiro no Rio Grande do Sul*. Santa Maria: Editora UFSM, 2006.
- BRUNER, Edward M. “Ethnography as narrative”. In: TURNER, Victor e BRUNER, Edward (Eds.). *The Anthropology of experience*. Chicago: University of Illinois Press, 1986, p. 139-155.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. “A presença do autor na pós-modernidade em Antropologia”. In: *Novos Estudos Ceprap*. Nº. 21, julho 1998, p. 133-157.
- CALDEIRA, Teresa. “Uma incursão pelo lado 'não respeitável' da pesquisa de campo”. *Ciências Sociais Hoje. Trabalho e cultura no Brasil*. Brasília, CNPq/ANPOCS, 1981, p. 332-354.
- CAMARANO, Ana Amélia. “O envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica”. In: FREITAS, Elizabete et alii (Orgs). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p. 88-105.
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica*. Studio Nobel, 1991.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O diário e suas margens*. Brasília: Editora UNB, 2002.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*. São Paulo: UNESP, 2000.
- CARDOSO, Ruth. “Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método”. In: *A Aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 95-105.
- CARLOS, Sergio Antonio (et al). “Identidade, Aposentadoria e Terceira Idade”. In: *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*. Porto Alegre:1999, v.1, p. 77-88.

- CARVALHO, José Jorge. “O jogo das bolinhas de vidro: uma simbólica da masculinidade”. In: *Anuário Antropológico*. Brasília: 1980, nº 15, v.30, p. 191-222.
- CICOUREL, Aaron. “Teoria e método em pesquisa de campo”. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar. *Desvendando as máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987, p. 87-121.
- CLIFFORD, James. “Sobre a autoridade etnográfica”. In: GONÇALVES, José Reginaldo S. (Org.). *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998, p. 25-43.
- CLIFFORD, James. “Introducción”: verdades parciales. In: CLIFFORD, James y MARCUS, George (Eds). *Retóricas de la Antropología*. Madrid: Jucar Universidad: 1991, p. 26-59.
- CORADINI, Luis. “Praça XV: espaço e sociabilidade”. In: *Fundação Franklin Cascaes – Letras Contemporâneas. Coleção Teses*. Volume V, Florianópolis, 1995.
- CORBIN, Alan. “A relação íntima ou os prazeres da troca”. In: ÁRIES, Philippe e DUBY, Georges (Orgs.). *Historia de la vida privada*. São Paulo: Cia das Letras, 1997, p. 503-560.
- CSORDAS, Thomas. “A Corporeidade como um Paradigma para a Antropologia”. In: CSORDAS, Thomas. *Corpo/Significado/Cura*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2008, p. 101-146.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- DAMATTA, Roberto. *Relativizando – Uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Ed.Vozes, 1984.
- DAMO, Arlei Sander. “Os jogadores e seu público”. In: *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Porto Alegre: UFRGS/PPGAS (Tese de doutorado), 2005, p. 358-450.
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- DEBERT, Guita Grin. “Gênero e envelhecimento”. In: *Estudos feministas*. Rio de Janeiro, v. 2, nº 3, 1994, p. 121-128.
- DEBERT, Guita Grin, SIMÕES, Júlio Assis. “A aposentadoria e a invenção da ‘terceira idade’”. In: *Textos didáticos: Antropologia e Velhice*. IFCH/Unicamp n. 13, Março 1994, p. 31-48.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência*. São Paulo: Anablume, 1998.
- DIAZ, Raul. “Personaje e identidad narrativa: una aproximacion metodológica”. In: *Revista Horizontes Antropológicos*, nº12. Porto Alegre: PPGAS, 1999, p. 37-58.
- DOLL, Johannes. “O campo interdisciplinar da Gerontologia”. In: PY, Ligia et alii. (Org). *Tempo de envelhecer*. Holambra: 2006, p. 83-108.
- DUMONT, Louis. *Homo hierarchicus: sobre o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: EdUSP, 1966.
- DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Lisboa: Presença, 1997.

- DURHAM, Eunice. *A caminho da cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- ECKERT, Cornelia. “A cultura do medo e as tensões de viver na cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza e COIMBRA JR. Carlos E. (Orgs). *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002, p. 73-102.
- ECKERT, Cornelia. “Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica”. In: *Humanas*, Revista do IFCH, n. 19, Porto Alegre, 1997, p. 21-44.
- ECKERT, Cornelia. *Memória e Identidade. Ritmos e ressonâncias da duração de uma pequena comunidade de trabalho: mineiros do carvão — La Grand-Combe, França. Cadernos de Antropologia*, nº 11, 1993.
- ECKERT, Cornelia, ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Memória e ritmos temporais: o pluralismo coerente da duração no interior das dinâmicas da cultura urbano-contemporânea.” *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol. 23, n. 43, janeiro-junho de 2009, p. 105-124.
- ECKERT, Cornelia, ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.
- ECKERT, Cornelia, ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade”. In: *Revista Margem*. PUC/SP: 1998, p. 243-259.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- ELIAS, Norbert, SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FAUSTO, Carlos. *Inimigos fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia*. São Paulo: Edusp, 2005.
- FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. *Folheando o passado: estudo antropológico sobre memória e identidade social na velhice*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS (Dissertação de Mestrado), 1995.
- FONSECA, Cláudia. “Quando convergem tecnologia, lei e família: pensando questões de gênero e geração em conexão com testes de paternidade”. Texto desenvolvido para a celebração dos setenta anos da Escola de Serviço Social, UFRJ, 2007.
- FONSECA, Cláudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- FOUCILLON, Henri. *A vida das formas*. Lisboa: Edições 70, s.d.
- FLÔRES, João Rodolfo Amaral. *Os trabalhadores da VFRGS*. Santa Maria: Pallotti, 2008.
- FLÔRES, João Rodolfo Amaral. *Fragments da história da Viação Férrea brasileira*. Santa Maria: Pallotti, 2007.
- FOOTE-WHYTE, William. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.
- FRANÇA, Maria C. Caminha de Castilhos. *A cidade narrada na memória dos velhos habitantes de Teutônia(RS): estudo etnográfico de memória intrageracional e compartilhada sobre as experiências transmitidas na relação entre avós e netos*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS (Dissertação de Mestrado), 2002.
- FRÚGOLI JR, Heitor. *Sociabilidade Urbana: Simmel e as formas de Sociabilidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. “Prefácio: Walter Benjamin ou a história aberta”. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas*. Vol. 1, Ensaios sobre Literatura e História da Cultura. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 7-19.
- GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas – o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GENRO, Adelmo Simas, ZANATTA, Humberto Gabbi et alii. *Da Boca do Monte – Crônicas*. Santa Maria: Editora Pallotti, 2000.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- GOFFMANN, Erving. “Les Représentations”. In: *La mise en scène de la vie quotidienne. La présentation de Soi*. Paris: Minuit, 1973, 25-77.
- GOLDANI, Ana Maria. As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação. *Cadernos Pagu*. Campinas, n.1, p. 67-110, 1994.
- GRAEFF, Lucas. *O “Mundo da Velhice” e a cultura asilar*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS (Dissertação de Mestrado), 2005.
- GUTTMAN, Mathew. *The meanings of macho: being a man in Mexico city*. Los Angeles: University of California Press, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HANNERZ, Ulf. “Fluxos, Fronteiras, Híbridos: Palavras-Chave da Antropologia Transnacional”. *Revista Mana*, v. 3, n.º 1, 1997, p. 7-39.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens – O jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.
- INGOLD, Tim. *The perception of the environment: essays in livelihood*. London: Routledge, 2000.
- ISAIA, Antônio. “Música na primeira quadra”. In: BEBER, Cirilo Costa. *Santa Maria 200 anos: história da economia do município*. Santa Maria: Editora Pallotti, 1998, p. 303-306.
- ISAIA, Antônio. “Causas que influíram na implantação do ensino superior em Santa Maria” In: *Revista do Centro de Ciências Sociais e Humanas*. Santa Maria: UFSM/CCSH, v.8, n.2, p. 75-101, jul-dez, 1985.
- JARDIM, Denise Fagundes. *De bar em bar: Identidade Masculina e auto-segregação entre homens de classes populares*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS (Dissertação de mestrado), 1991.
- JORDAN, Shirley. “Encontros etnográficos: o processo de tradução cultural”. In: DUARTE, João Ferreira. *A cultura entre tradução e etnografia*. Lisboa: Vega, 2008.

- JOSHI, Chitra. “Espaços do trabalho e história social na Índia”. In: *Revista Estudos Históricos*. Vol. 22, N. 43, 2009, p. 5-30.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Totemismo hoje*. Portugal: Edições 70, 1986.
- LEWGOY, Bernardo. “Os cafés na vida urbana de Porto Alegre (1920-1940): as transformações em um espaço de sociabilidade masculina”. In: *Revista Iluminuras*. Porto Alegre. V.10, nº 24, 2009, p. 1-14.
- LINS DE BARROS, Myriam Lins de. Velhice na contemporaneidade. In: PEIXOTO, Clarice. Ehlers (Org). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.13-22.
- LINS DE BARROS, Myriam. “A cidade dos velhos”. In: VELHO Gilberto (Org.) *Antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 43-57.
- LINS DE BARROS, Myriam. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: BARROS DE LINS, Myriam (Org). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000, p. 126-138.
- LINS DE BARROS, Myriam Moraes. “Memória e Família”. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 29-42.
- LOMNITZ, Larissa. “Redes informales de intercambio en sistemas formales: un modelo teórico”. In *Redes sociales cultura y poder: ensayos de antropologia latinoamericana*. Mexico: Flacso, 1994, p 19-46.
- LOW, SETHA and LAWRENCE-ZÚÑIGA, Denise. “Locating culture”. In: *The anthropology of space and place*. Oxford, Blackwell, 2003, p. 1-47.
- MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. São Paulo: Rocco, 1984.
- MAGNANI, José Guilherme. *Na metrópole*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MARCHIORI, José Newton Cardoso; FILHO, Valter Antônio Noal. *Santa Maria – Relatos e impressões de viagem*. Santa Maria: Editora UFSM, 1997.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974.
- MORALES, Neida Cecin. *Santa Maria – Memória*. Santa Maria, Pallotti, 2008.
- MOTTA, Flávia. *Velha é a vizinha: identidade feminina na velhice*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1998.
- NUNES, Rojane Brum. “‘Piadas de Velhos’: humor e jocosidades na praça.” In: *Anais da V Jornada de Investigación en Antropología Social*. Buenos Aires, Argentina: novembro/2008.
- OLIVEN, Ruben. “Por uma antropologia em cidades brasileiras”. In: VELHO, Gilberto (Org.). *O desafio da cidade. Novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: 1980, p. 23-36.
- ORTNER, Sherry. “Uma atualização da Teoria da Prática” e “Poder e Projetos: Reflexões sobre a Agência”. In: GROSSI, Miriam; ECKERT, Cornelia e FRY, Peter. *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Blumenau: Nova Letra/ABA, 2005, p. 19-80.
- OSTROWER, Fayga. *O olhar*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

- PARK, Richard. "A cidade: sugestões para uma investigação do comportamento humano no meio urbano". In: VELHO, Otávio (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 27-67.
- PEIRANO, Mariza. *Rituais Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- PEIRANO, Mariza. "O encontro etnográfico e o diálogo teórico". In: *Uma antropologia no plural. Três experiências contemporâneas*. Brasília: Editora UNB, 1991, p. 132-142.
- PEIXOTO, Clarice; LUZ, Gleice Mattos. "De uma morada à outra: processos de recoabitação entre gerações". *Cadernos Pagu*, 2007, p.171-191, n 29.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers. *Envelhecimento e Imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Anablume, 2000.
- PERROT, Michelle. "Público, privado e relações entre os sexos". In: *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005, p. 455-465.
- POLLAK, Michel. "Memória, esquecimento e silêncio". *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n.3. p. 3-15, 1989.
- PRADO, Shirley Donizete; SAYD, Jane Dutra. "A gerontologia como campo de conhecimento científico: conceito interesses e projeto político". *Ciência e saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 491-501, 2006.
- PRATA, Lizete Maria; CAMPANÁRIO, Paulo; SOARES, Carla Andréa. Envelhecimento, renda e família no estado de São Paulo. São Paulo em perspectivas. São Paulo, v.7, p. 129-183, 1993.
- PRITCHARD, Evans. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- RÉCHIA, Aristilda. *Santa Maria: panorama histórico-cultural*. Santa Maria: Ed. Palloti, 1999.
- RICOEUR, Paul. *Sí mismo como outro*. México: Siglo XXI, 1996.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Campinas: Papirus, 1991.
- RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1988.
- RABINOW, Paul e ROSE, Nikolas. "O conceito de biopoder hoje". *Política e trabalho-Revista de ciências sociais*, abril/ 2006, n.24, p. 27-57.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da Rocha. "A irracionalidade do belo e a estética urbana no Brasil". In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; MESQUITA, Zilá. *Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1995, p. 110-129.
- RODRIGUES, Arakcy Martins. *Operário, operária*. Coleção ensaio e memória. São Paulo: Edições Símbolo, 1978.
- ROSALDO, Renato. "Desde la puerta de la tienda de campaña: el investigador de campo y el inquisidor". In: CLIFFORD, James, MARCUS, George (Orgs). *Retóricas de la Antropología*. Madrid: Jucar Universidad, 1991, p. 122-135.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- SANSOT, Pierre. *Les Formes Sensíveis de la Vie Sociale*. Paris: PUF, 1986.
- SEGALEN, Martine. *Ritos e Rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: Ed. Getúlio FGV, 2002.

- SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Cia das letras, 1988.
- SCHUTZ, Alfred. 1979. “Ação no mundo da vida”. In: WAGNER, Helmut R. (Org. e introdução). *Fenomenologia e relações sociais. Textos escolhidos de Alfred Shutz*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 123-156.
- SILVA, Alzilene Ferreira da. *A magia do cinema na praça: apropriação do espaço e sociabilidade em Salvador – BA*. Rio Grande do Norte: PPGAS/UFRN (Dissertação de Mestrado), 2009.
- SIMMEL, George. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- SIMMEL, George. “Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal”. In: MORAES FILHO, Evaristo (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983, p. 165-181.
- SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida Mental”. In: VELHO, Otávio G. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 11-25.
- SIMÕES, Júlio Assis. “Provedores e militantes: imagens de homens aposentados na família e na vida pública”. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.29-54.
- THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica. Investigação e enquête operária*. São Paulo: Polis, 1980.
- TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem, indagações sobre o século XX*. São Paulo: ARX, 2002.
- TYLOR, Charles. “O self no espaço moral”. In: *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. São Paulo: Editora Loyola, 2005, p. 41-76.
- VALÉRIO, Marcos Paulo. *A pouca adesão masculina aos grupos de atividade física para a terceira idade*. Santa Maria: UFSM (Dissertação de mestrado), 2001.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- VELHO, Gilberto. *Subjetividade e Sociedade. Uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- VELHO, Gilberto. “O antropólogo pesquisando a sua própria cidade: sobre conhecimento e heresia”. In: *O desafio da cidade: novas perspectivas sobre a Antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980, p. 13-20.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena”. In: *A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2002, p. 347-399.
- WINKIN, Yves. *A nova comunicação*. São Paulo: Papyrus, 1998.
- WIRTH, Louis. “O urbanismo como modo de vida”. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 90-113.
- WAGNER, Roy. *The invention of culture*. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.
- WEDIG, Josiane Carine. *Agricultoras e Agricultores à mesa: um estudo sobre campesinato e gênero a partir da antropologia da alimentação*. Porto Alegre: Programa de pós-graduação em desenvolvimento rural/UFRGS, (Dissertação de Mestrado), 2009.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara 1981.

WOLF, Eric. “Inventando a sociedade”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela, LINS RIBEIRO, Gustavo. *Antropologia e poder*. Brasília/Campinas: Ed. UnB/Unicamp, 2003.

ZANINI, Maria Catarina. “Mundo do trabalho ferroviário e etnicidade em Santa Maria-RS.” In: *Anais do II Encontro Internacional de Ciências Sociais*. Pelotas, Brasil: junho/2010.

Fontes Jornalísticas

BINATO, Luís. “Imagens da História”. *Jornal A razão*, 19/12/2009, p. 13.

MENDES, Moisés. “Duelo no cafezinho”. *Jornal Zero Hora*, 28/9/2008, p.22.

Sites Consultados

www.ibge.br

www.prefs.m.br

www.riograndensesm

www.wikipedia.org.